

RONALDO RODRIGUES DE PAULA

ALTERNÂNCIA CONJUNTIVO/DISJUNTIVA EM SHIMAKONDE

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2020

RONALDO RODRIGUES DE PAULA

ALTERNÂNCIA CONJUNTIVO/DISJUNTIVA EM SHIMAKONDE

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística Teórica e Descritiva.

Área de Concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de Pesquisa: Sintaxe Formal

Orientador: Prof. Dr. Fábio Bonfim Duarte

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2020

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

P324a Paula, Ronaldo Rodrigues de.

Alternância Conjuntivo/Disjuntiva em Shimakonde [manuscrito] / Ronaldo Rodrigues de Paula. – 2020.

333 p., enc. :

Orientador: Fábio Bonfim Duarte.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de pesquisa: Sintaxe Formal.

1. Fonologia – Teses. 2. Língua makonde – Teses. 3. – Teses. 4. Língua bantu – Teses. I. Duarte, Fábio Bonfim. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 498.3



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

PosLin

FOLHA DE APROVAÇÃO

Alternância Conjuntivo/Disjuntiva em Shimakonde

RONALDO RODRIGUES DE PAULA

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudos em Sintaxe Formal.

Aprovada em 09 de março de 2020, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Fábio Bonfim Duarte - Orientador
UFMG

Prof(a). David Alberto Seth Langa
Universidade Eduardo Mondlane (UEM)

Prof(a). Kassandra da Silva Muniz
UFOP

Prof(a). Aroldo Leal de Andrade
UFMG

Prof(a). Marcia Santos Duarte de Oliveira
USP

Belo Horizonte, 9 de março de 2020.

AGRADECIMENTOS

Nkono umo a unabyaya imboko. “Uma mão não mata piolho.”

Provérbio Shimakonde

Gostaria de manifestar minha eterna gratidão:

À minha mãe, Marly Trindade Rodrigues de Paula, ao meu pai, José Benigno de Paula, aos meus irmãos, Elton Rodrigues de Paula e Suzana Cristina de Paula, e a toda a minha família, pelo carinho, afeto, dedicação, incansável suporte e pelos sempre presentes laços de amor e fraternidade. Aproveito aqui para estender estes agradecimentos à família de minha namorada Adriana que, sem nenhum medo de errar, chamo aqui de minha segunda família. Carinho especial para minha sogrinha Vera que acabou na prática me “adotando” como mais um “filho” na família.

Ao meu orientador, Fábio Bonfim Duarte, pela amizade, solidariedade, dedicação, empenho, e paciência (Muita mesmo!) que foram características marcantes nestes quase seis anos (mestrado e doutorado) de convívio e trabalho.

Ao coordenador moçambicano de nosso projeto de cooperação Brasil-Moçambique (mais precisamente UFMG-UEM) “Descrição e documentação de línguas moçambicanas” (CAPES-AULP), professor David Langa, por sua sempre marcante acessibilidade, dedicação e bom humor. Acredito que criamos um laço de amizade que ultrapassa fronteiras geográficas. Tenho sempre muito

apreço pelos valiosos conselhos (sejam acadêmicos ou da vida). Estendo meus cumprimentos e gratidão a sua família, pela receptividade sempre calorosa que me brindou em terras moçambicanas.

Aos meus informantes moçambicanos; Lucas Miguel dos Anjos Bonga (que me despertou encanto pela língua Shimakonde), Davety Mpiuka (que sempre me cativou com seu interesse e entusiasmo pelos fenômenos de sua língua materna. A contribuição dele para este trabalho foi inestimável. Espero reencontrá-lo novamente pela jornada da vida para que celebremos sempre nossa amizade), Rosa Mitelela (que me fez experimentar um pouco da hospitalidade, afeição e alegria que são característicos de seu povo e não poupou atenciosidade, prestatividade e boa vontade a este projeto. Mais que uma anfitriã, ela se tornou uma verdadeira amiga.), Sr. Cassiano Duarte (que é um senhor que esbanja alegria e vitalidade. É o tipo de pessoa que te faz se sentir leve e desejar sempre bater uma prosa. Sua simpatia, bom humor e entusiasmo nos deixa sem lugar.), Vanita Magimoto (estudante da graduação na UEM que conheci em Maputo, mas que sempre esteve disposta a sanar dúvidas e responder perguntas sobre sua língua via whatsapp, mesmo eventualmente em momentos inoportunos), Atanásio Mitudo (que conheci em um grupo de whatsapp, mas mesmo assim, delegou muito entusiasmo e boa vontade em contribuir neste projeto), Miguel Mbula (que me recebeu em sua casa com toda

hospitalidade de sua família), Maria da Graça Custódia, Médico Kunguly, Casemiro Manuel, Menguisto Adamo, Oliveira Sawale, Eusébio Januário e Júlio Fundi.

Aos meus professores da UFSJ, Marcos Pereira Feitosa, José Antônio de Oliveira Resende, Luiz Manoel da Silva Oliveira, Claudio Carmo, Edmundo Narracci Gasparini, Liliane Sade, Suely Quintana, Claudia Braga, Paulo Henrique Caetano, Bárbara Orfanó, Antônio Assunção, Enoi, Marcia Barreto, Maria Ângela, Marília, Adelaine e Dylia, dentre outros, por terem pavimentado e lapidado meu caminho e terem despertado em mim o interesse pela pesquisa ao longo da minha graduação.

Aos meus amigos de República, Rômulo, Yuri, Ítalo, Marcos, Denis, Jonas, Júlio, pela amizade e convivência.

Aos meus amigos e companheiros da graduação, em especial: Felipe Macedo, Luiz Guilherme, Clauton Resende, Marcelo Carvalho, sobretudo pela amizade e pelo apoio nos momentos difíceis.

Aos meus amigos do Laliafro na UFMG e do Departamento de Línguas Bantu na UEM: Kondwani, Tânia, João, Bráulio, Alex, Victor, Lorena, Júlia, Clauâne, Ana Cláudia, Veronique, Magona, Crisófia, Elza, Tembe, dentre outros, pelos vários momentos de trabalho focado e de descontração.

Aos amigos da pós-graduação, Luis Felipe, Quesler Camargos, Ricardo Castro, Guilherme Lourenço, Zezé Mutum, Bárbara Rocha, Nasle Cabana, Cristiane Miranda, Ítalo Sena, dentre outros, por todo suporte que deram a este ainda claudicante pesquisador.

Aos membros da banca de qualificação; David Langa, Aroldo Andrade, Quesler Camargos pelas orientações valiosas que direcionaram e lapidaram tanto este trabalho.

Ao Poslin, por ter tornado este trabalho possível.

A Capes pelo suporte financeiro.

Ao Pai Chico por ajuda em momento conturbado.

Aos ‘russos’ anônimos responsáveis pelo projeto Genesis e a todos os amigos e pessoas que possam ter contribuído direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.

Existem muitos momentos na nossa vida pessoal ou profissional que parecem terra arrasada. Momentos em que é difícil criar ânimo para continuar. Afortunado eu fui de ter alguém que não apenas me estendeu a mão, me dando impulso para continuar, mas que me proporcionou um colorido e uma perspectiva totalmente diferente para minha vida. Muito obrigado, Adriana! Pelo seu carinho, pela sua atenção, pelo seu afeto, pelo seu companheirismo, pela sua dedicação e, sobretudo, por me mostrar que não adianta desanimar e

desesperar. A vida continua e pode estar te reservando algo pleno e maravilhoso se você estiver aberto ao desafio. Você já plantou suas raízes no meu coração!

RESUMO

Este trabalho que tem como objeto de estudo a língua Shimakonde foi desenvolvido por meio de trabalho de campo e investiga, especificamente, a alternância de pares de tempos verbais morfologicamente distintos mais semanticamente indistinguíveis conhecidos como conjuntivos e disjuntivos. Tipologicamente, se relata que a alternância conjuntivo/disjuntiva está relacionada à estrutura da informação, de tal maneira que a codificação de foco estreito se daria pela morfologia verbal conjuntiva de foco amplo pela disjuntiva, ou está relacionada à constituição sintática de forma que a morfologia disjuntiva é expressa quando o verbo é final em determinada projeção sintática e pela morfologia conjuntiva quando um XP acompanha o verbo nesta projeção. Assumo a tese de que tempos verbais conjuntivos e disjuntivos no Shimakonde não estão diretamente relacionados nem com a estrutura da informação nem com constituição sintática. Eles se diferem essencialmente na prosódia, uma vez que os primeiros, mas não os últimos, formam uma única frase fonológica com o XP adjacente à direita. Desta forma a maior ocorrência de formas conjuntivas para expressar foco estreito se dá por proeminência relativa forte no elemento à direita do verbo.

Palavras-chave: Shimakonde, alternância conjuntivo-disjuntiva, estrutura da informação, constituição sintática, fonologia prosódica.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze some aspects of the morphosyntax of Shimakonde. The data were collected through fieldwork activities. The main objective was to investigate the alternation of morphologically distinct verb tense pairs known as conjoint and disjoint. In each pair of these tenses there is no noticeable temporal semantic distinction. In terms of typology, the conjoint/disjoint alternation is usually related to two other phenomena on the languages in which it was reported; information structure or syntactic constituency. Languages that fit the first type encode narrow focus by conjoint verbal morphology and broad focus by disjoint verbal morphology, whereas in languages that fit the second type, disjoint morphology is expressed when the verb is final in a given syntactic projection and conjoint morphology when a XP follows the verb in this projection. I assume that the conjoint/disjoint alternation in Shimakonde is not directly related to either of those phenomena. Conjoint tenses differ from disjoint tenses only prosodically, since the former but not the latter form a single phonological phrase with the adjacent XP on its right. Thus the greatest occurrence of conjoint forms to express narrow focus is due to strong relative prominence in the element to the right of the verb.

Keywords: Shimakonde, Conjoint/Disjoint alternation, information structure, syntactic constituency, prosodic phonology.

LISTA DE ABREVIATURAS

1s:	PRIMEIRA PESSOA DO SINGULAR
2s:	SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR
3s:	TERCEIRA PESSOA DO SINGULAR
1p:	PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL
2p:	SEGUNDA PESSOA DO PLURAL
3p:	TERCEIRA PESSOA DO PLURAL
A:	TOM ALTO
AC:	CASO ACUSATIVO
A.N.:	ASSIMILAÇÃO NASAL
AP:	EXTENSÃO VERBAL APLICATIVA
AUG:	PREFIXO AUGMENT
B:	TOM BAIXO
C.A.	CONCORDÂNCIA ADJETIVA
CAUS:	EXTENSÃO VERBAL CAUSATIVA
C.D.:	CONCORDÂNCIA DEMONSTRATIVA
C.E.:	CONCORDÂNCIA ENUMERATIVA
C.N.:	CONCORDÂNCIA NOMINAL
C.O.:	PREFIXO DE CONCORDÂNCIA DE OBJETO
COMP.:	COMPLEMENTIZADOR
COND.:	MORFEMA TEMPORAL CONDICIONAL
COP.:	CÓPULA
C.P.:	CONCORDÂNCIA POSSESSIVA
C.S.:	PREFIXO DE CONCORDÂNCIA DE SUJEITO
CX.:	CONECTIVO
DAT:	CASO DATIVO
DEM:	DEMONSTRATIVO
E. C.:	ENDURECIMENTO DE CONSOANTE
EST:	EXTENSÃO VERBAL ESTATIVA
ESTS:	EXTENSÃO VERBAL ESTATIVO-SEPARATIVA
EXT.:	EXTENSÕES VERBAIS
FORM.:	FORMATIVO.
FUT:	TEMPO FUTURO
GEN:	GENITIVO
IMP:	TEMPO PASSADO IMPERFEITO
M:	GÊNERO MASCULINO
M.T.A.:	MORFEMA DE TEMPO E ASPECTO
N:	PREFIXO DE CLASSE NOMINAL (ESTA ABREVIACÃO SEMPRE VEM ACOMPANHADA DO NÚMERO DE CLASSE DO REFERIDO ITEM

	LEXICAL)
N.C.:	NASALIZAÇÃO DE CONSOANTE
NEG:	PREFIXO DE NEGAÇÃO
NOM:	CASO NOMINATIVO
O:	CONCORDÂNCIA DE OBJETO (ESTA ABREVIÇÃO VEM ACOMPANHADA DA ABREVIÇÃO DE CLASSE NOMINAL OU DE PESSOA DO DISCURSO)
P:	PREFIXO
PO:	PREFIXO DE OBJETO
PS:	PREFIXO DE SUJEITO
PAS:	EXTENSÃO VERBAL PASSIVA
PAST:	TEMPO VERBAL PASSADO
PERF:	TEMPO PASSADO PERFEITO
PLU:	EXTENSÃO VERBAL PLURACIONAL
POS:	POSSESSIVO
PÓS I.:	LACUNA PÓS-INICIAL
P.N.:	PREFIXO NOMINAL
PRÉ I.:	LACUNA PRÉ-INICIAL
PREP:	PREPOSIÇÃO
PRES:	TEMPO PRESENTE
PROG:	TEMPO PRESENTE PROGRESSIVO
RV:	RAIZ VERBAL
QD:	RELATIVO “QUANDO”.
REC:	EXTENSÃO VERBAL RECÍPROCA
REF:	EXTENSÃO VERBAL REFLEXIVA
REL:	MORFEMA DE ORAÇÃO RELATIVA
S:	CONCORDÂNCIA DE SUJEITO (ESTA ABREVIÇÃO VEM ACOMPANHADA DA ABREVIÇÃO DE CLASSE NOMINAL OU DE PESSOA DO DISCURSO)
SEP:	EXTENSÃO VERBAL SEPARATIVA
TA:	PREFIXO DE TEMPO E ASPECTO
VF:	VOGAL FINAL

LISTA DE MAPAS

MAPA 1	LINGUAS BANTU: CLASSIFICAÇÃO REFERENCIAL DE GUTHRIE. _____	27
MAPA 2	ZONAS LINGUISTICAS DE MOÇAMBIQUE. _____	28
MAPA 3	DISTRIBUIÇÃO DAS LINGUAS DA ZONA P DA CLASSIFICAÇÃO DE GUTHRIE. _____	29
MAPA 4	DISPERSÃO DAS LÍNGUAS QUE APRESENTAM ALTERNÂNCIA CONJUNTIVO/DISJUNTIVA. _____	35

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	LINGUAS DE MOÇAMBIQUE POR LOCALIZAÇÃO GEOGRAFICA E NUMERO DE FALANTES. _____	25
TABELA 2	TEMPOS VERBAIS CONJUNTIVOS E DISJUNTIVOS NO SHIMAKONDE. _____	33 115
TABELA 3	VOGAIS PRESENTES NA LINGUA SHIMAKONDE. _____	52
TABELA 4	SUMARIO DO RESULTADO DE ENCONTROS VOCALICOS. _____	54
TABELA 5	CONSOANTES PRESENTES NA LÍNGUA SHIMAKONDE. _____	64
TABELA 6	RESUMO DOS PROCESSOS DERIVADOS DOS ENCONTROS ENTRE NÁSAIS E CONSOANTES. _____	66
TABELA 7	PRONOMES DO SHIMAKONDE E SEUS AFIOS DE CONCORDÂNCIA. _____	75
TABELA 8	CLASSES NOMINAIS DO SHIMAKONDE. _____	77
TABELA 9	CONCORDÂNCIAS DESENCADEADAS PELAS CLASSES NOMINAIS. _____	79
TABELA 10 -	ESTRUTURA VERBAL DO SHIMAKONDE. _____	84
TABELA 11 -	TONS DE CONTORNO. _____	96
TABELA 12 -	DISTRIBUIÇÃO TONAL DE TEMPOS CONJUNTIVOS. _____	119
TABELA 13 -	TEMPOS CONJUNTIVOS E RELATIVOS E SUAS CONTRAPARTES NEGATIVAS. _____	131

SUMÁRIO

Introdução	21
AS LINGUAS DE MOÇAMBIQUE	22
OS MAKONDES.....	30
A ALTERNÂNCIA CONJUNTIVO/DISJUNTIVA	32
OBJETIVOS E ORGANIZAÇÃO DA TESE	45
Parte 1:	49
Aspectos Gramaticais do Shimakonde	49
CAPÍTULO 1 - ASPECTOS DE FONOLOGIA E MORFOLOGIA DO SHIMAKONDE ..	50
1.1. FONOLOGIA	51
1.1.1. PROCESSOS VOCÁLICOS	52
1.1.1.1. Vogais presentes na língua.	52
1.1.1.2. Alongamento de penúltima sílaba	52
1.1.1.3. Vogal alta + outra vogal distinta.	54
1.1.1.4. Vogal baixa + vogal alta.....	57
1.1.1.5. Fusão com apagamento de traço	58
1.1.1.6. Fusão de vogais idênticas.....	59
1.1.1.7. Apagamento de vogal	60
1.1.1.8. Harmonia vocálica.....	61
1.1.1.9. Assimilação vocálica.....	62
1.1.2. ENCONTROS CONSONANTAIS.....	63
1.1.2.1. Consoantes presentes na língua	63
1.1.2.2. Redução de prefixo para nasal.....	64
1.1.2.3. Consoantes obstruintes vozeadas /b, d, g, j/	67
1.1.2.4. Consoantes obstruintes desvozeadas /p, t, sh, k/	68
1.1.2.4.1. Nasais silábicas + /p, t, sh, k/	68
1.1.2.4.2. Nasais não silábicas + /p, t, sh, k/	69
1.1.2.5. Consoantes nasais /m, n, ɲ, ŋ/.....	70

1.1.2.5.1. Nasais silábicas + /m, n, ŋ/	70
1.1.2.5.2. Nasais não silábicas + /m, n, ŋ/	71
1.1.2.6. Consoantes sonoras orais /l, v/	71
1.1.2.6.1. Nasais silábicas + /l, v/	71
1.1.2.6.2. Nasais não silábicas + /l, v/	72
1.1.2.7. Consoante sonora oral /w/	73
1.1.2.7.1. Nasais silábicas + /w/	73
1.1.2.7.2. Nasais não silábicas + /w/	73
1.2. MORFOLOGIA	74
1.2.1. MORFOLOGIA NOMINAL	74
1.2.1.1. Classes nominais	74
1.2.1.2. Concordância adjetiva, possessiva, demonstrativa e enumerativa	80
1.2.1.3. Concordância de sujeito	81
1.2.1.4. Concordância de objeto	81
1.2.2. MORFOLOGIA VERBAL	83
1.2.2.1. Estrutura verbal	83
1.2.2.2. Morfemas de tempo e aspecto	85
1.2.2.2.1. Afixos neutros	85
1.2.2.2.2. Afixos não neutros	87
1.2.2.3. Extensões verbais	88
1.2.2.3.1. Extensões causativas (-i-, -ishi-)	89
1.2.2.3.2. Extensões passivas (-igu-, -u-)	90
1.2.2.3.3. Extensão aplicativa (-il-)	90
1.2.2.3.4. Extensão estativa (-ik-)	91
1.2.2.3.5. Extensão separativa (-ul-)	91
1.2.2.3.6. Extensão estativa- separativa (-uk-)	92
1.2.2.3.7. Extensão recíproca (-an-)	92
1.2.2.3.8. Extensão pluracional (-ang-)	93

1.3. RESUMO DO CAPITULO	93
Capítulo 2 - Processos tonais do Shimakonde	95
2.1. TRANSPOSIÇÃO DE TOM.....	98
2.2. DUPLICAÇÃO DE TOM	102
2.3. ESPRAIAMENTO ILIMITADO DE TOM	108
2.4. ESPRAIAMENTO DE TOM ENTRE VERBO E XP ADJACENTE.....	114
2.5. TONS DE CONTORNO.....	120
2.5.1. Tom de contorno baixo nivelado (μμ)	120
2.5.2. Tom de contorno alto nivelado (μμ̂).....	122
2.5.3. Tom de contorno crescente (μμ̂)	123
2.5.4. Tom de contorno Crescente-decrescente (μμ̂).....	124
2.6. RESUMO DO CAPITULO	133
Parte 2:	135
Aporte teórico	135
CAPÍTULO 3 - ESTRUTURA DA INFORMAÇÃO	136
3.1. DOMINIO CP.....	137
3.2. DOMINIO TP.....	141
3.3. DOMINIO VP.....	159
3.4. ESTUDO DE CASO DA LINGUA EMAKHUWA.....	162
3.5. RESUMO DO CAPITULO	169
CAPÍTULO 4 - CONSTITUÊNCIA SINTÁTICA	171
4.1. BUEL (2005, 2006)	178
4.2. CHENG & DOWNING (2012)	191
4.3. HALPERT (2012)	204
4.4. RESUMO DO CAPITULO	208
Parte 3:	210
Resultados e análises.....	210
CAPÍTULO 5 - METODOLOGIA E RESULTADOS	211
5.1. METODOLOGIA	212
5.2. RESULTADOS.....	222
5.2.1. ESTRUTURA DA INFORMAÇÃO	222
5.2.2. CONSTITUÊNCIA SINTÁTICA.....	244
5.3. RESUMO DO CAPITULO	255

CAPÍTULO 6 - PROPOSTA PROSÓDICA PARA A ALTERNÂNCIA CONJUNTIVO-	
DISJUNTIVA.	256
6.1. FONOLOGIA PROSODICA	257
6.2. INTERFACE ENTRE PROSODIA E SINTAXE	269
6.3. CORRELAÇÃO ENTRE CONJUNTIVAS E FOCO	271
6.4. RESUMO DO CAPITULO	274
CONSIDERAÇÕES FINAIS	276
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	280
APÊNDIX 1 – (LIPHOLA, 2001)	291
DISTRIBUIÇÃO TONAL DOS TEMPOS VERBAIS NO SHIMAKONDE	291
TOM DE CONTORNO BAIXO NIVELADO ($\mu\mu$)	291
TOM DE CONTORNO ALTO NIVELADO ($\mu\acute{\mu}$)	292
TOM DE CONTORNO CRESCENTE ($\mu\acute{\mu}$)	295
TOM DE CONTORNO CRESCENTE-DECRESCENTE ($\mu\mu$)	296
APÊNDIX 2 – NATURALIDADE, GÊNERO E IDADE DOS INFORMANTES	299
APENDIX 3 - QUESTIONÁRIO 1- ESCOPO FOCAL	300
Passado Imperfeito:	300
Futuro do presente:	301
Passado perfeito remoto	302
Passado perfeito recente	303
Presente habitual	304
Quadro de respostas	305
APÊNDIX 4 – QUESTIONÁRIO 2 - ESCOPO FOCAL	306
1. PASSADO PERFEITO RECENTE	306
2. FUTURO DO PRESENTE	310
3. PASSADO PERFEITO REMOTO	314
4. PRESENTE HABITUAL	317
5. PASSADO IMPERFEITO	320
APÊNDIX 5 – QUESTIONÁRIO 3 - FOCO IDENTIFICACIONAL	323
1. PASSADO IMPERFEITO	323

2. PASSADO PERFEITO RECENTE.....	326
3. FUTURO DO PRESENTE	327
4. PRESENTE HABITUAL.....	329
5. PASSADO PERFEITO REMOTO.....	331

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa contribuir para os estudos descritivos de línguas minoritárias. Mais precisamente, esta pesquisa dedica-se ao estudo do Shimakonde, língua do grupo Bantu falada proeminentemente ao norte de Moçambique e Tanzânia. Intenciona-se colaborar com os ainda poucos trabalhos dedicados às línguas Bantu moçambicanas (REGO, 2012, p. 71-72), principalmente por linguistas de fora de Moçambique. Esta pesquisa foi realizada por meio de trabalho de campo junto a informantes nativos, tanto presencialmente quanto remotamente via internet e se mostrou possível devido ao frutífero acordo de cooperação e intercâmbio em vigor entre a Universidade Eduardo Mondlane de Maputo e a Universidade Federal de Minas Gerais e financiado pela parceria CAPES/AULP intitulado *Descrição e Documentação das Línguas Moçambicanas*. Este projeto é coordenado na UFMG pelo Professor Dr. Fábio Bonfim Duarte e na UEM pelo Professor Dr. David Alberto Seth Langa. Vale destacar a importância desta iniciativa e de outras iniciativas dessa natureza para o enriquecimento mútuo em nossas pesquisas em descrição

e teoria linguística, haja vista a peculiaridade de fenômenos linguísticos que as línguas moçambicanas apresentam. Outro ponto positivo é o estreitamento de relações entre os pesquisadores dos distintos centros de estudos linguísticos das universidades em questão. Tal colaboração entre os centros de pesquisa ainda é mais louvável se levarmos em conta nosso cenário político atual em que o nível de investimento em educação e em ciência de base tem caído drasticamente ao longo dos últimos anos. Desta feita, faço votos pela continuação do projeto e pelo surgimento de outras iniciativas como o “Projeto de Descrição e Documentação de Línguas Moçambicanas”.

AS LÍNGUAS DE MOÇAMBIQUE

A República de Moçambique, situada na costa oriental da região austral da África, tem as seguintes fronteiras geográficas: ao norte faz divisa com a Tanzânia, ao noroeste com Malawi, Zâmbia e Zimbábue, ao sul com África do Sul e Suazilândia, e ao sudeste e nordeste é banhada pelo Oceano Índico. Dados de 2017 do INE¹ (Instituto Nacional de Estatística) de Moçambique apontam uma população de quase 28 milhões de habitantes neste país que possui onze províncias: Niassa, Cabo Delgado, Nampula, Zambézia, Tete, Manica, Sofala, Inhambane, Gaza, Maputo e Maputo-cidade. A maioria de seus habitantes é

¹ Conferir: <http://www.ine.gov.mz>

multilíngue, falando ao menos o português, língua oficial do país (geralmente como segunda língua) e alguma(s) língua(s) local(is) da região em que habitam. Todavia, o contato social geralmente contribui para que os habitantes do país falem mais de duas línguas. Rego (2012) caracteriza o país com um mosaico de povos, culturas, religiões, etnias e línguas, resultado da convivência de vários povos autóctones (como Khoi-Khoi e San) com a migração de vários povos como Bantu, persas (árabo-suaílis), árabes, indianos, chineses, portugueses, ingleses, franceses, belgas etc.

Ainda de acordo com Rego (2012), apenas recentemente se criou ambiente propício para a investigação das línguas Bantu, principalmente pela iniciativa da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), de seu Núcleo de Estudos em Línguas Moçambicanas (NELIMO) e de outros órgãos governamentais. Todavia, ainda é escasso o número de linguistas dedicados às pesquisas em linguística Bantu. Devido a tudo isso, o autor chama a atenção para a importância de alocar mais recursos humanos para a investigação linguística. Consoante à importância do estudo, ensino e valorização das línguas nacionais, Ngunga (2008 *apud* REGO, 2012, p. 15) atesta o seguinte:

A diplomacia internacional, as negociações com outras pessoas podem ser realizadas em qualquer idioma, mas a linguagem de desenvolvimento de qualquer povo é a sua própria língua. Não se admira que depois de muitos anos de uso do latim e do grego como línguas de Ciência nas universidades, os europeus decidiram adotar suas próprias línguas. Foi sob esse movimento que a Alemanha decidiu no século XVIII a mudar a partir dessas línguas para a sua própria língua, o alemão. Assim, Os Africanos e seus amigos

precisam investir em educação através das línguas que as crianças africanas já falam simplesmente porque ninguém vai para a lua como uma expedição científica em uma linguagem emprestada, ninguém na Terra se desenvolve sem desenvolver sua própria língua².

Por tudo isso, autores como Lopes (1997, p. 10 *apud* REGO, 2012, p. 16) sustentam que “a promoção das línguas indígenas deveria implicar a aquisição de estatuto de língua oficial (não apenas a sua utilização como expressão de etnicidade)”.

Em relação às línguas faladas em Moçambique, a Tabela 2 mostra informações como o nome da língua, o grupo de pertencimento, a localização geográfica e o número de falantes. Ela é resultado do trabalho de Dalsgaard (2005 *apud* REGO, 2012). Rego aponta esse pesquisador como responsável por um primeiro estudo sistemático de organização de dados étnicos, culturais e geográficos para identificação, determinação e localização das línguas moçambicanas a partir de várias fontes distintas. Em termos práticos, devido à sua importância, Rego (2012) argumenta que as línguas Changana (língua franca falada na região sul), Sena (língua franca falada no centro do país) e

² Do original: The international diplomacy, the negotiations with other people can be undertaken in any language, but the language of development of any people is their own language. No wonder why after many years of use of Latin and Greek as languages of Science in the universities, the Europeans decided to adopt their own languages. It was under this movement that Germany decided in XVIII century to shift from those languages to their own language, the Deutch. So, the African and their friends need to invest in education through the languages the African children already speak simply because nobody goes to the moon as a scientific expedition in a borrowed language, no people on the earth will be developed without developing their own language. (NGUNGA, 2008 APUD REGO, 2012, p. 15)

Makhuwa (língua franca falada na região norte) figurariam como ótimas candidatas a receber o estatuto de línguas oficiais do país juntamente com a língua portuguesa.

TABELA 1 - LÍNGUAS DE MOÇAMBIQUE SEGUNDO LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA E NÚMERO DE FALANTES³

Grupo	n.º	Línguas	Localização	n.º falantes	%
1 5,10 %	1	<i>mwani</i>	Ibo (Cabo Delgado)	80.000	0,5
	2	<i>makonde</i>	Mueda, Muidumbe (Cabo Delgado)	233.358	1,46
	3	<i>yao</i>	Ngauma, Mueembe (Niassa)	450.000	2,81
	4	<i>makwe</i>	(Nampula)	22.000	=
2 43,29 %	5	<i>makhuwa</i>	Mandimba, Cuamba (Niassa); Mocímboa da Praia, Namuno (Cabo Delgado); Rapale, Ilha de Moçambique (Nampula).	2.500.000	15,63
	6	<i>metto</i>	(Nampula)	800.000	5
	7	<i>saaka</i>		20.000	=
	8	<i>shirima</i>		500.000	3,13
	9	<i>marravone</i>		420.101	2,63
	10	<i>moniga</i>			=
	11	<i>lomwe</i>	Gurué (Zambézia)	1.300.000	8,13
	12	<i>chuwabo</i>	Nicoadala (Zambézia)	786.715	4,92
	13	<i>koti</i>	(Nampula)	64.200	0,4
	14	<i>manyawa</i>		150.000	=
	15	<i>takwana</i>		150.000	=
	16	<i>marenje</i>		75.000	0,47
	17	<i>loto</i>		150.000	=

TABELA 1 - PARTE 1

³ O Shimakonde é citado na tabela como Makonde que é também o nome utilizado para referir-se à etnia. Geralmente, o nome da língua é feito acrescentando-se o prefixo da classe nominal 7 *shi-* ao nome da etnia.

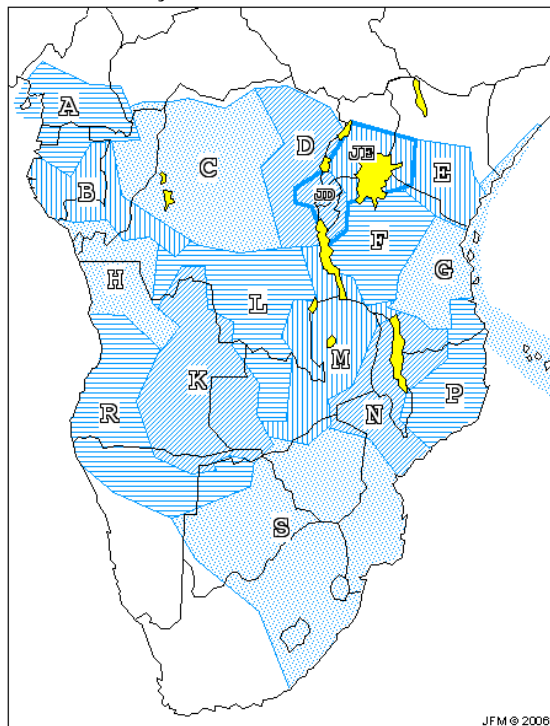
Grupo	n.º	Línguas	Localização	n.º falantes	%
3 18,84%	18	<i>nyanja (cewa)</i>	Angónia (Tete); (Niassa)	497.671	3,11
	19	<i>nsenga</i>		141.000	0,88
	20	<i>kunda</i>		4.929	0,03
	21	<i>nyungwe</i>	Changara (Tete)	262.455	1,64
	22	<i>phimbi</i>	(Tete)	6.000	
	23	<i>balke</i>	(Manica)	15.000	0,09
	24	<i>sena</i>	Mutarara (Tete); Dondo, Caia (Sofala)	876.570	5,48
	25	<i>mayindu</i>		20.000	=
	26	<i>maganja</i>	(Zambézia)		=
	27	<i>ngorongozá</i>	(Sofala)		=
4 7,04%	28	<i>ndau</i>	Sussundenga (Manica); Nyamatanda, Buzi (Sofala); Guvuro (Inhambane)	1.900.000	11,88
	29	<i>utee</i>	Gondola (Manica)	250.000	1,56
	30	<i>manyika</i>	(Manica)	145.331	0,91
	31	<i>tawara</i>	(Tete)	50.000	0,31
	32	<i>ndanda</i>		7.719	
	33	<i>mashanga</i>	(Sofala)	7.051	
5 4,77%	34	<i>copi</i>	Zavala (Inhambane); Manjacaze (Gaza)	800.000	5
	35	<i>tonga</i>	Jangamo (Inhambane)	233.971	1,46
6 20,97%	36	<i>changana</i>	Bilene (Gaza)	1.500.000	9,38
	37	<i>ronga</i>	Boane, Matutuine (Maputo)	640.947	4,01
	38	<i>tshwa</i>	Bilene (Inhambane)	695.212	4,35

TABELA 1 - PARTE 2

FONTE: DALSGAARD (2005 APUD REGO, 2012, P. 20-21).

As línguas moçambicanas estão distribuídas em diferentes zonas linguísticas de acordo com a classificação de Guthrie (1948), a saber: Zona G, Zona P, Zona N e Zona S. A proposta de Guthrie para a classificação das línguas Bantu está representada no *Mapa 1* a seguir.

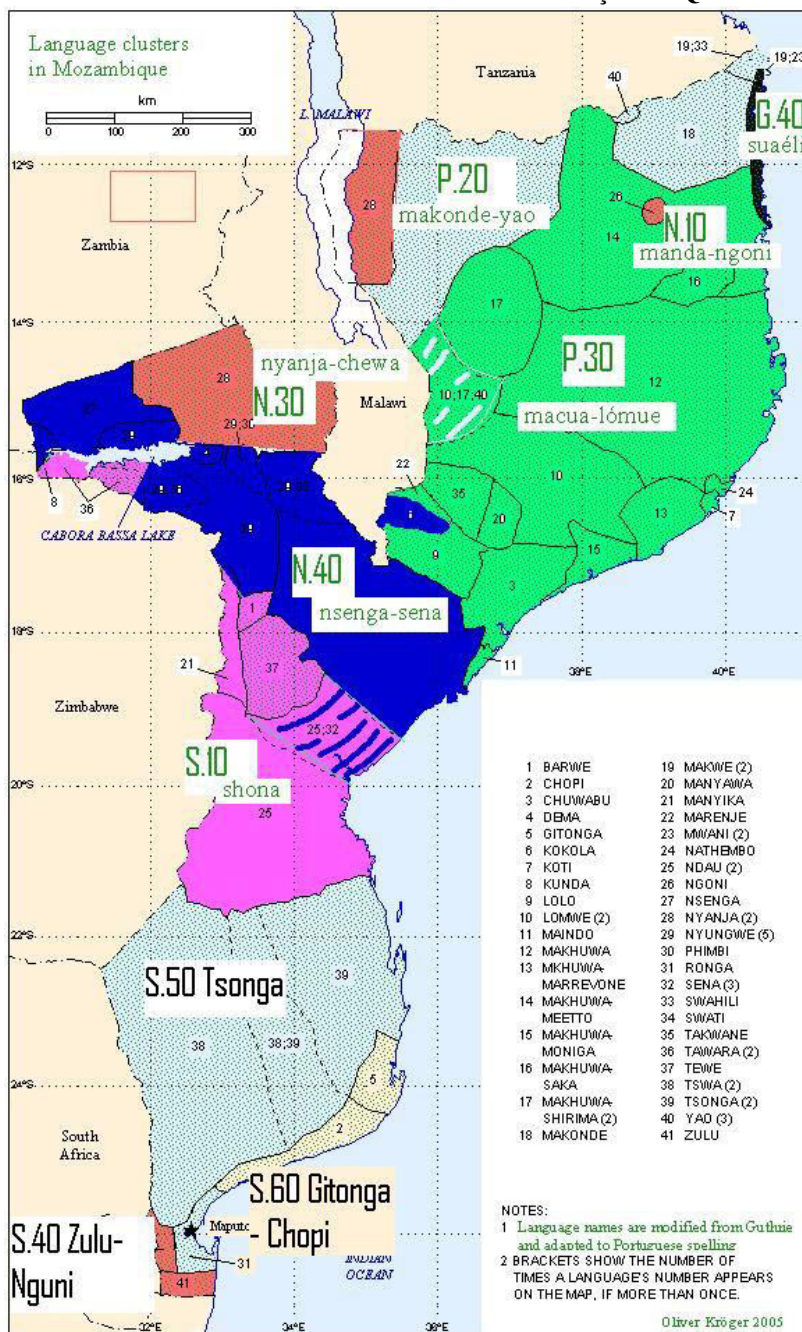
**MAPA 1 - LÍNGUAS BANTU:
CLASSIFICAÇÃO REFERENCIAL DE GUTHRIE**



FONTE: <[HTTP://GOTO.GLOCALNET.NET/MAHO/00IMAGES/MAP_BANTU.GIF](http://goto.glocalnet.net/MAHO/00IMAGES/MAP_BANTU.GIF).>

Rego (2012) apresenta o Mapa 2, de autoria de Oliver Kröger, especificando como as zonas linguísticas e grupos linguísticos propostos por Guthrie estão distribuídas pelo país. Neste Mapa, constam as Zonas de Guthrie e seus grupos devidamente numerados em uma lista numerada por ordem alfabética das línguas moçambicanas.

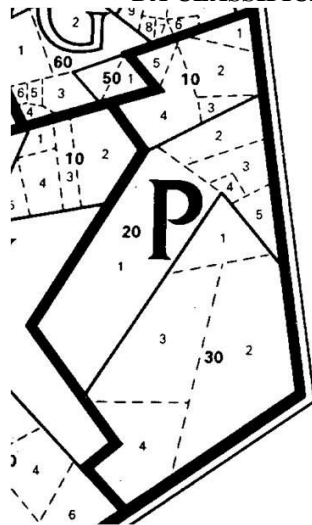
MAPA 2 - ZONAS LINGÜÍSTICAS DE MOÇAMBIQUE



FONTE: KRÖGER (2005 APUD REGO, 2012, P. 17).

Nesta parte se faz pertinente tecer alguns comentários sobre essa classificação. A proposta de Guthrie é bastante difundida e utilizada entre os linguistas. Ela é organizada por áreas, cujas línguas representam certa uniformidade ou similaridade de fenômenos linguísticos que são representadas por letras maiúsculas e um código numérico de dois a três dígitos, representando o grupo linguístico e a língua, respectivamente. A esse código de três ou quatro dígitos, ainda pode ser acrescentada uma letra minúscula ao final para indicar um dialeto de alguma língua específica. Para melhor entendimento da classificação, tomemos como exemplo a classificação do Shimakonde (ou língua Makonde) e outras línguas da mesma zona linguística, conforme Mapa 3 a seguir.

**MAPA 3 - DISTRIBUIÇÃO DAS LÍNGUAS DA ZONA P
DA CLASSIFICAÇÃO DE GUTHRIE**



- P.11 Ndengereko
- P.12 Ruihi
- P.13 Matumbi
- P.14 Ngindo
- P.15 Mbunga

- P.21 Yao
- P.22 Mwera
- P.23 Makonde
- P.24 Ndonde
- P.25 Mabiha

- P.31 Makuá
- P.32 Lomwe
- P.33 Ngulu
- P.34 Cuabo

FONTE: ADAPTADO DE [HTTP://WWW.BANTU-LANGUAGES.COM/ZONE_P.HTML](http://www.bantu-languages.com/zone_p.html)

Nota-se que a língua Makonde recebe a sigla P.23. Podemos perceber que a zona P é dividida em três grandes áreas distintas: 10, 20 e 30. Essas regiões possuem línguas aparentadas entre si e são codificadas por um número (que, dependendo da variedade linguística de cada região, pode ser de um ou dois dígitos). Assim, o Makonde é falado na região 20, especificamente na área representada pelo número 3 dentro dessa região. Kraal (2005), no entanto, atesta que o Ndonge (P24) é um dialeto do Makonde e o Mabiha (P25) seria de fato o nome pelo qual os falantes de Makonde da Tanzânia se referem à língua falada pelos falantes de Makonde de Moçambique.

OS MAKONDES

De acordo com Roseiro (2013), os Makondes são um povo Bantu que se fixou numa zona ao sul do Lago Niassa, um dos Grandes Lagos Africanos, localizado entre o Malawi, a Tanzânia e Moçambique. Eles possuem uma cultura relativamente homogênea, reflexo da adaptação ao ambiente natural e bastante hermética devido à longa permanência nos planaltos. Os Makondes são um povo constituído em pequenos grupos familiares não conhecendo outra soberania que não a do chefe da povoação. Neste aspecto se diferem de outros povos africanos nos quais existe uma forte tradição de hierarquização tribal. A hipótese da origem ao sul do lago Niassa é reforçada pelas semelhanças

culturais com o povo Chewa. Dessa forma, os Makondes atuais são resultado da miscigenação de diferentes povos que teriam empreendido o processo de migração ao longo do rio Lugenda até se fixarem nas adjacências do encontro desse rio com o rio Rovuma. Os rituais de puberdade que praticam são bastante peculiares e os distinguem de outros grupos vizinhos. Teorias divergentes respondem ao motivo de sua migração, que teria se dado por razões climáticas ou por refugiarem-se de confrontos com outros povos, uma vez que o planalto se mostrava uma fortaleza natural.

Tomando como referência o trabalho de Mpiuka e Liphola (2013), o Shimakonde é falado na parte planáltica dos distritos de Mocímboa da Praia, Mueda, Muidumbe e Nangade; mas existem outras quatro variantes geográficas. O *Shimwalu* é a variante predominantemente falada ao longo da bacia do rio Mwalu, abrangendo a região nordeste do distrito de Muidumbe, norte do distrito de Macomia e extremo sul do distrito de Mocímboa da Praia. O *Shiyanga* é a variante falada predominantemente na região central do distrito de Mocímboa da Praia. E, por fim, o *Shindonde* é a variante falada a nordeste do Planalto de Mueda, bem como a leste do distrito de Nangade, incluindo o extremo noroeste do distrito de Palma. De acordo com o INE (NGUNGA & FAQUIR, 2011, p.35), em 2010 o número de falantes de Shimakonde em Moçambique era de cerca de 270 mil falantes.

A ALTERNÂNCIA CONJUNTIVO/DISJUNTIVA

O estudo desenvolvido nesta tese teve como norte a descrição do comportamento de formas verbais chamadas de conjuntivas e disjuntivas na língua Shimakonde.

Determinados tempos verbais na língua Shimakonde acomodam duas formas morfológicamente distintas de serem expressos. Este fenômeno ocorre em outras línguas de origem Nigero-congolesas e ficou conhecido como alternância conjuntivo/disjuntiva. Dito de outro modo, certos tempos verbais podem ser expressos conjuntiva ou disjuntivamente. A rigor, não há diferença na interpretação semântica temporal das sentenças quer o tempo verbal esteja na forma conjuntiva ou disjuntiva, salvo no tempo presente que pode apresentar algumas diferenças aspectuais (contínuo/habitual). Os exemplos a seguir mostram o tempo passado imperfeito conjuntivo em (1) e sua contraparte disjuntiva em (2) no Shimakonde:

- | | | |
|---------|--|--------------------------------------|
| (1a) CJ | <i>vá-shí-tálék-á</i>
SN2-IMP-cozinhar-VF
“Eles cozinhavam shima.” | *(úgwááli) ⁴
N14.shima |
| (1b) CJ | <i>vá-shí-tálék-á</i>
SN2-IMP-cozinhar-VF
“Eles cozinhavam ontem.” | *(líido)
ontem |

⁴ Segundo proposta de padronização ortográfica para o Shimakonde (LIPHOLA, 2011), adotamos o uso de acento agudo (´) para marcar tons altos, enquanto tons baixos são não marcados. O tom de contorno crescente-decrescente será marcado com acento circunflexo (^).

- (2a) DJ *vá-shíndá-táléék-a* (*ugwaáli*)
 SN2-IMP-cozinhar-VF N14.shima
 “Eles cozinham shima.”
- (2b) DJ *vá-shíndá-táléék-a* (*líido*)
 SN2-IMP-cozinhar-VF ontem
 “Eles cozinham ontem.”⁵

Leach (2010) apurou a existência dos seguintes pares temporais alternantes para o Shimakonde:

TABELA 2: TEMPOS VERBAIS CONJUNTIVOS E DISJUNTIVOS NO SHIMAKONDE.

	TEMPOS VERBAIS DISJUNTIVOS	TEMPOS VERBAIS CONJUNTIVOS
PAS. REC.	<i>va-ndi-táleék-a</i> <i>ugwaáli.</i> SN2-PERF-cozinhar-VF N14.shima “eles têm cozinhado shima.”	<i>va-talek-e_</i> <i>úgwááli.</i> SN2-cozinhar-PERF N14.shima “eles têm cozinhado <u>shima.</u> ”
PAS. REM.	<i>vá-ndí-taléék-a</i> <i>ugwaáli.</i> SN2-PERF-cozinhar-VF N14.shima “eles cozinham shima.”	<i>vá-tálék-é_</i> <i>úgwááli.</i> SN2-cozinhar-PERF N14.shima “eles cozinham <u>shima.</u> ”
PRE. HAB.	<i>vá-ndá-taléék-a</i> <i>ugwaáli.</i> SN2-PRES-cozinhar-VF N14.shima “eles cozinham shima.”	<i>vá-tálék-á_</i> <i>úgwááli.</i> SN2-cozinhar-VF N14.shima “eles cozinham <u>shima.</u> ”
FUT.	<i>va-nda-táleék-a</i> <i>ugwaáli.</i> SN2-FUT-cozinhar-VF N14.shima “eles cozinharão shima.”	<i>vá-lótá_ kú-tálék-á_</i> <i>úgwááli.</i> SN2-ir-VF N15-cozinhar-VF N14.shima “eles irão cozinhar <u>shima.</u> ”
PAS. IMP.	<i>vá-shíndá-taléék-a</i> <i>ugwaáli.</i> SN2-IMP-cozinhar-VF N14.shima “eles cozinham shima.”	<i>vá-shí-tálék-á_</i> <i>ú.gwááli.</i> SN2-cozinhar-VF N14.shima “eles cozinham <u>shima.</u> ”

FONTE: ADAPTADO DE LEACH, 2010, P.158-159.

Note que os tempos disjuntivos em sua maioria possuem o morfema temporal {-nda- -ndi- e -shinda-} antes do radical verbal. Já os tempos conjuntivos possuem os tempos verbais após o radical na vogal final do

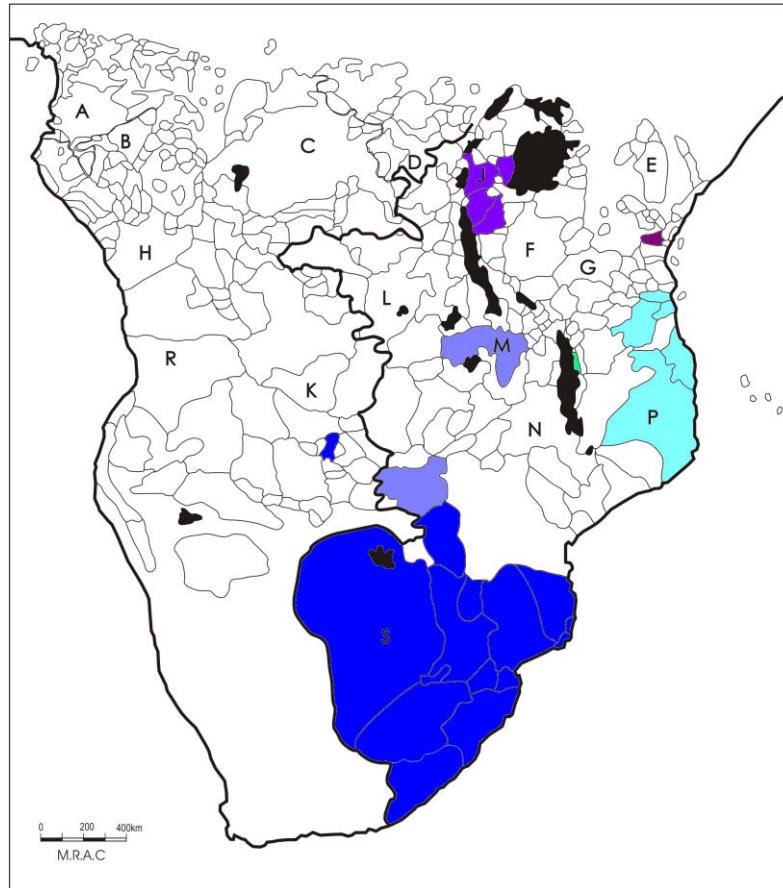
⁵ Os exemplos que não aparecerem especificados como retirados de alguma obra de referência são todos de informantes da língua em questão.

complexo {-a, -e,⁶}. A única exceção nos tempos conjuntivos é do passado imperfeito que é codificado pelo morfema {-shi-} antes do radical. O futuro conjuntivo se utiliza de um verbo auxiliar. Outra observação importante é que apenas nos tempos disjuntivos os verbos apresentam o processo pós-lexical de alongamento de penúltima sílaba, marcado em **negrito**. Nesta sílaba é que figuram os tons de contorno da língua. Além disso, este alongamento delimita as fronteiras de frases fonológicas e serve de barreira para uma série de processos tonais como será discutido no capítulo 2.

A distinção entre tempos verbais disjuntivos e conjuntivos está presente em muitas línguas Bantu orientais. Van der Wal (2017) elenca alguns exemplos de línguas já reportadas na literatura que apresentam o fenômeno em questão, tais como: Haya (J20), Kirundi, Kinyarwanda e Ha (J60) ao norte; Sambia (G23), Bemba (M40), Tonga (M60), Lozi (K21/S30), Matengo (N13), Ngindo, Ndengeleko, Kimatuumbi (P10), Makonde, Makwe (P20), Makhuwa e Chuwabo (P30) ao centro; Venda (S20), Tswana, Sotho (S30), Xhosa, Zulu, Swati, Ndebele (S40), Tshwa, Tsonga/Changana, Ronga (S50) e Chope (S60) ao sul. Os códigos que aparecem em parênteses pertencem à classificação referencial de Guthrie (1948). As línguas supracitadas estão representadas nas áreas coloridas do Mapa 4 a seguir (VAN DER WAL, 2017. p.16):

⁶ A vogal final [-e] nestes exemplos é uma forma reduzida do perfectivo final [-ile] (LIPHOLA 2001, p. 49; LEACH, 2010, p. 132)

**MAPA 4: DISPERSÃO DAS LÍNGUAS QUE APRESENTAM ALTERNÂNCIA
CONJUNTIVO/DISJUNTIVA**



FONTE: VAN DER WAL, 2017. P.16.

Ainda de acordo com van der Wal (2017), a alternância Conjuntivo-Disjuntiva se manifesta por diferentes mecanismos nas línguas. Ela é mais comumente expressa pela variação morfológica ou tonal nos morfemas aspecto-temporais destas línguas. O termo Conjuntivo/Disjuntivo foi proposto por Meeussen (1959). Todavia, a alternância foi relatada sob outras terminologias por outros pesquisadores. De acordo com o levantamento feito por Güldermann (2003, apud VAN DER WAL, 2017, p.15), algumas dessas terminologias

diferem a forma dos verbos como longa/curta ou abreviada. Outras classificações captaram a relação entre o verbo e o elemento posterior como estável/instável; independente/dependente; e de vínculo forte/fraco. Mesmo a interpretação entre o verbo e elemento foi o fator determinante para algumas classificações como enfático/não enfático, definido/indefinido, foco verbal/foco nominal, etc. A alternância pode ser categorizada da seguinte maneira:

A alternância conjuntiva/disjuntiva é uma alternância entre formas verbais que são formalmente distinguíveis, elas são associadas com uma diferença na estrutura informacional da interpretação do verbo e/ou o elemento seguinte e uma das formas não é permitida em posição final da sentença. (Van der Wal, 2017, p.15)⁷

As formas verbais conjuntivas e disjuntivas são marcadas distintamente em sua morfologia aspecto-temporal. Em algumas línguas, essa marcação é feita por meio de prefixos, outras por sufixos e outras por prefixos e sufixos (como é o caso do Shimakonde). Geralmente, se houver uma forma não marcada, essa será a conjuntiva. Uma vez que as línguas Bantu usam tom para fazer distinções lexicais e gramaticais, ele pode ser analisado como um morfema (HYMAN, 2011). Desta feita, além das línguas em que as formas verbais conjuntivas e disjuntivas são marcadas morfologicamente, existem outras que também podem fazer essa distinção de forma tonal. Contudo, não há

⁷Do original: The conjoint/disjoint alternation is an alternation between verb forms that are formally distinguishable, that are associated with an information-structural difference in the interpretation of verb and/or following element and of which one form is not allowed in sentence-final position (VAN DER WAL, 2017, p.15).

uma estratégia tonal definitiva para determinar um tempo verbal conjuntivo ou disjuntivo. Isto é, estratégias tonais que em alguns tempos caracterizam a forma disjuntiva em outros tempos caracterizam a forma conjuntiva e vice-versa. A língua Tswana, de acordo com Creissels (2017), é uma língua que, em alguns tempos verbais, distingue formas conjuntivas e disjuntivas por morfemas tonais, ou tonemas, conforme mostram os exemplos a seguir (CREISSELS, 2017):

- | | | | |
|---------|--|------------------|-----------------------|
| (3a) CJ | <i>Bái-tsamá-íle</i>
SN2-ir-PERF
“Eles se foram com eles.” | <i>lé</i>
com | <i>bonék.</i>
eles |
| (3b) DJ | <i>Bái-tsáma-ile</i>
SN2-ir-PERF
“Eles se foram com eles.” | <i>lé</i>
com | <i>bonék.</i>
eles |

O critério sintático mais fragrante da alternância consiste na possibilidade ou não do verbo aparecer na posição final da sentença. Diferentemente de sua contraparte disjuntiva, a forma verbal conjuntiva precisa ser seguida de algum elemento, seja um argumento nuclear do verbo, um adjunto, um locativo, uma oração complementar ou mesmo, para algumas línguas, o sujeito da construção, conforme se vê pelos dados a seguir:

SAMBAA (RIEDEL, 2009. p.:32 apud VAN DER WAL, 2017, p.22)

- | | | |
|---------|--|-------------------------------|
| (4a) CJ | <i>Ni-it-iye</i>
S1S-ir-PERF
“Eu fui para casa.” | *(<i>kaya.</i>)
N16.casa |
| (4b) DJ | <i>N-za-ita.</i>
S1S-PERF-ir
“Eu fui.” | |

HA (HARJULA, 2004, p.167 apud VAN DER WAL, 2017, p.22)

(5a) CJ *Ba-rima* *(*ibiharagi.*)
SN2-cultivar N8.feijão
“Eles cultivam feijões.”

(5b) DJ *Ba-ra-rima* (*ibiharagi.*)
SN2-PRES-cultivar N8.feijão
“Eles cultivam/ estão cultivando (feijões).”

SÍMÁKONDE⁸ (MANUS, 2007 apud VAN DER WAL, 2017, p.22)

(6a) CJ *Ngú-sú má* *(*sílóólo.*)
S1S-comprar N7.espelho
“Eu estou comprando um espelho.”

(6b) DJ *Ni-nku-súúma* *sílóólo.*
S1S-PROG-comprar N7.espelho
“Eu estou comprando/vou comprar um espelho.”

XHOSA (du PLESSIS & VISSER, 1992 apud VAN DER WAL, 2017, p.22)

(7a) CJ *Umfazi* *u-pheka* *(*inyama.*)
N1.mulher SN1-cozinhar N9.carne
“A mulher está cozinhando carne.”

(7b) DJ *Umfazi* *u-ya-pheka.*
N1.mulher SN1-PRES-cozinhar
“A mulher está cozinhando.”

MAKHUWA (VAN DER WAL, 2014, p.49 apud VAN DER WAL, 2017. P.22)

(8a) CJ *Eshímá* *e-ruw-iy-é* *(*tsiítsáale.*)
N9.shima SN9-mexer-PAS-PERF desse jeito.
“A shima é cozinhada desse jeito.”

(8b) CJ *Ni-n-rúpá* *(*wakhaámá-ni.*)
S1P-PRES-dormir N16.cama
“Nós dormimos em uma cama.”

⁸ Aqui se trata de variante do Shimakonde falada na Tanzânia.

(8c) CJ *Ki-naan-alé* *(*n' iipulá.*)
 S1S-molhar-PERF com N9.chuva
 ‘Eu molhei com a chuva.’

KIMATUUMBI (ODDEN, 1984, p.295 apud VAN DER WAL, 2017, p.22)

(9) CJ *A-gonja* *(*Mambóondo.*)
 SN1-dormir N1.Mamboondo
 ‘Mamboondo está dormindo.’

ZULU (HALPERT, 2012, p.75 apud VAN DER WAL, 2017, p.22)

(10) CJ *Ngi-cabanga* [*ukuthi* *uMlungisi*
 S1S-pensar COMP N1.Mlungisi
u-ya-bhukuda *manje*].
 SN1-PRES-nadar agora
 ‘Eu acho que Mlungisi está nadando agora.’

Conforme se nota pelos dados acima, conclui-se que as formas verbais disjuntivas podem ou não aparecer na posição final da sentença. Contudo, formas verbais conjuntivas não podem figurar nessa posição.

As línguas também se diferem em relação aos tempos verbais que apresentam a alternância conjuntivo/disjuntiva. Em tempos mais marcados como nos tempos chamados de relativo, particípio, optativo, negativo, ela é incomum. Se uma língua tem formas conjuntivas e disjuntivas, elas geralmente serão presentes nos tempos indicativos afirmativos⁹. Geralmente se uma língua apresenta a alternância em tempos marcados, também apresentará em tempos indicativos afirmativos que são não marcados.

⁹ Apesar de se tratar de uma discussão frutífera, essa tese não procurou investigar mais a respeito da estruturação do tempo verbal na língua Shimakonde, bem como conceitos relacionados como aspecto e modalidade. Neste trabalho assumiremos as noções de tempos negativos e relativos na língua a partir da discussão da língua Shimakonde feita por Liphola (2001) e Leach (2010) e nos focaremos apenas na investigação das formas verbais alternantes.

Outro fator importante envolvido na alternância é o componente prosódico, isto é, os limites das frases fonológicas (NESPOR & VOGEL, 1986). O fim de uma frase fonológica geralmente é evidenciado pelo alongamento pós-lexical de penúltima sílaba, que consiste no acréscimo de mora extra à referida sílaba. Nos VPs conjuntivos, apenas o XP pós-verbal terá o alongamento de penúltima sílaba, o que acarreta que verbo e complemento estão em uma mesma frase fonológica (Conferir (11a)), enquanto VPs disjuntivos, tanto o verbo quanto o complemento apresentam alongamento de penúltima sílaba, o que evidencia frases fonológicas distintas (Conferir (11b)). (os alongamentos de penúltima sílaba estão marcados pelo símbolo ‘:’):

ZULU (VAN DER SPUY, 1993, p.348, apud VAN DER WAL, 2017, p.25)

(11a) CJ [Si-bon-e izitshude:ni.]vP
 S1P-ver-PERF N10.estudante
 “Nós vemos os estudantes.”

(11b) DJ [Si-zi-bon-i:le]vP izitshude:ni.
 S1P-ON10-see-PERF N10.estudante
 “Nós os vemos, os estudantes.”

Como se nota pelos dados acima, na forma conjuntiva em (11a), ocorre apenas alongamento de penúltima sílaba no XP pós-verbal *izitshude:ni*, e é assumido que forma um constituinte sintático junto ao verbo. No entanto em (11b), ocorre alongamento de penúltima sílaba tanto no verbo *Si-zi-bon-i:le*, quanto no XP pós-verbal, *izitshude:ni*, o que mostra que estão em frases fonológicas distintas. Além disso, em orações que apresentam apenas um objeto

nuclear, a marcação de objeto no verbo ocorre apenas nas formas disjuntivas, de modo que, nessas situações, o objeto pode ser omitido. Kraal (2005), que analisou a variante Chinnima do Makonde da Tanzânia, argumenta que a escolha entre uma forma verbal conjuntiva (que está na mesma frase fonológica que o complemento) e uma forma verbal disjunta (que está em frase fonológica diferente da do complemento) é determinada pela pragmática em termos de foco e de unidades informativas. Assim sendo, a frase fonológica é o ponto de encontro entre fonologia, morfologia, sintaxe e pragmática (KRAAL, 2005. p.13).

Existem variações consideráveis em relação à forma de manifestação da alternância conjuntiva/disjuntiva nas línguas que apresentam o fenômeno. Todavia, ele é primeiramente determinável por foco ou constituência, ou seja, depende se a relação com a estrutura de informação é direta ou indireta. Esta assunção ficará mais bem esclarecida na parte 2 desta tese.

Vários trabalhos (VAN DER SPUY, 1993, BUELL, 2005, HARPERT, 2012) mostram evidências que na língua Zulu as formas conjuntivas acarretam forte vínculo entre verbo e complemento, estando necessariamente juntos em um mesmo domínio sintático. Cheng & Downing (2012) mostraram que nessa língua, as fronteiras das frases fonológicas coincidem com as frases sintáticas. Deste modo, este seria um importante diagnóstico para determinar se certo

constituente está dentro ou fora de vP. Note nos exemplos em (11) que os limites de constituinte sintático do vP coincide com os limites das frases fonológicas na língua Zulu.

Assim como no Zulu, na língua Tswana, os afixos marcadores de objeto no verbo estão em distribuição complementar com o DP correferente. Desta forma, se a marcação de objeto aparece na estrutura conjuntamente com o DP, conforme dados em (12b), é assumido que este último necessariamente está fora do vP. Se não há marcação de objeto no verbo, o verbo toma a forma conjuntiva e precisa de algum DP realizado. Note que (12c) é agramatical devido à realização da marcação de objeto em uma forma verbal conjuntiva. Por outro lado, (12d) é agramatical pela falta da concordância de objeto na forma verbal disjuntiva.

Tswana (CREISSELS, 1996, p.112-113 apud VAN DER WAL, 2017, p.26)

(12a) CJ *Re-thúśá Kítso.*
 S1P-ajudar N1.Kitso
 “Nós ajudamos Kitso.”

(12b) DJ *Re-a-mo-thúśá Kítso.*
 S1P-PRES-ON1-ajudar N1.Kitso
 “Nós o ajudamos, Kitso.”

(12c) CJ **Re-mo-thúśá Kítso.*

(12d) DJ **Re-a-thúśá Kítso.*

Outras línguas não apresentam distribuição complementar entre a marca de concordância de objeto com o DP correferente. Um exemplo é o Emakhuwa

(VAN DER WAL, 2009). A marcação de objeto em Emakhuwa ocorre apenas em objetos de 1ª e 2ª pessoas e quando o objeto for substantivos das classes 1 e 2. A marca de objeto neste contexto supracitado ocorre conjuntamente com o objeto realizado tanto em frases disjuntivas quanto conjuntivas. Como se vê pelos exemplos a seguir:

MAKHUWA (VAN DER WAL, 2009:244)

(13a) CJ *Ki-ni-m-wéha* *Hamísi / namarokoló / nancoólo.*
 S1S-PRES-ON1-ver N1-Hamisi / N1-lebre / N1-anzol
 “Eu vejo Hamisi / (uma/a) lebre / (um/o) anzol.”

(13b) DJ *Ki-ná-m-wéha* *Hamísi / namárokoló / nañcólo.*
 S1S.PRES-ON1-ver N1-Hamisi / N1-lebre / N1-anzol
 “Eu vejo Hamisi / (uma/a) lebre / (um/o) anzol.”

Apenas em tempo verbal disjuntivo em (13b), o DP objeto pode ser omitido. Note que similarmente à forma disjuntiva em (13b), a forma conjuntiva em (13a) também apresenta marcação de objeto no complexo morfológico verbal, padrão que não é permitido nas línguas Zulu e Tswana, como vimos anteriormente.

Na distinção entre formas conjuntivas e disjuntivas em línguas como o Tswana, o que está em jogo é se há ou não a constituição do verbo com outros elementos em uma determinada projeção sintática, de tal sorte que o que estaria em questão é se o verbo está ou não em posição final desta projeção. Caso o verbo não seja final, ele toma uma forma conjuntiva. No entanto, se for final, ele toma uma forma disjuntiva. Nestas línguas, a correspondência das formas

verbais com foco amplo ou estreito é apenas indireta, conforme veremos no capítulo 4.

No entanto, para outras línguas, se argumenta que não é a constituição sintática, mas sim a estrutura da informação que tem um papel crucial na alternância, de tal maneira que o foco oracional recai no XP imediatamente seguinte ao verbo nas formas conjuntivas, diferentemente das formas disjuntivas que podem ou não apresentar uma focalização específica no verbo, conforme veremos mais detalhadamente no capítulo 3. Segundo Van der Wal (2006a, 2011, 2017), a língua Emakhuwa é uma língua com este padrão. Kraal (2005) e Leach (2010) assumem o mesmo padrão para o Shimakonde. Os dados a seguir são do Emakhuwa (14) (Van der Wal, 2011, p.1735) e Shimakonde (15) (Leach, 2010, p.157). Os elementos em foco aparecem em negrito.

(14a) DJ *nthíyáná* *o-hoó-c-á* *nráma*
 N1.mulher SN1-PERF-comer-VF N3.arroz
 “A mulher comeu arroz.”

(14b) CJ *nthíyáná* *o-c-aalé* ***n-ramá***
 N1.mulher SN1-comer-PERF N3.arroz
 “A mulher comeu arroz (e não outra coisa).”

(15a) DJ *va-ndy-úũk-a* *ku-kaâja*
 SN2-PERF-ir-VF N18-lar
 “Eles foram para casa.”

(15b) CJ *va-uk-ile* ***kú-káaja***
 SN2-ir-PERF N18-lar
 “Eles foram para casa (e não outro lugar).”

Em (14a), na língua Emakhuwa, o tempo disjuntivo é marcado pelo prefixo de passado perfeito *-hoó-*. A sua contraparte conjuntiva em (14b) é assinalada por sua vez pelo sufixo de passado perfeito *-aalé*. No Shimakonde, o passado perfeito disjuntivo, em (15a), também é marcado por um prefixo, no caso *-ndi-*. O passado perfeito conjuntivo, em (15b) é marcado pelo sufixo, *-ile*. Apenas os XPs posteriores aos tempos conjuntivos (14b) e (15b) estariam em foco.

OBJETIVOS E ORGANIZAÇÃO DA TESE

O estudo desenvolvido nesta tese procura analisar os tempos verbais conjuntivos e disjuntivos no Shimakonde tendo em vista compreender o papel estrutura informacional, das frases fonológicas e a estrutura argumental na língua, bem como as relações entre elas, se ancorando no arcabouço teórico da sintaxe gerativa, com ênfase no Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995), da fonologia prosódica (NESPOR & VOGER, 1986) e em estudos da estrutura da informação (LAMBRECH, 1984; RIZZI, 1997; BELLETTI, 2004, MIYAGAWA, 2010). Ele foi desenvolvido pela metodologia de trabalho de campo, por meio de coleta direta de dados junto a falantes nativos. O método utilizado foi o de elaboração de sentenças em português e sua tradução para a língua Shimakonde. Os dados foram coletados na forma escrita de acordo com

a ortografia padrão da língua (NGUNDA & FAQUIR, 2011) com gravação em áudio. A partir da elaboração de hipóteses de trabalho pelos dados elicitados, foram adotados testes de gramaticalidade para os informantes, conforme ficará mais bem explicitado no capítulo 5 desta tese. A coleta foi feita de forma presencial em Maputo, capital de Moçambique, durante os meses de Agosto a Dezembro de 2016 e entre junho e julho de 2019 e via internet.

Este trabalho está dividido em três partes. Após a introdução se inicia a primeira parte, dividida em 2 capítulos, que é voltada para aspectos gramaticais da língua Shimakonde. O capítulo 1 tem ênfase na descrição de processos fonológicos e da morfologia nominal e verbal. Já no capítulo 2, que assim como o capítulo 1 toma como base os trabalhos de Liphola (2001) e Leach (2010), os processos tonais que operam nos complexos verbais na língua Shimakonde são descritos. Concomitante aos distintos processos tonais, a distribuição tonal no complexo verbal também é influenciada pelo tempo verbal que determina o tom de superfície dos morfemas de concordância, o tom de contorno na penúltima sílaba do complexo verbal e ainda se há ou não realização de tom alto no início do radical verbal,.

A segunda parte deste trabalho compreende os capítulos 3 e 4 e oferece o arcabouço teórico que serve de base para esta pesquisa. O capítulo 3 faz uma abordagem das principais propostas de incorporação da estrutura da informação

dentre os estudos de sintaxe formal, com ênfase nos níveis CP (RIZZI, 1997), TP (MIYAGAWA, 2010) e vP (BELLETTI, 2004). Este capítulo ainda apresenta um estudo de caso da alternância conjuntivo/disjuntiva na língua Emakhuwa, que propõe projeções focais entre TP e vP e abaixo de vP. O capítulo 4 se destina a dissertação das propostas de que a alternância conjuntivo/disjuntiva denota a possibilidade ou não do verbo estar numa mesma projeção sintática do XP adjacente. Neste capítulo, damos ênfase aos estudos de caso da língua Zulu.

A parte final desta tese apresenta os resultados e análise sobre a alternância conjuntivo/disjuntiva no Shimakonde e se divide nos capítulos 5 e 6. No capítulo 5, apresento brevemente a metodologia utilizada para coleta de dados e discuto os resultados obtidos. Neste capítulo, mostro por vários testes que a alternância conjuntiva/disjuntiva no Shimakonde não está diretamente relacionada com elementos de diferentes escopos focais na sentença. Também neste capítulo, apresento dados e testes que apontam para falta de correlação entre a alternância com a formação ou não de constituintes sintáticos entre o verbo e o XP posterior. No capítulo 6, analiso a alternância dentro do arcabouço teórico da fonologia prosódica e defendo que a única diferença conclusiva entre as formas conjuntivas e disjuntivas reside neste nível. Também defendo a tese que o espriamento de tom é um fenômeno que ocorre dentro do domínio da

frase fonológica de acordo com Nespor e Vogel (1986). Mostro ainda que não há correlação no Shimakonde entre frases fonológicas e sintáticas, todavia a prosódia pode interferir na sintaxe. Se dois verbos conjuntivos estiverem separados por uma conjunção coordenativa, a leitura preferencial é que as ações denotadas por ambos os verbos ocorrem ao mesmo tempo. Em relação à estrutura da informação, assumo que a preferência da forma conjuntiva para ante um XP focalizado em determinados contextos se dá por razões prosódicas de proeminência relativa. Por fim, no último capítulo, faço um apanhado geral do trabalho e apresento minhas considerações finais.

Parte 1:

**Aspectos Gramaticais do
Shimakonde**

CAPÍTULO 1 - ASPECTOS DE FONOLOGIA E MORFOLOGIA DO SHIMAKONDE

O presente capítulo, adaptado de Paula (2015), destina-se à descrição de aspectos básicos de fonologia e morfologia da língua Shimakonde. Desta forma, o propósito do mesmo é facilitar o entendimento da estrutura da língua Shimakonde de forma mais geral, ainda que certas variações possam acontecer entre os dialetos. Mais especificamente, a parte de fonologia tem como intuito fornecer subsídios para que o leitor consiga, ao desenrolar dos capítulos seguintes, entender certos aspectos importantes da língua como o alongamento da penúltima sílaba, os ambientes que desencadeiam formação de glide, os processos resultantes dos encontros vocálicos, a redução de prefixo para nasal, formação de nasais silábicas e não silábicas etc. Em suma, essa parte tem por objetivo apresentar uma descrição básica da fonologia segmental. Já na parte de morfologia, o objetivo é descrever o essencial da morfologia nominal e verbal da língua Shimakonde. Portanto, nesta parte do capítulo, serão contemplados

aspectos como a estrutura verbal da língua, os prefixos nominais, a concordância de sujeito e objeto, os tipos de extensão verbal e as flexões temporais.

Este capítulo está organizado em duas partes. A primeira parte se dedica à fonologia e se divide em duas seções. A seção 1.1.1., é dedicada às vogais e os principais processos que ocorrem nos encontros intervocálicos em nível lexical. Estes processos estão relacionados ao aumento ou redução de mora, formação de glide, processos de fusão vocálica, dentre outros temas; na seção 1.1.2., são explorados os processos decorrentes do encontro entre nasais e consoantes. A segunda parte deste capítulo é devotada à morfologia e também se divide em duas seções: Na seção 1.2.1., apresento a descrição das classes nominais da língua, com seus afixos típicos e paradigmas de concordância. Na seção 1.2.2., abordo sobre a estrutura do verbo, com foco principal nos tipos de extensões verbais, a marcação de tempo e aspecto, como os prefixos nominais são utilizados para promover a concordância de sujeito e objeto na língua, etc.; por fim, na seção 1.3., faço um resumo do capítulo.

1.1. FONOLOGIA

Nesta parte, será feito um apanhado dos processos mais importantes da fonologia segmental. A próxima subseção dará conta dos processos vocálicos do Shimakonde.

1.1.1. PROCESSOS VOCÁLICOS

O encontro de duas vogais internamente em palavras (que pode ocorrer pelo acréscimo dos mais variados tipos de afixos em raízes verbais e nominais) não necessariamente propicia a formação de hiatos e a sequência pode ser eliminada por uma variedade de processos fonológicos, conforme veremos nas próximas subseções.

1.1.1.1. VOGAIS PRESENTES NA LÍNGUA.

As vogais presentes na língua Shimakonde são apresentadas na tabela 3 (LEACH, 2010. p.26):

TABELA 3 - VOGAIS PRESENTES NA LÍNGUA SHIMAKONDE.

Alta	Anterior	/i/	<i>Kúpííta</i>	“passar”
	Posterior	/u/	<i>Kúpúúta</i>	“lavar”
Média	Anterior	/e/	<i>Kúpééta</i>	“filtrar”
	Posterior	/o/	<i>Kúpóóta</i>	“distorcer”
Baixa	Central	/a/	<i>Kúpááta</i>	“receber”

FONTE: ADAPTADO DE LEACH (2010. P. 26)

1.1.1.2. A LONGAMENTO DE PENÚLTIMA SÍLABA

Um dos fenômenos mais importantes da língua Shimakonde é o processo pós-lexical de alongamento da penúltima sílaba. A penúltima sílaba de todas as palavras nesta língua recebe uma mora extra, processo que está

relacionado com tonicidade¹⁰ (LIPHOLA, 2001). Alguns exemplos serão apresentados a seguir (LIPHOLA, 2001. p.10):

- | | | | |
|------|--|---|---|
| (1a) | <i>/kú-pím-a/</i>
N15-MEDIR-VF | → | <i>kúpíúma</i> ¹¹
“medir” |
| (1b) | <i>/kú-pím-íl-a/</i>
N15-medir-AP-VF | → | <i>kúpímúíla</i>
“medir para” |
| (1c) | <i>/kú-pím-án-a/</i>
N15-medir-REC-VF | → | <i>kúpímáána</i>
“medir cada um” |

Pelos dados apresentados acima, pode-se perceber que a penúltima sílaba é alongada (sílabas grifadas em negrito nos exemplos). No caso dos verbos, este alongamento sempre será desencadeado na sílaba imediatamente anterior à vogal final, podendo incidir tanto em uma sílaba da própria raiz verbal (como acontece em (1a)) ou em extensões verbais (como em (1b) e (1c)).

O alongamento de penúltima sílaba é um fenômeno pós-lexical. Em palavras ao final de proposições, este alongamento é mais frágil. Todavia, se as palavras estiverem em posições intermediárias de proposições este alongamento é fonologicamente apagado por regras pós-lexicais (LIPHOLA, 2001. p. 10). Leach (2010) afirma que “o alongamento de penúltima sílaba é

¹⁰ Conferir Liphola (2001:181-199) para uma discussão empírica sobre as correlações entre tonicidade e alongamento.

¹¹ Representaremos nesta tese os tons e alongamentos silábicos. No entanto, Como os alongamentos silábicos são previsíveis na língua, sua representação na ortografia oficial foi desencorajada. Além disso, os tons devem ser representados apenas quando se fizerem necessários para desambiguar enunciados. Conferir Ngunga & Faquir (2011. P. 35-49).

assinalado não contrastivamente no Shimakonde do Planalto¹² para marcar a fronteira de frases fonológicas” (LEACH, 2010. p. 330).¹³

Como veremos adiante, o alongamento de penúltima sílaba também exerce influência em vários outros processos vocálicos. A tabela a seguir, proposta por Liphola (2001, p. 120), oferece um resumo dos processos resultantes de encontros vocálicos na língua, conforme será mais bem explicitado no decorrer do capítulo:

TABELA 4 - SUMÁRIO DO RESULTADO DE ENCONTROS VOCÁLICOS.

	a	e	i	o	u
i	yaa ~ i.a	yee ~ i.e	ii ~ i.i	yoo ~ i.o	yuu ~ i.u
u	waa ~ u.a	wee ~ u.e	wii ~ u.i	woo ~ u.o	uu ~ u.u
a	aa ~ a.a	ee ~ a.e	ee ~ a.i	oo ~ a.o	oo ~ a.u

FONTE: (LIPHOLA, 2001:120)¹⁴

1.1.1.3. VOGAL ALTA + OUTRA VOGAL DISTINTA.

O glide geralmente é formado nos encontros vocálicos em que a vogal inicial da sequência é alta e não seguida por vogal idêntica. A sequência de

¹² Leach (2010) descreve a variante regional falada na área do planalto central nos distritos de Mueda e Muidumbe, região que considera ser o centro principal do dialeto Shimakonde. Liphola (2001), por outro lado, descreve a variante regional falada em Mocímboa da Praia e áreas contíguas. A descrição de Leach (2010) apresenta certas diferenças em relação à descrição feita por Liphola. Por este motivo, o pesquisador resolveu diferenciar sua descrição da feita por Liphola, referindo-se a variante que descreve como “Shimakonde do Planalto” e a de Liphola como “Shimakonde da Costa”. Adotaremos essa notação quando se fizer necessário distinguir as duas variantes.

¹³ “Penultimate length is assigned non-contrastively in Plateau Shimakonde to mark the boundary of the phonological phrase.” (LEACH, 2010. P. 330)

¹⁴ O encontro vocálico entre vogal média + vogal (como /e + V; o + V/) não é atestado internamente em palavras devido à inexistência de afixos terminados em vogal média (LIPHOLA, 2001, p. 88)

vogais altas idênticas geralmente ocasiona fusão, resultando uma única vogal prolongada (LIPHOLA, 2001. p. 86). O glide é um segmento consonantal na língua, de tal sorte que sua formação acarreta o processo de alongamento compensatório que tem a função de preservar o número de moras de duas vogais do encontro vocálico subjacente. Neste sentido, o alongamento compensatório difere do alongamento de penúltima sílaba, uma vez que o último se caracteriza pelo acréscimo de uma mora extra à penúltima sílaba de um item lexical. O alongamento compensatório também é um processo previsível e não contrastivo. (LEACH, 2010. p. 326). Os exemplos em (2a-f) representam o processo de formação de glide com alongamento compensatório para preservação do valor moráico do encontro subjacente e foram retirados do trabalho de Leach (2010. p. 327):

- | | | | |
|------|---------------------------------|---|-----------------------------------|
| (2a) | <i>/va-ndí-anek-a/</i> | → | <i>vandyaáneéka</i> ¹⁵ |
| | SN2-PERF-ser visto-VF | → | “Eles tem sido vistos.” |
| (2b) | <i>/va-ndí-umilil-a/</i> | → | <i>vandyuúmiíla</i> |
| | SN2-PERF-aparecer-VF | → | “Eles apareceram.” |
| (2c) | <i>/va-ndí-on-an-a/</i> | → | <i>vandyoónaána</i> |
| | SN2-PERF-ver-REC-VF | → | “Eles viram um ao outro.” |
| (2d) | <i>/va-nku-ánek-a/</i> | → | <i>vankwaáneéka</i> |
| | SN2-PROG-ser visto-VF | → | “Eles estão sendo vistos.” |
| (2e) | <i>/va-nku-ímilil-a/</i> | → | <i>vankwiímiíla</i> |
| | SN2-PROG-aparecer-VF | → | “Eles estão permanecendo.” |

¹⁵ Nos exemplos em (2) ocorrem dois processos tonais distintos: o processo de transposição de tom alto (2a-c) e de inserção de tom alto no início do radical (2d-f), conferir capítulo 2.

- (2f) /*va-nku-ón-an-a*/ → *vankwoónáána*
 SN2-PROG-ver-REC-VF → “Eles estão vendo um ao outro.”

Como visto nos exemplos (2a-c), a vogal alta anterior /i/ ao final dos afixos {-ndi-} foi substituída pelo glide y. Já nos exemplos (2d-f), a vogal alta posterior /u/ ao final do afixo {-nku-} foi substituída pelo glide /w/. Tal processo causa o alongamento compensatório na vogal seguinte na estrutura verbal (marcada em negrito) para manter o mesmo valor de moras do encontro vocálico subjacente. A formação de glide na língua é um processo que só ocorre obrigatoriamente quando o encontro vocálico se der na penúltima sílaba. Nos outros contextos sua formação é opcional¹⁶, conforme exemplos a seguir (LIPHOLA, 2001. p. 85).

- (3a) **va-ndi-tú-eék-a* ↔ *vandítweéka*
 SN2-PERF-O1P-rir-VF → “Eles riram de nós.”
- (3b) *tu-oveél-e* ↔ *twooveéle*
 S1P-brincar-VF → “Nos deixe brincar.”

Note que em (3a), apenas a forma com a formação de glide no encontro vocálico da penúltima sílaba é gramatical. Já em (3b), como o encontro vocálico ocorre na antepenúltima sílaba, as duas formas são gramaticais.

¹⁶ Leach (2010, p.32) observa que a formação de glide é bloqueada após consoantes palatais, /sh/ e /j/. Nestes contextos a vogal alta inicial é apagada e a outra vogal do encontro alongada pelo alongamento compensatório.

1.1.1.4. VOGAL BAIXA + VOGAL ALTA

O processo resultante de encontros vocálicos entre a vogal baixa e uma vogal alta resultando em vogal média é conhecido como coalescência vocálica. De acordo com a definição de Leach (2010), a “coalescência vocálica ocorre somente quando cada uma das duas articulações adjacentes numa sequência vocálica subjacente influencia a outra”¹⁷ (LEACH, 2010. p. 29). Os exemplos a seguir foram adaptados de Liphola (2001. p. 101-103):

(4) /a + i/ → /e/

(4a) *maiiki* ↔ *meéki*
N6.toco → “tocos”

(4b) *a-igw-iite* ↔ *eegwiite*
SN1-ouvir-PERF → “Quando ele tinha ouvido.”

(5) /a+ u/ → /o/

(5a) *mauviilo* ↔ *mooviilo*
N6.sufrimento → “sofrimentos”

(5b) *va-ka-uluûk-a* ↔ *vakooluûka*
SN2-COND-voar-VF → “Se eles voarem.”

Como nos contextos de formação de glide, a coalescência vocálica também ocasiona o alongamento compensatório para manter o mesmo valor bimoráico do encontro vocálico subjacente. A coalescência vocálica geralmente é um fenômeno opcional na língua, mesmo nos contextos em que ocorre na

¹⁷ Do original: “(...)vowel coalescence only occurs when each of two adjacent articulations in an underlying vowel sequence influences each other.” (LEACH, 2010. P. 29)

penúltima sílaba, como pode ser destacado pela gramaticalidade das duas formas em (4a) (*maíki* e *meéki*, respectivamente). A manutenção da sequência subjacente nos encontros vocálicos entre vogal baixa e vogal alta é a resposta não marcada na língua¹⁸.

1.1.1.5. FUSÃO COM APAGAMENTO DE TRAÇO

O encontro entre vogal baixa e vogal média resulta no processo conhecido como fusão com apagamento de traço¹⁹. Este tipo de fusão vocálica é caracterizado pela assimilação da primeira vogal pela segunda, de tal sorte que o traço de altura (baixo) da primeira vogal desaparece no processo resultante, ficando apenas o traço da segunda vogal (médio). Este processo geralmente acontece nos encontros vocálicos entre vogal baixa e vogal média como nos contextos: /a+e/ → /e/ ou /a+o/ → /o/²⁰. Os exemplos abaixo são de Leach (2010, p. 28):

(6) /a+e/ → /e/:

(6a) *vá-ndá-eék-a* ↔ *vándeéka*
 SN2-PRES-rir-VF → “Eles riam.”

¹⁸ No entanto, encontros vocálicos entre vogal baixa e vogal alta em certos radicais dissilábicos envolvendo prefixo da classe nominal 6 {*ma-*} coalescem obrigatoriamente (LEACH, 2010 p. 37) outros bloqueiam a coalescência vocálica (LIPHOLA, 2001, p. 99).

¹⁹ Do original “Fusion by feature deletion”.

²⁰ Excepcionalmente, alguns encontros vocálicos de vogal baixa com vogal alta também podem acarretar fusão por apagamento de traço, como no contexto de encontro vocálico da vogal baixa do prefixo de objeto de terceira pessoa do plural {-va-} com raízes verbais começando com vogal alta (LEACH, 2010, p.37).

(6b) *maendeleélo* ↔ *meendeleélo*
 N6.progrosso → “progresso”

(7) /a+o/ → /o/:

(7a) *vá-ndá-oón-a* ↔ *vándoóna*
 SN2-PRES-ver-VF → “Eles veem.”

(7b) *maoóka* ↔ *moóka*
 N6.cova → “covas”

A fusão com apagamento de traço só é obrigatória nos encontros vocálicos /a+e/ de radicais nominais dissilábicos (LEACH, 2010. p. 40).

1.1.1.6. FUSÃO DE VOGAIS IDÊNTICAS

O encontro vocálico entre duas vogais altas idênticas resulta em uma única vogal alongada pelo alongamento compensatório. Nos exemplos a seguir, o processo é obrigatório em (8a) (conforme se vê pela agramaticalidade das opções em que a vogal não se alonga), opcional em (8b) e bloqueado em (8c) (LIPHOLA, 2001. p. 108-116):

(8a) *va-ndí-iíd-a* ↔ **vandiúda / *vandúda*
 SN2-PERF-vir-VF → “Eles vieram.”

(8b) *vá-ndí-iît-a* ↔ *vândiîta*
 SN2-PERF-vir-VF → “Eles tinham vindo.”

(8c) **a-va-shi-tu-úúdy-a* ↔ *avashitúúdy-a*
 NEG-SN2-IMP-O1P-perguntar-VF → “Não nos perguntavam.”

A aplicação de fusão de vogais altas idênticas é bloqueada em certos tempos verbais devido à presença de tons flexionais ou propriedades lexicais da palavra.

A fusão de duas vogais baixas é opcional. Existem casos em que o tom é preservado na fusão e casos em que há a simplificação ou mudança de tom.²¹

(LIPHOLA, 2001. p. 119):

- | | | | |
|------|---------------------------|---|------------------------------------|
| (9a) | <i>vá-ndá-aânk-a</i> | ↔ | <i>vándaâka</i> |
| | SN2-PRES-caçar-VF | → | “Eles caçam.” |
| (9b) | <i>va-ka-na-ákáát-a</i> | ↔ | <i>vakanaakááta</i> |
| | SN2-NEG-PRES-levar-VF | → | “Se eles não levarem um pedaço.” |
| (9c) | <i>va-ka-na-ák-áán-a</i> | ↔ | <i>vakanaakáána</i> |
| | SN2-NEG-PRES-caçar-REC-VF | → | “Se eles não caçarem um ao outro.” |

No exemplo (9a) é possível notar a redução de mora. Leach (2010. p. 331) argumenta que a formação de sílabas trimorádicas é bloqueada na penúltima sílaba, pois não pode ocorrer alongamento de penúltima e alongamento compensatório na mesma sílaba. Nos exemplos em (9b) e (9c) é possível perceber que o tom da sílaba da base verbal não foi preservado na ocorrência da fusão vocálica.

1.1.1.7. APAGAMENTO DE VOGAL

O apagamento de vogal ocorre quando não há alongamento compensatório e uma das vogais da sequência vocálica subjacente é

²¹ Os processos de atribuição tonal nos radicais verbais serão discutidos no próximo capítulo.

completamente apagada do item lexical. Existem poucos casos em que este fenômeno é obrigatório na língua, como nos exemplos a seguir (LEACH, 2010. p. 30):

- (10a) **a-a-paál-i* ↔ *apaáli*²²
 NEG-SN1-estar presente-VF → “Ele não está presente.”
- (10b) *a-i-tam-EEK-a* ↔ *itameeka* / **itameeka*
 NEG-SN9-partir-EST-VF → “Isso não vai partir-se.”

Nos exemplos em (10) note que o apagamento de vogal é caracterizado pela ausência do alongamento compensatório.

1.1.1.8. HARMONIA VOCÁLICA

A harmonia vocálica acontece quando a altura da vogal de um afixo é alterada para a mesma altura da vogal de uma sílaba adjacente. No Shimakonde, a harmonia vocálica ocorre geralmente com extensões verbais que possuem vogais altas /i/ ou /u/ que harmonizam na mesma altura da vogal da sílaba precedente: (Como nos afixos aplicativos: {-il-}, causativo {-iy-} e {-is-} o estativo {-ik-} e a passiva {-igw-} que ocorrem como: {-el-}, {-ey-}, {-es-}, {-ek-} e {-egw-}, respectivamente, quando são precedidas por uma sílaba com vogais médias /e/ e /o/.) (LIPHOLA, 2001. p. 147). Este processo não ocorre com vogais baixas. Os exemplos em (11) são de Liphola (2001. p. 147-148):

²² Em nota, Leach (2010. p.30) explica que nestes exemplos a diferença entre a forma afirmativa e negativa é meramente tonal: na forma negativa o tom baixo da negativa não é apagado. Compare *apaáli* “ele não está presente” com *ápaáli* “ele está presente”.

(11a)	<i>/kú-pét-íl-al/</i> N15-filtrar-AP-VF	→	<i>kúpétééla</i> “filtrar para”
(11b)	<i>/kú-télék-iy-al/</i> N15-cozinhar-CAUS-VF	→	<i>kútélékéeya</i> “fazer cozinhar”
(11c)	<i>/kú-tót-ík-al/</i> N15-costurar-EST-VF	→	<i>kutótééka</i> “estar costurado”
(11d)	<i>/kú-lókót-igw-al/</i> N15-selecionar-PAS-VF	→	<i>kúlókóteegwa</i> “ser selecionado”

Como demonstrado nos exemplos em (11a-d) a vogal alta dos afixos harmonizam na altura da vogal da sílaba anterior, alterando-se de /i/ para /e/ nos contextos em que são precedidas por vogais médias /e/ ou /o/ nas sílabas imediatamente anteriores²³.

1.1.1.9. ASSIMILAÇÃO VOCÁLICA

O processo de assimilação vocálica pode ocorrer com estruturas verbais de três ou mais sílabas com uma vogal média anterior à penúltima sílaba ou com vogais médias idênticas anteriores à penúltima sílaba. No processo de assimilação vocálica, todas as vogais médias se alteram para a vogal baixa /a/ (LIPHOLA, 2001. p. 159):

(12a)	<i>kú-pét-áán-a</i> N15-filtrar-REC-VF	↔	<i>kupátáána</i> “filtrar um ao outro”
(12b)	<i>kú-tót-ááng-a</i> N15-costurar-PLUR-VF	↔	<i>kutátáánga</i> “costurar repetidamente”

²³ O afixo de perfectivo final {-ile}/{-ite} não é afetado pelo processo de harmonia vocálica em nenhum contexto (LIPHOLA, 2001. p.152).

(12c)	<i>kú-télék-áán-a</i> N15-cozinhar-REC-VF	↔ →	<i>kútálákáána</i> “cozinhar um ao outro”
(12d)	<i>ku-kólómóól-a</i> N15-tossir-VF	↔ →	<i>kukálámóóla</i> “tossir”
(12e)	<i>kú-téép-a</i> N15-dobrar-VF	↔ →	* <i>kútáápa</i> “dobrar”
(12f)	<i>kú-póót-a</i> N15-misturar-VF	↔ →	* <i>kúpááta</i> “misturar”

Os exemplos (12e) e (12f) mostram que a assimilação vocálica não é possível na penúltima sílaba. Raízes trissilábicas como (12a) e (12b) poderão ter assimilação vocálica na primeira sílaba e raízes de tetrassilábicas como (12c) e (12d) poderão ter assimilação vocálica nas duas primeiras sílabas.

1.1.2. ENCONTROS CONSONANTAIS

Muitos processos fonológicos produtivos na língua ocorrem do encontro entre nasais e as demais consoantes da língua. Deste modo, daremos destaque para estes processos nesta seção.

1.1.2.1. CONSOANTES PRESENTES NA LÍNGUA

As consoantes da língua estão dispostas na tabela 5, a seguir: com sua representação fonética e respectiva forma ortográfica, de acordo com Leach (2010. p. 66):

TABELA 5 - CONSOANTES PRESENTES NA LÍNGUA SHIMAKONDE.

		LABIAIS	ALVEOL.	PALATAIS	VELARES
OBSTRUIN TES	DESVOZEA DAS	[p] → p	[t] → t	[ʃ] → sh ²⁴	[k] → k
	VOZEADAS	[b] → b	[d] → d	[dʒ] → j	[g] → g
SONORAS	NASAIS	[m] → m	[n] → n	[ɲ] → ɲ (ñ) ²⁵	[ŋ] → ŋ (n')
	ORAIS	[v] → v	[l] → l	[j] → y	[w] → w

FONTE: ADAPTADO DE LEACH (2010. P. 66)²⁶

1.1.2.2. REDUÇÃO DE PREFIXO PARA NASAL

A redução de prefixo para nasal é o nome dado por Liphola (2001. p. 57) para o processo da perda da vogal alta de certos prefixos ocasionando nasalização dos mesmos. É o caso, por exemplo, da perda da vogal alta /u/ do prefixo {-mu-} se transformando na nasal {-m-} e também da mudança dos

²⁴ Leach (2010:67) atesta que há variação dialetal e entre falantes na realização fonética de /sh/. Este fonema pode ser realizado como [ʃ] por homens no distrito de Mueda, ou pode se realizar como uma palatal alveolar sibilante desvozeada [ɕ] na variante Shiyanga, Shimwalu e Shimwambe, bem como no falar das mulheres do Shimakonde do planalto. Por fim ainda pode se realizar como uma palatal africada [tʃ] no distrito de Mwidumbe especialmente na fala de idosos, que é similar ao fonema /c/ encontrado em palavras emprestadas do Swahili. Liphola (2001:12) utiliza-se da consoante c para representar a palatal africada [tʃ].

²⁵ Entre parênteses, está a grafia adotada por Liphola (2001) para a respectiva consoante. Será mantida a grafia de cada autor nos exemplos retirados de suas obras. Na tabela 5 não estão representadas consoantes derivadas de empréstimos de outras línguas.

²⁶ De acordo com Leach (2010. p.68) em Shimakonde do planalto, falantes geralmente pronunciam empréstimos do Swahili com o seu valor fonêmico original. Este é o caso dos fonemas /f/, /s/ e /c/ (o último pronunciado como [tʃ]). Mas palavras emprestadas também podem ser integradas à língua. A modificação de /f/ para /p/ e de ambos /s/ e /c/ para /sh/ em Shimakonde do planalto são bons indicativos. A manutenção do valor fonêmico da língua de origem nos empréstimos para o Shimakonde da costa pode ser a explicação da inclusão do fonema /c/ além do contraste fonêmico entre /s/ e /sh/ nessa variante.

prefixos de primeira pessoa do singular {-ngu-} e {-ni-} para a nasal {-n-}²⁷.

No caso do prefixo {-ngu-}, além da vogal alta /u/ há também o apagamento da consoante oclusiva. No entanto, este processo não ocorre se o prefixo se encontrar na penúltima sílaba do radical. Tome os exemplos a seguir (LIPHOLA 2001, p. 56).

(13a) /kú-mu-palakél-al/ ↔ kúmpalakeéla
N15-ON1-acompanhar-VF → “despedir dele/dela”

(13b) /kú-mú-p-al/ ↔ kúmuúpa
N15-ON1-dar-VF → “dar a ele/ela”

Em (13a), o prefixo {mu-}, que não se encontra na penúltima sílaba do radical, perde a vogal alta e se transforma em nasal {m-}. Se o prefixo estiver na penúltima sílaba, como em (13b), o apagamento da vogal alta é bloqueado pelo alongamento da vogal na penúltima sílaba.

A nasal resultante da redução de prefixo para nasal poderá desencadear processos fonológicos distintos dependendo do prefixo do qual se originou. Para esclarecer as diferenças nos processos fonológicos engatilhados pela nasalização de diferentes sufixos, Leach (2010. p. 70) adota o trabalho de Odden (2003. p. 532) sobre as línguas da zona P. De acordo com referido autor, a redução de prefixo pode gerar dois tipos de nasais:

²⁷ Leach (2010. p.79) alega que a redução para nasal dos prefixos de primeira pessoa do singular {-ngu-} e {-ni-} não ocorre no Shimakonde do Planalto.

Nasais Silábicas: Elas seriam derivadas da redução do afixo {-mu-} para nasal. Este afixo no Shimakonde é usado como prefixo das classes nominais: 1, 3 e 18, e como afixo de segunda pessoa do plural tanto de marcação de sujeito quanto de objeto.

Nasais Não Silábicas: Elas seriam representadas pela nasalização do prefixo de primeira pessoa ({-ngu-} ou {-ni-} em Shimakonde) e da nasalização do prefixo das classes nominais 9 e 10 ({iN-} e {diN-} em Shimakonde, respectivamente).

A tabela 6 a seguir resume os processos desencadeados pela nasal silábica e pela não silábica resultante da redução de prefixos ante as consoantes da língua. Os processos serão exemplificados nas seções a seguir.

TABELA 6 - RESUMO DOS PROCESSOS DERIVADOS DOS ENCONTROS ENTRE NASAIS E CONSOANTES.

NASAL ²⁸ CONSOANTE	+	NASAL SILÁBICA {-MU-}	NASAL NÃO SILÁBICA (E.G. {-NGU-})
/b, d, j, g/		A.N.	A.N.
/p, t, sh, k/		A.N. ²⁹	A.N. + N. C.
/m, n, j, η/		A.N.	FUSÃO DE CONSOANTES
/v, l/		A.N. + N. C.	A.N. + E. C. ³⁰
/w/		SEM AFETAÇÃO ³¹	ACRÉSCIMO DE OCLUSIVA /g/

FONTE: PAULA, 2015, p. 92.

²⁸ As abreviações: A.N. = assimilação nasal, N.C = nasalização de consoante, E. C. = Endurecimento de consoante.

²⁹ Exceto nos encontros deste tipo de nasal com /sh/ (LEACH, 2010. p.71).

³⁰ Exceto nos encontros de nasal da classe nominal 10 com /v/ (LEACH, 2010. p. 76).

³¹ Prefixo da classe nominal 18 nunca reduz para nasal neste contexto.

1.1.2.3. CONSOANTES OBSTRUENTES VOZEADAS /B, D, G, J/

Nasais silábicas (conferir exemplos em 14; (LEACH, 2010. p. 73)) e nasais não silábicas (conferir exemplos em 15; (LIPHOLA, 2001. p. 65)) ante as consoantes vozeadas /b, d, g e j/ assimilam o ponto de articulação da consoante posterior. Deste modo, o processo de assimilação nasal é o processo em que uma consoante nasal adquire o mesmo ponto de articulação da consoante seguinte.

(14) NASAIS SILÁBICAS + /B, D, G, J/

(14a) /ku-mu-beb-a/ → kú**m**beéba
N15-ON1-carregar-VF → “carregá-lo nas costas”

(14b) /ku-mu-dum-a/ → kú**n**duúma
N15-ON1-aconselhar-VF → “aconselhá-lo”

(14c) /ku-mu-jugwa/ → kú**n**juúgwa
N15-ON1-requerer-VF → “requerê-lo”

(14d) /ku-mu-gaŋola/ → kú**n**gaŋoóla
N15-ON1-empurrar-VF → “empurrá-lo”

(15) NASAIS NÃO SILÁBICAS + /B, D, G, J/

(15a) va-nku-ngú-byaá-a → vankú**m**byaáa
SN2-PROG-O1S-matar-VF → “Eles estão me matando.”

(15b) va-nku-ngú-duúm-a → vankú**n**duúma
SN2-PROG-ON1S-aconselhar-VF → “Eles estão me aconselhando.”

(15c) va-nku-ngú-galol-eél-a → vankun'**g**aloleéla
SN2-PROG-ON1S-prender-APL-VF → “Eles estão me prendendo para.”

- (15d) *va-nku-ngú-juúgw-a* → *vankúnjuúgwa*
 SN2-PROG-ON1S-requerer-VF → “Eles estão me requerendo.”

Todos os exemplos acima mostram que a nasal resultante da redução do prefixo se realiza de formas diferentes dependendo do ponto de articulação da consoante seguinte. Por exemplo, [b] é uma consoante bilabial, ante a qual a nasal resultante da redução de prefixo se realizará como a nasal bilabial [m]. Por outro lado, [d] é uma consoante alveolar, ante a qual a nasal resultante de redução de prefixo se realizará como nasal alveolar [n]. O processo de assimilação nasal é comum a vários encontros entre nasais e consoantes. Em seções posteriores, veremos que a assimilação nasal também pode ocorrer concomitante à nasalização ou ao endurecimento da próxima consoante.

1.1.2.4. CONSOANTES OBSTRUENTES DESVOZADAS /P, T, SH, K/

1.1.2.4.1. NASAIS SILÁBICAS + /P, T, SH, K/

Após a redução do prefixo {-mu-} resultando em uma nasal silábica diante de consoantes obstruintes desvozeadas /p, t, k/, como nos exemplos em (16) (LIPHOLA, 2001. p. 56), a nasal assimila o ponto de articulação da próxima consoante. A única exceção acontece ante a africada /sh/, conforme mostra exemplo em (17) (LEACH, 2010. p.71):

- (16a) *lkú-mu-palakél-al* ↔ *kúmpalakeéla*
 N15-ON1-acompanhar-VF → “despedir dele/dela”
- (16b) *lkú-mu-túm-al* ↔ *kúntuíma*
 N15-ON1-ordenar-VF → “ordenar a ele/ela”

(16c) /*lkú-mu-jel-il-a/* ↔ *kúñjeleéla*
 N15-ON1-jogar-APL-VF → “jogar para ele/ela”

(16d) /*lkú-mu-kamúla/* ↔ *kún'kamuúla*
 N15-ON1-segurar-VF → “segurar a ele/ela”

(17) Contexto de não assimilação nasal /sh/

(17a) /*lmu-shemba/* → *msheémba* ↔ **jsheémba*
 N3-molho → “molho”

No caso apresentado em (17a) /sh/ é pronunciado como [tʃ].

1.1.2.4.2. NASAIS NÃO SILÁBICAS + /P, T, SH, K/

As nasais não silábicas diante de qualquer uma das obstruentes /p, t, sh, k/, além da assimilação nasal, ocasionam a transformação da obstruente para nasal de mesmo ponto de articulação da consoante original. Este processo é conhecido como nasalização de consoante. Os exemplos em (18) (LIPHOLA, 2001. p. 59) mostram este processo no Shimakonde da Costa, já os exemplos em (19) mostram o mesmo processo no Shimakonde do Planalto com o prefixo da classe nominal 10 {diN-} (LEACH, 2010. p. 73):

(18) PREFIXO -NGU-

(18a) *va-nku-ngú-pamb-iíl-a* ↔ *vankúmmambiíla*
 SN2-PROG-O1S-agarrar-AP-VF → “Eles estão agarrando por mim.”

(18b) *va-nku-ngú-talek-eél-a* ↔ *vankúnnalakeéla*
 SN1-PROG-O1S-cozinhar-AP-VF → “Eles estão cozinhando por mim.”³²

³² O exemplo (18b) mostra um caso de sobreposição de dois processos na língua Shimakonde: o processo de harmonia vocálica (conferir seção 1.1.1.8) transforma o sufixo aplicativo *-il-* em *-el-*: /*talekela/*, uma vez que ele é precedido por vogal média. O processo de assimilação

(18c) *va-nku-ngú-shem-eél-a* ↔ *vankúññameéla*
 SN2-PROG-O1S-chamar-APL-VF → “Eles estão chamando por mim.”

(18d) *va-nku-ngú-kamul-íí-la* ↔ *vankún'n'amuliíla*
 SN2-PROG-O1S-Segurar-APL-VF → “Eles estão segurando por mim.”

(19) PREFIXO DIN-

(19a) */diN-pembel/* → *díméembe*
 N10-trombeta → “trombetas”

(19b) */din-tavi/* → *dínáávi*
 N10-galho → “galhos”

(19c) */diN-shijal/* → *díñíja*
 N10-raiz → “raízes”

(19d) */diN-kunil/* → *díñúúni*
 N10-lenha → “lenhas”

1.1.2.5. CONSOANTES NASAIS /M, N, Ñ, D/

1.1.2.5.1. NASAIS SILÁBICAS + /M, N, Ñ, D/

O encontro consonantal entre nasais silábicas com consoantes nasais, /m, n, ñ, ŋ/ também proporciona que a nasal silábica assimile o ponto de articulação da consoante nasal seguinte. Os exemplos abaixo são de Leach

(2010. p. 77):

(20) NASAIS SILÁBICAS + CONSOANTES NASAIS /M, N, Ñ, D/

(20a) */mu-Neémbal/* → *nneémba*
 N1-garoto → “garoto”

vocálica (conferir seção 1.1.1.9) transforma a vogal média /e/ da raiz /-tatek-/ após incorporação do sufixo aplicativo em vogal baixa /a/: /-talakela/. O mesmo processo ocorre em (16c). Para mais informações conferir Liphola (2001. p.165-178).

- (20b) */mu-ma-edil/* → ***mmeêdi***
 N18-N6-água → “na água”

1.1.2.5.2. NASAIS NÃO SILÁBICAS + /M, N, ŋ, ð/

No encontro consonantal entre nasais não silábicas com consoantes nasais ocorre processo de fusão em uma única nasal do mesmo ponto de articulação da última (LEACH, 2010. p. 78):

- (21) NASAL NÃO SILÁBICA + CONSOANTE NASAL /M, N, ŋ, ð/

- (21a) */iN-nondol -* → ***inóóndo***
 N9-estrela → “estrela”

- (21b) */iN-ŋaámal/* → ***ijŋaáma***
 N9-carne animal → “carne animal”

1.1.2.6. CONSOANTES SONORAS ORAIS /L, V/

1.1.2.6.1. NASAIS SILÁBICAS + /L, V/

O encontro consonantal entre nasais silábicas derivadas de redução de prefixo {-mu-} e as consoantes sonoras orais /l e v/ resulta no processo de nasalização da consoante adjacente. Os exemplos a seguir são de Liphola (2001. p. 68-72):

- (22) NASAIS SILÁBICAS + CONSOANTES SONORAS ORAIS /L, V/

- (22a) */mú-lúmel/* → ***nnúume***
 N1-homem → “homem”

- (22b) */mú-lándil/* → ***nnáandi***
 N3-árvore → “árvore”

- (22c) /*mu-vi-lóngol* → *mmiloôngo*
 N18-N8-panela → “nas panelas”
- (22d) /*va-nkú-mu-vín-íl-a/* → *vankúmminiíla*
 N2-PROG-ON1-dançar-AP-VF → “Eles estão dançando por ele.”

1.1.2.6.2. NASAIS NÃO SILÁBICAS + /L, V/

O encontro consonantal entre nasais não silábicas derivadas de redução de prefixo {-ngu-} e as consoantes sonoras orais /l e v/ resulta, além do processo de assimilação nasal do prefixo, no processo de endurecimento da consoante seguinte (Consonant Hardening)³³. Este processo consiste na transformação dessas consoantes sonoras orais para oclusiva alveolar sonora /d/ e oclusiva bilabial sonora /b/, respectivamente. Os exemplos abaixo foram retirados de Liphola (2001. p. 64):

- (23) NASAIS NÃO SILÁBICAS + CONSOANTES SONORAS ORAIS /L, V/
- (23a) *va-nku-ngú-leék-a* ↔ *vankúndeéka*
 SN2-PROG-O1S-deixar-VF → “Eles estão me deixando.”
- (23b) *va-ná-ngú-liîpa* ↔ *vanándiîpa*
 SN2-PRES-O1S-pagar-VF → “Eles me pagam.”
- (23c) *va-nku-ngú-viniíla* ↔ *vankúmbiniíla*
 SN2-PROG-O1S-dançar-APL-VF → “Eles estão dançando por mim.”
- (23d) *va-nku-ngú-valeéka* ↔ *vankúmbateéka*
 SN2-PROG-O1S-nascer-VF → “Eles seguram em mim como bebê.”

³³ A consoante sonora oral lateral /l/ também sofre o processo de endurecimento de consoante ante ao afixo perfectivo final {-ile} e do afixo causativo {i}. Compare: /a-va-va-lo~~l~~-ile/ → *avavaládiíle*, /ku-mu-lo~~l~~-i-a/ → *kúnnoodya* (LEACH, 2010. p. 80.).

1.1.2.7. CONSOANTE SONORA ORAL /w/

1.1.2.7.1. NASAIS SILÁBICAS + /w/

Raízes verbais iniciadas com o glide /w/ não são afetadas por uma nasal silábica precedente (conferir (24a)). Além disso, o prefixo da classe 18 não reduz para uma silábica nasal diante de glides (conferir (24b)) (LEACH, 2010. p. 75-76):

(24) NASAIS SILÁBICAS + CONSOANTE SONORA ORAL /w/

(24a) /*va-ndi-mu-wen-i-a/* → *vannímweenya*
SN2-PERF-ON1-ir-CAUS-VF → “Eles o fizeram ir.”

(24b) /*mu-wino/* → *muwiíno* ↔ **mwiíno*
N18-pintura → “na pintura”

1.1.2.7.2. NASAIS NÃO SILÁBICAS + /w/

Encontros entre nasais não silábicas com o glide /w/, são bastante incomuns na língua. Leach (2010. p. 76) atesta ter encontrado apenas duas raízes nominais pertencentes à classe 10 que aparentam iniciar com o glide /w/. Anteriormente a essas raízes, o prefixo da classe nominal 10 é acrescido da oclusiva velar /g/:

(25) NASAIS NÃO SILÁBICAS + CONSOANTE SONORA ORAL /w/

(25a) /*diN-widi/* → *dingwiídi*
N10-porta → “portas”

(25b) /*diN-wono/* → *dingwoóno*
N10-sono → “sonos”

Essa seção finaliza a revisão sobre os encontros consonantais entre nasais e consoantes.³⁴

1.2. MORFOLOGIA

Esta seção destina-se essencialmente a descrição da morfologia nominal e verbal da língua. As línguas Bantu possuem rica concordância nominal e verbal e ampla subdivisão de substantivos em classes nominais.

1.2.1. MORFOLOGIA NOMINAL

1.2.1.1. CLASSES NOMINAIS

As línguas Bantu, como parte do grupo Nigero-congolês, se caracterizam pela subdivisão de seus substantivos em distintas classes nominais. O Shimakonde não é exceção. As classes nominais são importantes não apenas pelas distintas marcações de singular e plural nos substantivos, mas também pelos distintos paradigmas de concordância que engatilham. Para

³⁴ Vale aqui ressaltar outro processo consonantal importante na língua em que as nasais não estão envolvidas. Trata-se do processo de fricativização de consoante ante ao morfema causativo {-i-}. Este processo transforma uma oclusiva desvozeada alveolar /t/ ou uma oclusiva desvozeada velar /k/ na sibilante palatal desvozeada /sh/ na variante do Shimakonde do planalto (LEACH, 2010. p. 80) ou na fricativa alveolar desvozeada /s/ em Shimakonde da costa (LIPHOLA, 2001. p .81-82). Confira os exemplos a seguir:

- | | | |
|----------------------------|---|---|
| (a) Shimakonde do planalto | | |
| /ku-pit-i-a/ | → | kúpíísha |
| N15-passar-CAUS-VF | → | “causar passar” (LEACH, 2010. p.80) |
| (b) Shimakonde da costa | | |
| /a-nku-túkút-i-a/ | → | ankutúkúúsyá |
| N1-PROG-correr-CAUS-VF | → | “ele está causando correr” (LIPHOLA, 2001, p. 81) |

explorar melhor esses paradigmas de concordância, nos voltemos inicialmente aos pronomes pessoais da língua, para posteriormente explorarmos as classes nominais. Na tabela 7 a seguir, estão disponibilizados os pronomes pessoais e possessivos da língua (LEACH, 2010. p. 215-220), além dos afixos de concordância de sujeito e objeto que os pronomes pessoais engatilham nas raízes verbais (MPIUKA & LIPHOLA, 2013. p.8-9):

TABELA 7 - PRONOMES DO SHIMAKONDE E SEUS AFIXOS DE CONCORDÂNCIA.

PRONOME	PESSOAL	POSSESSIVO	S	O
1S	<i>naângu</i>	<i>-angu</i>	<i>ni-</i>	<i>-ngu-</i>
2S	<i>waâko</i>	<i>-ako</i>	<i>u-</i>	<i>-ku-</i>
3S	<i>náae</i>	<i>-ake</i>	<i>a-</i>	<i>-mu-</i>
1P	<i>weêtu</i>	<i>-etu</i>	<i>tu-</i>	<i>-tu-</i>
2P	<i>mweênu</i>	<i>-enu</i>	<i>mu-</i>	<i>-mu-</i>
3P	<i>vanaâvo/vanaâo</i>	<i>-avo/-ao/-ave</i>	<i>va-</i>	<i>-va-</i>

FONTE: ADAPTADO DE LEACH (2010. p. 215-220) E MPIUKA & LIPHOLA (2013:8-9)

Os exemplos a seguir (26a-f) estão dispostos em duas colunas. Na coluna da esquerda, estão negritados os morfemas de concordância de sujeito. Por sua vez, na coluna da direita, estão negritados os morfemas de concordância de objeto. Como o Shimakonde é uma língua pro-drop, os pronomes pessoais podem ser omitidos opcionalmente.

26	PESSOA DO DISCURSO	CONCORDÂNCIA DE SUJEITO (S)	CONCORDÂNCIA DE OBJETO (O)
a)	PRIMEIRA PESSOA DO SINGULAR	<i>ni-ndi-tukut-a</i> S1S-PERF-correr-VF “Eu corri.”	<i>u-ndi-ngu-tukut-a</i> S2S-PERF-O1S-correr-VF “Você me escapou.”
b)	SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR	<i>u-ndi-tukut-a</i> S2S-PERF-correr-VF “Tu correste.”	<i>ni-nda-ku-kanyol-a</i> S1S-FUT-O2S-bater-VF “Eu vou bater em você.”
c)	TERCEIRA PESSOA DO SINGULAR (N1)	<i>a-ndi-tukut-a</i> SN1-PERF-correr-VF “Ele correu.”	<i>ni-nda-n-nyakat-a</i> 1S-FUT-ON1-carregar-VF “Eu vou carregá-lo.”
d)	PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL	<i>tu-ndi-tukut-a</i> S1P-PERF-correr-VF “Nós corremos.”	<i>a-ndi-tu-shum-a</i> SN1-PERF-O1P-vencer-VF “Ele nos venceu.”
e)	SEGUNDA PESSOA DO PLURAL	<i>mu-ndi-tukut-a</i> S2P-PERF-correr-VF “Vós correstes.”	<i>tu-nda-n-kody-a</i> 1P-FUT-O2P-ALCANÇAR-VF “Nós vos alcançaremos.”
f)	TERCEIRA PESSOA DO PLURAL (N2)	<i>va-ndi-tukut-a</i> SN2-PERF-correr-VF “Eles correram.”	<i>mu-nda-va-bya-a</i> S2P-FUT-ON2-matar-VF “Vocês vão matá-los.”

Como veremos a seguir, os paradigmas de concordância engatilhados pelos pronomes pessoais de terceira pessoa de singular e plural são os mesmos engatilhados pelos substantivos das classes nominais 1 e 2. A concordância em terceira pessoa (singular ou plural) na língua dependerá da classe nominal do substantivo que a engatilha. Se for um pronome, um humano, ou um substantivo que pertença a classes nominais 1 ou 2, o paradigma de concordância será feito pelos afixos dessas classes, se o substantivo for da classe 3, a concordância deverá ser feita pelo afixo dessa classe e assim por

diante. Na tabela 8 a seguir, são apresentadas as 18 classes nominais do Shimakonde.:

TABELA 8 - CLASSES NOMINAIS DO SHIMAKONDE.

N	PREF.	/PREFIXO -RAIZ NOMINAL/	SUBSTANTIVO	
1	<i>mu-</i>	<i>/mu-nu/</i>	<i>muúnu</i>	“pessoa”
1A	<i>∅-</i>	<i>/∅-umu/</i>	<i>úumu</i>	“rei”
1B	<i>a-</i>	<i>/a-tata/</i>	<i>átááta</i>	“pai”
2	<i>va-</i>	<i>/va-nu/</i>	<i>vaánu</i>	“pessoas”
		<i>/va-umu/</i>	<i>váúumu</i>	“reis”
		<i>/va-tata/</i>	<i>vátáata</i>	“pais”
3	<i>mu-</i>	<i>/mu-landi/</i>	<i>nnáandi</i>	“árvore”
4	<i>mi-</i>	<i>/mi-landi/</i>	<i>míláandi</i>	“árvores”
5	<i>li-</i>	<i>/li-i/</i>	<i>líí</i>	“ovo”
6	<i>ma-</i>	<i>/ma-i/</i>	<i>maáí</i>	“ovos”
7	<i>shi-</i>	<i>/shi-tali/</i>	<i>shítáli</i>	“ferro”
8	<i>vi-</i>	<i>/vi-tali/</i>	<i>vítáli</i>	“ferros”
9	<i>iN-</i>	<i>/iN-ηande/</i>	<i>Iηaânde</i>	“casa”
9A	<i>i-</i>	<i>/i-kiti/</i>	<i>ikiíti</i>	“cadeira”
9B	<i>∅-</i>	<i>/∅-kandambali/</i>	<i>kandambaáli</i>	“(par de) sandálias”
10	<i>diN-</i>	<i>/diN-ηande/</i>	<i>diηaânde</i>	“casas”
10A	<i>di-</i>	<i>/di-kiti/</i>	<i>dikiíti</i>	“cadeiras”
		<i>/di-kandambali/</i>	<i>dikandambaáli</i>	“(pares de) sandálias”
11	<i>lu-</i>	<i>/lu-kuni/</i>	<i>lúkúúni</i>	“pedaço de lenha”
10	<i>diN-</i>	<i>/diN-kuni/</i>	<i>díηúúni</i>	“lenha”
12	<i>ka-</i>	<i>/ka-pula/</i>	<i>kapuûla</i>	“faquinha”
13	<i>tu-</i>	<i>/tu-pula/</i>	<i>tupuûla</i>	“facão”
14	<i>u-</i>	<i>/u-panga/</i>	<i>upaânga</i>	“machete”
6	<i>ma-</i>	<i>/ma-panga/</i>	<i>mapaânga</i>	“machetes”
15	<i>ku-</i>	<i>/ku-jugwa/</i>	<i>kújúúgwa</i>	“requerer”
16	<i>pa-</i>	<i>/pa-kaja/</i>	<i>pakaâja</i>	“no lar”
17	<i>ku-</i>	<i>/ku-kaja/</i>	<i>kukaâja</i>	“para/do/no lar”
18	<i>mu-</i>	<i>/mu-kaja/</i>	<i>nkaâja</i>	“no acampamento”

FONTE: LEACH (2010. P. 202), ADAPTADO

O primeiro aspecto que vale ressaltar é que, em geral, uma classe nominal impar forma seu plural com a classe nominal par seguinte. Destarte, o

plural de um substantivo da classe nominal 1 será feito com o prefixo da classe 2; o plural de um substantivo da classe nominal 3 será feito com o prefixo da classe 4, e assim sucessivamente. Exceções a essa regra ficam por conta da classe nominal 11 que faz plural com a classe nominal 10, e a classe nominal 14 que faz plural com a classe nominal 6³⁵. Especula-se que no protobanto as classes nominais tiveram motivações semânticas que se perderam na evolução das línguas. No entanto, pode ser destacado que as classes 1 e 2 se referem majoritariamente a substantivos relacionados a seres humanos. As classes 12 e 13 se referem a diminutivos aumentativos, respectivamente. Já a classe 15 é destinada a infinitivos verbais e por fim, as classes 16, 17 e 18 se referem a diferentes tipos de locativos; locativo situacional, locativo direcional e locativo de interioridade³⁶, respectivamente.

³⁵ Liphola (2001, p. 18) também aponta a existência de substantivos da classe 14 que fazem plural com a classe 2 e de outros que não possuem forma plural.

³⁶ Ngunga (2014, p. 135-143) aponta que o prefixo de classe 16 {pa-} indica localização espacial situacional geral (como por cima, por baixo, ao redor, etc.) geralmente remete a áreas abertas. Quando usado para designar tempo, remete a um período aproximado. Já o prefixo de classe 17 {ku-} remete a localização direcional com ideia de movimento, quando usado para exprimir tempo, o evento é considerado como transitório. Por sua vez, o prefixo da classe 18 {mu-} expressa localização em um espaço fechado, limitado acarretando uma ideia de interioridade. Quando usado para exprimir tempo dá a ideia de precisão em que um estado de coisas ocorre. Ngunga considera os prefixos dos locativos como secundários, uma vez que eles se afixam a substantivos que já possuem outro prefixo nominal. Veja alguns exemplos em Shimakonde (LEACH, 2010. p. 243).

- a) /pa-shi-ima/ *pashiîma*
N16-N7-tanque “no/em/ao redor de o tanque d'água”
- b) /ku-shi-ima/ *kushiîma*
N17-N7-tanque “em/para o tanque d'água”
- c) /mu-shi-ima/ *nshiîma ~ mushiîma*
N18-N7-tanque “em/dentro de o tanque d'água”

Na tabela 9 abaixo (LEACH, 2010. p.203) estão representados os afixos de concordância adjetiva, concordância possessiva, concordância demonstrativa, concordância enumerativa, concordância de sujeito e concordância de objeto, respectivamente para cada classe nominal.

TABELA 9 - CONCORDÂNCIAS DESENCADADAS PELAS CLASSES NOMINAIS

C.N.	EXEMPLO	P.N.	C.A.	C.P.	C.D.	C.E.	S.	O. ³⁷
1	<i>Muúnu</i>	<i>mu</i>	<i>mu</i>	<i>(g)u</i>	<i>ju</i>	<i>ju</i>	<i>a</i>	<i>mu</i>
2	<i>Vaánu</i>	<i>va</i>	<i>va</i>	<i>va</i>	<i>va</i>	<i>va</i>	<i>va</i>	<i>va</i>
3	<i>Nnáandi</i>	<i>mu</i>	<i>u</i>	<i>u</i>	<i>u</i>	<i>u</i>	<i>u</i>	--
4	<i>Míláandi</i>	<i>mi</i>	<i>mi ~ vi</i>	<i>vi</i>	<i>vi</i>	<i>mi</i>	<i>vi</i>	--
5	<i>Liíí</i>	<i>li</i>	<i>li</i>	<i>li</i>	<i>li</i>	<i>li</i>	<i>li</i>	--
6	<i>Maáí</i>	<i>ma</i>	<i>ma</i>	<i>la ~ a</i>	<i>la ~ a</i>	<i>ma</i>	<i>la ~ a</i>	--
7	<i>Shítáali</i>	<i>shi</i>	<i>shi</i>	<i>shi</i>	<i>shi</i>	<i>shi</i>	<i>shi</i>	--
8	<i>Vítáali</i>	<i>vi</i>	<i>vi</i>	<i>vi</i>	<i>vi</i>	<i>vi</i>	<i>vi</i>	--
9	<i>Iṅaânde</i>	<i>iN</i>	<i>iN / i</i>	<i>i</i>	<i>i</i>	<i>i</i>	<i>i</i>	--
10	<i>Diṅaânde</i>	<i>diN</i>	<i>diN / di</i>	<i>di</i>	<i>di</i>	<i>N</i>	<i>di</i>	--
11	<i>Lúkúúni</i>	<i>lu</i>	<i>lu</i>	<i>lu</i>	<i>lu</i>	<i>lu</i>	<i>lu</i>	--
12	<i>Kapuûla</i>	<i>ka</i>	<i>ka</i>	<i>ka</i>	<i>ka</i>	<i>ka</i>	<i>ka</i>	--
13	<i>Tupuûla</i>	<i>tu</i>	<i>tu</i>	<i>tu</i>	<i>tu</i>	<i>tu</i>	<i>tu</i>	--
14	<i>Upaânga</i>	<i>u</i>	<i>u</i>	<i>u</i>	<i>u</i>	<i>u</i>	<i>u</i>	--
15	<i>Kújúúgwa</i>	<i>ku</i>	<i>ku</i>	<i>ku</i>	<i>ku</i>	<i>ku</i>	<i>ku</i>	--
16	<i>Pakaâja</i>	<i>pa</i>	<i>pa</i>	<i>pa</i>	<i>pa</i>	<i>pa</i>	<i>pa</i>	--
17	<i>Kukaâja</i>	<i>ku</i>	<i>ku</i>	<i>ku</i>	<i>ku</i>	<i>ku</i>	<i>ku</i>	--
18	<i>Nkaâja</i>	<i>mu</i>	<i>mu</i>	<i>mu</i>	<i>mu</i>	<i>mu</i>	<i>mu</i>	--

FONTE: ADAPTADO DE LEACH (2010. P. 203)

Note que os prefixos que engatilham os diferentes paradigmas de concordância nem sempre são idênticos ao prefixo de classe nominal afixado ao substantivo. Por exemplo, o prefixo {mu-} é o prefixo presente nos substantivos da classe nominal 3. Todavia, em todos os paradigmas apresentados na tabela

³⁷ As abreviaturas indicam: C.N. = Classe Nominal, P.N. = Prefixo Nominal, C.A. = Concordância Adjetiva, C.P. = Concordância Possessiva, C.D = Concordância Demonstrativa, C.E. Concordância Enumerativa, S. Concordância de Sujeito e O. = Concordância de Objeto.

acima, a concordância engatilhada por substantivos dessa classe é feita pelo prefixo {u-}. Veremos exemplos nas seções a seguir.

1.2.1.2. CONCORDÂNCIA ADJETIVA, POSSESSIVA, DEMONSTRATIVA E ENUMERATIVA

Assim como a concordância nominal, a concordância nos adjetivos, nos pronomes possessivos, nos pronomes demonstrativos e nos números 1, 2 e 3³⁸ também é regida pelos prefixos das classes nominais como foram dispostos na tabela 9. Os exemplos em (27), (28), (29) e (30) mostram, respectivamente, os paradigmas de concordância supracitados (LIPHOLA, 2001:25-32):

(27) CONCORDÂNCIA ADJETIVAL

<i>mú-nú</i>	<i>n-gúlúguuma</i>	<i>vá-nú</i>	<i>vá-mboône</i>
N1-pessoa	N1-redonda	N2-pessoa	N2-boa
“pessoa redonda”		“pessoas boas”	

(28) CONCORDÂNCIA POSSESSIVA

<i>mú-tí</i>	<i>w-áangu</i>	<i>mí-tí</i>	<i>vy-eêtu</i>
N3-cabeça	N3-POS1S	N4-cabeça	N4-POS1P
“minha cabeça”		“nossas cabeças”	

(29) CONCORDÂNCIA DEMONSTRATIVA

<i>lí-dódy</i>	<i>áá-lí</i>	<i>má-dódy</i>	<i>áá-la</i>
N5-perna	DEM-N5	N6-perna	DEM-N6
“essa perna”		“essas pernas”	

(30) CONCORDÂNCIA ENUMERATIVA

<i>shí-puûla</i>	<i>shí-mo</i>	<i>vi-puûla</i>	<i>vi-víli</i>	<i>vi-puûla</i>	<i>vi-taátu</i>
N7-faca	N7-um	N8-faca	N8-dois	N8-faca	N8-três
“uma faca”		“duas facas”		“três facas”	

³⁸ Os demais números na língua não estabelecem concordância com os prefixos nominais.

1.2.1.3. CONCORDÂNCIA DE SUJEITO

Além dos pronomes pessoais que estão distribuídos nas classes 1 e 2, as demais classes nominais engatilham concordância de sujeito no verbo por meio de prefixos. Seguem alguns exemplos retirados de Liphola (2001, p.22):

(31a) CLASSES NOMINAIS 3 E 4

<i>muu-ti</i> N3-cabeça “A cabeça tinha quebrado.”	<i>u-ndi-tumbukaang-a</i> SN3-PERF-quebrar-VF	<i>mii-ti</i> N4-cabeça “As cabeças tinham quebrado.”	<i>vi-ndi-tumbukaang-a</i> SN4-PERF-quebrar-VF
--	--	---	---

(31b) CLASSES NOMINAIS 7 E 8

<i>shi-puula</i> N7-faca “A faca tinha virado.”	<i>shi-ndi-pindikuuk-a</i> SN7-PERF-virar-VF	<i>vi-puula</i> N8-faca “As facas tinham virado.”	<i>vi-ndi-pindikuuk-a</i> SN8-PERF-virar-VF
---	---	---	--

1.2.1.4. CONCORDÂNCIA DE OBJETO

Diferentemente dos paradigmas de concordância que vimos até o momento, os quais são engatilhados por todos os prefixos das classes nominais, a concordância de objeto é engatilhada apenas pelos pronomes pessoais e pelos prefixos das classes nominais 1 e 2. Além de todos os substantivos da classe nominal 1 e seus respectivos plurais da classe nominal 2 (sejam animados ou não animados), os substantivos animados e definidos de outras classes nominais singulares engatilham concordância de objeto por intermédio do prefixo de concordância da classe nominal 1. Trata-se, portanto de uma marcação diferencial de objeto. Os exemplos em (32) e (33), retirados de Ngunga, Duarte

& Camargos (2016. p. 339-340), mostram sentenças com objetos diretos compostos de substantivos animados de diferentes classes nominais.

(32) SUBSTANTIVOS ANIMADOS DAS CLASSES NOMINAIS 1 E 2

(32a) *Nangu ni-ndi-n-kody-a* *mu-nu* *n'-n-g'ande*
 Eu S1S-PERF-ON1-encontrar-VF N1-pessoa N18-N9-casa
 “Eu encontrei a pessoa dentro de casa.”

(32b) *Nangu ni-ndi-va-kody-a* *va-nu* *n'-n-g'ande*
 Eu S1S-PERF-ON2-encontrar-VF N2-pessoa N18-N9-casa
 “Eu encontrei a pessoa dentro de casa.”

(33) SUBSTANTIVOS ANIMADOS DE OUTRAS CLASSES SINGULARES

(33a) *Nangu* *ni-ndi-n-nivat-a* *li-puluputu*
 Eu S1S-PERF-ON1-pisar-VF N5-borboleta
 “Eu pisei na borboleta (definido).”

(33b) *Nangu* *ni-ndi-n-kang'an-a* *shi-boko*
 Eu S1S-PERF-ON1-cutucar-VF N7-hipopótamo
na *u-panga*
 com N14.machete
 “Eu cutuquei o hipopótamo (definido) com a machete.”

(33c) *Nangu* *ni-ndi-n'-gang'ol-a* *mbud*
 Eu S1S-PERF-ON1-empurrar-VF N9.cabrito
 “Eu empurrei o cabrito (definido).”

Os exemplos em (32) mostram que as classes nominais 1 e 2 engatilham concordância de objeto. Em (33) verifica-se que os substantivos animados e definidos de outras classes nominais engatilham concordância de objeto por intermédio do prefixo nominal da classe 1. Nos exemplos em (33), é pressuposto que os objetos já foram dados no discurso e estão sendo retomados. A ausência de marcação de objeto nestes casos acarreta uma leitura de

indefinitude.³⁹ Por outro lado, os objetos inanimados de classes 1 e 2 sempre engatilham concordância de objeto, conforme exemplos em (34) a seguir (LEACH, 2010, p.205), enquanto objetos inanimados de outras classes nunca engatilham concordância, conforme exemplos em (35) a seguir (NGUNGA, DUARTE & CAMARGOS, 2016. p. 340):

(34) SUBSTANTIVOS INANIMADOS DAS CLASSES NOMINAIS 1 E 2

(34a) *va-nkú-n-jalaáng-a* \emptyset -*nangatoômwa*
 SN2-PROG-ON1-jogar-VF N1-borla
 “Eles estão jogando borla.”

(34b) *va-nku-vá-jalaáng-a* *vá-nángátóomwa*
 SN2-PROG-ON2-jogar-VF N2-borla
 “Eles estão jogando borlas.”

(35) SUBSTANTIVOS INANIMADOS DE OUTRAS CLASSES SINGULARES

(35a) *ngw-on-ile* *li-janga* ~ **ngu-li-on-ile*
 S1S-ver-PERF n5-pedra ~ S1S-ON5-ver-PERF
 “Eu vi uma pedra.” ~ “Eu vi a pedra.”

(35b) *ni-ndy-on-a* *shi-jiko* ~ **ni-ndy-shi-on-a*
 S1S-PERF-ver-VF N7-colher ~ S1S-PERF-ON7-ver-VF
 “Eu vi uma colher.” ~ “Eu vi a colher.”

1.2.2. MORFOLOGIA VERBAL

1.2.2.1. ESTRUTURA VERBAL

A tabela 10 a seguir, adaptado de Leach (2010. p. 86-98), representa a

³⁹ Substantivos da classe nominal 9 podem migrar para a classe nominal 1, assim como seus respectivos pares da classe nominal 10 podem se realizar na classe nominal 2. Tome, por exemplo, o substantivo ‘cabrito’ que pode se realizar como *i-mbúúdi* ou *mbúúdi*. Seu plural pode ser realizado como *dí-mbúúdi* ou *vá-mbúúdi* respectivamente (LEACH, 2010, p.223).

ordem em que ocorrem os morfemas na estrutura verbal do Shimakonde, seguindo a descrição de Meeussen (1967) sobre as línguas Bantu.

TABELA 10: ESTRUTURA VERBAL DO SHIMAKONDE

CAMPO FLEXIONAL				TRONCO MACRO			
				TRONCO FLEXIONAL			
PRÉ I. ⁴⁰	S.	PÓS I	M.T.A.	O.	RAIZ	EXT(S)	FORM.
...	<i>tu-</i>	...	<i>-ndi-</i>	<i>-va-</i>	<i>-tukut-</i>	...	<i>-a</i>
	1P		PERF	N2	CORRER		V.F.
<i>tundivatukuuta</i> “Nós corremos deles.”							
...	<i>tu-</i>	<i>-va-</i>	<i>-tukut-</i>	...	<i>-ile</i>
	1P			N2	CORRER		PERF
<i>tuvatukutile</i> “Nós corremos deles.”							
<i>a-</i>	<i>tu-</i>	<i>-va-</i>	<i>-tukut-</i>	...	<i>-ile</i>
NEG	1P			N2	CORRER		PERF
<i>atuvatukutile</i> “Nós não corremos deles.”							
<i>mwá-</i>	<i>tú-</i>	...	<i>shí-</i>	...	<i>Tángál</i>	<i>-él</i>	<i>-a</i>
N1CX	1P		IMP		FALAR	AP	V.F.
<i>mwátúshítángálééla</i> “O modo pelo qual estamos falando.”							
...	<i>vá-</i>	<i>Ká</i>	<i>-twaal-</i>	...	<i>-a</i>
	N2	NEG			PEGAR		V.F.
<i>vákátwaala</i> “Eles não vão pegar.”							

FORNTE: ADAPTADO DE LEACH (2010. P.86)

A lacuna pré-inicial é ocupada pelo morfema negativo primário ou pelo conectivo de ligação que são empregados em orações adverbiais e relativas. A lacuna de concordância de sujeito é de fato considerada a lacuna inicial do campo flexional do verbo. A lacuna pós-inicial é geralmente ocupada pela partícula *-{ka-}* usada para expressar o negativo secundário na língua,

⁴⁰ As abreviaturas na referida tabela representam: *Pré I.*: lacuna pré-inicial, *C.S.*: prefixo de concordância de sujeito, *Pós I.*: lacuna pós-inicial, *M.T.A.*: morfema de tempo e aspecto, *C.O.*: concordância de objeto, *Raiz*: raiz verbal, *Ext.*: extensões verbais e *Form.*: Formativo.

condicional, potencial e distal. A última lacuna do campo flexional se refere à marcação de tempo e aspecto. O tronco macro constitui os demais elementos da estrutura verbal como os paradigmas de concordância de objeto, a raiz verbal, a(s) extensão(ões) verbal(is) e o formativo que pode ser ocupado pela vogal final {-a} (que indica modo indicativo), pela vogal final {-e} (que em geral indica modo subjuntivo) e pelo perfectivo {-ile} (que pode se reduzir para a vogal final {-e}).

1.2.2.2. MORFEMAS DE TEMPO E ASPECTO

Leach (2010. p. 101) lista 6 afixos que ocupam a lacuna de marcação de tempo e aspecto: {-ndi-}, {-nda-}, {-nku-}, {-na-}, {-shinda-} e {-shi-}. Dentre estes afixos, dois tipos são diferenciados pelo autor; afixos neutros e afixos não neutros:

1.2.2.2.1. AFIXOS NEUTROS

Os afixos neutros são vinculados a estruturas consideradas básicas dos verbos. Estas estruturas verbais podem se manter por si mesmas dentro de uma única frase fonológica e possuem uma estrutura simples composta de prefixo do sujeito, prefixo de tempo-aspecto, que não seja nem composto nem um morfema reduzido, e um radical verbal com o sufixo neutro {-a}. Dois morfemas, responsáveis por quatro tempos verbais, se enquadram nesta descrição: {-ndi-} e {-nda-}.

Os tempos verbais derivados pelo prefixo *-ndi-* apresentam aspecto perfectivo. Eles codificam o passado remoto (conferir (36a)) e passado recente na língua (conferir (36b)). Por sua vez, os tempos verbais derivados do prefixo *-nda-* apresentam aspecto imperfeito. Eles codificam presente (conferir (37a)) e futuro (conferir (37b)). A distinção entre os dois tempos marcados pelo prefixo *-ndi-*, assim como os dois tempos marcados pelo prefixo *-nda-* é efetuada pela configuração tonal. Os exemplos abaixo são de Leach (2010. p. 102):

(36) *Prefixo de tempo e aspecto neutro -ndi-*

(36a) *vá-ndí-tukúút-a* ↔ *vá-ní-tukúút-a*
 SN2-PERF-correr-VF → “Eles correram.”

(36b) *va-ndi-túkuút-a* ↔ *va-ni-túkuút-a*
 SN2-PERF-correr-VF → “Eles tem corrido.”

(37) *Prefixo de tempo e aspecto neutro -nda-*

(37a) *vá-ndá-tukúút-a* ↔ *vá-ná-tukúút-a*
 SN2-PRES-correr-VF → “Eles correm.”

(37b) *va-nda-túkuút-a* ↔ *va-na-túkuút-a*
 SN2-FUT-correr-VF → “Eles correrão.”

Como apontam os exemplos acima, os afixos *-ndi-* e *-nda-* podem ser reduzidos para *-ni-* e *-na-* respectivamente. Essa redução geralmente é opcional. Todavia, a redução se tornará obrigatória nos contextos em que estes morfemas aparecerem seguidos por um prefixo reduzido para nasal ou pelo prefixo *ngu-* como nos exemplos a seguir Leach (2010. p. 103):.

(38a)	<i>va-ni-n-tukuút-a</i> SN2-PERF-ON1-correr-VF	↔ →	<i>*va-ndí-n-tukuút-a</i> “Eles tem corrido dele.”
(38b)	<i>va-ni-ngú-tukuút-a</i> SN2-PERF-O1S-correr-VF	↔ →	<i>*va-ndi-ngú-tukuút-a</i> “Eles tem corrido de mim.”
(38c)	<i>vá-ná-n-tukuút-a</i> SN2-PRES-ON1-correr-VF	↔ →	<i>*vá-ndá-n-tukuút-a</i> “Eles correm dele.”
(38d)	<i>va-na-ngú-túkuút-a</i> SN2-FUT-O1S-correr-VF	↔ →	<i>*va-nda-ngú-tukuút-a</i> “Eles correrão de mim.”

1.2.2.2.2. AFIOS NÃO NEUTROS

Os afixos não neutros são formas derivadas. Eles se estruturam pela composição ou redução de outras formas. Os afixos *nku-*, *na-*, *shinda-* e *shi-* são exemplos dessa classe.

(39a)	<i>va-nku-túkuút-a</i> SN2-PROG-correr-VF	→	“Eles estão correndo.”
(39b)	<i>a-va-na-tukuút-a</i> NEG-SN2-PRES-correr-VF	→	“Eles não correm.”
(39c)	<i>vá-shíndá-tukuút-a</i> SN2-IMP-correr-VF	↔ →	<i>vá-shíná-tukuút-a</i> “Eles estavam correndo.”
(39d)	<i>a-va-shi-tukuút-a</i> NEG-SN2-IMP-correr-VF	→	“Eles não estavam correndo.”

Combinações destes seis afixos descritos, além de outros afixos nas posições pré-inicial e pós-inicial e de diferentes composições tonais são responsáveis pelos 45 tempos verbais encontrados na língua (23 positivos e 22 negativos). Como veremos adiante, os radicais verbais na língua não

apresentam um padrão tonal próprio, de forma que os tempos verbais definem a atribuição tonal em todo complexo verbal. Os tempos verbais serão apresentados mais adiante no capítulo sobre processos tonais.⁴¹

1.2.2.3. EXTENSÕES VERBAIS

As extensões verbais em geral têm a função de ampliar o sentido expresso pelo verbo. Elas podem adicionar ou reduzir argumentos à valência verbal. No Shimakonde, até quatro extensões podem vir adicionadas ao verbo concomitantemente, como mostra Leach (2010. p. 108) nos exemplos abaixo:

- | | | | |
|-------|--------------------------------|---|--------------------------|
| (40) | <i>/kú-lúm-al</i> | → | <i>kúlúúma</i> |
| | N15-morder-VF | → | “morder” |
| (40a) | <i>/kú-lúm-úl-al</i> | → | <i>kúlúmúúla</i> |
| | N15-morder-SEP-VF | → | “cortar” |
| (40b) | <i>/kú-lúm-úl-áng-al</i> | → | <i>kúlúmúláánga</i> |
| | N15-morder-SEP-PLUR-VF | → | “cortar em pedaços” |
| (40c) | <i>/kú-lúm-úl-áng-íl-al</i> | → | <i>kúlúmúlángíla</i> |
| | N15-morder-SEP-PLU-AP-VF | → | “cortar em pedaços para” |
| (40d) | <i>/kú-lúm-úl-áng-íl-i-al</i> | → | <i>kúlúmúlángiidya</i> |
| | N15-morder-SEP-PLUR-AP-CAUS-VF | → | “cortar inadequadamente” |

⁴¹ Conferir Liphola (2001:35-39) para uma descrição completa dos tempos verbais, e Leach (2010:139-156) para uma discussão sobre as prováveis etapas de derivação dos diferentes tempos verbais em Shimakonde. Como referido na introdução desta tese, não é intenção dessa tese propor uma discussão mais ampla sobre as noções de tempo, aspecto e modo no Shimakonde ou nas línguas Bantu. Assumimos as propostas dos referidos trabalhos.

1.2.2.3.1. EXTENSÕES CAUSATIVAS (-I-, -ISHI-)

Extensões causativas em geral acrescentam um argumento à estrutura verbal. Adicionam um evento de causação, conforme exemplos em (41) ou de intensidade que pode ser feita com o redobro do causativo, conforme exemplos em (42).

- | | | | |
|-------|-------------------------|---|------------------------------|
| (41a) | <i>/kú-lál-i-a/</i> | → | <i>kúláádyá</i> |
| | N15-deitar-CAUS-VF | → | “fazer deitar” |
| (41b) | <i>/kú-wén-i-a/</i> | → | <i>kúwéenyá</i> |
| | N15-viajar-CAUS-VF | → | “causar viajar” |
| (42a) | <i>/kú-lál-i-i-a/</i> | → | <i>kúláliiya</i> |
| | N15-deitar-CAUS-CAUS-VF | → | “fazer dormir profundamente” |
| (42b) | <i>/kú-wén-i-i-a/</i> | → | <i>kúwáneeya</i> |
| | N15-viajar-CAUS-CAUS-VF | → | “causar viajar para longe” |

Note em (42a) que a forma com redobro de causativo não ocasiona o endurecimento da consoante /l/.

A extensão causativa ainda pode aparecer como {-idy-} ou {-edy-} em verbos que já tiveram uma extensão causativa lexicalizada na sua raiz.

- | | | | |
|-------|--------------------------------|---|----------------------------|
| (43a) | <i>/kú-p(y)-i-a/</i> | → | <i>kúpyeedyá</i> |
| | N15-queimar(CAUS)-CAUS-VF | → | “fazer queimar” |
| (43b) | <i>/kú-p(y)-i-i-a/</i> | → | <i>kúpyeeya</i> |
| | N15-queimar(CAUS)-CAUS-CAUS-VF | → | “fazer queimar totalmente” |
| (43c) | <i>/kú-púndí(sh)-i-a/</i> | → | <i>kúpúndíshiidyá</i> |
| | N15-ensinar(CAUS)-CAUS-VF | → | “causar ensinar” |

Por fim, em (44) temos um exemplo com o alomorfe {-ishi-} (LEACH, 2010. p. 114-116):

- (44) *lkú-lí-ishi-al* → *kúliisha*
 N15-comer-CAUS-VF → “fazer comer, alimentar”

1.2.2.3.2. EXTENSÕES PASSIVAS (-IGU-, -U-)

A forma passiva {-u-}, mais próxima do protobanto, é uma forma lexicalizada no Shimakonde (conferir (45a-b)). No entanto, a forma {-igu-} é bastante produtiva na língua (Conferir (46a-b)) (LEACH, 2010. p. 119-120):

- (45a) *lku-ámbal(w)-al* → *kwáámbaalwa*
 N15-girar(PAS)-VF → “estar bêbado”

- (45b) *lkú-shím(w)-al* → *kúshímwa*
 N15-fechar(PAS)-VF → “estar zangado”

- (46a) *lkú-pút-igu-al* → *kúpútigwa*
 N15-acertar-PAS-VF → “ser acertado”

- (46b) *lkú-shém-igu-al* → *kúshámegwa*
 N15-chamar-PAS-VF → “ser chamado”

1.2.2.3.3. EXTENSÃO APLICATIVA (-IL-)

A extensão applicativa {-il-} pode dar um sentido benefactivo (47a), instrumental (47b), comitativo (47c), ou sentido direcional (47d) dependendo do contexto (LEACH, 2010. p. 121-122):

- (47a) *kú-vá-dáng-éél-a* → *íjáande*
 N15-ON2-construir-AP-VF → N9.casa
 “construir casa para eles”

- (47b) *kú-dáng-éél-a* *mákángóolo*
 N15-construir-APL-VF N6.polo
 “construir por meio de polos”
- (47c) *kú-ly-éél-a* *ugwaáli*
 N15-comer-APL-VF N3.shima
 “comer (carne) com angu”
- (47d) *kú-lím-íl-a* *dínjéele*
 N15-cultivar-APL-VF N10.milho
 “eliminar os milhos”

1.2.2.3.4. EXTENSÃO ESTATIVA (-IK-)

A extensão estativa dá um sentido de estado final ao evento. Os exemplos abaixo são de Leach (2010, p. 121):

- (48a) *lkú-pánd-ik-al* → *kúpándííka*
 N15-plantar-EST-VF → “estar plantado”
- (48b) *lkú-téma-ik-al* → *kútámeka*
 N15-quebrar-EST-VF → “estar quebrado”

1.2.2.3.5. EXTENSÃO SEPARATIVA (-UL-)

A extensão separativa é comumente chamada de extensão reversiva. Em muitos casos é usada para exprimir um sentido contrário ao evento denotado pelo verbo. (LEACH, 2010, p. 122):

- (49a) *kú-shím-úúl-a*
 N15-fechar-SEP-VF → “abrir”
- (49b) *kú-úng-úúl-a*
 N15-trancar-SEP-VF → “destrancar”
- (49c) *kú-lúm-úúl-a*
 N15-morder-SEP-VF → “cortar”

1.2.2.3.6. EXTENSÃO ESTATIVA-SEPARATIVA (-UK-)

A extensão estativa-separativa dá um sentido estativo às construções separativas por meio da substituição da extensão separativa *-ul-* pela estativo-separativa *{-uk-}*. Esta extensão também é usada em raízes verbais terminadas em /ol/ e /ul/. (LEACH, 2010. p. 123):

(50a) *kú-shím-úúk-a*
N15-fechar-ESTS-VF → “estar aberto”

(50b) *kú-úng-úúk-a*
N15-trancar-ESTS-VF → “estar destrancado”

1.2.2.3.7. EXTENSÃO RECÍPROCA (-AN-)

A extensão recíproca acarreta ideia de reciprocidade entre argumentos.

Os exemplos abaixo são de Leach (2010. p. 123-124):

(51a) */kú-ón-án-a/* → *kwáánáána*
N15-ver-REC-VF → “ver um ao outro”

(51b) */kú-kód(y)-an-a/* → *kúkódyaana / kúkódyaanya*
N15-encontrar-REC-VF → “encontrar um ao outro”

(51c) */ku-íg(w)-an-a/* → *kuígwaana / kuígwanya*
N15-ouvir-REC-VF → “concordar um com o outro”

Note que os exemplos (51b) e (51c) são de raízes verbais terminadas em glide, a extensão recíproca pode ser opcionalmente realizada com um glide /y/ final.

1.2.2.3.8. EXTENSÃO PLURACIONAL (-ANG-)

A extensão pluracional é usada para designar uma grande quantidade de sujeitos e/ou objetos, ou ações repetitivas ou intensificadas (conferir 52a-c). Além de formas produtivas com a extensão pluracional, também existem formas lexicalizadas (conferir (52d)) (LEACH, 2010. p. 126-127):

- (52a) *ni-ndi-túkút-aáng-a*
1S-PERF-correr-PLU-VF → “eu corri repetidamente”
- (52b) *tu-takatuk-aáng-e*
1P-levantar-PLU-VF → “nós devemos todos levantar”
- (52c) *kw-áánál-ááng-a*
N15-limpar-PLU-VF → “limpar completamente”
- (52d) *kú-dídím-ááng-a*
N15-ser frio-PLU-VF → “estar fraco”

1.3. RESUMO DO CAPÍTULO

Na primeira parte do capítulo faço uma descrição dos principais processos fonológicos da língua Shimakonde. Dentre os processos vocálicos, descrevo o processo de alongamento de penúltima sílaba e o processo de alongamento compensatório. Enquanto o primeiro é um processo pós-lexical que acrescenta uma mora extra para a sílaba, o último é um processo lexical que mantém o valor moráico da sílaba e ocorre sempre antes da penúltima sílaba. Os encontros vocálicos possíveis na língua são apresentados e os processos

decorrentes destes encontros como a coalescência vocálica, formação de glide, fusão de vogais idênticas, fusão com apagamento de traço são discutidos. Encerro a parte sobre vogais com os processos lexicais que ocorrem em sílabas anteriores à penúltima sílaba, como a harmonia vocálica e a assimilação vocálica. Em relação às consoantes, apresento os processos resultantes dos encontros consonantais de nasais derivadas de redução de prefixos com as demais consoantes da língua e mostro como a nasal afeta e é afetada pela consoante adjacente dependendo das características articulatórias da mesma, como a assimilação nasal, a nasalização de consoante, o endurecimento de consoante, etc.

Já na segunda parte do capítulo foram apresentadas as classes nominais em que são distribuídos os substantivos da língua Shimakonde. Além disso, apresento os paradigmas de concordância engatilhados por essas classes nominais. Discorro sobre a estrutura do verbo apresentando seus morfemas característicos. Por fim, aponto os distintos afixos de tempo e aspecto e extensões verbais existentes na língua.

Capítulo 2 - Processos tonais do Shimakonde

O Shimakonde é uma língua que possui comportamento tonal previsível. Isto é, diferentemente de outras línguas que apresentam distinção arbitrária de tom lexical em verbos e nomes, a atribuição de tom na língua obedece a certos padrões. Em geral, os tons nos radicais verbais⁴² e nos prefixos de concordância são regidos pelas marcas de tempo e aspecto verbal. Ou seja, o tom de superfície é influenciado pela interação entre os tons subjacentes do morfema aspecto-temporal com os demais afixos flexionais presentes na estrutura verbal que afetam diretamente a atribuição de tom no complexo verbal. Convém esclarecer que por si só o radical verbal não apresenta um padrão tonal próprio.

⁴²Aqui se considera radical verbal o conjunto que apresenta a raiz verbal, possíveis extensões verbais e formativos finais que podem se tratar da vogal final ou do perfectivo final {-ile} e suas variações. Chamaremos de prefixos todos os afixos que ocorrerem antes do radical verbal, como o afixo de negação, os afixos de concordância de sujeito, os afixos de tempo e aspecto e de concordância de objeto.

Além disso, os tons de contorno da língua são sempre assinalados na penúltima sílaba dos itens lexicais. Tons de contorno são tons geralmente de alturas diferentes que se comportam como um único segmento, mas que geralmente mantêm uma transição interna. Nos verbos, estes tons de contorno também são atribuídos ao radical por influência do tempo e aspecto verbal. Vejamos os seis diferentes tons de contorno atestados na língua, especificados na tabela a seguir.

TABELA 11: TONS DE CONTORNO

TOM DE CONTORNO	NOMES	VERBOS
Baixo nivelado (μμ) (level low)	<i>Myuuku</i> “bolsos”	<i>Avapimaniila</i> “eles não medirão por cada um”
Alto nivelado (ύύ) (level high)	<i>Lyúúku</i> “tipo de cesta”	<i>Vakanapimaníila</i> “se não medirem para cada um”
Crescente (μύ) (rising)	<i>Lyuúngu</i> “tipo de erva”	<i>Vandipímáníila</i> “eles se levantaram”
Crescente-Decrescente (μû) (rise-fall) ⁴³	<i>Lyuûngu</i> “lagarta”	<i>Vakapimaniila</i> “se eles medirem para cada um”
Decrescente (ύμ) (falling)	<i>Lyúungu</i> “abóbora”	<i>Pávápúima</i> “quando eles estão medindo”
Decrescente-crescente (ûμ) (fall-rise)		<i>Vandôóka</i> “eles irão”

FONTE: LIPHOLA (2001) E LEACH (2010) ADAPTADO.

Em relação aos verbos do Shimakonde, Liphola (2001, p. 202-203) argumenta que existem apenas quatro formas fonologicamente distintas e sistemáticas de atribuição de tom de contorno regidas pelos tempos verbais:

⁴³ O Tom decrescente (ύμ) só pode ocorrer em radicais dissilábicos em processos tonais distintos: Ou pela transposição de tom alto para a primeira mora da penúltima sílaba a partir de um prefixo de tempo ou pela atribuição deste tom alto à penúltima sílaba devido à regra independente de inserção de tom alto no início do radical. Conferir os exemplos (6b-c) e (28b) e discussão posterior, respectivamente.

Baixo nivelado ($\mu\mu$), alto nivelado ($\acute{\mu}\acute{\mu}$), crescente ($\mu\acute{\mu}$) e crescente-decrescente ($\mu\grave{\mu}$)⁴⁴. O tom decrescente ($\acute{\mu}\mu$) depende de regras específicas para ocorrer e nunca é atribuído regularmente à penúltima sílaba em radicais verbais. Já o tom decrescente-crescente ($\acute{\mu}\acute{\mu}$) ocorre apenas quando há redução de mora em encontros subjacentes trivocálicos como em *vandôóka* a partir de /*vandá-uúka*/.⁴⁵ Mais adiante, veremos que a maioria dos tempos verbais apresentam regras específicas de atribuição de tom alto tanto ao início do radical verbal quanto à penúltima sílaba. Por fim, os tons dos radicais verbais podem ser modificados por uma série de regras de alteração tonal, como a transposição de tom (tone shift), a duplicação de tom (tone doubling) e o espraiamento de tom (tone spreading)

O capítulo se subdivide em seis seções: Na seção 2.1., abordo o processo de transposição tonal; já na seção 2.2., o processo de duplicação tonal é retratado. O espraiamento ilimitado de tom dentro do mesmo radical é

⁴⁴ Leach (2010) reconhece apenas as três primeiras na variante que descreve, de tal sorte que o tom de contorno crescente-decrescente só ocorreria em situações específicas que serão descritas mais adiante.

⁴⁵ Note que a primeira sílaba do radical verbal recebe o alongamento pós-lexical de penúltima sílaba. O tom de contorno dessa sílaba é determinado pelo tempo verbal disjuntivo futuro {-*ndá*-}, que atribui regularmente tom crescente ($\mu\acute{\mu}$) para a penúltima sílaba em todos os casos, como veremos mais adiante. Existe restrição na língua para sílabas trimoráicas na penúltima sílaba (LEACH, 2010 p.331), com isso ocorre fusão entre a vogal do prefixo {-*ndá*-} com a primeira vogal do radical verbal *uúka* em uma única vogal. O tom subjacente alto do prefixo de tempo e o tom subjacente baixo do radical verbal se realizam como tom decrescente ($\grave{\mu}$) na mora resultante. Por fim, se dá o processo de coalescência vocálica que faz com que o encontro vocálico subjacente entre vogal baixa e vogal alta /a-u/ se realize como vogal média /o/.

explicitado na seção 2.3. Já o espriamento entre radical verbal e complemento, padrão próprio apenas dos tempos conjuntivos é abordado na seção 2.4. Na seção 2.5., os processos de atribuição de tons de contorno são explicitados. Finalmente, na seção 2.6., é feito um sumário do capítulo.

2.1. TRANSPOSIÇÃO DE TOM

Como é comum na tonologia Bantu, o Shimakonde apresenta mobilidade tonal. O processo de transposição de tom alto dá-se pela transferência de um tom alto de um prefixo para outro ou do prefixo para o radical verbal. Para que este processo ocorra é necessário que tanto a sílaba anterior ao prefixo que terá seu tom alto transposto como a sílaba que será alvo da transposição não tenha tom alto de superfície. Vejamos abaixo como o processo da transposição de tom alto foi esquematizado por Liphola (2001, p. 226-227, adaptado) e a seguir discutiremos alguns exemplos:

(1a) TRANSPOSIÇÃO DE TOM DE PREFIXOS ASPECTO-TEMPORAIS PARA RAIZ VERBAL:

Transposição:	E.G.:	
B A	B A B	
≠ \	/va-ndi-taléka/	→
[P] [TA] [RV]	S3P-TA-cozinhar-VF	va-ndi-táleék-a
		Eles cozinham ⁴⁶

⁴⁶ Aqui ‘A’ se refere a tom alto e ‘B’ se refere a tom baixo, quando o tom não estiver especificado, ele será baixo. As demais abreviaturas: [p] = prefixo, [ps] = prefixo de sujeito [po] = prefixo de objeto, [rv] = radical verbal e [ta] prefixo de tempo e aspecto .

(1b) TRANSPOSIÇÃO DE TOM DE PREFIXOS ASPECTO-TEMPORAIS PARA PREFIXO DE OBJETO:

Transposição:		E.G.:	
B	A	B A B	B B A
	≠ \	/va-ndá-tu-pim-íla/	→ va-nda-tú-pim-íil-a
[P][TA]	[PO]	S3P-TA-O1P-medir-AP-VF	Eles medirão por nós

Vejamos este processo a partir dos exemplos a seguir (adaptados de LIPHOLA, 2001, p.231): As formas de superfície se encontram representadas à esquerda e as prováveis formas subjacentes se encontram à direita entre parênteses angulares (//):

- | | | |
|------|---|--|
| (2a) | <i>vandilómbaána</i>
“Eles se casaram.” | <i>/va-ndí-lomb-án-a/</i>
S3P-PERF-casar-REC-VF |
| (2b) | <i>vandílómba</i>
“Eles casaram.” | <i>/va-ndí-lómb-a/</i>
S3P-PERF-casar-VF |
| (3a) | <i>vandapímaána</i>
“Eles medirão para cada um.” | <i>/va-ndá-pim-án-a/</i>
S3P-PERF-medir-REC-VF |
| (3b) | <i>vandápiíma</i>
“Eles medirão.” | <i>/va-ndá-pím-a/</i>
S3P-PERF-medirr-VF |
| (4a) | <i>avapítiíle</i>
“Eles não passaram.” | <i>/a-vá-pit-íle/</i>
NEG-S3P-passar-PERF |
| (4b) | <i>aváliíle</i>
“Eles não comeram.” | <i>/a-vá-l-íle/</i>
NEG-S3P-comer-PERF |
| (5a) | <i>vanditúpaáta</i>
“Eles nos pegaram.” | <i>/va-ndí-tu-pát-a/</i>
S3P-PERF-O1P-pegar-VF |
| (5b) | <i>vandípaáta</i>
“Eles pegaram.” | <i>/va-ndí-pát-a/</i>
S3P-PERF-pegar-VF |

Os exemplos em (2a e 3a) mostram a transposição do tom do prefixo aspecto-temporal para o radical verbal. Já o exemplo em (4a) mostra a transposição do tom alto do prefixo de sujeito para o radical verbal. Por fim, o exemplo em (5a) mostra a transposição do tom alto do prefixo de tempo para o prefixo de objeto. Em todos os exemplos em (b), a transposição de tom de sua posição original não é possível por haver um tom alto atribuído à sílaba adjacente (penúltima sílaba).

Neste ponto se torna conveniente frisar mais uma vez que os tons de contorno ocorrem necessariamente na penúltima sílaba do radical. Desta forma, nos exemplos (1b-4b) a penúltima sílaba também é a primeira sílaba do radical verbal que é dissilábico, já os dados em (a) são de radicais trissilábicos (1a-3a), ou existe um prefixo de objeto interveniente entre o prefixo de tempo e o radical verbal (4a). Portanto, em todos os exemplos em (a), existe uma mora com tom baixo de superfície na antepenúltima sílaba do complexo verbal. Essa mora se mostra disponível para atender as condições de transposição tonal a partir do prefixo de tempo e aspecto ou de concordância de sujeito, como se vê pelas representações subjacentes.

A transposição tonal para uma mora da penúltima sílaba só é possível se o tom de contorno da mesma for baixo nivelado ($\mu\mu$). Como mostram os exemplos (6b-6c) a seguir (LIPHOLA, 2001, p. 211, 229, adaptado).

- | | | |
|------|---|---|
| (6a) | <i>vandiválekwa</i>
“Eles nasceram.” | <i>/va-ndí-valeku-a/</i>
S3P-PERF-ser nascido-VF |
| (6b) | <i>vandiléegwa</i>
“Eles estão bêbados.” | <i>/va-ndí-legu-a/</i>
S3P-PERF-estar bêbado-VF |
| (6c) | <i>vandiléeya</i>
“Eles proibiram.” | <i>/va-ndí-lei-a/</i>
S3P-PERF-proibir-VF |

Radicais terminados em glide bloqueiam sistematicamente a atribuição de tom alto na penúltima sílaba em qualquer tempo verbal (LIPHOLA, 2001, p. 212), conforme pode ser visto pelo dado em (6a), um radical trissilábico em que a transposição tonal recai na antepenúltima sílaba. Pelos dados dos radicais dissilábicos em (6b-c), vemos que é possível haver transposição de tom para a penúltima sílaba desde que ela tenha o tom subjacente baixo nivelado ($\mu\mu$), resultando no tom de superfície decrescente ($\acute{\mu}\mu$).

Nas situações em que um prefixo de concordância de sujeito é seguido por um prefixo de concordância de objeto, como ocorre em certos tempos verbais, o tom alto poderá ser transposto duas vezes e incidir na sílaba inicial do radical verbal imediatamente posterior ao prefixo de objeto, desde que nem a sílaba do prefixo de objeto e nem a sílaba inicial do radical possuam tom alto de superfície, veja a formalização adaptada de Liphola (2001, p. 233) abaixo:

(7) TRANSPOSIÇÃO DE TOM DE PREFIXOS DE SUJEITO SEGUIDOS DE PREFIXOS DE OBJETO:

Transposição:		E.G.:	
B	A	B A B B	B B B A
	≠ \	/a-vá-tu-lod-íle/	→ a-va-tu-lód-íil
[P][PS][PO][RV]		NEG-S3P-O1P-olhar-TA	eles não nos olharam

O exemplo (8a) a seguir (LIPHOLA, 2001, p. 235) ilustra detalhadamente o processo:

- | | | |
|------|--|--|
| (8a) | <i>avatupímiile</i>
“Eles não nos mediram.” | <i>/a-vá-tu-pim-íle/</i>
NEG-S3P-O1P-medir-PERF |
| (8b) | <i>avatúliile</i>
“Eles não nos comeram.” | <i>/a-vá-tu-l-íle/</i>
NEG-S3P-O1P-comer-PERF |
| (8c) | <i>aváliile</i>
“Eles não comeram.” | <i>/a-vá-l-íle/</i>
NEG-S3P-comer-PERF |

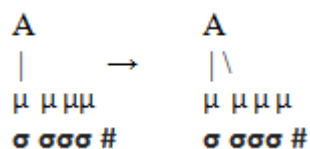
Em (8a) o tom alto é transposto para o prefixo de objeto e logo depois transposto para a mora inicial do radical. Já em (8b) a transposição de tom do prefixo de sujeito não pode ir além do prefixo de objeto, pois existe um tom alto na primeira sílaba do radical verbal (penúltima sílaba) que bloqueia a transposição do tom para além do prefixo de objeto. Por fim, em (8c), o tom alto subjacente do prefixo de sujeito se manifesta na superfície, uma vez que a transposição para a raiz verbal é bloqueada pelo tom alto na sílaba seguinte.

2.2. DUPLICAÇÃO DE TOM

Em geral, um tom alto associado a uma mora pode também ser atribuído à(s) mora(s) seguinte(s). Quando este processo afetar apenas a próxima mora, ocorre o processo chamado de duplicação tonal.

A duplicação de tom ocorre compulsoriamente quando há um tom alto na mora da sílaba inicial de um radical verbal e exista ao menos uma mora disponível para duplicação com tom subjacente baixo. Exceção feita quando a mora alvo da duplicação estiver na penúltima sílaba que não é afetada pelo processo, mesmo quando apresentar o tom de contorno baixo nivelado ($\mu\mu$). A duplicação é comum apenas dentro de radicais verbais ou entre prefixos, mas geralmente não ocorre a partir de um prefixo para o radical verbal. Este processo de duplicação de tom alto pode ser assim formalizado (adaptado de LIPHOLA, 2001, p.207):

(9) DUPLICAÇÃO TONAL



Pela formalização acima, a duplicação tonal é compulsória quando há um tom alto no início do radical e exista ao menos uma mora disponível para duplicação antes da penúltima sílaba.

Os dados a seguir, que estão no passado perfectivo recente (10a-b), no futuro simples (11a-b) e no passado recente negativo (12a-b), tiveram a sílaba

que recebeu duplicação tonal negritada para ilustrar o processo (LIPHOLA, 2001, p. 209-213 adaptado).

(10a)	<i>vandipímániíla</i> ~ * <i>vandipímaniíla</i> “Eles mediram para cada um.”	/va-ndí-pim-an-íl-a/ S3P-PERF-medir-REC-AP-VF
(10b)	<i>vandigúgúvaála</i> ~ * <i>vandigúguvaála</i> “Eles ajoelharam.”	/va-ndí-guguvál-a/ S3P-PERF-ajoelhar-VF
(11a)	<i>vandapímániíla</i> ~ * <i>vandapímaniíla</i> “Eles medirão para cada um.”	/va-ndá-pim-an-íl-a/ S3P-FUT-medir-REC-AP-VF
(11b)	<i>vandagúgúvaála</i> ~ * <i>vandagúguvaála</i> “Eles ajoelharão.”	/va-ndá-guguvál-a/ S3P-FUT-ajoelhar-VF
(12a)	<i>avagúgúveéle</i> ~ * <i>avagúguveéle</i> “Eles não ajoelharam.”	/a-vá-guguval-e/ NEG-S3P-ajoelhar-PERF
(12b)	<i>avatúmbíliíke</i> ~ * <i>avatúmbiliíke</i> “Eles não persuadiram.”	/a-vá-tumbilík-e/ NEG-S3P-persuadir-PERF

Nos exemplos acima, note que inicialmente há transposição de tom do prefixo de tempo e aspecto, ou do prefixo de sujeito para a primeira mora do radical verbal. Em todos os exemplos podemos notar que o tom alto na primeira mora do radical é automaticamente duplicado para a mora seguinte, como se vê pela agramaticalidade das alternativas em que o processo não ocorre.

Em radicais trissilábicos, a mora alvo de duplicação potencial se encontra na penúltima sílaba. Como dito anteriormente, a penúltima sílaba não é suscetível ao processo, mesmo quando não há tom alto em nenhuma de suas moras. Considere exemplos em (13) (adaptado de LIPHOLA, 2001, p. 211):

- (13a) *vandiváleekwa* /*va-ndí-valeku-a/*
 “Eles nasceram.” S3P-PERF-ser nascido-VF
- (13b) *vandaváleekwa* /*va-ndá-valeku-a/*
 “Eles nascerão.” S3P-FUT-ser nascido-VF

Liphola (2001, p. 238-239, adaptado) formalizou interação entre os processos de transposição e duplicação tonal da seguinte maneira:

(14) TRANSPOSIÇÃO E DUPLICAÇÃO TONAL

$\begin{array}{c} \text{A} \\ \\ a\text{-va-tu-guguval-id-iile} \end{array}$	→	/a-vá-tu-guguval-íl-a/
		(Transposição: P.S. para P.O.)
$\begin{array}{c} \text{A} \\ \neq \backslash \\ a\text{-va-tu-guguval-id-iile} \end{array}$	→	/a-va-tú-guguval-íl-a/
		(Transposição: P.O. para R.V.)
$\begin{array}{c} \text{A} \\ \neq \backslash \\ a\text{-va-tu-guguval-id-iile} \end{array}$	→	/a-va-tu-gúguval-íl-a/
		(Duplicação tonal)
$\begin{array}{c} \text{A} \\ \wedge \\ a\text{-va-tu-guguval-id-iile} \end{array}$	→	avatumúgúvaliila

O tom alto na primeira mora do radical não ocorre apenas por intermédio de transposição tonal. Os dados a seguir, nos tempos presente habitual e passado imperfeito (15a-b), mostram casos em que um tom alto pode ser inserido no radical verbal opcionalmente por uma regra independente, situação que permite duas possíveis formas de superfície. Todavia, tal regra de inserção opcional de tom alto no início da raiz não se aplica na presença de um

prefixo de objeto em tom alto (16a-b) (Adaptado de LIPHOLA, 2001, p. 216-218):

- | | | |
|-------|---|--|
| (15a) | <i>vándá gú gú vaâla</i> ~
<i>vándá gugu vaâla</i>
“Eles ajoelham.” | <i>/vá-nda-gú guvál-a/</i>
<i>/vá-nda-guguvál-a/</i>
S3P-PRE-ajoelhar-VF |
| (15b) | <i>váshíndá gú gú vaâla</i> ~
<i>váshíndá gugu vaâla</i>
“Eles ajoelhavam.” | <i>/vá-shinda-gú guvál-a/</i>
<i>/vá-shinda-guguvál-a/</i>
S3P-IMP-ajoelhar-VF |
| (16a) | <i>vándátú gugu valiîla</i>
“Eles ajoelham em nós.” | <i>/vá-nda-tu-guguval-íl-a/</i>
S3P-PRE-O1P-ajoelhar-VF |
| (16b) | <i>váshíndátú gugu valiîla</i>
“Eles ajoelhavam em nós.” | <i>/vá-shinda-tu-guguval-íl-a/</i>
S3P-IMP-O1P-ajoelhar-VF |

Nos exemplos acima em (15), note que o tom alto no início do radical não poderia ter vindo por intermédio de transposição de tom, uma vez que, conforme a formalização em (1a-b), as condições para que haja este tipo de processo não estão satisfeitas nestes casos. Liphola (2001, p. 315) não assume que os tons altos do radical resultam de eventual duplicação do prefixo de tempo e aspecto para o radical verbal, mas sim que em determinados tempos verbais exista uma regra independente de inserção opcional de tom alto no início do radical (conforme se pode observar pelas representações subjacentes).

Já nos exemplos em (16), note que o radical não apresenta tom alto nas sílabas anteriores à penúltima sílaba, ao contrário do que pode ocorrer em (15) com os mesmos tempos verbais, mas sem prefixo de objeto. Neste contexto é possível assumir que a ocorrência de um prefixo de objeto em tom alto de

superfície bloqueia a inserção opcional de tom alto no início do radical, ou que a inserção de tom alto opcional na primeira sílaba do radical verbal deva ocorrer no morfema de marcação de objeto, quando este se fizer presente.

Nos dados (16a) e (16b) houve duplicação tonal do prefixo de sujeito para os demais prefixos. Liphola (2001, p. 299) argumenta que em (16a) é impossível predizer se o prefixo de presente habitual {-nda-} recebe tom alto por duplicação a partir do prefixo de sujeito, como mostra a representação subjacente, ou se este prefixo já possui tom alto subjacente, assim como ocorre no futuro simples (conferir 13b). Na representação do presente habitual em (16a) da forma que Liphola (2001, p.223-224) assume, /vá-nda-tu-guguval-íl-a/, o prefixo de tempo e aspecto recebe tom baixo subjacentemente. No entanto, ele adquire tom alto de superfície por duplicação tonal a partir do prefixo de sujeito. O tom alto de superfície do prefixo de objeto poderia vir por espraiamento de tom entre prefixos, como veremos mais adiante. Em efeito, todos os prefixos apresentam tom alto, resultando na forma de superfície *vándátúguguvaliîla*. Já em (13b) no futuro simples (que tem a representação subjacente /va-ndá-tu-guguval-íl-a/), é atribuído tom baixo ao prefixo de sujeito. Esta situação cria a condição ideal para transposição de tom do prefixo de tempo e aspecto para o prefixo de objeto. Desta forma, apenas o prefixo de objeto apresenta tom alto, resultando na forma de superfície

(17c)

A	A	A		(inserção opcional de tom alto)
┌───┐		^		
μ μ μ μ	μ μ μ μ	μ μ		
			V	
<i>pavakasi</i>	–	<i>guguvalanila</i>	→	<i>/pá-vá-ká-sí-gúguval-an-íil-a/</i>

(17d) DUPLICAÇÃO TONAL NO RADICAL

A	A	A		(Duplicação tonal no radical)
┌───┐	\	^		
μ μ μ μ	μ μ μ μ	μ μ		
			V	
<i>pavakasi</i>	–	<i>guguvalanila</i>	→	<i>pávákásígúgúvalaníila</i>

(17e) ESPRAIAMENTO TONAL NO RADICAL

A	A	A		(espraiamento tonal no radical)
┌───┐	┌───┐	^		
μ μ μ μ	μ μ μ μ	μ μ		
			V	
<i>pavakasi</i>	–	<i>guguvalanila</i>	→	<i>pávákásígúgúváláníila</i>

As derivações em (17) mostram que entre prefixos pode ocorrer duplicação ou espraiamento de tom, caso não haja tom alto no início do radical (17a-b). Com a inserção opcional de tom alto ao início do radical, o espraiamento de tom entre os prefixos se torna compulsório (17c-e). Uma vez inserido no radical (17c), o tom alto inicial pode ser duplicado para a próxima sílaba (17d) ou espraiado até a antepenúltima sílaba (17e). Como veremos mais adiante, existem tempos verbais que obrigatoriamente inserem tom alto no início do radical.

Nos exemplos a seguir (18-21) (adaptados de LIPHOLA, 2001, p. 252-253, 262), os tons de contorno, bem como os tons altos dos radicais, foram negritados para facilitar a visualização dos processos:

PARTICÍPIO AFIRMATIVO, CONTORNO BAIXO NIVELADO (μμ):

- (18) *vágúgúválníila* ~ (Espraiamento) /vá-gúguval-an-il-a/
vágúgúvalaniíila ~ (Duplicação) S3P-ajoelhar-REC-AP-VF
vágúgúválníila (Reduplicação)
 “(Eles) causando ajoelhar para cada um.”

Nos dados em (18) em tempo participio afirmativo, o tom de contorno é baixo nivelado (μμ). Neste tempo verbal ocorre inserção obrigatória de tom alto na primeira sílaba do radical verbal, como será mais bem exposto na seção 2.5.. Este tom alto no início da raiz pode ser sujeito a espraiamento, processo em que é atribuído tom alto em todas as demais moras do radical até a antepenúltima sílaba. Além do espraiamento, pode ocorrer a duplicação tonal que afeta apenas a mora seguinte, ou o fenômeno que aqui chamo de reduplicação⁴⁷ que afeta ao menos duas moras contíguas. Com isso, três formas de superfície são possíveis para este radical, sem ocorrer alteração semântica.

FUTURO AFIRMATIVO, CONTORNO CRESCENTE (μμ):

- (19) *vandagúgúválníila*~ /va-ndá-guguval-an-íl-a /
vandagúgúvalaniíila~ S3P-FUT-ajoelhar-REC-AP-VF
vandagúgúválníila
 “Eles ajoelharão para cada um.”

⁴⁷ Chamei o processo de reduplicação quando o tom alto é duplicado em mais de uma mora do radical verbal. Este processo difere do espraiamento, pois o tom alto reduplicado não avança até a antepenúltima sílaba.

Em (19), em tempo futuro afirmativo, temos o tom de contorno crescente ($\mu\acute{u}$). Neste tempo verbal, o tom alto atribuído à primeira sílaba do radical verbal advém de transposição tonal a partir do prefixo de tempo e aspecto. Este tom inicial também é suscetível a três processos a saber; espriamento, duplicação e reduplicação, gerando as três formas superficiais apresentadas para este radical.

PRESENTE AFIRMATIVO, CONTORNO CRESCENTE-DECRESCENTE ($\mu\acute{u}$):

- (20) *vándáguguvaniíla* /vá-nda-guguval-an-íl-a/
vándágúgúválníla~ /vá-nda-gúguval-an-íl-a/
vándágúgúvalaniíla~ S3P-PRES-ajoelhar-REC-AP-VF
vándágúgúválníla
 “Eles ajoelham para cada um.”

Em (20), em tempo presente habitual afirmativo, o tom de contorno é crescente-decrescente ($\mu\grave{u}$). Neste tempo verbal, a inserção de tom alto no início do radical verbal é opcional. Com isso, quatro formas superficiais são possíveis. Uma delas não apresentará qualquer tom alto no radical até a antepenúltima sílaba, pois não há um tom alto na primeira sílaba. Caso o tom alto for inserido na primeira sílaba do radical, ele pode ser duplicado, reduplicado ou espriado, resultando nas demais três formas de superfície para o referido radical.

PRESENTE PROGRESSIVO AFIRMATIVO, CONTORNO ALTO NIVELADO ($\mu\acute{u}$):

- (21) *vankuguvaniíla* /va-nku-guguval-an-íl-a/
vankugúgúválníla /va-nku-gúguval-an-íl-a/
 **vankugúgúvalaniíla* S3P-PROG-ajoelhar-REC-AP-VF
 **vankugúgúválníla*
 “Eles estão ajoelhando para cada um.”

Por fim, em (21), em tempo verbal presente progressivo afirmativo, o tom de contorno é alto nivelado (μú). Neste tempo verbal também temos a inserção opcional de tom alto na raiz. Quando o tom alto não é inserido, todas as moras do radical até a antepenúltima sílaba apresentarão tom baixo. A outra possibilidade, com a inserção de tom alto na primeira sílaba do radical, é o espriamento ilimitado de tom, compulsório neste contexto⁴⁸.

Em geral, similarmente ao que acontece na duplicação verbal, o espriamento ilimitado de tom alto só pode ocorrer se houver um tom alto no início do radical. Em certas situações, a ocorrência de um prefixo de objeto com um tom alto de superfície pode evitar a regra de inserção opcional de tom alto no início do radical, conforme dados a seguir (adaptado de LIPHOLA, 2001, p. 255-257):

- | | | |
|-------|---|--|
| (22a) | <i>vándítúguguvaniïla</i>
“Eles tinham ajoelhado em nós.” | <i>/vá-ndi-tu-guguval-íl-a/</i>
S3P-PERF-O1P-ajoelhar-AP-VF |
| | Conf.: <i>vándígúgúvániïla</i>
“Eles tinham ajoelhado em.” | <i>/vá-ndi-gúguval-íl-a/</i>
S3P-PERF-ajoelhar-AP-VF |
| (22b) | <i>vákánátúguguvaliile</i>
“Não deveriam ajoelhar em nós.” | <i>/vá-ka-na-tu-guguval-ile</i>
S3P-COND-PRES-O1P-ajoelhar-VF |

⁴⁸ O tom alto que aparece no radical verbal não veio por transposição de tom alto a partir do prefixo de tempo e aspecto {-*nku*-}, mas por uma regra independente de inserção de tom no início do radical. O tom deste prefixo é subjacentemente baixo, como fica demonstrado a partir do exemplo a seguir (LIPHOLA, 2001, p. 303): *Vankupúma* “Eles estão medindo”. Note que o prefixo {-*nku*-} se encontra anterior à penúltima sílaba que apresenta tom alto, essa condição bloqueia a transposição de tom. Se *nku* fosse subjacentemente alto, este tom alto deveria aparecer superficialmente no prefixo neste contexto, situação que não ocorre. Compare com *Vandápúma* “Eles medirão” (LIPHOLA, 2001, p. 231).

Conf.: <i>vákáná gú gú vá liile</i> “Eles não deveriam ajoelhar em.”	<i>/vá-ka-na-gú guval-ile</i> S3P-COND-PRES-O1P-ajoelhar-VF
(22c) <i>vankutú guguvaniíla</i> “Eles estão ajoelhando em nós.”	<i>/va-nku-tú-guguval-íl-a/</i> S3P-PROG-O1P-ajoelhar-AP-VF
Conf.: <i>vankugú gú vá níla</i> “Eles estão ajoelhando em.”	<i>/va-nku-gú guval-íl-a/</i> S3P-PROG-O1P-ajoelhar-AP-VF

Em (22a-b) o tom alto do prefixo de objeto provavelmente é resultado de espraçamento tonal a partir do prefixo de sujeito. Outra observação importante nestes exemplos é que há inserção de tom alto no radical verbal por uma regra independente quando não há prefixo de objeto no complexo verbal. Ou seja, a diferença das formas subjacentes entre os radicais com e sem prefixo de objeto, é que apenas no último caso há inserção de tom alto no início do radical. Portanto, a ocorrência do prefixo de objeto em tom alto faz com que a regra independente de inserção de tom alto no início do radical não se aplique nestes tempos verbais.

O dado em (22c) requer algumas considerações importantes. Como veremos mais adiante, este tempo verbal assinala tom de contorno alto nivelado (μ̄) à penúltima sílaba. Todavia, este tom de contorno muda para crescente (μ̇) na presença do prefixo de objeto no complexo verbal. Além disso, não é possível derivar o tom de superfície do prefixo de objeto por qualquer processo tonal até aqui descrito, pois não há tom alto nos prefixos para que possa haver transposição ou duplicação. A hipótese mais plausível é que a inserção de tom

alto opcional ao início do radical verbal se torne compulsória neste contexto e que este tom sempre seja realocado no prefixo de objeto. O prefixo de objeto com tom alto de superfície não bloqueia duplicação ou espraçamento de tom alto em certos tempos verbais em que há inserção obrigatória de tom alto no início do radical, como veremos na secção 2.5..

2.4. ESPRAIAMENTO DE TOM ENTRE VERBO E XP ADJACENTE

Além das diferenças morfológicas, os tempos verbais conjuntivos se diferem dos disjuntivos descritos nas secções anteriores por não apresentarem o alongamento de penúltima sílaba no radical verbal. O fato de o verbo não apresentar este alongamento é assumido como evidência de que ele forma uma única frase fonológica com o complemento, conforme será mais bem explorado no capítulo 6. Até aqui, analisamos processos tonais que ocorrem apenas dentro do complexo morfológico do verbo, em tempos verbais chamados de disjuntivos. Nestes tempos verbais, vimos que a penúltima sílaba, que sofre o alongamento, é a sílaba limítrofe para os processos tonais descritos, isto é, os processos de transposição, duplicação ou espraçamento tonal não vão além da penúltima sílaba do complexo verbal. A penúltima sílaba também recebe os tons de contorno da língua.

Por sua vez, os tempos verbais conjuntivos não apresentam alongamento pós-lexical de penúltima sílaba no radical verbal. Como a penúltima sílaba que recebe alongamento é do item lexical posterior ao verbo, o tom atribuído pelo tempo verbal conjuntivo interage com os tons subjacentes deste item lexical posterior. Retomemos aqui os cinco tempos verbais alternantes conjuntivos e disjuntivos de acordo com Leach (2010, p.158-159) a título de comparação, dispostos na tabela 2 na introdução desta tese (repetida a seguir). Os alongamentos de penúltima sílaba estão negritados:

TABELA 2: TEMPOS VERBAIS CONJUNTIVOS E DISJUNTIVOS NO SHIMAKONDE.

	TEMPOS VERBAIS DISJUNTIVOS	TEMPOS VERBAIS CONJUNTIVOS
PAS. REC.	<i>va-ndi-táleék-a</i> <i>ugwaáli.</i> N2-PERF-cozinhar-VF N14.shima “Eles têm cozinhado shima.”	<i>va-talek-e_ úgwááli.</i> N2-cozinhar-PERF N14.shima “Eles têm cozinhado <u>shima.</u> ”
FUT.	<i>va-nda-táleék-a</i> <i>ugwaáli.</i> N2-FUT-cozinhar-VF N14.shima “Eles cozinharão shima.”	<i>vá-lótá_ kú-tálék-á_ úgwááli.</i> N2-ir-VF N15-cozinhar-VF N14.shima “Eles irão cozinhar <u>shima.</u> ”
PAS. REM .	<i>vá-ndí-taléék-a</i> <i>ugwaáli.</i> N2-PERF-cozinhar-VF N14.shima “Eles cozinham shima.”	<i>vá-tálék-é_ úgwááli.</i> N2-cozinhar-PERF N14.shima “Eles cozinham <u>shima.</u> ”
PRE. HAB .	<i>vá-ndá-taléék-a</i> <i>ugwaáli.</i> N2-PRES-cozinhar-VF N14.shima “Eles cozinham shima.”	<i>vá-tálék-á_ úgwááli.</i> N2-cozinhar-VF N14.shima “Eles cozinham <u>shima.</u> ”
PAS. IMP.	<i>vá-shíndá-taléék-a</i> <i>ugwaáli.</i> N2-IMP-cozinhar-VF N14.shima “Eles cozinham shima.”	<i>vá-shí-tálék-á_ úgwááli.</i> N2-cozinhar-VF N14.shima “Eles cozinham <u>shima.</u> ”

FONTE: ADAPTADO DE LEACH, 2010, P.158-159.

Em relação ao tempo verbal passado perfeito recente conjuntivo Leach (2010, p. 293) afirma que “nesta construção o tom alto é transposto da sílaba final do radical verbal para a primeira sílaba de qualquer complemento que

carrega consigo tom alto. (...) O tom alto transposto então se espraia adiante até o próximo tom alto pelo Princípio Platô”⁴⁹. Em nota de rodapé, Leach (2010, p. 293, adaptado) utiliza os seguintes exemplos para demonstrar este processo:

- (23a) *a-shum-ile* *dín-gúlúúve* (conf.: *dinguluúve*)
 S3S-comprar-PERF N10-porco
 “Ele comprou porcos”
- (23b) *a-shum-ile* *shí-túngúulo* (conf.: *shitungúulo*)
 S3S-comprar-PERF N7-cebola
 “Ele comprou a cebola”
- (23c) *a-shum-ile* *lí-maanga* (conf.: *límaanga*)
 S3S-comprar-PERF N7-abóbora
 “Ele comprou a abóbora”

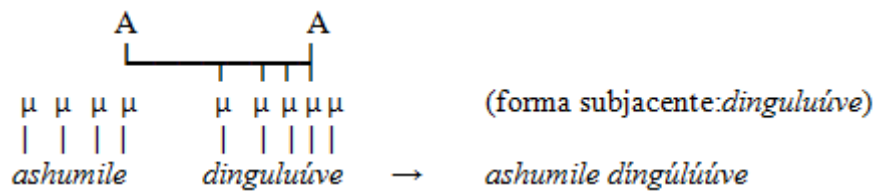
Nos exemplos (23a-c) todos os tons baixos foram substituídos por tons altos no radical nominal até a mora anterior ao primeiro tom alto do mesmo (compare com as formas subjacentes dos radicais nominais isolados entre parênteses.). Pode se assumir que estes tons altos ocorrem por espraio de um tom alto flutuante que vem do complexo verbal⁵⁰. Em (23a) esta mora é a primeira mora da penúltima sílaba. Este processo faz com que o tom de contorno crescente (μ́) mude para alto nivelado (μ́μ́) neste contexto. Em (23b), o primeiro tom alto do radical nominal ocorre na primeira mora da penúltima

⁴⁹ Do original: “In this construction High tone shifts from the final syllable of the verb stem to the first syllable of any complement that itself carries High Tone. (...) the shifted-High then bridges forward to the next High tone by the Plateau Principle. (LEACH, 2010, p. 293)

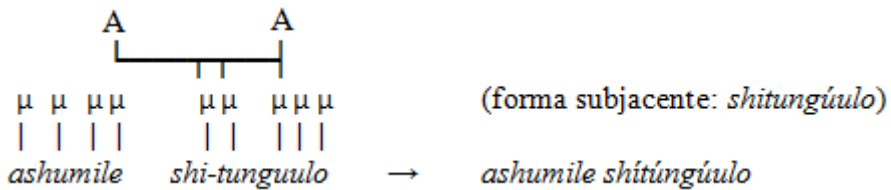
⁵⁰ Todavia, Manus (2017, p. 246-247) aponta que este espraio de tom alto entre verbo conjuntivo e XP adjacente não ocorre se este item for um pronome ou advérbio. Desta forma, este fenômeno também é sensível à natureza gramatical do item lexical pós-verbal.

sílaba, formando o tom de contorno decrescente (úm). Desta forma, apenas as moras das sílabas anteriores à penúltima terão o tom baixo modificado para tom alto. Já em (23c) não há mudança tonal no radical nominal, uma vez que o tom alto na primeira sílaba bloqueia o espriamento de tom. Veja as representações formais a seguir:

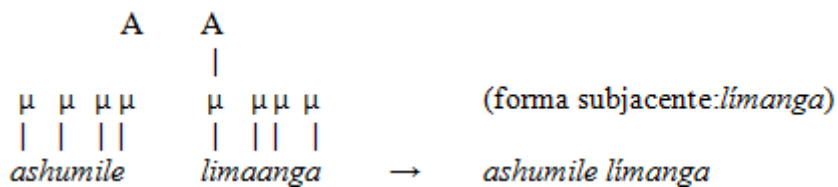
(24a) PASSADO PERFEITO RECENTE CONJUNTIVO



(24b) PASSADO PERFEITO RECENTE CONJUNTIVO



(24c) PASSADO PERFEITO RECENTE CONJUNTIVO



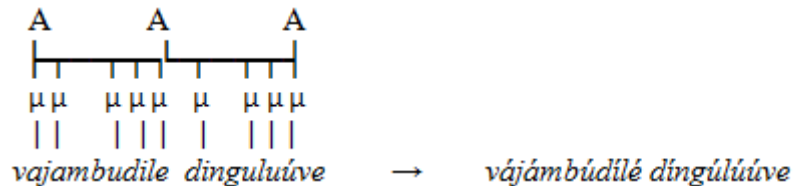
Em (24a) o tom alto flutuante é atribuído em todas as moras em tom baixo anteriores a mora em tom alto da penúltima sílaba. Diferentemente do padrão de espriamento de tom dos tempos disjuntivos o qual ocorre somente até a antepenúltima sílaba do radical verbal, repare que o espriamento neste tempo verbal conjuntivo pode ocorrer até à penúltima sílaba do item lexical

contíguo. *Dinguluúve* apresenta tom de contorno crescente (μ̣) quando ocorre isolado. Todavia, este substantivo se realiza como *díngúlúúve*, isto é, com tom de contorno alto nivelado (μ̣) quando segue um verbo em forma conjuntiva. O espraçamento vai até a antepenúltima sílaba em (24b), pois o tom alto se encontra na primeira mora da penúltima sílaba. Já em (24c) o tom alto flutuante não pode ser atribuído à raiz lexical contígua por haver um tom alto na primeira sílaba desta de tal forma que o tom alto flutuante não pode se deslocar até os demais tons baixos do complemento verbal. Os demais tempos conjuntivos se diferem do tempo passado perfeito recente por apresentar tom alto em todas as sílabas complexo morfológico do verbo:

(25a) PASSADO PERFEITO REMOTO CONJUNTIVO



(25b) PASSADO PERFEITO REMOTO CONJUNTIVO



Note que, atendidas as condições ideais, o tom flutuante se espraia para o complemento verbal conforme (25b). Tal paradigma se repete nos demais tempos conjuntivos, conforme tabela 12 abaixo.

TABELA 12: DISTRIBUIÇÃO TONAL DE TEMPOS CONJUNTIVOS.

PASSADO PERFEITO RECENTE	<i>va-jambud-ile</i> N2-farejar-PERF “Eles farejaram	<i>my-uuku</i> N4-bolso bolsos.” (forma subjacente: <i>myuuku</i>)
PASSADO PERFEITO REMOTO	<i>vá-jámbúd-ílé</i> N2-farejar-PERF “Eles tinham farejado	<i>lí-maanga</i> N5-abóbora abóbora.” (forma subjacente: <i>límaanga</i>)
PRESENTE HABITUAL	<i>vá-jámbúl-á</i> N2-farejar-VF “Eles farejam	<i>shí-túngúulo</i> N5-cebola cebola.” (forma subjacente: <i>shitungúulo</i>)
PASSADO IMPERFEITO	<i>vá-shí-jámbúl-á</i> N2-IMP-farejar-VF “Eles farejavam	<i>dín-gúlúúve</i> N10-porco porcos.” (forma subjacente: <i>dinguluúve</i>)
FUTURO	<i>vá-lót-á</i> <i>kú-jámbúl-á</i> N2-ir-VF N15-farejar-VF “Eles irão farejar	

FORTE: ELABORADO PELO AUTOR.

Os demais tempos verbais conjuntivos (presente, futuro e passado imperfeito) têm configuração tonal similar ao tempo passado perfeito remoto, note que todos os tons no complexo verbal se realizam em tom alto. Podemos assumir, tomando como base os processos já vistos, que nestes tempos verbais é atribuído um tom alto ao prefixo de sujeito e este tom alto é prontamente duplicado se houver um prefixo de tempo posterior, além disso, ocorre inserção de tom alto no início do radical verbal que pode se espriar ao menos até a

vogal final do radical, ou avançar para o XP adjacente, de acordo com as condições formalizadas em (25b).

2.5. TONS DE CONTORNO

Os tempos verbais atribuem um tom de contorno específico à penúltima sílaba. Em muitos casos, além do tom de contorno, há inserção (opcional ou compulsória) de tom alto no início do radical. Destarte, muitos tempos verbais apresentam mais de uma forma de superfície, devido à interação dessa regra e dos processos tonais até aqui estudados. Nas próximas subseções, analisaremos cada tom de contorno regular da língua. Um inventário mais detalhado com os tons de contorno e os tempos verbais que os atribuem regularmente pode ser acessado no apêndice 1 desta tese.

2.5.1. TOM DE CONTORNO BAIXO NIVELADO ($\mu\mu$)

Os tempos verbais que apresentam tom de contorno baixo nivelado podem apresentar duas configurações distintas. Certos tempos verbais apresentam todos os prefixos em tom baixo e não há qualquer inserção de tom alto no início de radical, como nos exemplos a seguir (adaptado de LIPHOLA, 2001, p. 332):

PERFECTIVO AFIRMATIVO – QUANDO:

(26) *vapimiile*

“Quando eles tinham medido.”

/va-pim-ile/

S3P-medir-PERF

FUTURO NEGATIVO:

(27) *avapiima* /a-va-pim-a/
 “Eles não medirão.” NEG-S3P-medir-VF

Já em outros tempos verbais, além do tom baixo nivelado na penúltima sílaba, os prefixos apresentando tom alto de superfície e ocorre inserção compulsória de tom alto no início do radical. Se o radical for trissilábico ou maior, tal tom alto é inserido anteriormente à penúltima sílaba. Se o radical for dissilábico, tal inserção ocorrerá na penúltima sílaba do complexo verbal ocasionando tom de contorno decrescente, conforme formalização a seguir.

(28a)

$\begin{array}{cc} A & A B \\ \backslash & \wedge \\ \mu \mu & \mu \mu\mu \\ & \vee \\ pava - pimila & \end{array}$	→	$pávápímiila$	<p>(Inserção de tom alto no início do radical) (Radical trissilábico) (tom de contorno baixo nivelado ($\mu\mu$))</p>
--	---	---------------	--

(28b)

$\begin{array}{cc} A & AB \\ \backslash & \\ \mu \mu & \mu\mu \\ & \\ pava - piima & \end{array}$	→	$pávápíiima$	<p>(Inserção de tom alto no início do radical) (Radical dissilábico) (tom de contorno decrescente ($\acute{\mu}\mu$))</p>
--	---	--------------	--

Note que em (28b) a penúltima sílaba, que também é a sílaba inicial do radical, deve acomodar tanto o tom alto que é inserido ao início do radical quanto o tom baixo nivelado que é atribuído pelo tempo verbal. Com isso, a penúltima sílaba resultante tem um contorno decrescente ($\acute{\mu}\mu$). Este tom de contorno só se realiza em radicais dissilábicos quer seja por inserção obrigatória

de tom no radical, conforme formalização em (28b), ou pela transposição tonal a partir do prefixo de tempo e aspecto (conferir exemplos em (6) da seção 2.1. e discussão).

2.5.2. TOM DE CONTORNO ALTO NIVELADO (μμ)

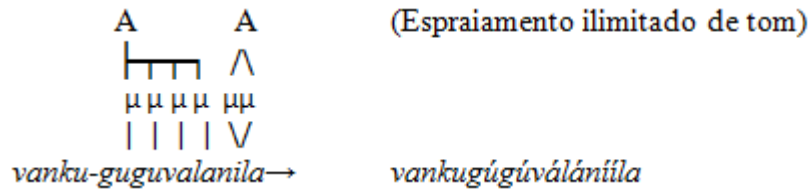
Os tempos verbais que apresentam tom de contorno alto nivelado também apresentam duas configurações distintas. Em uma delas, há inserção compulsória de tom alto no início de radical e os prefixos apresentam tom alto de superfície. A outra possibilidade é a inserção facultativa de tom alto no início do radical com os prefixos apresentando tom baixo de superfície. Essa última possibilidade pode ser formalizada da seguinte maneira: (adaptado de LIPHOLA, 2001, p. 264):

(29a)

$\begin{array}{c} A \\ \wedge \\ \mu\mu \\ \vee \end{array}$	<p>(atribuição de tom alto à penúltima sílaba)</p> <p>(alongamento pós-lexical)</p>
<p><i>vanku-guguvalanila</i></p>	<p>→ <i>vankuguguvalaníila</i></p>

(29b)

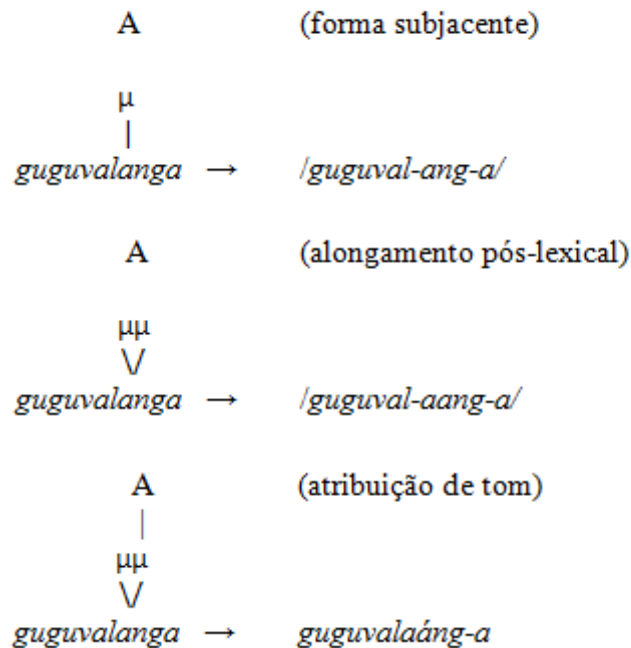
$\begin{array}{cc} A & A \\ & \wedge \\ \mu & \mu\mu \\ & \vee \end{array}$	<p>(Inserção opcional de tom alto no radical)</p>
<p><i>vanku-guguvalanila</i></p>	<p>→ <i>/va-nku-gúguval-an-il-a/</i></p>



2.5.3. TOM DE CONTORNO CRESCENTE (μμ)

Nos tempos verbais que atribuem tom de contorno crescente (μμ) na penúltima sílaba não há inserção de tom alto no início do radical verbal. Os tons altos que atingem o radical são de transposições tonais a partir de prefixos. Liphola (2001, p. 323, adaptado) representa a atribuição tonal destes tempos verbais da seguinte forma:

(30)



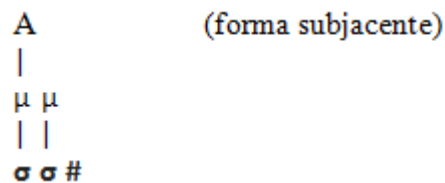
Note que, diferentemente do tom alto nivelado ($\acute{\mu}\acute{\mu}$), quando o tom crescente ($\mu\acute{\mu}$) é atribuído, o alongamento pós-lexical de penúltima sílaba se realiza antes da atribuição de tom alto pelo tempo verbal. Por conseguinte, o tom alto figura apenas na última mora da penúltima sílaba, conforme (29b).

2.5.4. TOM DE CONTORNO CRESCENTE-DECRESCENTE ($\mu\mu\hat{\mu}$)

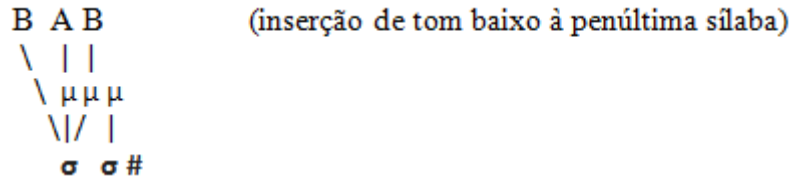
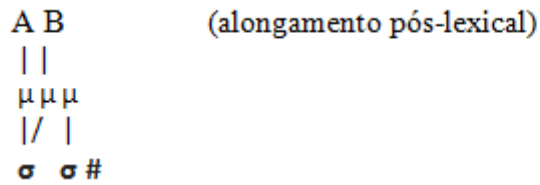
O tom de contorno crescente-decrescente ($\mu\mu\hat{\mu}$) é caracterizado pela atribuição de três unidades tonais (B.A.B.) em apenas duas moras. Liphola (2001, p. 316) afirma que “é um fato que não há uma explicação fonológica para ter BAB assinalado a uma sílaba bimoraica, uma vez que não há razão aparente de como e por qual motivo uma sequência de três tons B-A-B deveriam se contrair, quando há mais moras disponíveis no radical.”⁵¹

Liphola (2001, p. 317, adaptado) formalizou a atribuição de tom de contorno. crescente-decrescente do seguinte modo:

(31)



⁵¹ Do original: “It is a fact that there is no a phonological explanation for having LHL assigned to a bimoraic syllable, since there is no apparent reason for why and how a sequence of three tones L-H-L would contract, when there are more available moras within the stem.” (LIPHOLA, 2001, p. 316)



Contrariamente ao que acontece com o tom crescente (conferir 30), o tom alto é atribuído antes do alongamento. Após o alongamento o tom alto figura na primeira mora da sílaba, o que ocasiona um tom de contorno decrescente (úm). O autor ainda postula um acréscimo de tom baixo à sílaba, resultando no tom de contorno crescente-decrescente (μμ). Este acréscimo de tom baixo à sílaba, qualquer que seja sua natureza, seria o responsável para que duas moras recebessem três unidades tonais.

Os tempos verbais que atribuem este tom de contorno à penúltima sílaba também se dividem em duas possibilidades: sem inserção de tom alto no início do radical (32) e com acréscimo opcional de tom alto no início do radical (33), conforme exemplos a seguir (Adaptado de LIPHOLA, 2001, p.312-314):

PASSADO REMOTO NEGATIVO:

- (32a) *avapeêle* /a-va-p-île/
 “Eles não tinham dado.” NEG-S3P-dar-PERF
- (32b) *avaguguvaleênge* /a-va-guguval-âng-e/
 “Eles não tinham ajoelhado muito.” NEG-S3P-ajoelhar-plur-PERF

PASSADO REMOTO AFIRMATIVO

- | | | |
|-------|--|---|
| (33a) | <i>víndípa</i>
<i>vándiipa</i>
“Eles tinham dado.” | <i>/vá-ndi-p-a/</i>
S3P-PERF-medir-VF |
| (33b) | <i>vándípîma</i>
“Eles tinham medido.” | <i>/vá-ndi-pîm-a/</i>
S3P-PERF-medir-VF |
| (33c) | <i>vándíguguvalaânga</i>
<i>vándígúgúvalaânga ~</i>
<i>vándígúgúválaânga</i>
“Eles tinham ajoelhado muito.” | <i>/vá-ndi-guguval-âng-a/</i>
<i>/vá-ndi-gúguval-âng-a/</i>
S3P-PERF-ajoelhar-plur-VF |

Note que nos tempos verbais acima, quando temos um radical monossilábico, o tom de contorno difere dependendo do tom de superfície do prefixo anterior ao radical. Se o tom deste prefixo for baixo (32a), o tom de contorno se realiza como crescente-decrescente ($\mu\hat{\mu}$). No entanto, se o tom deste prefixo for alto (33a), o tom de contorno se realiza decrescente ($\acute{\mu}\mu$). Leach (2010) acredita que esta mora extra em tom baixo que figura no tom de contorno crescente-decrescente ($\mu\hat{\mu}$), pode ser evidência do papel ativo do tom baixo na língua.

Em relação aos sistemas de regras tonais de determinada língua, Hyman (2001), citado em Leach (2010, p. 290) argumenta que “se a oposição é /A, B/, as regras tonais devem se referir a ambos os tons; se a oposição é /A, Ø/ as

regras tonais devem se referir apenas aos A's"⁵². Portanto, para compreender melhor as regras de atribuição tonal na língua Shimakonde é necessário averiguar se há um contraste entre unidades tonais altas e unidades atonais, ou se o contraste se dá entre unidades tonais altas e unidades tonais baixas. Como vimos até aqui, as regras se referem especificamente a atribuição de tons altos, o que pressupõe uma oposição entre tons altos e unidades atonais. No entanto, Leach (2010) argumenta que no Shimakonde o contraste ocorre entre unidades tonais altas e unidades tonais baixas. O tom baixo teria papel ativo em determinados contextos da língua.

Os dados a seguir, (adaptado de LEACH, 2010, p. 291) mostram o comportamento de nominais quando em isolamento e quando recebem o locativo em tom baixo da classe nominal 18:

- (34a) *má-támbálaale* → *mu-ma-támbálaale* ~ *m-ma-tambálaale*
 N6-tambalale N18-N6-tambalale
 “nome de lugar” “em matambalale”
- (34b) *kú-pwáshéél-a* → *mu-ku-pwáshéél-a* ~ *n-ku-pwashééla*
 N15-ajudar-VF N18-N15-ajudar-VF
 “ajudar” “no ato de ajudar”
- (34c) *mí-láandi* → *mu-mi-láandi* ~ *m-mi-láandi*
 N4-árvore N18-N4-árvore
 “árvore” “nas árvores”

⁵² Do original “if the opposition is /H, L/, tone rules should refer to both tones; if the opposition is /H, Ø/, tone rules should refer only to H's” (HYMAN, 2000, p. 241 apud LEACH, 2010, p. 290)

- (34d) *shíi-ma* → *mu-shiî-ma* ~ *m-shiî-ma*
 N7-tanque d'água N18-N7-tanque d'água
 "tanque d'água" "no tanque d'água"

Os exemplos em (34a-d) mostram o papel ativo do tom baixo no Shimakonde. Leach (2010, p. 291) assume que tom baixo do prefixo locativo da classe 18 é transposto para a primeira mora do nominal que possuía tom alto de superfície na sua forma original. Se a vogal alta do prefixo locativo for reduzida à nasal, o tom baixo da vogal alta suprimida é transposto para a primeira mora do nominal e duplicado para a segunda mora, exceto quando esta estiver na penúltima sílaba (34c). Em nominais dissilábicos como em (34d) a transposição de tom baixo a partir do locativo afeta a penúltima sílaba, alterando o tom de contorno decrescente (µµ) para crescente-decrescente (µî). Neste caso, três unidades tonais /baixo, alto, baixo/ são alocadas em duas moras, pois a vogal final *a* não é afetada pelo processo.

Nos exemplos a seguir, o prefixo de classe nominal 1 {-mu-} tem sua vogal alta elidida e é reduzido para nasal. Compare a diferente distribuição tonal nos seguintes substantivos das classes 1 e 2 (LEACH, 2010, p. 291):

- (35a) *n-kóongwe* *va-koôngwe*
 N1-mulher N2-mulher
 "mulher" "mulheres"
- (35b) *n-kóoko* *va-koôko*
 N1-animal N2-animal
 "animal" "animais"

Nestes exemplos, o tom baixo associado à vogal do prefixo da classe 1 {-mu-} é apagado quando o mesmo é reduzido à nasal. Assim, não há duplicação de tom baixo para a raiz lexical. Note que o tom de contorno da penúltima sílaba assume tom decrescente ($\acute{\mu}\mu$). O prefixo de classe 2 que não sofre qualquer redução, tem seu tom baixo duplicado para a raiz lexical, resultando no tom de contorno crescente-decrescente ($\mu\hat{\mu}$).

Essa deleção do tom baixo subjacente juntamente com a deleção da vogal ocorre excepcionalmente com o prefixo da classe 1. Além do prefixo locativo da classe 18 {-mu-}, como já demonstrado em (34). Note que a redução do prefixo de classe 3 {-mu-} para nasal não apaga o tom baixo subjacente da vogal, como se vê pelos tons de contorno nos exemplos a seguir (LEACH, 2010, p. 294, adaptado):

- | | | |
|------|--|--|
| (36) | <i>n-kwaâju</i>
n3-cajueiro
“cajueiro” | <i>mi-kwaâju</i>
n4-cajueiro
“cajueiros” |
|------|--|--|

Outra indicação importante do papel ativo do tom baixo nas ocorrências do tom de contorno crescente-decrescente ($\mu\hat{\mu}$) se dá quando um nominal se encontra após um verbo em tempo conjuntivo. Conforme Leach (2010, p. 293), os tons baixos nas moras anteriores a uma mora com tom alto no item lexical contíguo ao verbo se tornam altas por influência do tom flutuante que vem do verbo. Os exemplos em (23) serão repetidos aqui por conveniência:

- (37a) *a-shum-ile* *díngúlúúve* (conf.: *dinguluúve*)
 S3S-comprar-PERF N10.porco
 “Ele comprou porcos.”
- (37b) *a-shum-ile* *shítúngúulo* (conf.: *shitungúulo*)
 S3S-comprar-PERF N7.cebola
 “Ele comprou a cebola.”
- (37c) *a-shum-ile* *límaanga* (conf.: *límaanga*)
 S3S-comprar-PERF N7.abóbora
 “Ele comprou a abóbora.”

Até aqui, o padrão tonal é compatível com uma abordagem em que os tons baixos nos radicais nominais não têm papel ativo. Isto é, são derivados de unidades atonais que figuram em tom baixo na superfície. Vejamos o que acontece com um nominal que tem o tom de contorno crescente-decrescente ($\mu\hat{\mu}$) neste contexto (LEACH, 2010, p. 293, adaptado):

- (38) *a-shum-ile* *shílóongo* (conf.: *shiloôngo*)
 S3S-comprar-PERF N7.vaso
 “Ele comprou o vaso.”

Note no exemplo (38) que o tom de contorno subjacente da raiz lexical é crescente ($\acute{\mu}\mu$). O tom crescente-decrescente ($\mu\hat{\mu}$) ocorre por influência da transposição de tom baixo do prefixo *shi* para o radical nominal. No contexto em que ocorre após um verbo no tempo passado perfeito conjuntivo, o tom baixo do prefixo é substituído por um tom alto transposto do radical verbal. Portanto, por ter sido apagado, o tom baixo subjacente do prefixo *shi* não pode

mais ser transposto para o radical nominal, o que revela o tom de contorno subjacente crescente (μμ) da raiz lexical.

Os padrões tonais do complexo morfológico do verbo, bem como os tons de contorno são os responsáveis pela distinção entre os tempos verbais em certos casos em que esta distinção não é resolvida na morfologia. A tabela 13 a seguir mostra os tempos conjuntivos e os tempos relativos de sujeito e suas contrapartes negativas⁵³:

**TABELA 13 – TEMPOS CONJUNTIVOS E RELATIVOS
E SUAS CONTRAPARTES NEGATIVAS.**

PASSADO REMOTO	CONJUNTIVO	NEGATIVO ⁵⁴
	<i>vá-kúlúpid-ílé újééni</i> S3P-confiar-PERF “Eles tinham confiado nele.”	<i>a-va-kulupid-ííle</i> NEG-S3P-confiar-PERF “Eles não tinha confiado.”
	RELATIVO DE SUJEITO	NEGATIVO
	<i>va-kulupid-ííle</i> S3P-confiar-PERF “Eles que tinham confiado.”	<i>vá-ká-kulupid-ííle</i> S3P-NEG-confiar-PERF “Eles que não tinham confiado.”
PASSADO RECENTE	CONJUNTIVO	NEGATIVO
	<i>va-kulupid-ile újééni</i> S3P-confiar-PERF “Eles confiaram nele.”	<i>a-va-kúlúpid-iíle</i> NEG-S3P-confiar-PERF “Eles não confiaram.”
	RELATIVO DE SUJEITO	NEGATIVO
	<i>vá-kúlúpid-iíle</i> S3P-confiar-PERF “Eles que confiaram.”	<i>vá-ká-kulupid-ííle</i> S3P-NEG-confiar-PERF “Eles que não confiaram.”

⁵³ Nos tempos passado remoto, passado recente e imperfeito foi apurada em campo uma nova forma negativa sem o uso do morfema {a-}, que será abordada no capítulo 6. Essa negativa é também morfológicamente idêntica à forma conjuntiva e relativa de sujeito. Conferir também Liphola (2010; 2011).

⁵⁴ No Shimakonde não há distinção entre negativas de tempos disjuntivos e conjuntivos. De tal sorte que as formas negativas apresentadas na tabela 13 são usadas tanto para tempos verbais conjuntivos quanto para disjuntivos. (Conferir LEACH, 2010, p. 188-198)

PRESENTE	CONJUNTIVO	NEGATIVO
	<i>vá-kúlúpíl-á újéeni</i> S3P-confiar-VF “Eles confiam nele.”	<i>a-va-na-kulupíl-a</i> NEG-S3P-PRES-confiar-VF “Eles não confiam.”
	RELATIVO DE SUJEITO	NEGATIVO
	<i>va-kulupíl-a</i> S3P-confiar-VF “Eles que confiam.”	<i>vá-ká-kulupiil-a</i> S3P-NEG-confiar-VF “Eles que não confiam.”
FUTURO	CONJUNTIVO	NEGATIVO
	<i>vá-lót-á kú-kúlúpíl-á</i> S3P-ir-VF N15-confiar-VF “Eles irão confiar.”	<i>a-va-kulupiil-a</i> NEG-S3P-requerer-VF “Eles não irão confiar.”
	RELATIVO DE SUJEITO	NEGATIVO
	<i>va-lóót-a kú-kúlúpíl-a</i> S3P-ir-VF N15-requerer-VF “Eles que irão confiar.”	<i>vá-ká-loot-a kúkúlúpíl-a</i> S3P-NEG-ir-VF N15-requerer-VF “Eles que não irão confiar.”
IMPERFEITO	CONJUNTIVO	NEGATIVO
	<i>vá-shí-kúlúpíl-á ujéeni</i> S3P-IMP-confiar-VF “Eles confiavam nele.”	<i>a-va-shi-kulupíl-a</i> NEG-S3P-IMP-confiar-VF “Eles não confiavam”
	RELATIVO DE SUJEITO	NEGATIVO
	<i>vá-shí-kúlúpíl-a</i> S3P-IMP-confiar-VF “Eles que confiavam.”	<i>vá-ká-shí-kulupíl-a</i> S3P-NEG-IMP-confiar-VF “Eles que não confiavam”

FONTE: LEACH (2010. P. 188-198)

Como vimos acima, em termos estritamente fonológicos, a diferença mais marcante e recorrente entre tempos conjuntivos e tempos relativos de sujeito se dá pelo alongamento pós-lexical de penúltima sílaba que ocorre no complexo verbal dos últimos. Além disso, tempos relativos formam a negativa pelo uso do morfema de negação *-ka-*, posposto ao morfema de concordância de sujeito, enquanto tempos conjuntivos formam a negativa pelo acréscimo do morfema de negação *-a-* anteposto ao morfema de concordância de sujeito.

2.6. RESUMO DO CAPÍTULO

Este capítulo foi dedicado à descrição dos processos tonais nos complexos verbais da língua Shimakonde. Vimos que a transposição de tom alto transfere o tom alto para a mora contígua, de um prefixo para outro, ou de prefixos para o radical verbal. Já a duplicação de tom alto atribui o mesmo tom alto da mora inicial do radical à mora contígua desde que esta mora não esteja na penúltima sílaba. Por sua vez, o espriamento de tom faz com que o tom alto seja repetido em todas as sílabas em tom baixo disponíveis do início do radical verbal até à antepenúltima sílaba do radical em tempos disjuntivos. Vimos que nos tempos verbais conjuntivos, o espriamento pode ocorrer do radical verbal para o complemento se este último apresentar algum tom alto em sílaba posterior à primeira. Neste capítulo também foi feita uma descrição sobre a atribuição dos quatro tons de contorno regulares da língua, crescente ($\mu\acute{\mu}$) ou crescente-decrescente ($\mu\grave{\mu}$), alto nivelado ($\acute{\mu}\acute{\mu}$) e baixo nivelado ($\mu\mu$) e foram apresentados contextos específicos de ocorrência do tom de contorno decrescente ($\mu\mu$), além das regras de inserção obrigatória e facultativa do tom alto no início de radical. Por fim, dissertamos a proposta de Leach (2010) para a atribuição das três unidades tonais em duas moras para o caso do tom de

contorno crescente-decrescente ($\mu\hat{\mu}$). Nesta proposta, o tom baixo tem um papel ativo na língua e pode ser transposto de um prefixo para o radical verbal.

No próximo capítulo, se inicia a segunda parte dessa tese, voltada para a morfossintaxe dos tempos conjuntivos e disjuntivos e nos concentraremos nas propostas de incorporação da estrutura da informação aos domínios da sintaxe e línguas que utilizam da alternância conjuntivo/disjuntiva para codificar foco de diferentes escopos.

Parte 2:
Aporte teórico

CAPÍTULO 3 - ESTRUTURA DA INFORMAÇÃO

O objetivo deste capítulo e do próximo é oferecer uma revisão teórica que servirá de base para a análise dos dados que será desenvolvida na última parte desta tese. Para tanto, veremos algumas propostas de incorporação da estrutura da informação na representação das estruturas sintáticas das línguas. Lambrecht (1994) usa o termo informação para se referir à representação mental do mundo que um ouvinte adquire quando um interlocutor o deixa ciente de certo estado de coisas. Essa representação é formada de uma soma de proposições que o ouvinte toma como incontroversa. Grosso modo, proposição é todo o novo conhecimento adquirido que passa a fazer parte desta representação mental. Naturalmente, existem assunções a cerca de qual conhecimento o ouvinte já possui em relação a um determinado estado de coisas. A partir deste conhecimento prévio é que novas relações pragmáticas são estabelecidas. Proposições são imbuídas, portanto, de informações já

denotadas e estabelecidas na representação mental do ouvinte e das novas relações que são estabelecidas na interação. A parte da proposição já estabelecida ou tomada por conhecida é a parte pressuposta da proposição. Um referente é interpretado como tópico de uma proposição se a proposição for construída a respeito deste referente. Isto é, o intento da proposição é acrescentar informações sobre este referente. O foco de uma proposição é a informação não pressuposta. Isto é, a informação que fornece ou desencadeia uma nova relação no estado de coisas na mente do ouvinte. E pode ser feita por referentes já mencionados no discurso ou totalmente novos.

A estrutura da informação se preocupa com os aspectos formais dos enunciados durante a interação entre falantes e ouvintes em relação ao que se presume refletir seus estados mentais. Desta feita, os estudos em estrutura da informação estão interessados não no conteúdo dos enunciados em si, mas na maneira como esse conteúdo é transmitido e decodificado na interação verbal. Isto é, como o ouvinte processa a informação enunciada em relação a um contexto particular. Tais elementos da estrutura da informação podem ser codificados na prosódia, na sintaxe e na morfossintaxe.

3.1. DOMÍNIO CP.

O nível CP serve de interface entre o discurso e a proposição. As propriedades de CP determinam se uma sentença é declarativa, interrogativa, relativa, adverbial etc. Este nível por sua vez é influenciado por características específicas do IP relacionadas à finitude. Rizzi (1997) mostra que CP comporta uma série de projeções intermediárias entre ForceP mais externo e FinP mais interno.

A periferia esquerda da sentença comporta vários referentes ligados à proposição como foco e tópico. Considere os exemplos a seguir do Inglês (1) e Italiano (2) (RIZZI, 1997, p. 285-286):

- (1a) *your book, you should give t to Paul (not to Bill).*
“Seu livro, você deve dá-lo a Paul (não Bill).”
- (1b) *YOUR BOOK, you should give t to Paul (not mine)*
“Seu livro, você deve dá-lo a Paul (não o meu).”
- (2a) *Il tuo libro, *(lo) ho letto*
“O seu livro, Eu o li.”
- (2b) *Il TUO LIVRO (*lo) ho letto*
“O seu livro eu li.”

Em (1a) e (2a), temos elementos com função de tópico em posição inicial. Já em (1b) e (2b), temos elementos em foco nessa posição que são caracterizados também por acentuação focal. No italiano, nota-se que o objeto topicalizado deve ser recuperado por um clítico resumptivo, conforme se vê em

(2a), enquanto o objeto focalizado em (2b) é agramatical caso um clítico resumptivo se realize na sentença.

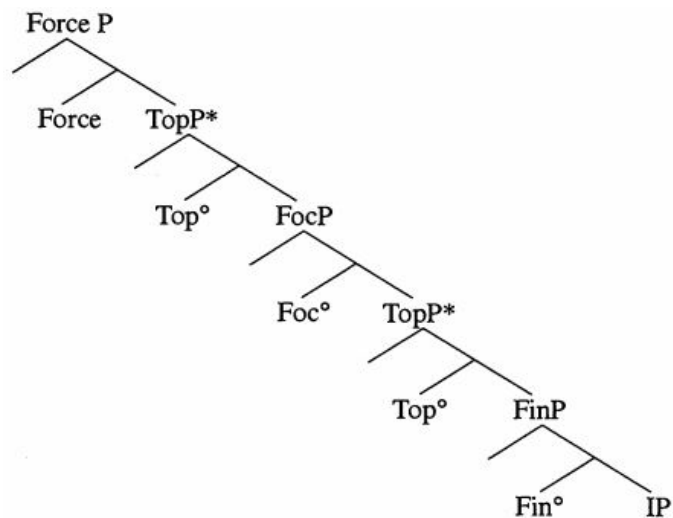
Para Rizzi, as duas articulações (tópico-comentário e foco-pressuposição) devem ser representadas no esquema X-barra, com os elementos topicalizados ou focalizados entrando em relação de especificador-núcleo. Essas projeções TopP e FocP seriam intermediárias entre ForceP e FinP. O pesquisador demonstra que CP é constituído de múltiplas projeções a partir de restrições distribucionais no italiano. Note, por exemplo, que pronomes relativos precedem tópicos enquanto pronomes interrogativos os seguem (RIZZI, 1997, p. 289):

- (3a) *Um uomo a cui, Il premio Nobel, lo daranno sez'altro.*
“Um homem ao qual, o prêmio Nobel, eles o darão sem dúvidas.”
- (3b) **Um uomo, Il premio Nobel, a cui lo daranno sez'altro.*
“Um homem, o prêmio Nobel, ao qual, eles o darão sem dúvidas.”
- (4a) **A chi, Il premio Nobel, lo daranno?*
“A quem, o prêmio Nobel, o darão?”
- (4b) *Il prêmio Nobel, a chi lo daranno?*
“O prêmio Nobel, a quem o darão?”
- (5a) *Mi domando, il premio Nobel, a chi lo potrebbero dare.*
“Pergunto-me, o prêmio Nobel, a quem eles poderiam dar?”
- (5b) *? Mi domando, a chi, Il premio Nobel, lo potrebbero dare*
“Pergunto-me, a quem, o prêmio Nobel, eles poderiam dar?”

As restrições expostas nos exemplos acima mostram que operadores relativos devem estar em uma posição mais alta, presumivelmente em especificador de ForceP, enquanto operadores interrogativos em posição mais baixa.

Rizzi argumenta que diferentemente de tópico, a projeção de foco não pode ser recursiva no italiano. FocP teria o elemento não pressuposto em relação especificador-núcleo e a parte pressuposta seria seu complemento. Se tivéssemos uma projeção recursiva de FocP, digamos FocP2, ela como complemento de FocP teria que se tratar de informação pressuposta da projeção mais alta. Tal incompatibilidade interpretativa bloquearia projeções recursivas de foco. A formalização abaixo seria uma das configurações possíveis entre a projeção de Foco e as projeções de Tópico recursivas dentro do domínio de CP:

(6)



Note que, no nível CP, os movimentos são para posições não argumentais. Na próxima seção a proposta de Miyagawa é discutida para percolação de traços gramaticais de foco e tópico para o nível TP no japonês. Os DPs movidos para esta projeção estão em posição argumental.

3.2. DOMÍNIO TP.

Um importante estudo sobre a relação entre estrutura da informação, movimento e o nível TP foi elaborado por Miyagawa (2010). Este pesquisador propõe que a motivação do movimento argumental tanto em línguas de concordância como em línguas discurso-configuracionais (É KISS, 1995) são motivadas por traços gramaticais de diferentes naturezas. Para ele, nas línguas de concordância, sondas mirando traços phi seriam responsáveis pelo movimento de DPs para TP. Todavia, outros traços gramaticais como tópico e foco desencadeariam este alçamento em línguas discurso-configuracionais. Antes de mostrar evidências para essas alegações, o autor investiga as relações entre EPP, movimento e concordância.

O princípio de projeção estendida (EPP) foi proposto por Chomsky (1981) devido à existência de construções expletivas em inglês (e.g. *there stands a statue in the town center*) em que a concordância verbal se dá com o XP pós-verbal. O fato de um expletivo, que não possui conteúdo semântico,

ocupar a posição de Spec, TP demonstra que essa posição precisa ser ocupada necessariamente por algum DP. Em outras palavras, este princípio é o requerimento que prediz que uma sentença precisa ter um sujeito. EPP seria responsável, por exemplo, pelo movimento do argumento interno de verbos inacusativos para a posição de Spec,TP, (BURZIO, 1986), e também pelo movimento de argumentos externos de Spec, vP para Spec, TP. Chomsky (1995) propõe que o núcleo T tem um traço gramatical D que precisa ser checado, o que motivaria o movimento de DPs para a posição de Spec, TP. O EPP, destarte, parece sempre estar associado ou ser derivado de outras operações sintáticas, como Caso e Concordância. Muitos linguistas propõem que EPP deriva da necessidade de atribuição de Caso nominativo, sendo T, o núcleo responsável por valorá-lo (Boeckx, 2000; Epstein & Seely, 1999; Koopman, 2003; Koopman & Sportiche, 1991). Por outro lado, o próprio Miyagawa (2005) e outros linguistas acreditam que EPP, na realidade, está associado à operação de Concordância.

A Concordância é tida como uma operação redundante e assimétrica entre dois ou mais elementos, para expressar a mesma informação. Nesta relação, apenas um elemento é responsável por fornecer a informação ao(s) outro(s), em uma relação sonda-alvo. Uma sonda é um traço não interpretável, uma vez que é um traço sem valoração (por exemplo, para número e pessoa). O

alvo, que é o elemento desencadeador da Concordância, fornece valor para a sonda, excluindo o traço não interpretável da derivação. Em línguas pro-drop, como português, no lugar do movimento de um DP para estabelecer a relação local entre especificador-núcleo, o alvo é capaz de valorar uma sonda se movendo diretamente para o núcleo que contem a sonda, causando assim o movimento do núcleo verbal para o núcleo funcional TP, tornando eventualmente desnecessário o alçamento de algum DP para aquela posição (ALEXIADOU & ANAGNOSTOPOULOU, 1998).

Um forte indicador que a operação de movimento que leva um DP para Spec, TP conhecida como EPP possa estar relacionada à Concordância advém de línguas que apresentam o fenômeno conhecido como assimetria de concordância. Neste caso, há um comportamento distinto relativo à ocorrência da posição do sujeito. Se o sujeito aparecer em posição pós-verbal, a concordância total com traços phi não é engatilhada. O árabe é um exemplo de língua com o comportamento supracitado, como mostram os dados a seguir (BAHLOUL & HARBERT, 1993, p. 15 apud MIYAGAWA, 2010, p. 4):

(7a) *Qadim-a* (*/*qadim-uu*) *al-awlaadu.*
 vir-3SM vir-3PM os-garotos-3PM
 “Os garotos vieram.”

(7b) *Al-awlaadu* *qadim-uu* (*/*qadim-a*) [t].
 os-garotos-3PM vir-3PM vir-3SM
 “Os garotos vieram.”

Nos dados em (7), a concordância total, isto é, concordância de pessoa, gênero e número, só é possível quando há o movimento do sujeito para Spec,TP. Presumivelmente, o sujeito recebe Caso nominativo em ambos cenários, ou seja, tanto quando aparece em posição pré-verbal ou pós-verbal. Todavia, se o sujeito continuar in situ, ocorre apenas concordância de pessoa e gênero, o que mostraria uma correlação entre movimento para Spec, TP e concordância de número na língua árabe.

Outros indícios podem ser vistos mesmo na língua inglesa. Considere os seguintes exemplos em inglês retirados de Chomsky (1995):

(8a) *There seems* [TP ____ *to be a man in the garden*]

(8b) **There seems* [TP *a man to be* ____ *in the garden*]

Note que o TP da oração encaixada é não finito, portanto não há concordância. Se tomarmos a concordância como motivador do movimento de um DP para a posição de Spec,TP, o movimento do DP 'a man' não é motivado em (8b), o que explicaria sua agramaticalidade.

Miyagawa (2010) acredita que a Concordância ocorre para estabelecer uma relação funcional. Para melhor compreender essa relação se faz pertinente distinguir núcleos lexicais de núcleos funcionais. Os núcleos lexicais são responsáveis pela estrutura argumental de um enunciado, se concentrando dentro do nível fásico do vP. Por outro lado, os núcleos funcionais seriam responsáveis por sistemas de informação da linguagem. Em outras palavras,

codificariam noções como sujeito oracional, tópico, foco e outros modos de expressão, estando concentrados no nível fásico CP. A relação funcional estabelecida pela Concordância deve ser transformada em relação local especificador-núcleo movendo o alvo para a sonda. Desta forma, essa operação fornece informações para a interpretação semântica e para a estrutura de informação.

Miyagawa (2010) credita ao movimento nas línguas naturais a capacidade de propiciar um registro visível das relações funcionais que a concordância estabelece para a interpretação semântica e a estrutura da informação. Ou seja, o grande poder de expressividade das línguas humanas é garantido pelas relações funcionais que forçam a operação de movimento. Esta operação, então, proporciona implicações para a interpretação semântica e para a estrutura informacional da sentença. Dentro de uma concepção de sintaxe estreita, operações de concordância e movimento ocorrem na computação formal sem serem motivadas por considerações de significado ou expressividade, mas essas operações ocasionariam justamente este efeito.

Desta maneira, a Concordância, aqui entendida como uma relação funcional, que pode se manifestar por traços phi em línguas de concordância, se manifestaria, de acordo com o pesquisador, pelos traços Foco/Tópico em línguas discurso-configuracionais. Estes traços seriam, portanto, responsáveis

por estabelecer a mesma relação funcional e desencadeando movimento argumental para Spec, TP. Desta forma é um traço gramatical (podendo ser phi, tópico ou foco) em T que mira o alvo da concordância para o movimento. De acordo com É. Kiss (1995), em línguas com proeminência de tópico, o mesmo é equivalente ao sujeito como argumento externo do VP. Além disso, algumas línguas podem apresentar movimento motivado por foco, outras por tópico e ainda há línguas que ambos os traços podem desencadear movimento. De acordo com Miyagawa, o japonês se enquadra no último caso.

O autor salienta que o tópico ao qual se refere é o tópico da sentença, que, grosso modo, se refere à “entidade a qual a sentença se refere”. No japonês existe também o chamado tópico discursivo, marcado pelo afixo *-wa*.

Um problema ao se estabelecer a correlação entre os traços phi nas línguas de concordância com traços de tópico e foco em línguas discurso-configuracionais reside na assunção de que esses traços são realizados em núcleos funcionais distintos. Enquanto os traços de concordância são assumidos em T, acredita-se que os traços de foco são gerados em um núcleo funcional mais alto que T na região do núcleo C ou abaixo (CULICOVER & ROCHEMONT, 1983; É. Kiss, 1995; RIZZI, 1997). Miyagawa, seguindo os trabalhos de Chomsky (2007, 2008) e outros linguistas (Boeckx, 2003; Carstens, 2003; Kornfilt, 2000, 2004), propõe que a concordância entre sujeito

e verbo se originaria no núcleo C, delegando a propriedade de desencadear movimento apenas para aos núcleos fásicos, C, v e D. Posteriormente, a concordância seria herdada no núcleo mais baixo, T. No entanto, antes de dissertar sobre a proposta de configuração sintática que Miyagawa propõe para estes núcleos funcionais, tomemos as evidências que o autor arrola de que os traços tópico e foco são desencadeadores de movimento e que esses movimentos são de fato argumentais.

Um exemplo em japonês de movimento que seria motivado por foco ocorre com pronomes interrogativos que apresentam interpretação de pronome indefinido de polaridade negativa na presença do quantificador universal *-mo*. Considere os exemplos a seguir: (KURODA, 1965; NISHIGAUSHI, 1990 apud MIYAGAWA, 2010).

9a) *Taroo-ga nani-mo kawa-nakat-ta.*
 Taro-NOM qual-mo comprar-NEG-PAST
 “Taro não comprou nada.”

(9b) *Taroo-ga nani-o kai-mo si-nakat-ta.*
 Taro-NOM qual-AC comprar-mo fazer-NEG-PAST
 “Taro não comprou absolutamente nada.”

Em (9b), o quantificador *-mo* aparece afixado à raiz verbal e o pronome interrogativo recebe caso acusativo. Nessa sentença, o pronome indefinido está estritamente correlacionado com foco, sendo atribuído a ele o sentido de “absolutamente nada”. Miyagawa assume que *-mo* se relaciona com o traço

foco, o que proporciona ao pronome interrogativo ser interpretado como pronome indefinido. Seguindo a análise de Kishimoto, ele acredita que tanto o pronome quanto o quantificador devem estar contidos em uma mesma projeção máxima. Para isso, o verbo é alçado a vP levando consigo o quantificador *-mo*. Já o pronome interrogativo é alçado à posição de Spec, vP. Seria por essa razão que o alçamento de pronomes interrogativos para a posição de sujeito causaria agramaticalidade (KISHIMOTO, 2001, apud MIYAGAWA, 2010, p.14):

- (10) **Dare-ga pizza-o tabe-mo si-nakat-ta.*
 Quem-NOM pizza-AC comer-mo fazer-NEG-PAST
 “Ninguém não comeu a pizza.”

Em (10) o que causaria a agramaticalidade seria a necessidade do pronome satisfazer EPP, sendo alçado a Spec-TP. Em consequência, o pronome teria de sair do escopo de *-mo*, que está dentro da projeção vP, não sendo mais possível para o pronome ter a leitura de indefinido de polaridade negativa.

Outro indício que foco tem implicações no movimento argumental está na possibilidade de deslocar objetos para a posição inicial da sentença. O Japonês é uma língua *scrambling*, isso é, uma língua que permite que a ordem dos constituintes oracionais se altere (MAHAJAN, 1990) como no exemplo em

(11) (MIYAGAWA, 2010, p.15):

- (11) *Zibun-zisin-o_i Taroo-ga t_i hihansi-ta.*
 Si mesmo-AC Taro-NOM criticar-PAST
 “A si mesmo, Taro criticou.”

No caso acima, o pronome reflexivo foi deslocado para a posição inicial da sentença. Mesmo nessa situação, houve reconstrução, isto é, a frase movida foi interpretada em escopo e ligação em uma posição abaixo da posição em que é realizada na sentença, que é característica de um movimento não argumental, como a topicalização de objeto. Todavia, na sentença em (9b) repetida em (12a) em que o pronome indefinido é analisado como contido na mesma projeção máxima do quantificador *-mo*, o deslocamento para a periferia esquerda da sentença não permite reconstrução e causa agramaticalidade da sentença, como vemos em (12b) (KURODA, 1965; NISHIGAUCHI, 1990, apud MIYAGAWA, 2010, p.13):

(12a) *Taroo-ga Nani-o kai-mo si-nakat-ta.*
 Taro-NOM Qual-AC comprar-mo fazer-NEG-PAST
 “Taro não comprou absolutamente nada.”

(12b) **Nani-oi Taroo-ga t_i kai-mo si-nakat-ta.*
 Qual-AC Taro-NOM comprar-mo fazer-NEG-PAST
 “Taro não comprou absolutamente nada.”

Em (12b), com o pronome indefinido em posição de objeto deslocado para a esquerda do sujeito, a sentença se torna agramatical. Entretanto, se este deslocamento for não argumental, como em (11), deveria haver reconstrução e a sentença deveria ser gramatical. O fato de o deslocamento do pronome não permitir reconstrução, sugere que houve um movimento para uma posição argumental. Este dado mostra a natureza argumental de determinados

movimentos em línguas *scrambling*. Miyagawa (2010) postula que, em (12), a posição na periferia esquerda é reservada aos movimentos argumentais para Spec,TP. Um traço gramatical, no lugar de traços phi, seria o desencadeador deste movimento argumental.

Outro diagnóstico utilizado para distinguir movimentos argumentais de movimentos não argumentais é a violação de *weak crossover*. Efeitos *crossover* são restrições em ligações ou correferências entre DPs e pronomes. Diz-se que houve violação de *weak crossover*, quando a relação correferencial entre um DP e um pronome não é uma interpretação impossível para a construção, mas é uma interpretação muito marginal. Este tipo de violação geralmente ocorre quando a expressão que é “cruzada” é um pronome possessivo dentro de uma frase nominal. Movimentos argumentais não causam violação de *weak crossover*, já que podem criar ligação correferencial como mostrado em (13a). Por sua vez, movimentos não argumentais causam violação, e não criam ligação correferencial, como em (13b) (MAHAJAN, 1990):

(13a) *Who_i t_i seems to his_i mother t_i to be smart?*

(13b) *?*Who_i does his_i mother love t_i?*

Repare que em (13b) o pronome interrogativo sai de sua posição de base de dentro do vP para ser alçado “por cima” do pronome possessivo para a periferia esquerda da sentença, causando a violação de *weak crossover*. Isto é, trata-se de um movimento não argumental, pois a leitura preferível é a de que o

pronome interrogativo não cria correferência com o pronome possessivo, ou seja, não há ligação anafórica.

O movimento ‘A scrambling’ na língua japonesa quando local, não causa violação de *weak crossover*, e pode criar ligação, o que atesta se tratar de movimento argumental (MIYAGAWA, 2010, p.61):

(14a) **[Kinoo pro_i pro^j atta hito_i]-ga dare-o^j*
 Ontem encontrou pessoa-NOM quem-AC
hihansita no?
 criticou q
 Lit. “A pessoa que (o) encontrou ontem criticou quem?”

(14b) *Dare-o^j [kinoo pro_i pro^j atta hito_i]-ga t^j*
 Quem-AC ontem encontrou pessoa-NOM
hihansita no?
 criticou q
 Lit. “Quem, a pessoa que (o) encontrou ontem criticou?”

(15a) **Otagai-no sensei-ga [Taroo-to Hanako]i-o*
 Cada um-GEN professores-NOM Taro-and Hanako-AC
suisensita.
 recomendaram
 “Os professores de cada um recomendaram Taro and Hanaka.”

(15b) *Taroo-to Hanako-o_i otagai-no sensei-ga t_i*
 Taro-e Hanako-AC cada um-GEN professores-NOM
suisensita.
 recomendaram
 “Taro e Hanako, os professores de cada um recomendaram.”

Como não são traços phi que desencadeiam o movimento argumental visto nos dados em (14-15), Miyagawa argumenta que este movimento é desencadeado por traços como tópico/foco.

Quando o quantificador *-mo* é assinalado a um DP, ela carrega uma entonação de foco, conforme dados a seguir (MIYAGAWA, 2010, p.63):

(16a) *Taro-wa HON-o katta.*
Taro-TOP livro-AC comprou
“Taro comprou um livro.”

(16b) *TAROO-mo hon-o katta.*
Taro-também livro-AC comprou
“Taro também comprou um livro.”

Diferentemente de (16a), em que o DP livro recebe a proeminência default, em (16b) o DP marcado com o quantificador *-mo* recebe proeminência e é interpretado com elemento focalizado na sentença. De acordo com Hasegawa (1991, 1994), o elemento marcado com *-mo* em uma sentença negativa, ocorre fora do escopo da negação (MIYAGAWA, 2010, p.64).

(17) *John-ga hon-mo kaw-anakat-ta.*
John-NOM livro-também comprar-NEG-PAST
“Um livro é uma das coisas que John não comprou.”

De acordo com a proposta de Klima (1964) para estar no escopo da negação, um DP deve ser c-comandado por ela. Desta forma, o DP marcado por *-mo* está em um nível funcional acima.

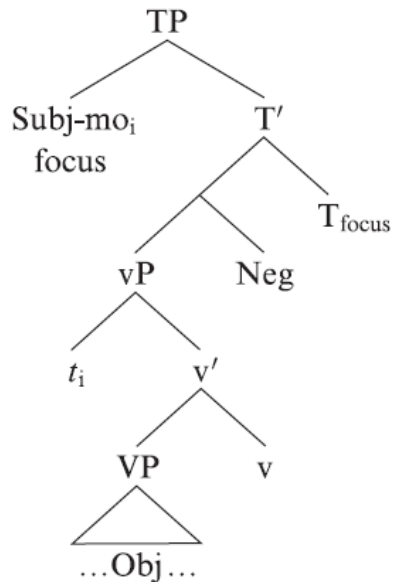
O movimento de DPs ‘A-scrambling’ quando marcados pelo quantificador *-mo* também não causam violação de *weak crossover*, isto é, criam ligação anafórica (MIYAGAWA, 2010, p.67):

- (18) *Taroo-to Hanako-mo_i otagai-no sensei-ga t_i*
 Taro-e Hanako-também cada um-GEN professores-NOM
suisensita.
 Recomendou

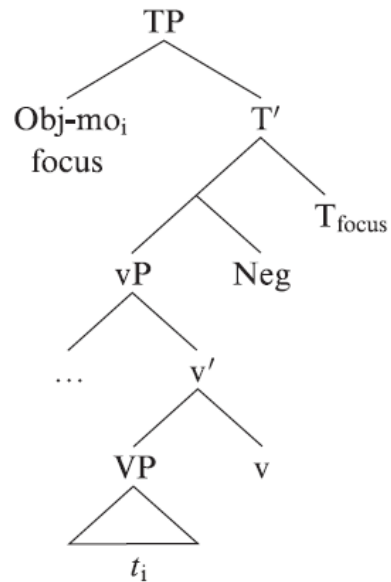
Lit. “Taro e Hanako também, os professores de cada um recomendaram.”

Por estar acima do escopo de negação e ser um movimento argumental, Miyagawa aponta que os DPs foram alçados para Spec, TP, sendo o traço gramatical foco responsável por este movimento. Como sugerem as árvores sintáticas a seguir (MIYAGAWA, 2010, p.65):

(19a) SUJEITO FOCALIZADO



(19b) OBJETO FOCALIZADO



Contudo, no exemplo (17), vimos que o sujeito oracional aparece à esquerda do objeto focalizado, que estaria em Spec, TP. Uma vez que o movimento do sujeito não causa violação de *weak crossover* e pode criar

ligação, o sujeito se encontra em posição argumental (MIYAGAWA, 2010, p. 69)

- (20) *Darei-ga* [*mukasi* pro_i pro_j *hihansita hito*']-mo t_j
 Quem-NOM tempo atrás criticou pessoa-também
sukininatta no?
 veio a gostar q

Lit. “Quem, a pessoa que (o) criticou muito tempo atrás veio a gostar?”

- (21) *Hanakoi-ga zibun-zisini-mo* t_i *hihansita.*
 Hanako-NOM si mesmo-também criticou
 “Hanako também criticou a ela mesma.”

Outra evidência de existir uma posição argumental entre CP e TP está no fato de muitas sentenças transitivas estativas em japonês permitem que o objeto seja marcado opcionalmente com o caso nominativo. Há, entretanto, uma diferença de escopo entre o objeto nominativo e o objeto acusativo (SANO, 1985; TADA, 1992; KOIZUMI, 1995, 2008 apud (MIYAGAWA, 2010, p. 72):

- (22a) *Kiyomi-wa migime-dake-o* *tumur-e-ru.*
 Kiyomi-TOP olho direito-apenas-AC fechar-pode-pres
 Lit. “Kiyomi pode apenas fechar seu olho direito.”
 [pode > apenas] “Kiyomi pode piscar seu olho direito.”

- (22b) *Kiyomi-wa migime-dake-ga* *tumur-e-ru.*
 Kiyomi-TOP olho direito-apenas-NOM fechar-pode-pres
 [apenas > pode] “É apenas o olho direito que Kiyomi pode fechar.”

Em (22a) o verbo tem escopo sobre objeto acusativo. Já em (22b) o objeto nominativo que tem escopo sobre o verbo e tende a ser focalizado. Desta forma, de acordo com a proposta de Miyagawa, o objeto nominativo estaria em TP. O sujeito também se encontra em uma posição argumental o que é

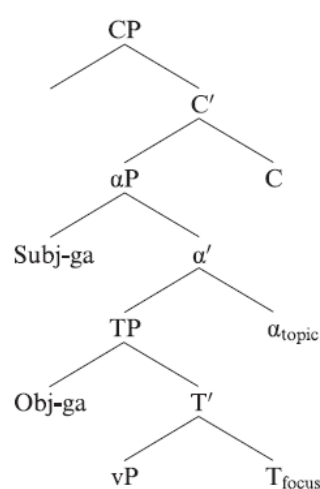
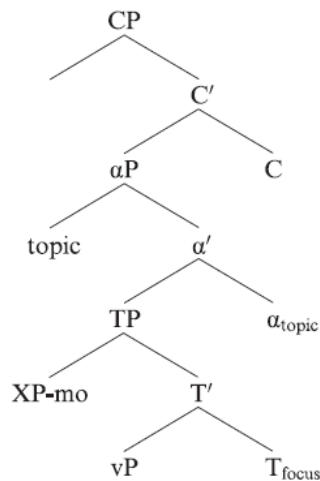
demonstrado pelo dado a seguir, em que é possível ancorar uma anáfora a ele (MIYAGAWA, 2010, p. 73).

- (23) *Tarooi-ga zibun-zisini-no sensei-ga*
 Taro-NOM se mesmo-GEN professor-NOM
hihan-deki-nakat-ta.
 criticar-pode-NEG-PAST
 “Taro foi incapaz de criticar seu próprio professor.”

Esses dados sugerem a existência de uma posição argumental entre CP e TP. A existência de tal posição argumental já foi proposta em outras línguas como Kikuyu (HORVATH, 1995), Finlandês (HOLMBERG & NIKANNE, 2002), e romance (URIAGEREKA, 1995). Miyagawa dá um rótulo neutro a essa posição argumental chamando-a apenas de α P, projeção que aparece opcionalmente na estrutura. As árvores sintáticas correspondentes aos dados em (21) e (23) aparecem abaixo: (MIYAGAWA, 2010, p. 71-73)

(24a) OBJETO MODIFICADO POR ‘MO’

(24b) OBJETO NOMINATIVO



No Japonês, Saito (2006) chamou essa posição de ThemeP, o que corresponderia ao que Miyagawa chama de Tópico sentencial. A opção de Miyagawa por utilizar um rótulo neutro se deve ao fato de que esta posição argumental pode receber não apenas traço de tópico, mas também de foco, como fica demonstrado no dado a seguir (MIYAGAWA, 2010, p. 83):

- (25) *John-ni-mo_i Taroo-to Hanako-o^j [otagaij-no tomodati]-ga*
 John-DAT-também Taro e Hanako-AC cada um-GEN amigos-NOM
t_i t^j syookaisita.
 apresentou

Lit. “Para John também, Taro e Hanako, os amigos de cada um apresentou.”

Em (25) temos um dativo focalizado, com objeto deslocado de sua posição de base, todavia servindo de antecedente de uma anáfora, o que atesta se tratar de um movimento argumental. O objeto é interpretado como tópico da sentença.

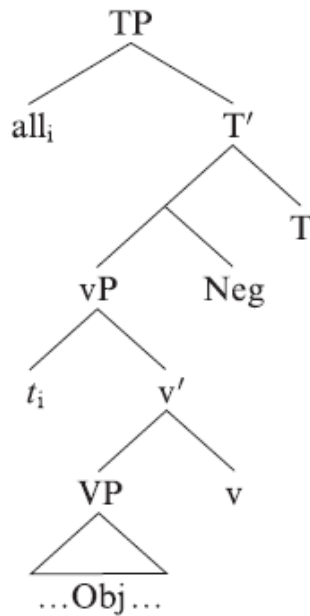
Como mostram os dados a seguir, elementos não focalizados também podem ser alçados a TP (MIYAGAWA, 2010, p. 75).

- (26a) *Zen'in-ga siken-o uke-nakat-ta.*
 Todos-NOM teste-AC fazer-NEG-PAST
 “Todos não fizeram o teste.”
 (Ninguém fez o teste. /*Nem todos fizeram o teste.)

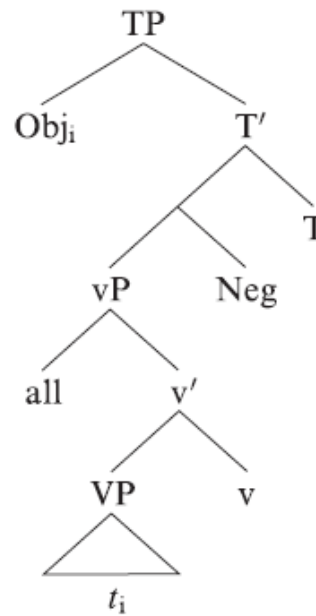
- (26b) *Siken-oi zen'in-ga ti uke-nakat-ta.*
 teste-AC todos-NOM fazer-NEG-PAST
 “Todos não fizeram o teste.”
 (Ninguém fez o teste. /Nem todos fizeram o teste.)

Em (26a), a negação não tem escopo sobre a expressão ‘todos’. Por sua vez, em (26b), com o objeto na posição inicial, a negação com escopo sobre o sujeito também é possível. Quando o sujeito não está sob o escopo da negação, ele se move para fora de Spec, vP, em uma posição fora do c-comando da negação. Todavia, quando a negação tem escopo sobre o sujeito ele tem que estar in situ, o que indica que o objeto que se desloca para Spec, TP. O elemento que aparece nessa posição tanto em (26a) quanto em (26b) são tópicos. Confira as configurações sintáticas abaixo. (MIYAGAWA, 2010, p.75-76)

(27a) SUJEITO EM TP:



(27b) OBJETO EM TP:



Miyagawa acredita que o traço +foco é marcado. A sonda que carrega o traço de -foco se junta inicialmente ao núcleo C. Porém, se ela entrar em concordância com uma frase focalizada, ela é valorada como +foco. Ela pode ficar neste núcleo C ou ser herdada pelos núcleos T ou α , se este último for projetado na estrutura. Seguindo a proposta de Holmberg and Nikanne (2002), Miyagawa argumenta que o traço de foco, por outro lado, uma vez herdado por T ou α , requer apenas que um DP apareça como especificador do núcleo em questão. Esse seria o motivo de sentenças com dois elementos topicalizados poderem alternar sua posição oracional ou mesmo quando há um elemento focalizado e outro topicalizado (MIYAGAWA, 2010, p. 90).

- (28) *Hanako-ni_i tegami-oⁱ Taroo-ga t_i t_j okutta.*
 Hanako-dat carta-AC Taro-NOM enviou
 Lit. “Hanako, carta, Taro enviou.”

Por sua vez, o traço +Foco ocorre por uma relação de sonda-alvo e não permite uma ordem livre quando dois elementos focalizados ocorrem na estrutura. A relação de Concordância não permite dois traços idênticos em dois núcleos distintos devido à localidade da operação. Nessa situação, ocorre apenas um traço +foco que entra em múltipla concordância com duas frases focalizadas, com o elemento mais próximo sendo atraído em primeiro lugar e depois o elemento mais baixo. Essa relação mantém a ordem dos elementos fixos na oração (MIYAGAWA, 2010, p. 90).

- (29a) *Taroo-mo* *piza-mo* *tabeta.*
 Taro-também pizza-também comeu
 “Taro também comeu pizza, também.”
- (29b) **Piza-mo* *Taroo-mo* *tabeta.*
 pizza-também Taro-também comeu
 “Taro também comeu pizza, também.”

Em suma, Miyagawa (2010) propõe que, no japonês, foco e tópico são traços gramaticais, mas não núcleos independentes, e são alçados de CP para projeções abaixo TP e α P que seriam responsáveis pelo movimento de DPs em línguas discurso-configuracionais para a posição de especificador dessas projeções, o traço +foco, ocorre numa operação de Concordância, entre sonda-alvo, enquanto o traço +tópico ocorre numa relação entre especificador e núcleo. Essa proposta também é interessante por demonstrar que traços como +foco e/ou +tópico não figuram necessariamente apenas no domínio CP. Tais traços podem se realizar em posições mais baixas como no domínio TP ou inferiores, o que foi proposto para a língua Emakhuwa, como veremos mais adiante. A assumpção da percolação destes traços a partir de CP pode ser uma boa justificativa teórica para a proposição destas projeções. Veremos na próxima seção que projeções desta natureza podem ocorrer mesmo em posições mais baixas dentro do nível fásico vP.

3.3. DOMÍNIO vP.

Uma proposta de projeção pragmática abaixo do nível vP foi feita por Belletti (2004) para as chamadas inversões livres no italiano. Geralmente, nessas construções, o sujeito que engatilha os paradigmas flexionais no verbo está em foco e aparece em posição pós-verbal, conforme exemplos a seguir (Belletti, 2004, p. 18):

(30a) *Ha parlato Gianni.*
 “Tem dito Gianni.”

(30b) *E' partite Gianni.*
 “Se foi Gianni.”

Seria razoável assumir que o sujeito poderia ter sido alçado a uma posição de foco alto, dentro de CP, com o IP remanescente alçado a uma posição mais alta de tópico⁵⁵. Todavia, a pesquisadora aponta várias razões sintáticas que sugerem que o sujeito está numa posição mais baixa na estrutura. Por brevidade, consideremos aqui apenas um dos vários testes que ela propõe. Considere os exemplos a seguir (BELLETTI, 2004, p. 23):

⁵⁵ No movimento remanescente (MÜLLER, 2001; CECCHETTO, 2004; THIRSCH, 2016), remanescente é o constituinte do qual algum material foi extraído previamente na derivação. Em tal situação, o traço do material extraído pode ser carregado para posições em que ele não é mais c-comandado pelo seu antecedente. Considere os exemplos deste movimento na língua alemã (THIRSCH, 2016, p. 2):

(a) *Gelesen_i hat er das Buch gestern e_i*
 Lido tinha ele o livro ontem
 “Ele tinha lido o livro ontem”
 (cf. [VP *Das Buch gelesen*] *hat er gestern.*)

Em (a), temos apenas parte do VP deslocado para a periferia esquerda da sentença. Era esperado que o objeto *das Buch* também tivesse sido transportado para se configurar o movimento de todo o XP.

- (31a) *Non conosco alcun linguista.*
“Eu não conheço algum linguista.”
- (31b) *Non parlara alcun linguista.*
“Não falará algum linguista.”
- (31c) **Alcun linguista non parlara.*
“Algum linguista não falará.”
- (32a) *Non ho visto nessuno.*
“Eu não tenho visto ninguém.”
- (32b) *Non ha parlato nessuno.*
“Não tem falado ninguém.”
- (32c) **Nessuno non ha parlato.*
“Ninguém não falou.”

Os exemplos em (a) e (b) são itens negativamente polarizados. Eles precisam ser licenciados pela negação *non* em posição de c-comando. Note que os sujeitos pós-verbais em (b) se comportam como os objetos em (a) e não como os sujeitos pré-verbais em (c). Se o sujeito em posição pós-verbal estivesse naquela posição por extração para uma posição alta no domínio CP e por movimento remanescente de IP para uma posição ainda mais alta na periferia esquerda da sentença, a necessária relação de c-comando entre a negação e o sujeito não seria possível. Por esta e outras razões, Belletti (2004) propõe que o complexo v-VP também poderia hospedar projeções de tópico e foco, de forma análoga ao complexo Force-FinP. Na próxima seção, veremos o estudo de caso da língua Emakhuwa e como a realização da morfologia

disjuntiva ou conjuntiva estaria relacionada a projeções de foco abaixo de TP e abaixo de vP, respectivamente.

3.4. ESTUDO DE CASO DA LÍNGUA EMAKHUWA

De acordo com Van der Wal (2006a), na Língua Emakhuwa, o verbo assume morfologia conjuntiva quando um XP focal ocupa a posição pós-verbal imediata, todavia quando essa posição está vazia, o verbo assume morfologia disjuntiva⁵⁶. Tal correspondência pode ser vista no conjunto de perguntas e respostas com pronomes interrogativos. Em tais situações comunicativas, a informação nova da resposta é sempre o elemento em foco na oração, uma vez que é o elemento não pressuposto (LAMBRECHT, 1994). Nessas situações, a estratégia utilizada na língua é a clivagem, ou o uso do verbo na morfologia conjuntiva seguido do elemento em foco (VAN DER WAL, 2006a, p.240-241):

(33a)	CJ	<i>o-m-vah-alé</i> S2S-ON1-dar-PERF	<i>esheení</i> o quê	<i>Teresínya?</i> N1.Teresinha
				“O que você deu para Teresinha?”
	CJ	<i>ki-m-vah-alé</i> S1S-ON1-dar-PERF	<i>ekanetá</i> N9.caneta	<i>(Teresínya)</i> N1.Teresínya
				“Eu dei uma caneta (para Teresinha).”
(33b)	CJ	<i>o-m-vah-alé</i> S2S-ON1-dar-PERF	<i>pání</i> quem	<i>ekanetá?</i> N9.caneta
				“Para quem você deu a caneta?”

⁵⁶Conferir também: Hyman & Waters (1984), Odden (1984, 1996), Ndayiragire (1999).

CJ	<i>ki-m-vah-alé</i>	<i>Teresínya</i>	<i>(ekanetá)</i>
	S1S-ON1-dar-PERF	N1.Teresinha	N9.caneta
	“Eu dei para Teresinha (uma caneta).”		

Além disso, pronomes interrogativos tem grande preferência de ocorrer na posição pós-verbal imediata com verbos em morfologia conjuntiva (VAN DER WAL, 2006a, p. 240, adaptado):

(34a)	CJ	<i>o-hiy-alé</i>	<i>esheení</i>	<i>wameétsa?</i>
		S2S-deixar-PERF	o que	N16.mesa
		“O que você deixou na mesa?”		
(34b)	CJ	<i>o-hiy-alé</i>	<i>wameétsa</i>	<i>eshéeni?</i>
		S2S-deixar-PERF	N16.mesa	o quê
(34c)	DJ	<i>*woo-híy-á</i>	<i>eshéeni</i>	<i>wameétsa?</i>
		S2S-deixar-VF	o que	N16.mesa
(34d)	DJ	<i>??woo-híy-á</i>	<i>wameétsa</i>	<i>eshéeni?</i>
		S2S-deixar-VF	N16.mesa	o quê
(35e)	CJ	<i>ki-hiy-alé</i>	<i>ellivurú</i>	<i>wameétsa</i>
		S1S-deixar-PERF	N9.livro	N16.mesa
		“Eu deixei o livro na mesa.”		

Van der Wal (2011) demonstra que a forma conjuntiva no Emakhuwa apesar de também ser usada para foco informacional, tem uma correlação mais forte com o foco de exclusividade (também conhecido como foco contrastivo (KENESEI, 2006) ou identificacional (É. KISS, 1998).). Quando um objeto é contrastado, o verbo assume forma conjuntiva. Quando o próprio verbo é contrastado, este assume morfologia disjuntiva (VAN DER WAL, 2006a, p.241,245, adaptado):

- (36a) NEG *n-ki-var-álé* *ehópá,*
 NEG-S1S-pegar-PERF N9.peixe
 CJ *ki-var-alé* *ephwetsá*
 S1S-pegar-PERF N9.polvo
 “Eu não pesquei peixe, eu pesquei polvo.”
- (36b) NEG *n-ki-ń-rúp-a* *n-kaláwá-ni*
 NEG-S1S-NEG-dormir-VF N18-barco-LOC
 DJ *ki-náá-lów-á* *(n-kaláwá-ni)*
 S1S-PRES-pescar-VF N18-barco-LOC
 “eu não durmo no barco eu pesco no barco.”

Esta correlação pode ser demonstrada pelo uso de operadores como *paáhi* “apenas” e *hata* “até mesmo”. O primeiro acarreta uma leitura de exclusividade entre alternativas e se mostra incompatível com um verbo na morfologia disjuntiva (37b). Já o segundo acarreta um elemento menos provável dentre um conjunto e se mostra incompatível com um verbo na morfologia conjuntiva (38a) (VAN DER WAL, 2011a, p. 1739, adaptado):

- (37a) CJ *ki-n-thúm'* *étomati* *paáhi*
 s1s-pres-comprar N10.tomate somente
 “Eu comprei apenas tomates.”
- (37b) DJ **ki-náá-thúm-a* *etomátí* *paáhi*
 S1S-PRES-comprar-VF N10.tomate somente
- (38a) CJ **áshííná* *a-ni-ń-khúúr-á* *hata* *mwálápwa*
 N2-chinês SN2-PRES-ON1-comer-VF até N1.cão
- (38b) DJ *áshííná* *a-ná-ń-khúúr-á* *hata* *mwálápwa*
 N2-chinês SN2-PRES-ON1-comer-VF até N1.cão
 “Os chineses comem até mesmo cachorro.”

Da mesma maneira que *hata*, os operadores *kata* “cada” e *oteene* “todo” não podem oferecer leitura exclusiva e são incompatíveis com a morfologia conjuntiva, exceto quando o substantivo modificado por esses operadores for restringido por uma oração relativa, uma vez que tal estratégia restaura a leitura de exclusividade (VAN DER WAL, 2011a, p. 1739-1740, adaptado):

- (39a) CJ **o-lawih-alé* *kat'* *epoólu/epoolú*
 SN1-experimentar-PERF cada N9.bolo
 Int.: “Ele experimentou cada bolo.”
- (39b) CJ *kaásimú* *oo-n-alé* *kút'* *éfilímé*
 N1-Casimo SN1-ver-PERF cada N9.filme
e-thum-iy-é *ń* *itáát* *ááwe*
 SN9-comprar-PAS-RELpor N1.irmão POS.N1
 “Casimo viu cada filme comprado pelo irmão dele.”
- (40a) CJ *??ki-som-ale* *eliivuru* *ts-ootene*
 S1S-ler-PERF N10.livro N10-todo
 Int.: “Eu li todos os livros.”
- (40b) CJ *ki-som-ale* *eliivuru* *ts-ootene*
 S1S-ler-PERF N10.livro N10-todo
tsi-lep-aly-aawe *Antonyo*
 SN10-escrever-PERF.REL-POS.N1 N1-Antonio
 “Eu li todos os livros que Antônio escreveu.”

O Abaixamento tonal predicativo (SCHADEBERG e MUCANHEIA, 2000 apud VAN DER WAL, 2006b) é uma estratégia utilizada na língua Ekoti para focalizar um nominal pós-verbal. Ele consiste no processo de mudança do primeiro tom alto subjacente de um item lexical para tom baixo. No Emakhuwa (Van der Wal, 2006b), este processo ocorre em predicativos e após verbos em

tempos conjuntivos. Além do apagamento do primeiro tom alto subjacente, um tom alto é atribuído à última sílaba do mesmo na situação em que este predicativo possuir apenas um tom alto subjacente e estiver no final de sentença ou for o primeiro objeto de uma construção de duplo objeto. A pesquisadora assume que o abaixamento tonal predicativo é uma estratégia adicional ao uso da morfologia conjuntiva no Emakhuwa para expressar foco estreito (VAN DER WAL, 2006b, p. 226, 228, adaptado):

- (41) *e-n-kí-tsívél-á* *eyootsha* *yoóvíha*
 N9-PRES-S1S-gostar-VF N9.comida N9.quente
 (Forma subjacente: *eyoóshá yoóvíha*⁵⁷)
 “O que eu gosto é de comida quente.”
- (42) *namárókolo* / *namarokoló*
 “Lebre” / “É a lebre.”
- (43) CJ *ni-m-váh-á* *maatsí* *enúni*
 S1P-PRES-dar-VF N6.água N10.pássaro
 “Nós damos água aos pássaros.”
- (44) CJ *ni-m-váh-á* *enuní* *maátsi*
 S1P-PRES-dar-VF N10.pássaro N6.água
 “Nós damos aos pássaros água.”

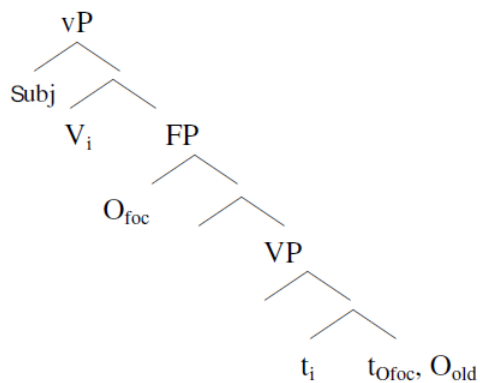
No exemplo (41), o item lexical sujeito a abaixamento tonal predicativo não é o final na oração. Note que o tom alto é apagado e nenhum outro tom alto é inserido. Há inserção de tom alto na última sílaba concomitante ao apagamento do tom alto da raiz nos demais exemplos.

⁵⁷O tom alto no Emakhuwa é sujeitos à duplicação tonal (VAN DER WAL, 2006b)

Para dar contas dos fenômenos até aqui descritos, Van der Wal (2006a) adota a noção de adjacência estrutural (FUSS, 2004; HALLE & MARANTZ, 1993) em que um nó terminal X e o nó terminal mais próximo Y c-comandado por X são adjacentes estruturalmente e postula duas projeções focais uma abaixo de TP e outra abaixo de vP.

A projeção abaixo de vP tem sua origem em Baker e Collins (2006). Trata-se de uma projeção funcional que rotularam de Linker Projection e que teria função de checar caso. No Emakhuwa, essa projeção funcionaria como uma projeção de foco abaixo de vP (Note que esta projeção é semelhante a aquela proposta de Belletti (2004) para o italiano). Nessas situações, o verbo apresenta morfologia conjuntiva. Se um argumento ou adverbio for focalizado ele se move para essa posição. Se a informação expressa no argumento ou no adjunto for pressuposta, este XP permanece in situ.

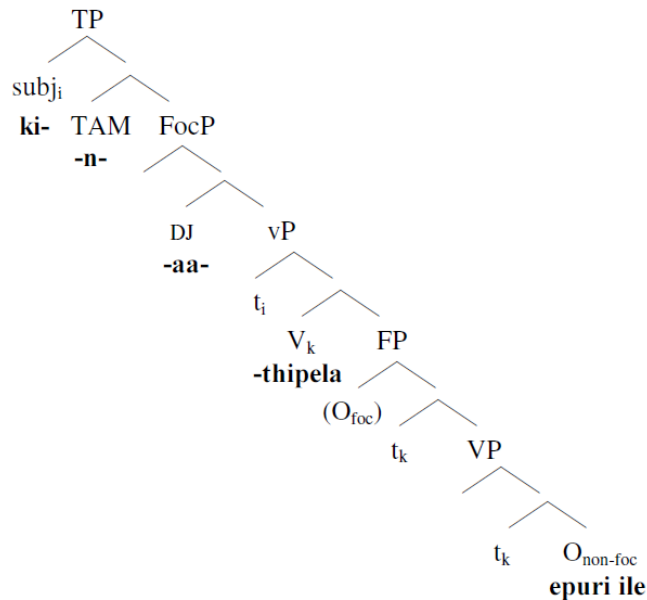
(45)



Na língua Rundi (NDAYIRAGIJE, 1999 apud VAN DER WAL, 2006a) se postula uma projeção/núcleo focal para hospedar a morfologia disjuntiva. Essa projeção também é assumida para o Emakhuwa. Com as duas posições focais estabelecidas há uma estrutura paralela entre os dois níveis da derivação, vP e TP. Veja um exemplo com morfologia disjuntiva:

(46a)DJ *ki-náá-thípel-á* *epúrí* *ile*
 1SG-PRES-enterrar-VF N9.bode N9.DEM
 “Eu estou enterrando aquele bode.”

(46b)



Tomando o exemplo acima como parâmetro, temos a seguinte configuração para as morfologias conjuntiva e disjuntiva:

(47a)DJ FocP -aa- SpecFP (vazio)

(47b)CJ FocP (vazio) SpecFP (Ofoc)

De acordo com a formalização em (47), a realização do núcleo de FocP está em distribuição complementar com a realização de SpecFP. Isso acarreta dizer que quando o verbo assume a morfologia disjuntiva, nada se move para o especificador da projeção de foco abaixo de vP. Similarmente, quando o núcleo da projeção de foco mais alta não se realiza, o verbo assume morfologia conjuntiva e necessariamente um elemento é movido para SpecFP. Dito de outro modo, quando o verbo assume morfologia disjuntiva não há focalização em algum elemento em posição mais baixa na estrutura. Já quando assume morfologia conjuntiva, necessariamente tem-se algum XP focalizado, pois algo se moveu para a posição de especificador do núcleo focal abaixo de vP.

3.5. RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo vimos que elementos próprios da pragmática como foco e tópico podem ter impacto determinante na realização sintática de elementos na sentença. Diante das propostas apresentadas, eles podem ser responsáveis por projeções que vão desde os níveis CP ao nível vP, e podem desencadear movimento seja pela relação de especificador-núcleo, ou por meio de sondas mirando traços não interpretáveis em relação de Concordância. Também analisamos a proposta de Van der Wal (2006) para a língua Emakhuwa na qual a alternância conjuntivo/disjuntiva reflete a existência de duas projeções focais

em posições diferentes da sentença (uma abaixo do nível vP e outra entre TP e vP, respectivamente.) que estão em distribuição complementar. No próximo capítulo, analisaremos as propostas que justificam a realização da alternância conjuntivo-disjuntiva como reflexo da posição do núcleo verbal estando necessariamente ou não seguido de determinado XP dentro de uma projeção sintática. Mais precisamente, serão retratados estudos de caso da língua Zulu.

CAPÍTULO 4 - CONSTITUÊNCIA SINTÁTICA

As sentenças são organizadas estruturalmente. Isso significa dizer que suas partes internas respeitam determinada hierarquia. Constituintes são itens lexicais que se organizam em unidades sintagmáticas dentro da estrutura da sentença. Dito de outro modo, um constituinte sintático é uma palavra ou conjunto de palavras que formam uma unidade indissociável para compor um domínio sintático dentro de determinada hierarquia da sentença.⁵⁸

Tome, como exemplo, a sentença a seguir e discussão posterior (HAEGEMAN, 2005, p. 68. adaptado):

- (1) Sr. Straw decidiu apontar um painel de médicos independentes para examinar General Pinochet no dia 5 de Janeiro.

⁵⁸ Conferir Lasnik (2000), Börjar & Burridge (2001), Poole (2002), Adger (2003), Kroeger (2005), Haegeman (2005) Tallerman (2005), Kim & Sells (2008), Carnie (2010, 2013), Sobin (2011), Sportiche et al (2014), entre outros.

Essa sentença possui três interpretações distintas. Note que “no dia 5 de janeiro” pode se referir à data em que Sr. Straw tomou a decisão (2) ou a data em que o painel foi apontado (3) ou ainda, a data em que o exame ocorreu (4). Tais leituras da sentença em (1) refletem como o sintagma preposicional “no dia 5 de janeiro” está relacionado com as demais partes da sentença.

(2) O Sr. Straw decidiu:
Quando? [No dia 5 de janeiro]
O quê? [Apontar um painel de médicos independentes para examinar General Pinochet.]

(3) O Sr. Straw decidiu:
O quê? [Apontar um painel de médicos independentes para examinar General Pinochet no dia 5 de janeiro.]
Apontar:
Quando? [No dia 5 de janeiro.]
O quê? [Um painel de médicos independentes para examinar General Pinochet].

(4) O Sr. Straw decidiu:
O quê? Apontar um painel de médicos independentes para examinar General Pinochet no dia 5 de janeiro.
Apontar:
O quê? Um painel de médicos independentes para examinar General Pinochet.
Para examinar:
Quando? No dia 5 de Janeiro
Quem? General Pinochet.

Portanto, a ambiguidade em (1) reflete em qual nível da sentença o sintagma preposicional “no dia 5 de janeiro” é interpretado como pertencente. Ou em outras palavras, qual nível da sentença ele é constituinte. Em termos de representação formal, chamamos de constituintes as ramificações irmãs de um determinado nóculo sintagmático. De acordo com Sportiche et al. (2014, p. 43),

“se um conjunto de palavras ou morfemas é um constituinte, nós representamos essa constituição agrupando todas as palavras ou morfemas como irmãs de um único nóculo mãe em uma representação arbórea.”⁵⁹ Poole (2002, p. 35) expressa este conjunto de palavras ou morfemas como núcleos, isto é, para ele “qualquer grupo de núcleos os quais são exaustivamente dominados por um dado nóculo (i.e., há um nóculo que domina cada um desses núcleos e não outros) é um constituinte.”⁶⁰

Na literatura técnica, vários testes foram propostos para identificar os constituintes internos da sentença. Osborne (2018) apresenta um inventário dos mais utilizados. Considere os exemplos a seguir e discussão posterior (Osborne, 2018. p. 37-41):

(5) *Frank has been working on the first problem at night.*

(6) SUBSTITUIÇÃO PRO-FORMA

(6a) ***He** has been working on **it then**.*

(6b) ***He** has been **doing it**.*

Este teste consiste na substituição de termos da sentença por proformas equivalentes, tais como pronomes, verbos e adjetivos. Note que os termos

⁵⁹ Do original: “if a string of words or morphemes is a constituent, we will represent this constituency by grouping all the words of morphemes in this constituent as daughters of a single mother node in a tree representation.” (SPORTICHE ET AL, 2014, p. 43)

⁶⁰ Do original: “Any group of heads which are exhaustively dominated by a given node (i.e., there is a node which dominates every one of those heads and no others) is a constituent.” (POOLE, 2002. p.35)

Frank, the first problem e *at night* da frase em (5) foram substituídos pelas proformas *He, it* e *then*, respectivamente em (6a), e *working at the first problem at night* foi substituído por *doing it* em (6b). Este teste mostra que estas sequências são constituintes sintáticos da sentença (5). Na mesma linha deste teste, também é possível substituir termos da sentença por outros equivalentes, como no teste a seguir.

(7) SUBSTITUIÇÃO GERAL

(7a) *Sam has been working on the **second question** at night.*

(7b) *Sam has been **sleeping**.*

Além de substituídos por termos equivalentes ou proformas, constituintes também podem ser deslocados:

(8) TOPICALIZAÇÃO:

(8a) *...and **at night** Frank has been working on the first problem.*

(8b) *...and **the first problem**, Frank has been working on at night.*

(8c) *...and **working on the first problem at night**, Frank (certainly) has been.*

Como visto pelos dados em (8), a topicalização consiste na possibilidade movimento de determinada sequência de palavras para a periferia esquerda da sentença. Os termos em negrito são considerados constituintes.

(8) RESPOSTAS DE FRAGMENTOS / WH-FRONTING

- (8a) *Who has been working on the first problem at night?*
- (8b) *What has Frank been working on at night?*
- (8c) *On what has Frank been working at night?*
- (8d) *When has Frank been working on the first problem?*
- (8e) *What has Frank been **doing**?*

Todos os termos da sentença que podem ser substituídos por pronomes interrogativos são tidos como constituintes sintáticos da sentença. Além dos constituintes revelados pelos demais testes, o dado em (8c) mostra que o sintagma proposicional *on the first problem* também é um constituinte sintático na sentença. Outras formas de deslocar itens da sentença são por paráfrases como as clivagens e pseudo-clivagens que tem o efeito de colocar constituintes sintáticos em evidência.

(9) CLIVAGENS

- (9a) *It is **Frank** who has been working on the first problem at night.*
- (9b) *It is **the first problem** that Frank has been working on at night.*
- (9c) *It is **on the first problem** that Frank has been working at night.*

(10) PSEUDO-CLIVAGENS

- (10a) *What Frank has been working on at night is **the first problem**.*
- (10a') ***The first problem** is what Frank has been working on at night.*
- (10b) *What Frank has been doing is **working on the first problem at night**.*

(10c) *What Frank has been doing at night is **working on the first problem**.*

Note que elementos da sentença podem ser alocados entre a cópula e a frase relativa, como nas clivagens em (9), ou entre a cópula e o pronome demonstrativo, como nas pseudo-clivagens em (10). Todos estes termos que podem figurar nesta posição são considerados constituintes.

(11) INTRUSÃO

(11a) *Frank **certainly** has been working on the first problem at night.*

(11b) *Frank has **certainly** been working on the first problem at night.*

O teste da intrusão consiste na inserção de um advérbio para determinar se um termo específico pode ser separado dos demais elementos da sentença. Note que os dados em (11a) e (11b) mostram que o auxiliar *has* pode ser separado do restante do predicado, o que atesta sua condição de constituinte.

O teste a seguir funciona apenas para constituintes que incluem elementos predicativos, os elementos que podem ser elididos são constituintes.

(12) ELIPSE DE VP

(12a) *Frank has ~~been working on the first problem at night~~ also.*

(12b) *Frank has ~~been working on the first problem at night~~ also.*

(12c) *Frank has ~~been working on the first problem~~ during the day.*

(12d) *Frank has ~~been working on the first problem~~ during the day.*

Já o teste de passivização, a seguir, funciona apenas para sujeitos e objetos.

(13) PASSIVIZAÇÃO

(13a) *Frank has been working **on the first problem** at night.* – Active

(13b) ***The first problem** has been worked on at night by Frank.* – Passive

O próximo teste averigua se um determinado termo da sentença pode aparecer à direita de uma estrutura coordenada como um elemento compartilhado pelos conjuntos desta estrutura.

(14) THE RIGHT NODE RAISING

(14a) *[Frank has been working on the first problem] and [Sam has been working on the second problem] **at night.***

(14b) *?[Frank has been working on], and [Sam has been altering carefully] **the first problem at night.***

Se um termo da sentença pode ser coordenado com um termo similar, geralmente este termo é considerado constituinte, conforme teste a seguir.

(15) COORDENAÇÃO:

(15a) *[Frank] and [Sam] have been working on the first problem.*

(15b) *Frank has been working on [the first problem at night] and [the second one during the day].*

(15c) *[Frank has], but [Sam hasn't], been working on the first problem.*

O teste da coordenação é questionável na literatura, uma vez que ele pode isolar sequências de palavras que não formam constituintes em nenhum

outro teste disponível, como o fragmento *Frank has* em (15c). Os dois testes a seguir também são questionáveis pelo mesmo motivo.

(16) SUBSTITUIÇÃO POR ONE

(16a) *The first **problem** about ellipsis and the second one about anaphora.*

(16b) *The **first problem** about ellipsis and the one about anaphora.*

(16c) *The first **problem about ellipsis** and the second one, too.*

(17) SUBSTITUIÇÃO POR DO-SO

(17a) *Frank has been doing so. (doing so = working on the first problem at night)*

(17b) *Frank has been doing so at night. (doing so = working on the first problem)*

(17c) *Frank does so. (does so ≠ has been working on the first problem at night)*

Uma vez introduzida a noção de constituição sintática por meio de seus testes mais comuns, nos voltamos para a alternância conjuntiva/disjuntiva. Veremos que a formação ou não de constituintes sintáticos entre verbo e XP adjacente é o que regula o uso de uma forma conjuntiva ou disjuntiva na língua Zulu respectivamente.

4.1. BUEL (2005, 2006)

Buel (2006) afirma que o que regula a alternância conjuntiva disjuntiva na língua Zulu é o fato do verbo estar ou não em posição sintática final dentro de constituinte⁶¹ na projeção AgrSP. Conforme formalização a seguir:

(18) [Vconjoint X]AgrSP (Y)

[Vdisjoint]AgrSP (X) (Y)

Em sua análise da língua, Buell assume o Axioma de correspondência linear (KAYNE, 1994), segundo o qual existe um princípio de ordenação linear de relações de c-comando assimétrico entre constituintes. Esta teoria prediz que, se uma categoria não terminal X c-comandar assimetricamente uma categoria não terminal Y, todos os nódulos terminais dominados por X precedem linearmente todos os nódulos terminais dominados por Y. Além do Axioma de Correspondência Linear, o pesquisador também adota o princípio de espelho de Baker (1985), segundo o qual, os morfemas que aparecem mais próximos da raiz verbal estão mais baixos na estrutura sintática. Se tomarmos o português como referência, cujos morfemas de flexão são sufixos, teríamos a seguinte configuração de projeções: AgrS < T < V. O núcleo verbal se move para T e depois para AgrS, adjungindo-se à esquerda dos núcleos em posições mais altas, como em *Cant-a-va-s*. No Zulu (e nas línguas Bantu em geral), os morfemas de flexão são prefixos. Além disso, a flexão de concordância de

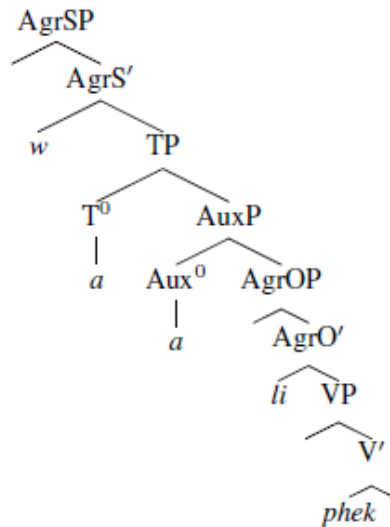
⁶¹ Conferir também: Van Der Spuy (1993), Rose, Beaudoin-Leitz & Nurse (2002), Adams (2010), Zeller (2012), etc.

sujeito precede a marca de tempo e aspecto. Como o Axioma de correspondência linear não suporta adjunção à direita, esta proposta de linearização dos constituintes e dos morfemas acarreta que o verbo deva ser linearizado em uma posição sintática mais baixa que o morfema de tempo e de concordância. Tomemos o seguinte exemplo a seguir: (BUELL, 2005, p. 19.)

- (19) DJ *W-a-li-phek-a*
 SN1-PAST-O5-cozinhhar-VF
 “Ele cozinhou isso.”

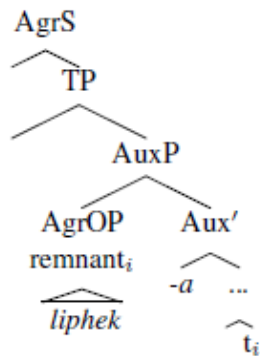
Tal complexo verbal não pode ser formado por um ou mais núcleos complexos derivados por adjunção à esquerda, pois tal configuração resultaria em uma disposição diferente dos morfemas flexionais (*phek-li-a-w*), devido à adoção do axioma de correspondência linear. Os morfemas também não correspondem a apenas núcleos in-situ. O sufixo final nas línguas Bantu é sensível a modo, tempo, polaridade e modalidade. Desta forma ele faz parte do domínio flexional da sentença. Na formalização a seguir, Buell (2005, p. 20) por conveniência, chamou o núcleo realizado pela vogal final de *Aux* e propõe o seguinte ordenamento de projeções frasais:

(20)



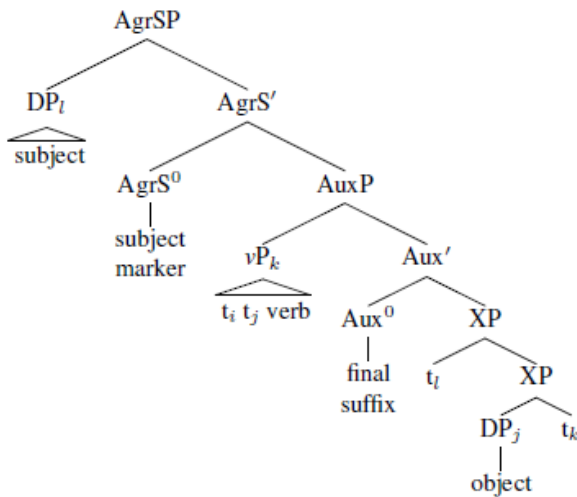
Desta forma, a solução proposta pelo pesquisador é que o complexo verbal seja formado por núcleos in situ e de movimento em bloco da projeção máxima AgrO para Spec, AuxP juntamente com o núcleo verbal, em movimento remanescente conforme configuração a seguir:

(21)



É consequência dessa configuração adotada com o verbo movido que os argumentos verbais não possam permanecer in situ e tenham que se deslocar para fora do vP, resultando na configuração a seguir (BUELL, 2005, p. 23)

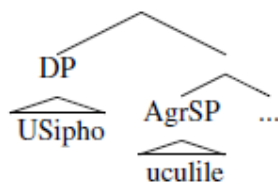
(22)



Como já exposto, Buell acredita que o que as difere é que na morfologia disjuntiva o verbo é final em AgrSP, enquanto na morfologia conjuntiva ele é não final em AgrSP, ou seja, o verbo necessita de um XP esteja realizado neste domínio. Tomemos os exemplos a seguir (BUELL, 2005, p. 163, adaptado):

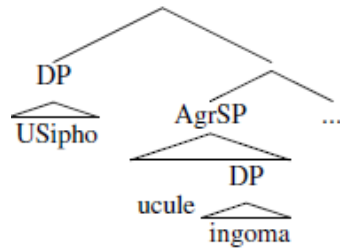
(23a) DJ *U-Sipho* *u-cul-ile*
 N1-Sipho SN1-cantar-PERF
 “Sipho cantou.”

(23b)



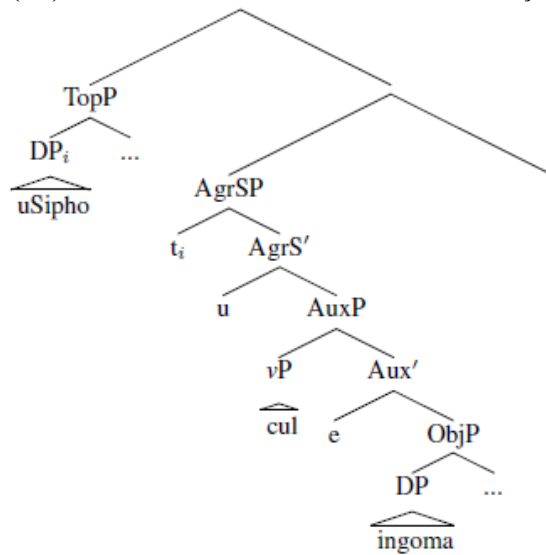
(24a) CJ *U-Sipho* *u-cul-e* *ingoma*
 N1-Sipho SN1-cantar-PERF N9.canção
 “Sipho cantou.”

(24b)



Para ser alçado à AgrSP, o verbo, inicialmente alçado ao especificador de AuxP, precisa passar por mais um ciclo de movimento. O Sujeito não forma um constituinte com o verbo e é alçado a uma posição fora de AgrSP, que o autor considera ser TopP: (BUELL, 2005, p. 165)

(25) TEMPO CONJUNTIVO VERBO EM POSIÇÃO NÃO FINAL



No Zulu, o sujeito sentencial pode ocorrer posposto ao verbo. Nas formas disjuntivas, os paradigmas de concordância de sujeito se manifestam no verbo de acordo com a classe nominal expressa pelo sujeito, considere o exemplo abaixo (BUEL, 2005, p. 101, adaptado):

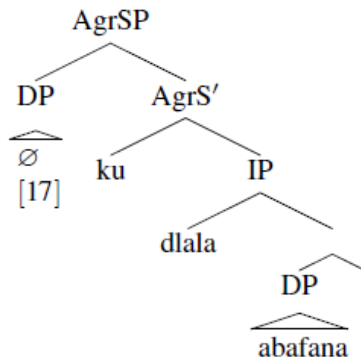
(26)DJ *Ba-ya-dlal-a* *abafana*
 SN2-PRES-brincar-VF N2.menino
 “Os meninos estão brincando.”

No entanto, se o tempo verbal for conjuntivo, o sujeito posposto ao verbo não engatilha concordância de sujeito de sua classe nominal. Uma marca de concordância expletiva default de classe nominal 17 ocorre no complexo verbal nessas situações: (BUELL, 2005, p. 101, adaptado):

(27)CJ *ku-dlal-a* *abafana*
 SN17-brincar-VF N2.menino
 “Os meninos estão brincando.”

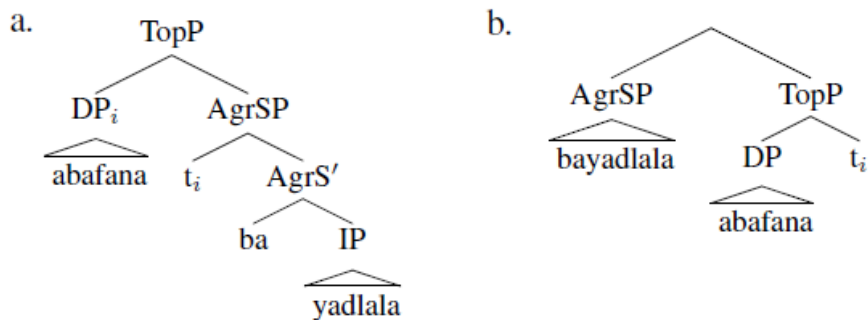
A Concordância default (classe 17) ocorre quando o sujeito não se move para AgrSP, o que não desencadeia a relação especificador-núcleo. Desta forma ele permanece em um constituinte abaixo de AgrS, chamado simplesmente de IP pelo pesquisador: (BUELL, 2005, p.62):

(28)



Em forma disjuntiva, o sujeito pós-verbal se move para AgrSP engatilhando concordância de classe nominal para depois ser alçado para TopP (29a). Como o axioma de correspondência linear inviabiliza especificadores à direita, após topicalização do sujeito, a projeção frasal AgrSP é alçada a uma posição mais alta, conforme formalização a seguir (29b)⁶² (BUEL, 2005, p.62).

(29)



⁶² O autor não deixa explícito qual seria essa posição. No entanto é presumível que seja uma posição recursiva de TopP ou uma projeção FocP dentro de CP. Conferir seção 3.1.

Note que a diferença da posposição de sujeito no tempo verbal conjuntivo (28) para o tempo verbal disjuntivo (29b) é que no primeiro o sujeito permanece em uma projeção mais baixa que AgrSP, ou seja, a concordância default no verbo mostra que este não foi alçado a especificador de AgrSP. Já no último, o sujeito após alçado para a posição de especificador de AgrSP, desencadeando concordância de sujeito no verbo, passa por mais um ciclo de movimento para Spec, TopP. Logo depois, AgrSP em bloco se move para uma posição acima, dentro de CP.

Dentre outras evidências da constituição sintática entre o verbo e o XP posterior em formas conjuntivas e da não constituição com o verbo em forma disjuntiva elencadas pelo autor, podemos destacar a configuração da partícula interrogativa *na*. Note que em forma disjuntiva, esta partícula pode ocorrer em posições distintas na sentença (BUELL, 2006, p.15):

(30a)DJ	<i>A-bafana</i> DET-N2.meninos	<i>ba-ya-dlal-a</i> SN2-PRES-brincar-VF	<i>phandle</i> fora	<i>na?</i> Q
(30b)DJ	<i>A-bafana</i> DET-N2.meninos	<i>ba-ya-dlal-a</i> SN2-PRES-brincar-VF	<i>na</i> Q	<i>phandle?</i> fora

“Os meninos estão brincando lá fora?”

Todavia, em forma conjuntiva, a partícula interrogativa não pode figurar posterior ao verbo, conforme (31b) (BUELL, 2006, p.15):

(31a)CJ	<i>ba-dlal-a</i> SN2-brincar-VF	<i>phandle</i> fora	<i>na?</i> Q
---------	------------------------------------	------------------------	-----------------

“Eles estão brincando lá fora?”

(31b)CJ **ba-dlal-a* *na* *phandle?*
 SN2-brincar-VF Q fora
 “Eles estão brincando lá fora?”

Buell adota a análise de Thwala (2005) em que *na* é a realização do núcleo Force (RIZZI, 1997) localizado em CP. Desta forma, sua ocorrência no final de sentenças se deve ao fato de haver movimento em bloco de todo o predicado para a posição de Spec-ForceP. Em (30a) *na* nucleia uma projeção ForceP dominando todo o IP *abafana bayadlala phandle* em (30b) como *bayadlala phandle* não formam constituintes em IP, *abafana bayadlala* pode se deslocar para a esquerda do núcleo *na* independentemente de *Phandle*. Por sua vez, na forma conjuntiva, o verbo não pode ocupar a posição sintática final em IP, destarte, ele não pode se deslocar sozinho para a esquerda do núcleo Force sem levar consigo o elemento constituinte final, no caso *Phandle*, causando a agramaticalidade de (31b).

Em relação à estrutura da informação, o autor demonstra que nem o argumento pós-verbal em estruturas conjuntivas e nem o verbo em estruturas disjuntivas estão necessariamente em foco. Considere novamente os paradigmas de concordância com sujeito posposto dos exemplos (26-27) repetidos a seguir como (32-33):

(32)DJ *Ba-ya-dlal-a* *abafana*
 SN2-PRES-brincar-VF N2.menino
 “Os meninos estão brincando.”

(33)CJ *ku-dlal-a* *abafana*
 s17-brincar-VF N2.menino
 “Os meninos estão brincando.”

A forma conjuntiva em (33) pode ser utilizada em contextos onde o sujeito posposto ao verbo está em foco, como no par de sentenças a seguir (BUELL, 2005, p. 149, adaptado):

(34) Q: CJ *ku-cul-e* *bani?*
 s17-cantar-VF quem
 “Quem cantou?”

R: CJ *ku-cul-e* *uSipho*
 s17-cantar-VF N1.Sipho
 “Sipho cantou.”

No entanto, outro uso corrente do sujeito posposto em formas conjuntivas é em inversões quotativas. Considere o exemplo a seguir (BUELL, 2005, p.150, adaptado):

(35)CJ “*U-zo-phek-a-ni*” *Kw-a-buz-a* *uSipho.*
 SN2-FUT-cozinhar-VF-que S17-PAST-perguntar-VF N1.Sipho.
 “O que irá cozinhar? Perguntou Sipho.”

Note que neste tipo de construção o sujeito posposto não está em foco sozinho. Diferentemente do verbo *kucule* no exemplo (34), o verbo *kwabuza* em inversão cotativa no exemplo (35) não é pressuposto. O que denota que o verbo faz parte do foco e não apenas o sujeito posposto.

No Zulu, como em outras línguas Bantu, não é possível que haja mais de uma marca de objeto no complexo verbal. Desta forma, para se pronominalizar

ambos os objetos em construções de objeto duplo se torna necessário que um deles seja substituído por um pronome resumptivo, como no exemplo (36c) a seguir: (BUELL, 2005, p. 159):

(36a)CJ *Ngi-cul-el-e* *uSipho* *ingoma.*
 S1S-cantar-AP-PERF N1.Sipho N9.canção
 “Eu cantei uma canção para Sipho.”

(36b)CJ *Ngi-m-cul-el-e* *ingoma*
 S1S-ON1-cantar-AP-PERF N9.canção
 “Eu cantei uma canção para ele.”

(36c)CJ *Y-ingoma* *e-ngi-m-cul-el-e* *yona.*
 COP-N9.canção REL-S1S-ON1-cantar-AP-PERF N9.ela.
 “É uma canção que eu cantei (ela) para ele.”

Note que em (36a) a forma verbal conjuntiva não apresenta marcas de concordância de objeto e tanto o objeto direto quanto o objeto aplicado se realizam na sentença. Em (36b) com o objeto aplicado não realizado, a concordância de objeto da mesma classe do objeto aplicado figura no complexo verbal. Já em (36c) o objeto direto é clivado sendo substituído por um pronome resumptivo da mesma classe nominal. Note que o pronome resumptivo segue um verbo em forma conjuntiva. Todavia, este pronome retoma um elemento já dado no discurso, e desta forma não pode estar em foco. Similarmente, advérbios também podem ser substituídos por pronomes resumptivos após formas conjuntivas, conforme os exemplos a seguir (BUELL, 2005, p. 162: adaptado):

(37a)CJ *indawolapho* *ngi-cul-e* *khona*
 N9.lugar onde S1S-cantar-PERF N17.lá
 “O lugar onde eu cantei.”

(37b)CJ *isikhathi* *e-ngi-cul-e* *nga-so*
 N7.tempo RELS1S-cantar-PERF por-N7.quando
 “O tempo quando eu cantava.”

Pela mesma razão dos pronomes resumptivos que substituem um objeto direto, também não é possível propor uma leitura focal nestes pronomes pospostos ao verbo conjuntivo.

Outro importante diagnóstico para demonstrar que a alternância conjuntivo/disjuntiva no Zulu não está diretamente relacionada com foco verbal estreito e amplo, respectivamente é o comportamento do advérbio *kahle* “bem”. Este advérbio só pode ocorrer com formas verbais conjuntivas. Ele difere, por exemplo, do advérbio *phandle* “fora” que pode ocorrer com tempos conjuntivos e disjuntivos: Considere os exemplos (BUELL, 2005, p. 161):

(38a)CJ *Ba-dlal-a* *phandle.*
 SN2-brincar-VF fora

(38b)DJ *Ba-ya-dlal-a* *phandle*
 SN2-PRES-brincar-VF fora
 “Eles estão brincando fora”

(39a)CJ *u-cul-a* *kahle*
 S2S-cantar-VF bem

(39b)DJ **u-ya-cul-a* *kahle*
 S2S-PRES-cantar-VF bem
 “Você canta bem.”

O problema do exemplo em (39a) é que não há nada que impeça de ele ser a resposta para a pergunta: “O que você faz bem?”. Na resposta dessa pergunta, a parte não pressuposta (em foco) está no sintagma verbal e não no advérbio pós-verbal. Devido a estes e outros testes sintáticos, Buell sugere que a única característica inequívoca de elementos posteriores a verbos conjuntivos é o fato de eles não estarem topicalizados, ou seja, a sentença não é construída a respeito destes referentes.

Por meio dos diagnósticos até aqui descritos, Buell demonstra que a alternância na língua Zulu não está diretamente relacionada com elementos em foco estreito ou amplo, e é mais bem compreendida se levarmos em conta o elo entre o verbo e o XP seguinte em termos de constituição sintática. Na próxima seção, Cheng & Downing (2012) demonstram que as correlações de foco amplo e estreito com a morfologia disjuntiva e conjuntiva, respectivamente, são apenas indiretas e perfeitamente dedutíveis por meio das relações entre fases sintáticas e limites prosódicos dentro do quadro da teoria da otimalidade e sem a necessidade de postular projeções sintáticas dedicadas para foco.

4.2. CHENG & DOWNING (2012)

Cheng & Downing (2012) apontam que na língua Zulu existe correspondência entre fronteiras fásicas e prosódicas. Elas defendem que não há

necessidade da postulação de um domínio sintático específico para foco informacional, uma vez que um XP focalizado necessariamente figura dentro do domínio de vP, enquanto outros XPs se encontram fora deste domínio. Tais fatos seriam independentemente explicáveis por restrições prosódicas e sintáticas que serão descritas no decorrer desta seção. Note que enunciados em orações em um contexto neutro, seguem a ordem canônica (S) v (OI) (OD) (ADJ). Além disso, o núcleo verbal ocorre em morfologia conjuntiva e sem marcação de concordância de objeto, conforme exemplos a seguir (CHENG & DOWNING, 2012). (Nos exemplos abaixo, os parênteses em negrito indicam limites prosódicos.)

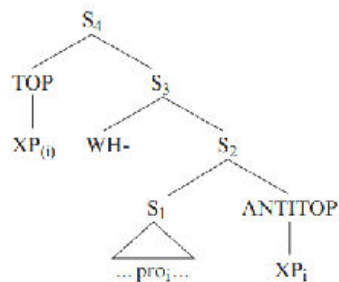
- (40a) CJ *Bá-níké* *úSíphó* *ímà:li*).
 SN2-dar N1.Sipho N9.dinheiro
 “Eles deram a Sipho dinheiro.”
- (40b) CJ *ÚSíph’* *ú-phékél’* *úThánd’* *inkû:khu*).
 N1.Sipho SN1-cozinhou para N1.Thandi N9.galinha
 “Sipho cozinhou galinha para Thandi.”
- (40c) CJ *ÚSíph’* *ú-phék’* *ínku:khu*) *kwá-m’ ízo:lo*).
 N1.Sipho SN1-cozinhou N9.galinha N17-1sg.ontem
 “Sipho cozinhou galinha em meu lugar ontem.”

Note nos dados em (40) que não há marcas de objeto no complexo verbal. De acordo com Buell (2005, p. 63-70), o XP retomado por uma marcação de objeto no verbo no Zulu se encontra deslocado à direita de sua posição de base, presumivelmente para uma posição que Lambrecht (2001)

chama de Antitópico. Lambrecht (2001. p.1050) argumenta que XP deslocado à direita para a posição de Antitópico é um argumento ou adjunto do predicado, que ocorre fora das fronteiras da oração, sendo retomado na mesma por um elemento pronominal catafórico que serve como correferente ao XP deslocado⁶³. Este XP geralmente é marcado por traços prosódicos especiais.

Assim, no Zulu, a marcação de objeto funcionaria como um clítico pronominal que ocupa o lugar de um XP na mesma projeção sintática a qual o verbo se encontra. XP este que pode ser expresso novamente nesta posição Antitópico, à direita da oração. Note também que este XP constitui frase fonológica própria, distinta da do verbo. Considere os exemplos em (11) da introdução desta tese, retomados a seguir.

⁶³ Em relação à distribuição de Tópico e Antitópico na sentença, Lambrecht (2001. p. 1072) propõe a seguinte configuração arbórea:
(a)



Tal que S₁ é o centro oracional que contém o pronominal coindexado. Neste componente também é expressa a informação focal da sentença. S₂ é a unidade sentencial feita a partir de S₁ a qual a projeção irmã ANTITOP é adjungida à direita. S₃ é a unidade sentencial que consiste S₂ e o slot WH- (ou Comp.) encontrado em línguas com movimento WH à esquerda. Este slot pode ocasionalmente conter o foco oracional no lugar de S₁. S₄ é a unidade geral que consiste de S₃ e o Slot TOP à sua esquerda (O subscrito está em parêntesis devido à existência de tópicos não coindexados.). (LAMBRECHT, 2001. p. 1072).

ZULU (VAN DER SPUY, 1993, p.348, apud VAN DER WAL, 2017, p.25)

(41a) CJ [Si-bon-e izitshude:ni.]vP
 S1P-ver-PERF N10.estudante
 “Nós vemos os estudantes.”

(41b) DJ [Si-zi-bon-i:le]vP izitshude:ni.
 S1P-ON10-see-PERF N10.estudante
 “Nós os vemos, os estudantes.”

O tempo conjuntivo em (41a) se torna agramatical se a marcação de objeto for inserida, em contrapartida, o tempo disjuntivo em (41b) se torna agramatical se a marcação de objeto for removida.

Note, no entanto, que esses dados em (41) são de sentenças em que o verbo possui apenas um objeto. Nos exemplos (40a) e (40b) temos verbos com dois argumentos internos em contexto neutro em que também não há marcação de objeto. Mas um verbo em tempo conjuntivo com dois argumentos internos poderá ter marcação de objeto engatilhada por um deles se o outro argumento for o foco informacional da sentença. A posição imediatamente pós-verbal é o local onde ocorrem os pronomes interrogativos e o XP focalizado, conforme dados a seguir (CHENG & DOWNING, 2012).

(42a) CJ (P) Úsi:pho ú-yí-phékéla ba:ni ínku:khu)?
 N1.Sipho SN1-O9-cozinhar para quem N9.galinha
 “Para quem Sipho está cozinhando galinha?”

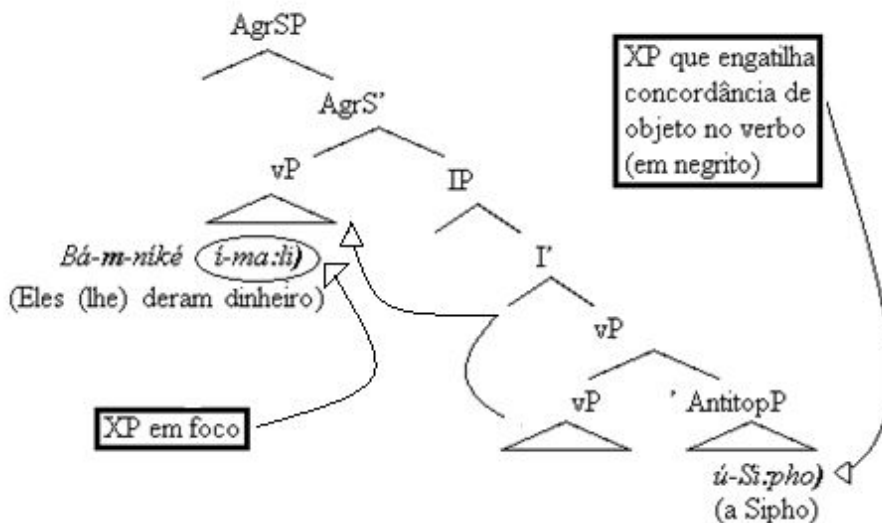
(42b) CJ (R) Úsíph' ú-yí-phékél' ízítvakâ:sh')
 N1Sipho SN1-O9 –cozinhar para N8.visitante
 ínku:khu).
 N9.galinha
 “Sipho está cozinhando a galinha para os visitantes.”

(43a) CJ (P) *Bá-m-níké:-ni* *úSi:phó)?*
 SN2-ON1-dar-o quê N1.Sipho
 “O que eles deram para Sipho?”

(43b) CJ (R) *Bá-m-níké* *íma:li* *úSi:pho).*
 SN2-ON1-dar N9.dinheiro N1Sipho
 “Eles deram dinheiro a Sipho.”

Note que o complexo verbal nos exemplos (42b e 43b) apresenta concordância de objeto (marcada em **negrito**) com o XP que não está em foco. Como a marcação de objeto é retomada pelo argumento pressuposto, isso denota que este se encontra deslocado à direita para a posição Antitópico, enquanto o elemento em foco permanece na mesma projeção do verbo, AgrSP. Vejamos a seguir, uma representação arbórea de (43b):

(44) CJ *Bá-m-níké* *í-ma:li* *ú-Si:pho).*



Outra diferença perceptível entre os dados se dá em relação aos limites prosódicos. Em contexto neutro, com foco amplo, nem o objeto indireto e nem o objeto direto são retomados por morfemas de marcação de objeto (conforme (40a) e (40b)) e estão ambos em uma mesma frase prosódica (evidenciada pelo alongamento de penúltima sílaba e marcada nos exemplos por parênteses). Já em contexto de focalização de qualquer um dos objetos, o elemento pressuposto, retomado pela marcação de objeto, aparece em frase prosódica distinta do verbo. O XP focalizado em (41b) e (42b) está no mesmo domínio sintático do verbo (AgrSP) e também esta na mesma frase prosódica do mesmo.

Quando o verbo assume morfologia disjuntiva, como vimos anteriormente, ele está num domínio sintático distinto do objeto direto ou aplicado, isto é, enquanto verbo está em AgrSP, o XP posterior está fora deste domínio⁶⁴. Além disso, na morfologia disjuntiva, o verbo forma uma frase prosódica própria, necessita de marcação de objeto e é agramatical com XPs pós-verbais focalizados, conforme (45b) (CHENG & DOWNING, 2012).

(45b) DJ *ÚSipho) ú-ya-yí-phé:ka') namuhlaá:nje) ínya:ma).
 N1.Sipho SN1-PRES-O9-cozinhar hoje N9.carne
 “Sipho está cozinhando carne hoje.”
 (Agramatical para o contexto em que *namuhlaá:nje* está em foco.)

Por meio de orações relativas restritivas e de adjuntos e locativos, Cheng & Downing argumentam que as fronteiras direitas de vP e CP estão

⁶⁴ Conferir representações sintáticas nos exemplos (23) e (24) da seção anterior.

sistematicamente correlacionadas com pausas de frases prosódicas (Frase fonológica e frase entonacional, respectivamente). Nos exemplos a seguir, em tempos conjuntivos, as pausas prosódicas estão marcadas por parênteses e as fronteiras sintáticas por colchetes em negrito (CHENG & DOWNING, 2012).

(46a) [*CP* *Úmfúndísi* *ú-fúndelê:* *ábáزال* *íncwa:di.*])
 N1.professor SN1-ler para N2.pai N9.carta
 “O professor leu para os pais a carta.”

(46b) [*CP* *Ízing`áne* *zi-hlúph'* *ísálúkwa:zi.*])
 N10.criança SN10-incomodar N7.idosa
 “As crianças estão incomodando a idosa.”

(46c) [*CP* *ÚSiph'* *ú-fún'*
 N1.Sipho SN1-quer
[CP *úkúth'* *úThándi* *á-théng'* *íbhayiséki:li.*])
 que N1.Thandi SN1-compre N5.bicicleta
 “Sipho quer que Thandi compre uma bicicleta.”

(46d) [*CP* [*CP* *Índod'* *é-gqoke* *ísígqo:ko*])
 N9.homen REL.SN9-vestir N7.chapéu
í-boné *ízivaká:shi.*])
 SN9-ver N8.visitante
 “O homem que está usando chapéu viu os visitantes.”

(46e) [*CP* *si-hlek'* [*CP* *índod'* *é-jáhwa* *ízi:nja*]])
 nós-rir N9.man REL.SN9-seguir.PAS por.N10.cão
 “Nós estamos rindo do homem que está sendo seguido pelos cães.”

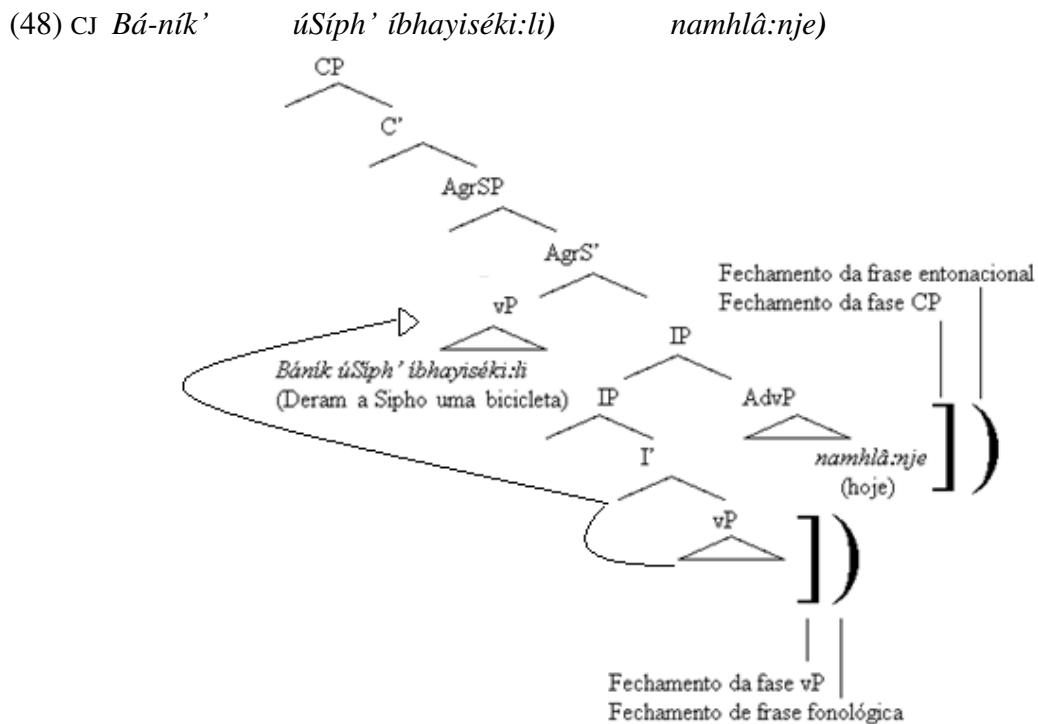
Note nos dados em (46) que as fronteiras direitas de CPs coincidem com pausas de frases prosódicas. Nos dados a seguir, também em tempos conjuntivos e em contexto neutro, pode se notar o mesmo padrão entre

fronteiras de vPs e pausas prosódicas se for assumido que os adjuntos temporais e locativos são adjungidos acima de vP. (CHENG & DOWNING, 2012)

(47a) *ÚSiph' ú-phék' ínku:khu kwám' ízo:lo*
 N1.Sipho SN1-cozinhar N9.galinha N17.1S ontem
 “Sipho cozinhou galinha em meu lugar ontem.” Foco no VP.

(47b) *Bá-ník' úSiph' íbhayiséki:li namhlâ:nje*
 SN2-dar N1.Sipho N5.bicicleta hoje
 “Eles deram a Sipho uma bicicleta hoje.” Foco amplo.

Vejamos este último dado (47b) exemplificado em um diagrama arbóreo (Note que estamos adotando a proposta de Buel (2005) em que vP se move a AgrSP, desenvolvida na seção anterior.).



Essa correspondência entre frases sintáticas e prosódicas está de acordo com a teoria de Alinhamento de fronteiras proposta pelos trabalhos de Selkirk (1986, 1995, 2000) e Truckenbrodt (1995, 1999, 2005, 2007) que as autoras assumem. Essa teoria prevê que um constituinte sintático (como um XP ou CP) coincida com a fronteira de um constituinte prosódico. Desenvolvimentos mais recentes⁶⁵ ainda apontam que tais fronteiras prosódicas podem ser condicionárias por fases (CHOMSKY, 2001), como vP e CP, conforme assumem as autoras para a língua Zulu. Atente para as seguintes restrições prosódicas. (CHENG & DOWNING, 2012)

(49) ALIGNR[PHASE, INTPh] (ALIGNR-PHASE): Alinhar a fronteira direita de cada fase (vP/CP) com a fronteira direita de uma frase entonacional (IntPh).

(50) ALIGNR[INTPh, PHASE] (ALIGNR-INTPh): Alinhar a fronteira direita de cada frase entonacional (IntPh) com a fronteira direita de cada fase (vP/CP).

Tais restrições se aplicam da seguinte forma aos dados em um contexto neutro de foco:

(51a) DOIS ARGUMENTOS:
S V OI OD]vP]vP]CP)

(51b) ARGUMENTO + ADJUNTO
S V OD]vP]vP) AdjP]IP]CP)

Note que quando há dois argumentos do verbo, as fronteiras das fases vP e CP (marcadas por colchetes) são coincidentes. Neste mesmo ambiente ocorre a única quebra prosódica, de frase entonacional (marcada por

⁶⁵ Conferir An (2007), Kratzer & Selkirk (2007), Ishihara (2007) Kahnemuyipou (2004,2008).

parêntesis). Já na situação em que há um argumento e um adjunto as fronteiras das fases vP e CP não são coincidentes, o que justifica a ocorrência de fronteira de frase fonológica logo após o objeto direto (final da fase vP) e outra fronteira de fase entonacional logo após o adjunto (final da fase CP).

Para dar conta dos padrões descritos de foco estreito, as pesquisadoras chamam a atenção para um requerimento reportado interlinguisticamente de que a proeminência prosódica recaia na frase mais alta de vP⁶⁶. Esta é a razão da proeminência sentencial estar no objeto lexical tanto em línguas SVO quanto em línguas SOV, como o Persa, (KAHNEMUYIPOUR, 2008). Tal proeminência prosódica sentencial pode ter diferentes atribuições gramaticais nas línguas. Especificamente para o Zulu, a proeminência sentencial serviria para marcar foco. Desta forma, adaptando o trabalho de Kratzer & Selkirk (2007) e Samek-Lodovici (2005), respectivamente, Cheng & Downing (2012) postulam as seguintes condições prosódicas para o Zulu:

(52) CONDIÇÃO DE FRASE MAIS ALTA (HPC)
Proeminência [i.e., foco] é licenciado dentro da frase mais alta do XP mínimo na fase vP.

(53) RESTRIÇÃO DE PROEMINÊNCIA FOCAL (FPC)
Constituintes focalizados devem ser assinalados proeminência Prosódica (i.e., tonicidade frasal).

A última regra proposta se refere a impedir movimentos gratuitos na língua, isto é, movimento só deve ocorrer se motivado.

⁶⁶ Conferir Cinque (1993), Kratzer & Selkirk (2007), Kahnemuyipour (2004,2008).

(54) STAY: Não mover constituintes.

Diante das condições propostas, as pesquisadoras explicam as generalizações descritivas dos dados por meio da seguinte hierarquia, de acordo com a Teoria da Otimalidade:

(55) HIERARQUIA DE RESTRIÇÕES: ALIGNR-PHASE, ALIGNR-INTPH, FPC, HPC >> STAY.

A hierarquia proposta em (52) resulta nas seguintes configurações a seguir (CHENG & DOWNING, 2012, p.13-14).⁶⁷

56	FOCO ESTREITO NO O. I.	ALIGN PHASE	ALIGN INTPH	FPC	HPC	STAY
(a)	S V OI _{FH}]VP]VP] OD]VP]CP)					*
(b)	S V OI _{FH} OD]VP]VP]CP)			*!		
(c)	S V OI _{FH}) OD]VP]VP]CP)		*!			
57	FOCO ESTREITO NO O. D.	ALIGN PHASE	ALIGN INTPH	FPC	HPC	STAY
(a)	S V OD _{FH}]VP]VP] OI]VP]CP)					*
(b)	S V OI _H OD _F]VP]VP]CP)				*!	
(c)	S V OI _H]VP]VP] OD _F]VP]CP)				*!	

Os esquemas em (56a) e (57a) refletem como os dados ocorrem na língua. Tomando como norte a proposta de Buell, é possível assumir que o XP focalizado se mantém em vP alçado em AgrSP, e a fase se fecha, com a concomitante quebra prosódica de frase fonológica. O XP que não está em foco (recuperado pela marca de objeto) se encontra em AntiTopP, pois não

⁶⁷ No quadro abaixo ‘F’ indica o XP em foco e ‘H’ indica o XP mais alto em vP.

acompanha o movimento de vP para AgrSP, não estando, portanto, na mesma fase de vP. Este XP não focalizado fecha a fase CP e com ele outro limite prosódico, o de fronteira de frase entonacional. Note que a única regra “violada” na Hierarquia de restrições em (55) é a regra *Stay* que postula que os XPs não devem ser movidos, a regra mais baixa na hierarquia. Todavia, esta regra prediz que se houver movimento, este deve ser motivado. Desta forma, a expressão de foco estreito é motivação suficiente. Vale ressaltar que se os dois XPs tivessem permanecido em vP, isto é, sem violação da condição *Stay*, não haveria leitura de foco estreito em nenhum deles, exatamente como ocorre em contexto neutro (confira os dados em (40a) e (40b) e a formalização em (51a)).

A situação em (56b) é agramatical na língua pois ocorre violação da condição (53) de Restrição de Proeminência Focal. Neste caso, não há deslocamento de XPs, isto é, os dois argumentos permanecem em vP após alçamento a AgrSP. Note que o XP que se pretende focalizar neste exemplo é o objeto indireto. O problema nesta situação é que este XP não pode receber proeminência prosódica por não ser final na frase fonológica. Em línguas recursivas à direita, a proeminência forte das frases fonológicas é sempre alocado no XP mais à direita da mesma (NESPOR & VOGEL, 1986), posição ocupada não pelo objeto indireto, mas pelo objeto direto. Já (56c) que também não apresenta deslocamento de XPs, a agramaticalidade ocorre devido à falta de

alinhamento da quebra prosódica com o fechamento de fase, isto é a frase fonológica se fecha no objeto indireto enquanto a fase se fecha no objeto direto. A configuração em (57b) sem deslocamento de XPs causa agramaticalidade na língua uma vez que o objeto direto, que é o XP focalizado, não é o mais alto da fase vP, que neste caso seria o objeto indireto. Portanto, o XP focalizado não pode receber proeminência. Tal situação viola a condição de frase mais alta (HPC). O deslocamento do objeto direto focalizado (57c) para a posição AntiTopP também não resolve o problema, pois o objeto indireto continuaria sendo o XP mais alto da fase vP, violando HPC.

Em relação aos adjuntos, é proposto que eles se movem para vP quando focalizados causando deslocamento de argumentos que estiverem dentro de vP para fora deste. Tal situação não viola nenhuma das condições propostas e proporciona uma justificativa para o movimento de constituintes.

Nesta seção vimos como a constituição sintática em conjunto com restrições de ordem prosódica explica os padrões de foco estreito sem a necessidade de propor um domínio sintático específico para tanto. Em conjunto com a análise da seção anterior, é razoável assumir que na língua Zulu a alternância conjuntivo/disjuntiva representa diferentes configurações de constituição sintática e a codificação de foco estreito é um subproduto dessas configurações. Isto é, esta língua se comporta de forma distinta da língua

Emakhuwa em que a alternância está diretamente relacionada com a estrutura da informação. Na próxima seção nos voltamos para o trabalho de Halpert, que apresenta argumentos para explicarmos a alternância conjuntivo/disjuntiva no Zulu como um fenômeno sintático e não meramente prosódico.

4.3. HALPERT (2012)

A principal diferença da proposta de Halpert (2012) para a de Buell (2005) é que a primeira propõe que exista uma sonda que licenciaria a configuração sintática de DPs sem o morfema augment (que segundo sua análise só podem ocorrer necessariamente dentro de vP) também seria responsável pela ocorrência da alternância conjuntivo/disjuntiva na língua Zulu. Esta sonda estaria vinculada a um núcleo em um domínio sintático logo acima de vP, ao qual ela chamou de L. Para o propósito dessa seção, no entanto, vamos nos concentrar no ponto em comum das duas propostas, a qual pode ser, grosso modo, resumido na seguinte forma (HALPERT, 2012 p. 150):

(58) **CONJUNTIVO:** utilizado quando vP contém material (depois de movimento argumental).

(59) **DISJUNTIVO:** utilizado quando vP não contém material (depois de movimento argumental).⁶⁸

⁶⁸ Do original : Conjoint: appears when vP contains material (after A-movement).
Disjoint: appears when vP does not contain material (after A-movement)
(HALPERT, 2012, p. 150)

Note que se a correlação entre fronteiras sintáticas e prosódicas forem sempre biunívocas, é possível explicar a alternância por uma abordagem estritamente prosódica. No entanto, certos contextos sintáticos colocam em questão a biunivocidade entre fronteiras sintáticas e prosódicas. Certos itens lexicais se encliticizam com o verbo formando uma única palavra fonológica com o mesmo. Todavia clíticos de pronomes interrogativos se comportam de maneira diversa de clíticos que não são de pronomes interrogativos conforme exemplos a seguir (Halpert, 2012, p. 157).

(60) Clíticos *wh phi*: Conjuntivo requerido

(60a) CJ *Ba-dlala:-phi?*
 SN2-jogar- onde?
 “Onde eles estão jogando?”

(60b). DJ **Ba-ya-dlala-phi?*
 SN2-PRES-jogar-onde?

(61) CLÍTICOS WH *-NI*: Conjuntivo requerido

(61a) CJ *U-fundisa:-ni?*
 S2SG-ensinar-o que?
 “O que você ensina?”

(61b). DJ **U-yafundisa-ni?*
 S2SG-ensinar-o que?

(62) CLÍTICO NÃO WH *-KE*: disjuntivo requerido

(62a) DJ *Ngi-ya-hamba:-ke*
 S1SG-PRES-ir- então
 “Então, estou indo.”

(62b) CJ **Ngi-hamba:-ke*
 S1SG-ir- então

Nos exemplos em (60-61) a forma verbal conjuntiva é requerida. Note que o verbo apresenta alongamento de penúltima sílaba o que mostra que o verbo é final de constituinte prosódico, o que não deveria acontecer para a forma conjuntiva. Os exemplos em (62) por outro lado, a forma disjuntiva é requerida. Note que neste exemplo, o clítico está necessariamente fora de vP. Tais dados reforçam a natureza sintática da alternância conjuntivo/disjuntiva na língua Zulu. Outro contexto sintático que reforça essa análise é o de orações coordenadas com objeto compartilhado. Inicialmente, note como se comporta orações coordenadas com verbos transitivos e intransitivos (HALPERT, 2012, p. 158-159).

(63) COORDENAÇÃO: primeira oração intransitiva: limite prosódico na fronteira direita. Forma disjuntiva requerida.

(63a) DJ *Ngi-ya-cu:la)* *futhi* *ngi-ya-da:nsa)*
 S1SG-PRES-cantar e S1SG-PRES-dançar
 “Eu canto e danço.”

(63b) CJ **Ngi-cula* *futhi* *ngi-ya-dansa*
 S1SG-cantar e S1SG-PRES-dançar

(64) COORDENAÇÃO: primeira oração transitiva: limite prosódico na fronteira direita. Forma conjuntiva requerida.

(64a) CJ *Ba-dlala* *ibho:la)* *futhi* *ba-ya-gijima*
 SN2-jogar AUG5.bola e SN2-PRES-correr
 “Eles jogam futebol e eles correm.”

(64b) DJ **Ba-ya-dlala* *ibhola* *futhi* *ba-ya-gijima*.
 SN2-PRES-jogar AUG5.bola e SN2-PRES-correr

Até aqui, as fronteiras prosódicas são compatíveis com as fronteiras sintáticas. Note que em (60b) o verbo em forma conjuntiva é final de constituinte sintático, o que pela teoria explicaria sua agramaticalidade, mas também é final da frase fonológica, o que também explicaria sua agramaticalidade. De modo similar, na forma agramatical em (61b) o verbo em forma disjuntiva não é final em constituinte sintático (o que pode ser visto pela falta de concordância de objeto), mas também não é final de frase fonológica. Para resolver esta questão, veja como se comportam períodos coordenados com um objeto compartilhado (HALPERT, 2012, p. 159):

(65) OBJETO COMPARTILHADO: limite prosódico no primeiro conjunto, conjuntivo requerido.

(65a) CJ *Ngi-buk-e:la* *futhi* (*ngi-phinde*) *ngi-dhale*
 S1SG-assistir-APL e S1SG-de novo S1SG-jogar.sjc
 ibho:la
 AUG5.futebol
 “Eu assisto e também jogo futebol.”

A primeira oração está em morfologia conjuntiva e é final de fronteira prosódica, como pode ser visto pelo alongamento de penúltima sílaba. Tal fato não deveria ser possível em uma abordagem simplesmente prosódica da alternância. Este dado nos permite dizer que o verbo da primeira oração assume forma conjuntiva uma vez que não é final de constituinte. O objeto apesar de se

realizar somente na segunda oração também é constituinte sintático da oração principal.

4.4. RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, propostas de acomodação do fenômeno da alternância conjuntivo/disjuntiva dentro de domínios da sintaxe para a língua Zulu foram analisadas. Na seção 4.1., dissertei sobre a proposta de Buell (2005,2006) que analisa a alternância como indicadores de um núcleo verbal com material frasal após movimento para a projeção sintática AgrSP a partir de vP, o que resulta na morfologia conjuntiva, e da ausência de material frasal no núcleo verbal após movimento para AgrSP, o que resulta na morfologia disjuntiva. Na seção 4.2, apresentei a proposta de Cheng & Downing (2012) que mostra correspondência entre fases sintáticas e fronteiras prosódicas na língua Zulu e apresenta uma proposta contra a necessidade de uma projeção dedicada para foco, uma vez que os padrões de foco na posição imediatamente pós-verbal podem ser explicados pela interação de regras sintáticas e fonológicas hierarquicamente organizadas dentro da teoria da otimalidade. Por fim, na seção 4.3, me volto para a proposta de Halpert (2012), que mostra discrepâncias entre fases sintáticas e fronteiras prosódicas e fornece mais embasamento para uma proposta puramente sintática da alternância. No próximo capítulo, me dedico aos dados do Shimakonde, com ênfase na metodologia usada, resultados e

posterior discussão sobre a implicação dos mesmos nas propostas que alocam o fenômeno da alternância conjuntivo/disjuntiva na estrutura da informação e na constituição sintática.

Parte 3:

Resultados e análises

CAPÍTULO 5 - METODOLOGIA E RESULTADOS

A pesquisa e coleta de dados foram realizadas com falantes nativos, principalmente originários de distritos da província de Cabo Delgado como Mueda, Muidumbe, Macomia e Mocímboa da Praia, todavia residentes em Maputo. Os dados foram coletados tanto presencialmente quanto remotamente via internet. Uma vez que estes falantes de Shimakonde também são fluentes em português, esta foi utilizada como língua de contato. Para a coleta de dados, frases em português foram oferecidas aos informantes no propósito de se obter a forma equivalente na língua, geralmente gravada em áudio. A partir dos dados obtidos, novas construções foram elaboradas na língua alvo e oferecidas ao escrutínio de seus utentes de forma a averiguar sua aceitabilidade para testar hipóteses descritivas e teóricas.

5.1. METODOLOGIA

Como a literatura técnica propõe que a utilização de formas conjuntivas e disjuntivas está relacionada com a estrutura da informação, de tal sorte que as primeiras estariam relacionadas com foco estreito em elementos que figuram na adjacência direita do verbo, enquanto que as últimas denotariam um foco mais amplo, foi coletado um corpus de apoio de forma presencial testando tais possibilidades. O Questionário 1 foi elaborado para averiguar se há relação direta entre foco informacional mais amplo no VP, ou mesmo mais estreito em determinados argumentos internos ou adjuntos verbais, com a escolha de determinada morfologia conjuntiva ou disjuntiva. Não apenas isso, este teste também investiga se existe uma posição dedicada para alocação de foco informacional. Vale ressaltar mais uma vez que o foco informacional é a informação não pressuposta em uma proposição, como a informação que se busca ao fazer uma pergunta com algum pronome interrogativo. Desta maneira, se pode averiguar se as formas verbais conjuntivas e disjuntivas são utilizadas para denotar foco de vários escopos, a partir das questões que tais sentenças podem responder. Se, digamos, há uma correlação direta entre foco informacional e o elemento que completa a frase fonológica do verbo nos tempos conjuntivos, é esperado que a única pergunta que essa frase responderia

deveria ser a pergunta que questiona necessariamente este XP pós-verbal. Este teste foi idealizado da seguinte forma:

Questionário 1 – Qual(is) pergunta(s) pode(m) ser respondida(s) com as seguintes frases?

Foram elaborados alguns enunciados em Shimakonde nas quais os tempos alternantes foram utilizados. Como os padrões tonais são importantes para definir alguns tempos verbais da língua, eles foram representados graficamente, além de ter sido disposto qual o enunciado equivalente ao almejado em língua portuguesa. Todas as sentenças são transitivas com o objeto direto acompanhado de um objeto aplicado ou um adjunto adverbial, ou são intransitivas acompanhadas de dois adjuntos adverbiais. Tal medida foi adotada para que a sentença apresentasse muitas opções de escopo de foco informacional. Além disso, neste teste e nos demais, optou-se sempre que possível por complementos e adjuntos verbais de raízes trissilábicas ou maiores que apresentam tons baixos nas primeiras sílabas e algum tom alto na composição do tom de contorno na penúltima sílaba, de forma a se tornar mais fácil averiguar a ocorrência ou não de espraiamento de tom alto do radical verbal ao elemento adjacente, que é característica distintiva dos tempos verbais conjuntivos e disjuntivos respectivamente. Cada enunciado foi proposto em quatro configurações distintas. Duas sentenças na morfologia conjuntiva e duas

sentenças na morfologia disjuntiva, de tal maneira que a única variação era a posição dos XPs pós-verbais. Logo a seguir, foram dadas opções de perguntas que poderiam ser respondidas com aquele determinado enunciado para que o informante marcasse a(s) opção(ões) adequada(s). Como o objetivo do teste era verificar se há correlação direta entre formas verbais conjuntivas e disjuntivas com focos de diferentes escopos na oração e com a posição imediatamente contígua ao verbo, era esperado que as formas verbais disjuntivas denotassem foco mais amplo e as formas conjuntivas denotassem foco mais estreito realizado no elemento imediatamente adjacente ao verbo. A opção por um questionário fechado com alternativas de respostas foi preferida para que este teste tivesse maior abrangência e maior rapidez de execução por parte dos informantes. Considere os exemplos a seguir, que ilustram como o questionário foi planejado:

QUESTIONÁRIO 1

PASSADO IMPERFECTIVO:

1. CJ: Nkóongwe áshímwándíkílá íbálúugwa nshákuulu.

Intencionado: “A mulher escrevia uma carta para o ancião.”

- (a) () Nkóongwe áshímwándíkílá nyááni ibalúugwa?
- (b) () Nkóongwe áshímwándíkílá nyáámááni nshákuulu?
- (c) () Nyááni áshímwándíkílá íbálúugwa nshákuulu?
- (d) () Nkóongwe áshíténdá nyáámááni?⁶⁹

⁶⁹ Tradução das perguntas:

(e) () A frase responderia adequadamente qualquer uma das perguntas acima.

(f) () Nenhuma das anteriores. Escreva a pergunta correta:

2. CJ: Nkóongwe áshímwándíkílá nshákuulu ibalúugwa.

Intencionado: “A mulher escrevia uma carta para o ancião.”

(a) () Nkóongwe áshímwándíkílá nyááni ibalúugwa?

(b) () Nkóongwe áshímwándíkílá nyáámááni nshákuulu?

(c) () Nyááni áshímwándíkílá íbalúugwa nshákuulu?

(d) () Nkóongwe áshíténdá nyáámááni?

(e) () A frase responderia adequadamente qualquer uma das perguntas acima.

(f) () Nenhuma das anteriores. Escreva a pergunta correta:

3. DJ: Nkóongwe áshíndámwandikííla ibalúugwa nshákuulu.

Intencionado: “A mulher escrevia uma carta para o ancião.”

(a) () Nkóongwe áshímwándíkílá nyááni ibalúugwa?

(b) () Nkóongwe áshímwándíkílá nyáámááni nshákuulu?

(c) () Nyááni áshímwándíkílá íbalúugwa nshákuulu?

(d) () Nkóongwe áshíténdá nyáámááni?

(e) () A frase responderia adequadamente qualquer uma das perguntas acima.

-
- (a) A mulher escrevia uma carta para quem?
(b) A mulher escrevia o quê para o ancião?
(c) Quem escrevia uma carta para o ancião?
(d) A mulher fazia o quê?

(f) () Nenhuma das anteriores. Escreva a pergunta correta:

4. DJ: Nkóongwe áshíndámwandíkíla nshákuulu ibalúugwa.

Intencionado: “A mulher escrevia uma carta para o ancião.”

- (a) () Nkóongwe áshímwándíkílá nyááni ibalúugwa?
(b) () Nkóongwe áshímwándíkílá nyáámááni nshákuulu?
(c) () Nyááni áshímwándíkílá íbalúugwa nshákuulu?
(d) () Nkóongwe áshíténdá nyáámááni?
(e) () A frase responderia adequadamente qualquer uma das perguntas acima.
(f) () Nenhuma das anteriores. Escreva a pergunta correta:
-

Em 1, note que o enunciado se encontra em um tempo conjuntivo. Além disso, o objeto direto *ibalúugwa* (carta) se encontra imediatamente posterior ao verbo. Se o uso da morfologia conjuntiva denotar foco informacional no elemento contíguo, o esperado é que os falantes optem para pergunta na alternativa b: *Nkóongwe áshímwándíkílá nyáámááni nshákuulu?* (O que a mulher escreveu para o ancião?). Já em 2, o enunciado também se encontra no tempo conjuntivo, todavia, a diferença é que o objeto aplicado *nshákuulu* se encontra contíguo ao verbo, de tal sorte que a escolha da opção a: *Nkóongwe áshímwándíkílá nyááni ibalúugwa?* (Para quem a mulher escreveu a carta?), denotaria uma leitura de foco informacional no elemento imediatamente pós-verbal. Em (3) e (4) se utilizou a morfologia disjuntiva. Como esta morfologia é

proposta para denotar um foco mais amplo, se espera a escolha da pergunta d: *Nkóongwe áshíténdá nyáámááni?* (O que a mulher fazia?). Também para este tempo disjuntivo em (3) e (4) se optou por mudar a disposição dos elementos pós-verbais para averiguar a possibilidade de o foco estar relacionado a uma posição dedicada e não a uma morfologia específica. Testes similares foram realizados nos demais tempos alternantes. No apêndix 3 desta tese é possível consultar o teste completo, tal qual ele foi elaborado, além de um comparativo das respostas dadas pelos 10 informantes que o fizeram. No apêndix 2, constam informações sobre os informantes como sua naturalidade, idade e gênero.

O questionário 2 também foi elaborado para testar foco informacional. Todavia, diferentemente do questionário 1, enunciados em português que serviram de contexto nos cinco tempos verbais alternantes foram elaborados. A partir destes enunciados em português, algum elemento, tal como um argumento interno do verbo, um adjunto, ou mesmo o sujeito do enunciado era questionado. No questionário foi solicitado ao informante que elaborasse o equivalente em Shimakonde tanto para as perguntas, quanto para as respostas. Também foi solicitado que os informantes fornecessem respostas completas, constando não apenas o elemento focalizado. Considere os exemplos a seguir no tempo passado perfeito recente:

QUESTIONÁRIO 2

1. ONTEM, A MULHER COZINHOU O PORCO PARA O ANCIÃO.

a) Para quem a mulher cozinhou o porco? (O ancião.)

Pergunta:

Resposta:

Outra(s) forma(s) de responder (caso exista(m)):

b) O que a mulher cozinhou para o ancião? (O Porco.)

Pergunta:

Resposta:

Outra(s) forma(s) de responder (caso exista(m)):

c) Quem cozinhou o porco? (A mulher.)

Pergunta:

Resposta:

Outra(s) forma(s) de responder (caso exista(m)):

d) Quando a mulher cozinhou o porco? (Ontem.)

Pergunta:

Resposta:

Outra(s) forma(s) de responder (caso exista(m)):

e) O que a mulher fez? (Cozinhou o porco para o ancião.)

Pergunta:

Resposta:

Outra(s) forma(s) de responder (caso exista(m)):

f) O que aconteceu? (A mulher cozinhou porco para o ancião.)

Pergunta:

Resposta:

Outra(s) forma(s) de responder (caso exista(m)):

O intuito deste teste era ver se havia preferência na escolha de formas conjuntivas ou disjuntivas na elaboração espontânea das frases equivalentes em Shimakonde, sem que o falante tivesse que optar por alternativas pré-estabelecidas. Este teste demandava mais tempo e esforço dos informantes, por

este motivo, a maioria deles o fez na forma escrita, optando-se por apenas um item da lista, isto é, responderam todos os subitens de apenas um tempo verbal. Ainda assim, foi possível coletar as respostas deste teste oralmente em dois casos, com gravação em áudio. Um deles respondeu a todos os tempos verbais, e o outro apenas os dois primeiros. O apêndice 4 desta tese traz o teste completo, bem como uma tabela com todas as respostas oferecidas pelos informantes.

O questionário 3 foi elaborado para testar um tipo específico de foco, conhecido como foco identificacional ou contrastivo (E. KISS, 1998). O Foco identificacional denota que determinado elemento escolhido está dentre uma gama limitada de possibilidades. Ou seja, o foco identificacional se trata de um elemento possível dentre um conjunto de elementos que poderiam figurar como a informação não pressuposta de determinado enunciado. Este tipo de foco pode ser elucidado a partir de operadores focais que denotam exclusividade como *somente* ou *apenas*, e é incompatível com outros operadores que denotam inclusão como *até mesmo* ou *também*. A língua Emakhuwa (P.31) da mesma zona linguística que o Shimakonde (P.23), codificaria este tipo de foco em elementos pós-verbais por meio de tempos conjuntivos, conforme vimos anteriormente no capítulo 3. Por conseguinte, a intenção deste próximo teste foi averiguar se o Shimakonde utiliza os tempos verbais conjuntivos da mesma maneira que a língua Emakhuwa. Similarmente ao teste 2, foram dados

contextos para os informantes que proporcionavam a leitura de escopo focal identificacional em diferentes elementos do enunciado. Isto é, se realçava a leitura de exclusividade de determinado XP do enunciado a ser contrastado. Por exemplo: “o ancião tinha muitos animais, todavia, dentre estes animais, o menino era incumbido de alimentar apenas os porcos, ou seja, o menino alimentava somente os porcos para o ancião”. Depois de feito este preâmbulo, era solicitado que o informante oferecesse a frase equivalente em Shimakonde para “O menino alimentava somente os porcos para o ancião”. A propósito de comparação, sentenças com um operador incompatível com a leitura de exclusividade como *também* ou *até mesmo* também foram solicitadas, apresentando inicialmente um contexto específico, tal como foi feito para os contextos de exclusividade. Se as formas conjuntivas no Shimakonde denotam foco de identificação no XP pós-verbal, o esperado é que elas não sejam compatíveis com operadores como *também* ou *até mesmo*. Padrão inverso é esperado para as formas disjuntivas. A seguir, veja como o teste foi concebido para o tempo passado imperfectivo:

QUESTIONÁRIO 3

1. PASSADO IMPERFECTIVO.

a) O menino alimentava somente os porcos para o ancião.

Tradução:

Outra(s) forma(s) de dizer a frase (caso exista(m)):

b) O menino alimentava até mesmo os porcos para o ancião.

Tradução:

Outra(s) forma(s) de dizer a frase (caso exista(m)):

c) O menino alimentava os porcos somente para o ancião.

Tradução:

Outra(s) forma(s) de dizer a frase (caso exista(m)):

d) O menino alimentava os porcos até mesmo para o ancião.

Tradução:

Outra(s) forma(s) de dizer a frase (caso exista(m)):

e) O menino somente alimentava os porcos para o ancião.

Tradução:

Outra(s) forma(s) de dizer a frase (caso exista(m)):

f) O menino até mesmo alimentava os porcos para o ancião.

Tradução:

Outra(s) forma(s) de dizer a frase (caso exista(m)):

g) Somente o menino alimentava os porcos para o ancião.

Tradução:

Outra(s) forma(s) de dizer a frase (caso exista(m)):

h) Até mesmo o menino alimentava os porcos para o ancião.

Tradução:

Outra(s) forma(s) de dizer a frase (caso exista(m)):

As repostas deste teste também foram coletadas em áudio. Alguns informantes, por questões de tempo e disponibilidade, não realizaram todos os tempos verbais. O apêndix 5 apresenta o teste completo, além de um quadro com as respostas dos informantes. Vale ressaltar que estes questionários

serviram de apoio. Outros dados foram posteriormente solicitados aos informantes e testes de gramaticalidade propostos.

Para testar a hipótese de constituição sintática entre verbo e complemento em tempos conjuntivos e a posição final do verbo em um constituinte, tal como ocorre na língua Zulu (BUELL, 2006; CHENG & DOWNING, 2012; HAPERT, 2012), não foram elaborados testes de apoio mais sistemáticos. No entanto, foi averiguada a aceitabilidade de certas construções na língua, como a posposição de sujeito, interpolação de vocativos, possibilidade de extração de constituintes, possibilidade de ocorrência de determinados tempos disjuntivos e/ou conjuntivos em orações coordenadas. Na próxima seção serão apresentados os resultados dos testes aplicados.

5.2. RESULTADOS

5.2.1. ESTRUTURA DA INFORMAÇÃO

O objetivo desta seção é analisar se há relação da estrutura da informação na realização dos tempos verbais conjuntivos e disjuntivos. Mais precisamente, nessa seção se investiga se as formas disjuntivas e conjuntivas implicam a existência de XPs focalizados em distintas projeções de foco em diferentes domínios do enunciado, como em TP ou em algum nível abaixo dessa projeção.

Conforme pode ser observado no apêndice 3 desta tese, relativo ao questionário 1, os informantes optaram pela alternativa (e) em 71% (120 de 169 respostas) dos casos como resposta para todos os tempos verbais analisados, quer sejam conjuntivos, quer sejam disjuntivos. A opção (e) denota que a sentença em questão pode ser usada como resposta para uma pergunta com escopo de foco informacional em qualquer dos argumentos internos do verbo, adjuntos adverbiais, sujeito, ou mesmo todo o VP. Vejamos isso com exemplos retirados do teste nos cinco tempos verbais alternantes.

(1) PASSADO IMPERFEITO:

CJ: *Nkóongwe á-shí-mw-ándík-íl-á íbálúugwa nshákuulu.*
 N1.mulher SN1-IMP-ON1-escrever-AP-VF N9.carta N1.ancião

DJ: *Nkóongwe á-shíndá-mw-andik-ííl-a íbalúugwa nshákuulu.*
 N1.mulher SN1-IMP-ON1-escrever-AP-VF N9.carta N1.ancião
 “A mulher escrevia uma carta para o ancião.”

(2) PRESENTE HABITUAL

CJ: *Ndyóóko á-pálapát-á dímaáka lyáamba.*
 N1.menino SN1-acariciar-VF N9.gato N5.manhã

DJ: *Ndyóóko á-ndá-palapáát-a dímaáka lyáamba.*
 N1.menino SN1-PRES-acariciar-VF N9.gato N5.manhã
 “O menino acaricia os gatos pela manhã.”

(3) FUTURO DO PRESENTE

CJ: *Mwáana á-lót-á kú-shúm-á línáádi*
 N1.criança SN1-ir-VF N15-comprar-VF N5.côco
pashakoôni.
 N16-mercado

DJ: *Mwáana a-ndá-shuúm-a linaádi pashakoôni.*
 N1.criança SN1-FUT-comprar-VF N5.côco N16.mercado
 “A criança vai comprar coco no mercado.”

(4) PASSADO PERFEITO REMOTO

CJ: *Vakoôngwe vá-tálék-é úgwááli mwasheedo.*
 N2.mulher SN2-cozinhar-PERF N14.shima ano passado.

DJ: *Vakoôngwe vá-ndí-táleék-a ugwaáli mwasheedo.*
 N2.mulher SN2-PERF-cozinhar-VF N14.shima ano passado.
 “As mulheres tinham cozinhado shima ano passado.”

(5) PASSADO PERFEITO RECENTE

CJ: *Vakoôngwe va-talek-e úgwááli líido.*
 N2.mulher SN2-cozinhar-PERF N14.shima ontem.

DJ: *Vakoôngwe va-ndi-táleék-a ugwaáli líido.*
 N2.mulher SN2-PERF-cozinhar-VF N14.shima ontem.
 “As mulheres cozinham shima ontem.”

De acordo com 71% das opções dos informantes, qualquer uma das frases em (1) acima responderiam perfeitamente as perguntas: i: *Nkóongwe áshímwándíkílá nyááni ibalúugwa?* (A mulher escrevia a carta para quem?), ii: *Nkóongwe áshímwándíkílá nyáamááni nshákuulu?* (A mulher escrevia o que para o ancião?), iii: *Nyááni áshímwándíkílá ibalúugwa nshákuulu?* (Quem escrevia a carta para o ancião?) e iv: *Nkóongwe áshíténdá nyáamááni?* (A mulher fazia o quê?).

Já as frases em (2) responderiam perfeitamente as perguntas: i: *Ndyóoko ápálápátá nyáamááni lyáámba?* (O menino acaricia o que pela manhã?) ii: *Ndyóoko ápálápátá duvaâni dimaáka?* (O menino acaricia os gatos quando?),

iii: *Nyááni ápalápátá díamáaka lyáamba?* (Quem acaricia os gatos pela manhã?)

e iv: *Ndyóoko áténdá nyámááni?* (O menino faz o quê?).

Por sua vez, as frases em (3) responderiam perfeitamente as perguntas: i: *Mwáana álótá kúshúmá nyámááni pashakoôni?* (A criança vai comprar o que no mercado?), ii: *Mwáana álótá kúshúmá paáshi línáádi?* (A criança vai comprar coco onde?), iii: *Nyááni álótá kúshúmá línáádi pashakoôni?* (Quem escrevia a carta para o ancião?) e iv: *Mwáana álótá kúténdá nyámááni?* (A criança vai fazer o quê?).

As frases em (4) responderiam perfeitamente as perguntas: i: *Vakoôngwe vátáléké nyámááni mwasheedo?* (As mulheres tinham cozinhado o que ano passado?), ii: *Vakoôngwe vátáléké duvaâni ugwaáli?* (As mulheres tinham cozinhado shima quando?), iii: *Vanyááni vátáléké úgwááli mwasheedo?* (Quem tinha cozinhado shima ano passado?) e iv: *Vakoôngwe váténdílé nyámááni mwasheedo?* (As mulheres tinha feito o que ano passado?).

E por fim, as frases em (5) responderiam perfeitamente as perguntas: i: *Vakoôngwe vataleke nyámááni líido?* (As mulheres cozinharam o que ontem?), ii: *Vakoôngwe vataleke duvaâni ugwaáli?* (As mulheres cozinharam shima quando?), iii: *Vanyááni vataleke úgwááli líido?* (Quem cozinhou shima ontem?) e iv: *Vakoôngwe vatendile nyámááni líido?* (As mulheres fizeram o que ontem?).

Vale ressaltar ainda que nos outros 29% dos casos, os informantes optaram por mais de uma resposta, geralmente deixando apenas a pergunta com escopo no sujeito de fora. Isto é, optaram pelas alternativas (a), (b) e (d), cujas perguntas demandam tanto um escopo focal mais amplo (d), ou escopo focal em algum dos argumentos internos do verbo ou adjuntos (a) e (b). De acordo com esses informantes, a alternativa eliminada com o escopo focal no sujeito, seria mais bem respondida por meio de uma clivagem com o acréscimo da cópula *ni* e do tempo relativo de sujeito, conforme exemplos a seguir:.

(6) Escopo focal no sujeito.

(6a) *Nkóongwe ni á-shí-mw-ándík-ííl-a ibalúugwa*
 N1.mulher COP REL.SN1-IMP-ON1-escrever-AP-VF N9.carta
nshákuulu.
 N1.ancião
 “A mulher é que escrevia uma carta para o ancião.”

(6b): *N-dyóoko ni a-palapáát-a di-maáka lyáamba.*
 N1.menino COP REL.SN1-acariciar-VF N9.gato N5.manhã
 “O menino é que acaricia os gatos pela manhã.”

(6c) *Mwáana ni a-lóót-a kú-shúúm-a*
 N1.criança COP REL.SN1-ir-VF N15-comprar-VF
linaádi pashakoôni.
 N5.côco N16.mercado
 “A criança é que irá comprar coco no mercado.”

(6d) *Vakoôngwe ni va-taléék-é ugwaáli*
 N2.mulher COP REL.SN2-cozinhar-PERF N14.shima
mwasheedo.
 ano passado.
 “As mulheres é que tinham cozinhado shima ano passado.”

- (6e) *Vakoôngwe ni va-táleek-e ugwaáli líido.*
N2.mulher COP REL.SN2-cozinhar-PERF N14.shima ontem.
“As mulheres é que cozinham shima ontem.”

Alguns informantes ainda sugeriram algumas correções de ordem lexical em alguns itens (ver as respostas com asterisco no apêndix 3.), todavia não houve nenhuma sugestão que propusesse mudanças em relação ao escopo focal ou morfologia verbal escolhida⁷⁰. As opções dos informantes neste teste apontam para a falta de correlação entre o foco informacional mais amplo e/ou mais estreito com a preferência pela morfologia disjuntiva ou conjuntiva, uma vez que o uso de uma forma conjuntiva ou disjuntiva não teve qualquer relevância nas escolhas dos escopos focais informativos dos enunciados. Este teste também aponta para a inexistência de uma posição dedicada para foco informacional imediatamente posterior ao verbo, como ocorre em determinadas línguas Bantu, como o Bemba, Haya, Makhuwa, Matengo, Naki, Zulu, etc (GIBSON et al, 2017), uma vez que o elemento focalizado pode figurar na periferia direita da sentença.

O questionário 1 foi elaborado com opções pré-estabelecidas, ainda que oferecesse a oportunidade de o falante escrever a opção correta se ela não figurasse entre as disponíveis (opção (f)). Por este motivo, existe a possibilidade de que os informantes possam ter sido enviesados de alguma

⁷⁰ Exceção feita ao tempo futuro conjuntivo, uma vez que o auxiliar também é o usado para o verbo querer, causando ambiguidade na construção.

forma pelas opções. Mas ainda assim, chama a atenção, no entanto, o fato de nenhum deles ter optado por respostas que apontam para qualquer relação entre o escopo focal informacional e o uso da forma verbal conjuntiva ou disjuntiva, conforme sugere a literatura técnica.

O questionário 2, todavia, foi elaborado para que os informantes respondessem abertamente. Para facilitar a disposição dos dados e análise, as perguntas foram divididas em duas categorias: a) Respostas para perguntas com escopo em argumentos ou adjuntos do verbo. b) Respostas para perguntas com escopo no VP ou em todo enunciado. Também foram testadas respostas de perguntas de confirmação, todavia elas não fizeram diferença significativa na análise geral.

Inicialmente, veremos como as perguntas foram traduzidas pelos falantes para escopo focal estreito, para logo depois analisarmos as respostas. Os informantes deram os equivalentes em Shimakonde para as perguntas elaboradas com escopo em argumentos ou adjuntos adverbiais utilizando-se da morfologia conjuntiva em (68%) ou por orações relativas ora acompanhadas pela cópula (32%). A morfologia disjuntiva na elaboração deste tipo de perguntas só ocorreu em situação deliberada em que se indagou a uma informante se a questão poderia ser elaborada daquela outra forma. Portanto é razoável assumir que a morfologia conjuntiva é preferível para este tipo de

perguntas, ainda que o uso da morfologia disjuntiva não seja agramatical.

Vejamos alguns exemplos:

(7) CJ *Nkóongwe á-lót-á kú-mwíng-á nyááni nguluúve?*
 N1.mulher SN1-IR-VF N15-dar-VF quem N9.porco
 “A mulher dará o porco para quem?”

(8) CJ *Nkóongwe a-n-talak-ad-ile nyáámááni nangoôlo?*
 N1.mulher SN1-ON1-cozinhar-AP-PERF o que N1.ancião
 “A mulher cozinhou o quê para o ancião?”

(9) CJ *Nkóongwe á-n-shínd-íd-ílé duvaâni nguluúve?*
 N1.mulher SN1-ON1-matar-AP-PERF quando N1.porco
 “Quando a mulher tinha matado o porco?”

(10) CJ *Nyááni á-n-ísh-á ngúlúúve?*
 Quem SN1-ON1-alimentar-VF N1.porco
 “Quem alimenta o porco?”

(11) CJ *Nyááni á-shí-lál-á ná díngrúlúúve?*
 Quem SN1-IMP-dormir-VF com N10.porco
 “Quem dormia com os porcos?”

As respostas para as questões com escopo focal informacional no sujeito alternaram-se entre clivagens (70%) e construções conjuntivas com sujeito posposto (30%). Conforme os exemplos a seguir (XPs em foco em negrito).

(12) REL ***Nkóongwe** ni a-n-táleek-e nguluúve*
 N1.mulher COP REL.SN1-ON1-cozinhar-PERF N1.porco
 “A mulher é que cozinhou o porco.”

(13) REL ***Nkóongwe** ni a-n-ísh-a nguluúve*
 N1.mulher COP REL.SN1-ON1-alimentar-VF N1.porco
 “A mulher é que alimenta o porco.”

- (14) REL *Nkóongwe* *ni* *alóóta* *kú-mw-úng-a*
 N1.mulher COP REL.SN1-ir-VF N15-ON1-doar-VF
nguluúve.
 N1.porco
 “A mulher é que irá doar o porco.”
- (15) CJ *Va-nguluve* *va-shi-lal-a* *namu mbudi*⁷¹
 N2.porco N2-IMP-dormir-VF com N9.cabrito
 “Os porcos dormiam com o cabrito.”
- (16) CJ *A-talek-e* *in-yama* *ya* *nguluve*
 SN1-cozinhar-PERF N9.carne GEN N9.porco
nkongwe
 n1.mulher
 “A mulher cozinhou carne de porco.”

Em (15) é interessante observar que o informante optou pela morfologia conjuntiva com o elemento focalizado em posição pós-verbal como um adjunto preposicionado. Em (16), o verbo também ocorre na morfologia conjuntiva com o sujeito em foco posposto ao verbo, porém na periferia direita da sentença, com um elemento pressuposto ocupando a posição imediatamente pós-verbal.

Em relação ao foco em argumentos internos do verbo ou adjuntos, as respostas se alternaram entre as morfologias conjuntivas (79%), disjuntivas (16%) e relativas (5%), conforme exemplos à seguir (XP em foco negrito):

- (17) CJ *Nkóongwe* *a-n-talak-ad-ile* ***nángóolo***
 N1.mulher SN1-ON1-cozinhar-AP-PERF N1.ancião
nguluúve.
 N9.porco
 “A mulher cozinhou o porco para o **ancião.**”

⁷¹ Os dados em 15 e 16 foram fornecidos em forma escrita, por isso optou-se por deixá-los da forma como os informantes escreveram originalmente sem acrescentar tons e alongamentos.

- (18) DJ *Nkóongwe* *a-ndi-táleék-a* **nguluúve**
 N1.mulher SN1-PERF-cozinhar-VF N9.porco
kwa nangoôlo.
 para N1.ancião
 “A mulher cozinhou o **porco** para o ancião.”
- (19) CJ *Nkóongwe* *a-n-talak-ad-ile* *ngúlúúve*
 N1.mulher SN1-ON1-cozinhar-AP-PERF N9.porco
nánkuulo.
 N1.ancião
 “A mulher cozinhou o porco para o **ancião.**”
- (20) DJ *Nkóongwe* *a-ni-n-tálák-eél-a* *nguluúve*
 N1.mulher SN1-PERF-ON1-cozinhar-AP-PERF N9.porco
nangoôlo.
 N1.ancião
 “A mulher cozinhou o porco para o ancião.”
- (21) CJ *Nkóongwe* *a-n-talek-e* **líido** *nguluúve*
 N1.mulher SN1-ON1-cozinhar-PERF ontem N1.porco
 “A mulher cozinhou o porco **ontem.**”
- (22) CJ *Nkóongwe* *a-n-talek-e* *ngúlúúve* **líido**
 N1.mulher SN1-ON1-cozinhar-PERF N1.porco ontem
 “A mulher cozinhou o porco **ontem.**”
- (23) CJ *Nkóongwe* *á-lót-á* *kú-mw-íng-á* **nángóolo**
 N1.mulher SN1-ir-VF N15-ON1-dar-VF N1.ancião
nguluúve.
 N9.porco
 “A mulher dará o porco para o ancião.”
- (24) DJ *Nkóongwe* *a-ná-muí-p-a* *nguluúve* **nangoôlo.**
 N1.mulher SN1-FUT-ON1-dar-VF N9.porco N1.ancião
 “A mulher dará o porco para o ancião.”

- (25) CJ *Nkóongwe* *á-lót-á* *kú-mw-íng-á* *ngúlúúve*
 N1.mulher SN1-ir-VF N15-ON1-dar-VF N1.porco
lúnduúnu.
 amanhã
 “A mulher dará o porco amanhã.”
- (26) DJ *Lúnduúnu* *nkóongwe* *anámuúpa* *nguluúve*
 Amanhã N1.mulher SN1-FUT-ON1-dar-VF N9.porco
nangoôlo.
 N1.ancião
 “Amanhã, a Mulher dará o porco para o ancião.”

Os dados acima confirmam a tendência mostrada no questionário 1, isto é, não existe uma correlação direta entre foco informacional estreito e uma morfologia específica verbal e tampouco existe uma posição dedicada para alocá-lo, seja imediatamente pós-verbal ou na periferia direita da sentença. Mesmo dentre as respostas que foram elaboradas utilizando-se da morfologia conjuntiva, o XP focalizado se encontrava adjacente ao verbo fazendo parte de sua frase fonológica em apenas 55% das ocasiões. Nos outros 45% dos casos, o XP focalizado se realizava na periferia direita da sentença, estando um argumento pressuposto adjacente ao verbo.

Mantendo a mesma tendência das perguntas com escopo focal estreito, as questões com foco no vP ou em todo enunciado também se optou pela morfologia conjuntiva (73%) ou orações relativas (27%):

- (27) CJ *Nkóongwe* *a-tend-ile* *nyáámááni?*
 N1.mulher SN1-fazer-PERF o quê
 “mulher fez o quê?”

- (28) CJ *Nkóongwe á-lót-á kú-ténd-á nyáámááni?*
 N1.mulher SN1-ir-VF N15-fazer-VF o quê
 “A mulher fará o quê?”
- (29) REL *Nyamani sh-a-tand-iile nkongwe?*
 O quê REL.ON1-fazer-PERF N1.mulher
 “O quê que a mulher fez?”
- (30) REL *Shiinu shani sh-a-lot-a ku-tend-a nkongwe?*
 Que coisa REL.ON1-ir-VF N15-fazer-VF N1.mulher
 “Que coisa que fará a mulher?”
- (31) CJ *Shi-tand-ek-e nyáámááni?*
 SN7-fazer-EST-PERF o quê
 “Aconteceu o quê?”
- (32) CJ *Shí-lót-á kú-tánd-ék-á nyáámááni?*
 SN7-ir-VF N15-fazer-EST-VF o quê
 “Acontecerá o quê?”

Nas respostas optou-se tanto pela morfologia disjuntiva (58%), quanto pela morfologia conjuntiva (42%), como mostram os exemplos a seguir:

- (33) CJ *Nkóongwe a-n-talak-ad-ile ngúlúúve*
 N1.mulher SN1-ON1-cozinhar-AP-PERF N9.porco
nangoôlo.
 N1.ancião
 “A mulher cozinhou porco para o ancião”
 (escopo focal em todo o VP)
- (34) DJ *Nkóongwe a-ndi-n-táleék-a nguluúve*
 N1.mulher SN1-PERF-ON1-cozinhar-VF N9.porco
ya nangoôlo.
 GEN N1.ancião
 “A mulher cozinhou o porco do ancião.”
 (escopo focal em todo o VP)

- (35) DJ *Nkóongwe* *a-ná-mw-íng-a* *nguluúve* *nangoôlo.*
 N1.mulher SN1-FUT-ON1-dar-VF N9.porco N1.ancião
 “A mulher dará o porco para o ancião.”
 (escopo focal em todo enunciado)
- (36) CJ *Nkóongwe* *á-lót-á* *kú-mú-p-á* *ngúlúúve*
 N1.mulher SN1-ir-VF N15-ON1-dar-VF N9.porco
nangoôlo.
 N1.ancião
 “A mulher irá dar o porco para o ancião.”
 (escopo focal em todo enunciado)

Similarmente à tendência mostrada no questionário 1, não parece haver uma correlação direta entre o uso de determinada morfologia de tempo verbal e foco informacional no VP ou no enunciado.

No questionário 3, que testa foco identificacional ou contrastivo, pode-se destacar que houve quase a mesma proporção de ocorrência de tempos verbais conjuntivos e disjuntivos quando havia foco identificacional em algum argumento interno ou adjunto adverbial (52% e 48%, respectivamente). Já quando se fez uso um operador que denotava inclusividade aos argumentos internos ou adjuntos, a morfologia disjuntiva foi mais amplamente utilizada (74%). No entanto, o uso de determinada morfologia não parece ser determinante para a leitura de foco identificacional, conforme pudemos observar pelos exemplos (os elementos em foco identificacional estão em **negrito**, já os que denotam uma leitura incompatível com foco identificacional estão sublinhados):

- (37) CJ *Nkóongwe* *á-shí-vá-l-ísh-á* *vángúlúúve.*
 N1.mulher SN1-IMP-ON2-comer-CAUS-VF N2.porco
va nangoôlo baái
 GEN N1.ancião somente
 “A mulher alimentava somente os porcos do ancião.”
- (38) CJ *Ndyóoko* *á-shí-vá-l-ísh-á* *vángúlúúve*
 N1.menino(a) SN1-IMP-ON2-comer-CAUS-VF N2.porco
mpááka/yáádao váá-nji va nangoôlo..
 até/também N2-DEM GEN N1.ancião
 “O menino alimentava os porcos até /também estes do ancião.”
- (39) DJ *Nkóongwe* *a-ná-muí-p-a* *nguluúve* *tu baái*
 N1.mulher SN1-FUT-ON1-doar-VF N9.porco somente
nshákuulu
 n1.ancião
 “A mulher doará somente o porco para o ancião.”
- (40) DJ *Nkóongwe* *a-ná-muí-p-a* *aátá* *dinguluúve*
 N1.mulher SN1-FUT-ON1-doar-VF até N10.porco
móomo nshákuulu
 mesmo N1.ancião
 “A mulher doará até mesmo os porcos para o ancião.”
- (41) CJ *Nkóongwe* *á-lót-á* *kú-mú-p-á* *díngúlúúve*
 N1.mulher SN1-ir-VF N15-ON1-doar-VF N10.porco
nangoôlo tu baái
 N1.ancião somente
 “A mulher vai dar os porcos somente para o ancião.”
- (42) CJ *Nkóongwe* *á-lót-á* *kw-íáv-á* *díngúlúúve*
 N1.mulher SN1-ir-VF N15-oferecer-VF N10.porco
námpááka kwa nangoôlo.
 Até para N1.ancião
 “A mulher oferecerá os porcos até mesmo para o ancião.”

- (43) DJ *Néemba* *á-ndí-váshum-íd-y-a* *vanguluúve*
 N1.rapaz SN1-PERF-ON2-comprar-AP-CAUS-VF N9.porco
baái ***nakúlúmuunu***
 somente N1.ancião
 “O rapaz tinha vendido somente os porcos para o ancião.”
- (44) (dj) *Nkóongwe* *á-ndí-shúm-íd-y-ááng-a* *viinu*
 N1.rapaz SN1-PERF-comprar-AP-CAUS-PLUR-VF N8-coisas
kwo vaánu *uúti nampááka* *kwa nangoôlo.*
 para N2.pessoa até mesmo para N1.ancião
 “O rapaz trabalha para várias pessoas até mesmo para o ancião.”

Note que nos dados (37) e (38) temos o passado imperfeito conjuntivo. Em 37, temos um elemento em foco identificacional na posição imediatamente pós-verbal. Em (38) temos um item incompatível com a leitura de foco identificacional nesta posição. Em (39) e (40) temos o futuro simples disjuntivo. O dado em (39) apresenta um XP em foco identificacional em posição pós-verbal, e em (40), um XP incompatível com essa leitura nesta posição. Os dados (41) e (42) no futuro simples conjuntivo mostram que a periferia direita da sentença também pode acomodar um XP em foco identificacional ou um XP com leitura incompatível com foco identificacional. Os dados em (43) e (44) mostram o mesmo no tempo passado perfeito remoto disjuntivo.

Pelos dados acima é possível assumir que não existe uma posição dedicada para foco identificacional no Shimakonde, tampouco uma morfologia temporal específica seja conjuntiva ou disjuntiva para especificá-lo. Os dados do questionário 3 seguiram a mesma tendência dos questionários anteriores

relativos ao foco informacional e apontam para a falta de relação direta entre foco identificacional e o uso dos tempos conjuntivos e disjuntivos.

Os próximos exemplos são de um informante de Mocimboa da praia. Com este informante, foram propostos julgamentos de gramaticalidade das sentenças oferecidas. Atente para os exemplos a seguir:

- (45) DJ *ní-shíndá-n-shulááng-a* *mwáana,*
 1S-IMP-ON1-bater-VF N1.criança
 a-ni-shi-n-kanyóól-a
 NEG-1S-IMP-ON1-repreender-VF
 “Eu repreendia a criança, não batia nela.”
- (46) DJ *Nkóongwe* *á-ndí-koody-a* *ing'aânde,*
 N1.mulher SN1-PERF-alugar-VF N9.casa
 a-shum-ííle
 NEG.1S-comprar-PERF
 “A mulher alugou a casa, não a comprou.”

Note que em (45) e (46) apenas o núcleo verbal é contrastado, sendo ele a informação não pressuposta do enunciado e portanto em foco (LAMBRECHT, 1994). Desta forma, é razoável assumir que, em (45) *Mwáana* (criança) é um constituinte pressuposto na proposição. O elemento em questão é objeto direito da sentença, recuperado pela concordância de objeto nos verbos das duas orações. Em (46), a situação é análoga, com *ing'aânde* (casa) seria constituinte pressuposto. A única diferença é que este objeto, por ser um substantivo não pertencente à classe 1 e não animado, não engatilha o morfema de concordância de objeto no complexo verbal. Em tais exemplos, o esperado pelo que propõe a literatura técnica, era que o emprego de morfologia

conjuntiva rendesse orações agramaticais, uma vez que tal situação denotaria foco estreito no elemento pós-verbal. Todavia, o uso de morfologia conjuntiva é perfeitamente gramatical nestas orações, conforme dados a seguir:

(47) CJ *Ní-shí-n-shúláng-á* *mw-áana,*
 1S-IMP-ON1-bater-vf N1.criança
a-ni-shi-n-kanyóól-a
 NEG-1S-IMP-ON1-reprender-VF
 “Eu reprendia a criança, não batia nela.”

(48) DJ *Nkóongwe* *a-kodile* *ín-g'áande,*
 N1.mulher SN1-PERF-alugar-VF N9.casa
a-shum-íle
 NEG.1S-comprar-PERF
 “A mulher alugou a casa, não comprou.”

Os dados em (47-48) colocam um sério problema para a hipótese de que as formas conjuntivas denotam foco identificacional no XP pós-verbal, pois é o apenas o núcleo verbal o que é contrastado nos exemplos e o XP posterior faz parte da pressuposição do enunciado.

Similarmente, quando o objeto é contrastado, o uso de morfologia disjuntiva também se mostrou perfeitamente gramatical:

(49) DJ *A-ndi-táleék-a* *u-gwaáli* *í* *mw-ánduugwa*
 N1-PERF-cozinhar-VF N14.shima NEG N3.batata
 “Ele cozinhou shima não batata.”

Este exemplo reforça que formas disjuntivas também podem ser utilizadas quando o foco contrastivo ocorre no XP posterior.

Em relação a foco informacional, atente para a seguinte interação:

- (50a) (P) *Petulu a-vel-e kwaáshi?*
 N1.Pedro SN1-estar-PERF N17.onde
 “Onde está Pedro?”
- (50b) (R) DJ *Nshwawu a-ndy-uúk-a ku-madeéngo*
 N1.João SN1-PERF-ir-VF N17-N6.trabalho
 DJ *na Petulu a-ndi-tánd-eél-a móomo.*
 e N1.Pedro SN1-PERF-fazer-AP-VFmesmo.
 “João foi trabalhar e Pedro fez o mesmo.”

Note que Pedro é o único elemento pressuposto nessa inteiração. No período coordenado, podemos assumir que todo o VP é não pressuposto. Isto é, temos um foco informacional amplo. Tal situação é compatível com a hipótese de que a morfologia disjuntiva é utilizada para denotar um escopo focal mais amplo, como no VP ou em todo enunciado. O uso de um tempo conjuntivo no período coordenado, se de fato este codifica foco informacional em algum XP posterior ao verbo, não deveria ser possível neste tipo de interação. Uma vez que *móomo* (mesmo), por si só, não é suficiente para denotar toda a informação não pressuposta no enunciado. Entretanto, a inteiração em (50) é perfeitamente natural na língua se a oração coordenada estiver em tempo conjuntivo.

- (51a) (P) *Petulu a-vel-e kwaáshi?*
 N1.Pedro SN1-estar-PERF N17.onde
 “Onde está Pedro?”
- (51b) (R) DJ *Nshwawu a-ndy-uúk-a ku-madeéngo*
 N1.João SN1-PERF-ir-VF N17-N6.trabalho
 CJ *na Petulu a-tand-ed-ile móomo.*
 e N1.Pedro SN1-fazer-AP-PERF mesmo.
 “João foi trabalhar e Pedro fez o mesmo”.

Como ficou claro na interação, a oração coordenada claramente tem um escopo focal informacional mais amplo, portanto não é possível assumir que o tempo verbal conjuntivo esteja necessariamente relacionado com um escopo focal informacional mais estreito.

Apesar de marginais, perguntas envolvendo pronomes interrogativos podem ser formuladas na morfologia disjuntiva. A pergunta a seguir, tem um adjunto adverbial questionado. A primeira opção dada pelo informante foi com morfologia disjuntiva:

(52a) DJ *Duvaâni* *nangoôlo* *a-ndi-n-tálak-eél-a*
 Quando N1.ancião SN1- PERF-ON1-cozinhar-AP-
ugwaáli *njee?*
 N14.shima N1.menino
 “Quando o ancião cozinhou shima para o menino?”

(52b) CJ *Nangoôlo* *a-n-talak-ad-ile* *duvaâni*
 N1.ancião SN1-ON1-cozinhar-AP-PERF quando
ugwaáli *njee?*
 N14.shima N1.menino
 “Quando o ancião cozinhou shima para o menino?”

Essas perguntas podem ser respondidas com morfologia conjuntiva (53), ou disjuntiva (54), inclusive com topicalização de elementos da sentença. Além disso, o constituinte questionado pode figurar em várias posições da sentença:

(53a) CJ *Nangoôlo* *a-n-talak-ad-ile* *líido*
 N1.ancião SN1-ON1-cozinhar-AP-PERF ontem
njee *ugwaáli*
 N1.menino N14.shima

(53b) CJ	<i>Nangoôlo</i> N1.ancião líido ontem	<i>a-n-talak-ad-ile</i> SN1-ON1-cozinhar-AP-PERF <i>ugwaáli</i> N14.shima	<i>njee</i> N1.menino
(53c) CJ	<i>Nangoôlo</i> N1.ancião <i>ugwaáli</i> N14.shima	<i>a-n-talak-ad-ile</i> SN1-ON1-cozinhar-AP-PERF líido ontem	<i>njee</i> N1.menino
(54a) DJ	<i>Nangoôlo</i> N1.ancião <i>njee</i> N1.menino	<i>a-ndi-n-tálak-eél-a</i> SN1-ON1-cozinhar-AP-PERF <i>ugwaáli</i> N14.shima	líido ontem
(54b) DJ	<i>Nangoôlo</i> N1.ancião líido ontem	<i>a-ndi-n-tálak-eél-a</i> SN1-ON1-cozinhar-AP-PERF <i>ugwaáli</i> N14.shima	<i>njee</i> N1.menino
(54c) DJ	<i>Nangoôlo</i> N1.ancião <i>ugwaáli</i> N14.shima	<i>a-ndi-n-tálak-eél-a</i> SN1-ON1-cozinhar-AP-PERF líido ontem	<i>njee</i> N1.menino

Além disso, confirmando o que vimos no questionário 3, constituintes podem ser contrastados (foco identificacional) em outras posições que não a imediatamente posterior ao verbo. Foi dada a seguinte sentença para o informante:

(55) CJ	<i>Nangoôlo</i> N1.ancião <i>ugwaáli</i> N14.shima	<i>a-ndi-n-tálak-eél-a</i> SN1-ON1-cozinhar-AP-PERF <i>líido</i> ontem	<i>njee</i> N1.menino
---------	---	---	--------------------------

“O ancião cozinhou ao menino shima ontem.”

Foi solicitado que ele imaginasse que essa frase foi dita por alguém e que ele deveria corrigir a informação dizendo que o evento tomou lugar não ontem, mas hoje:

(56) CJ *Nangoôlo* *a-n-talak-ad-ile* *úgwááli*
 N1.ancião SN1-ON1-cozinhar-AP-PERF N14.shima
njee *néelo* *lyáamba* *i* *líido*
 N1. menino hoje n5.manhã NEG ontem
 “O ancião cozinhou shima para o menino hoje de manhã e não ontem.”

Note que o elemento em foco identificacional está em *lyáamba* (hoje) não é o elemento que forma uma frase fonológica com o verbo. Tal elemento é *úgwááli* (shima). Tal elemento é pressuposto no contexto e claramente não pode estar em foco.

Outro forte indício que as morfologias temporais conjuntivas e disjuntivas não estão diretamente relacionadas com escopos focais advém da possibilidade da alternância de seu uso em expressões idiomáticas. Considere o exemplo a seguir, de outro informante de Mocímboa da praia:

(56) *Kú-já-a/ Kú-jáay-a* *mápeeta*
 N15-deitar-VF N6.sacola
 “Deitar sacolas = morrer”

(56a) DJ *Nangoôlo* *Malukushi* *a-ndí-jaá-y-a* *mápeeta*
 N1.ancião Marcos SN1-PERF-deitar-CAUS-VF N6.sacola
 “O velho Marcos morreu.”

(56b) CJ *á-já-ilé* *mápeeta* *kala* *nameêne*
 SN1-deitar-PERF N6.sacola antigamente muito
 “Tinha morrido há muito tempo.”

Como na expressão idiomática, os itens lexicais se associam para compor um único significado, a expressão toda é entendida em bloco indissociável, tornando bastante improvável a leitura de foco estreito no XP pós-verbal que a compõe. O escopo de foco estreito no XP pós-verbal, possivelmente eliminaria o sentido idiomático da construção, o que não ocorre no exemplo.

Até aqui, vimos que não é possível assumir uma correlação direta entre diferentes tamanhos de escopo focais e morfologia conjuntiva e disjuntiva na língua Shimakonde. A correlação mais direta entre foco e uso de uma morfologia temporal específica ocorreu em uma única situação averiguada; a posposição de sujeitos em verbos intransitivos; considere os exemplos a seguir:

(57) CJ	<i>Shi-tumbu-ik-e</i>	<i>shílóongo</i>
	SN7-quebrar-EST-PERF	N7.panela
	“Quebrou a panela.”	

Esta sentença pode ser resposta para uma questão com um escopo focal estreito (58a), e é incompatível para uma questão com um escopo focal mais amplo (58b) conforme exemplos a seguir:

(58a) CJ	<i>Shi-tumbu-ik-e</i>	<i>nyáámááni?</i>
	SN7-quebrar-EST-PERF	o quê
	“O que se quebrou?”	

(58b) CJ	* <i>Shi-tand-ek-a</i>	<i>nyáámááni?</i>
	SN7-fazer-EST-PERF	o quê
	“O que aconteceu?”	

No entanto, o mesmo enunciado pode ser feito com morfologia disjuntiva, conforme exemplo a seguir:

(59) DJ	<i>Shi-ndi-túmb-uúk-a</i>	<i>shiloôngo</i>
	SN7-PERF-quebrar-ESTS-VF	SN7.panela
	“Quebrou a panela”	

Para essa sentença, temos o padrão inverso da conjuntiva, isto é, essa sentença só poderia ser resposta com um escopo mais amplo:

(60a) CJ	<i>Shi-tand-ek-e</i>	<i>nyáámááni?</i>
	SN7-fazer-EST-PERF	o quê
	“O que aconteceu?”	

(60b) CJ	* <i>Shi-tumbu-ik-e</i>	<i>nyáámááni?</i>
	SN7-quebrar-EST-PERF	o quê
	“O que se quebrou?”	

Na próxima seção analisaremos a possibilidade do tempo verbal conjuntivo formar um constituinte sintático com o XP contíguo e do tempo verbal disjuntivo formar um constituinte sintático por si próprio.

5.2.2. CONSTITUÊNCIA SINTÁTICA

Tendo em conta a análise levantada por Buell (2005, 2006) para a língua Zulu, segundo a qual, em tempos disjuntivos, mas não em tempos conjuntivos, o verbo ocupa a posição final em uma projeção sintática, que corresponde ao limite de uma frase fonológica, apresentarei dados que demonstram que este não é o caso do Shimakonde. Tomaremos com exemplo, principalmente os

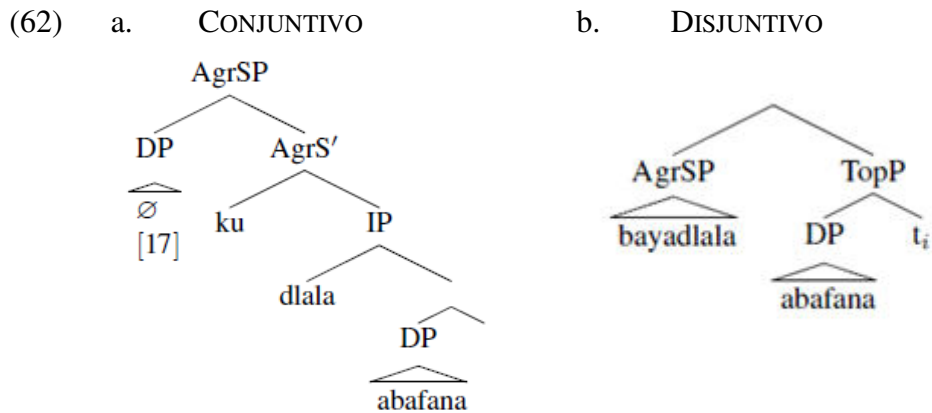
contextos com sujeitos pospostos ao verbo, interpolação de vocativos, e possibilidade de ocorrência em períodos coordenados.

Como vimos na língua Zulu, formas conjuntivas e disjuntivas se comportam de formas distintas quando um sujeito é posposto ao verbo. Na forma disjuntiva, o verbo concorda com o sujeito em classe nominal. Todavia, quando o verbo apresenta morfologia conjuntiva, o sujeito posposto não pode engatilhar concordância no verbo, que apresenta uma concordância expletiva default de classe nominal 17, conforme dados repetidos a seguir (BUEL, 2005, p. 101, adaptado):

- (61a) DJ *Ba-ya-dlal-a* *abafana*
SN2-PRES-brincar-VF N2.menino
“Os meninos estão brincando.”
- (61b) CJ *ku-dlal-a* *abafana*
S17-brincar-VF N2.menino
“Os meninos estão brincando.”

Portanto no Zulu, o fato do sujeito não engatilhar concordância na forma conjuntiva, é o que possibilita dizer que ele não foi alçado ao domínio flexional da sentença, ou seja, ele teria ficado em uma projeção mais baixa. Deste modo, o núcleo verbal se junta ao domínio flexional que domina a projeção na qual o sujeito está contido, de forma que verbo e XP contíguo formem um constituinte sintático.

Já na forma disjuntiva, por outro lado, o sujeito é alçado ao domínio flexional da sentença, como mostra o paradigma de concordância no verbo. Destarte, para o verbo preceder linearmente ao sujeito é necessário que o verbo seja alçado a uma projeção acima do domínio flexional da sentença, dentro do domínio de CP, por movimento remanescente de XP. Compare as representações sintáticas repetidas a seguir (BUELL, 2005, p.62):



Já em relação ao Shimakonde, sujeitos pospostos são possíveis tanto na forma conjuntiva, quanto na forma disjuntiva, conforme vimos na seção anterior. Observa-se ainda que nas duas situações o sujeito engatilha concordância no verbo, conforme se vê a seguir:

(63a) DJ *A-ndí-teém-a* *Juuma*
 SN1-PERF-vencer-VF N1.Juma
 “Juma venceu.”

(63b) CJ *A-tem-ile* *Juuma*
 SN1-vencer-PERF N1.Juma
 “Juma venceu.”

Note que na oração acima, o XP pós-verbal é sujeito, o que pode ser atestado pela ausência do morfema de concordância de objeto no complexo verbal. Desta forma, é presumível assumir que o sujeito nas formas conjuntivas no Shimakonde também é alçado ao domínio flexional da sentença. E para proporcionar a ordem linear acima, o verbo teria de ir para uma posição ainda mais alta na estrutura, no domínio de CP, tal como nas construções disjuntivas. Ou seja, os dados em (63a) e (63b) se comportariam estruturalmente como a representação em (62b) acima.

Tanto para o tempo verbal disjuntivo quanto para o tempo verbal conjuntivo nos exemplos do Shimakonde em (63), é possível assumir processo de movimento muito semelhante ao que Buell (2005) descreve para as construções disjuntivas do Zulu, isto é, o sujeito sendo alçado de Spec-AgrSP para Spec-TopP para logo depois toda projeção AgrSP ser alçada a uma posição mais alta no domínio de CP. Vale ressaltar que Rizzi (1997) demonstra que o nível CP se decompõe em várias projeções, desde o nível mais externo, ForceP, destinado a especificar o tipo de sentença, até o nível mais interno, FinP, destinado a marcar finitude. Dentre essas projeções, a sentença pode hospedar projeções com funções pragmáticas, como uma projeção focal e várias projeções recursivas de tópico. Assim como nas construções disjuntivas com sujeito posposto no Zulu, o alçamento de AgrSP para especificador de uma

posição de TopP recursiva ou de foco, acima do sujeito tanto nas construções com sujeito posposto disjuntivas quanto nas conjuntivas do Shimakonde acarreta que não há relação de c-comando entre o núcleo verbal e o sujeito em tal configuração, sendo descartada a possibilidade de constituição sintática entre o verbo e o sujeito.

Tal qual ocorre no Zulu e demais línguas em que se reporta a alternância conjuntivo-disjuntiva, os verbos em tempos disjuntivos no Shimakonde não são agramaticais quando são finais na oração. Tal fato já elimina qualquer possibilidade do verbo não ser final em um constituinte sintático quando assume morfologia disjuntiva. Todavia, para assumir que o verbo e o sujeito na forma conjuntiva em (63b) estão na mesma projeção sintática, seria necessário que, como no Zulu, o sujeito tenha permanecido numa projeção na qual o núcleo verbal o c-comande. No entanto, como justificar a concordância de sujeito no verbo? Seria necessário propor uma atribuição de caso ao sujeito não local (ou seja, não via especificador-núcleo entre o sujeito e o atribuidor de caso nominativo, presumivelmente AgrS). Além disso, o NP sujeito deveria ter algum traço (diferente de caso) a ser checado nessa posição mais baixa que justifique seu não alçamento para AgrSP.

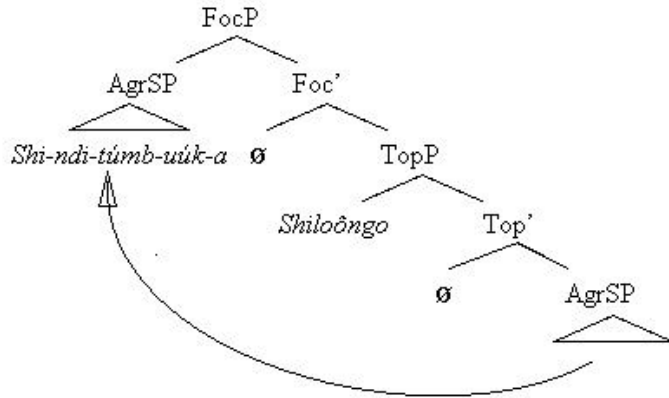
De maneira análoga, uma forma de salvar a hipótese de que o verbo em forma conjuntiva e o sujeito são constituintes sintáticos adjacentes em uma

mesma projeção no Shimakonde, seria necessário propor atribuição de caso nominativo não local e uma projeção abaixo de AgrSP com algum traço a ser checado pelo sujeito. No entanto, para os casos de sujeito pós-verbal no Shimakonde, a solução mais econômica seria assumir que o verbo foi alçado a uma projeção de TopP no domínio de CP, acima da posição que o sujeito se encontra, tal como Buell (2005) assume para as formas disjuntivas do Zulu. Para visualizar isso, retomemos as posposições de sujeitos em Shimakonde dos exemplos (57) e (59) da seção anterior, repetidos a seguir como (64b) e (64a), respectivamente.

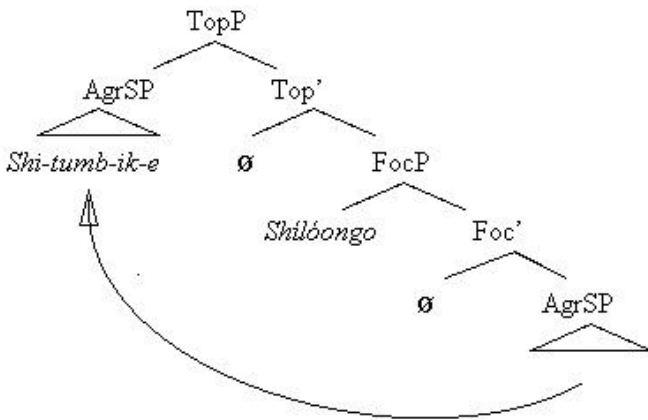
(64a) DJ	<i>Shi-ndi-túmb-uúk-a</i> SN7-PERF-quebrar-ESTS-VF “Quebrou a panela.”	<i>shi-loôngo</i> SN7.panela
(64b) CJ	<i>Shi-tumbu-ik-e</i> SN7-quebrar-EST-PERF “Quebrou a panela.”	<i>shí-lóongo</i> N7.panela

Atente para o fato de que (64a) denota foco amplo, (isto é, responde a pergunta *shitandeki nyáámááni?* ‘o que aconteceu?’) enquanto (64b) denota foco estreito (isto é, responde a pergunta *shitumbuike nyáámááni?* ‘o que se quebrou?’). Desta forma, adaptando a partir da proposta de Buel para o Zulu, teríamos as seguintes configurações no Shimakonde, respectivamente.

(65a) DJ *Shi-ndi-túmb-uúk-a* *shi-loôngo*



(65b) CJ *Shi-tumbu-ik-e* *shí-lóongo*



Voltemo-nos agora para a possibilidade de inserção de vocativos. Note que a posição pós-verbal, em um tempo conjuntivo se mostrou agramatical para alocação de locativos, conforme dados a seguir foram coletados de uma informante natural do distrito de Macomia:

(66a) CJ *Mama,* *liído ndyóóko*
 Mãe, ontem N1.menino
 á-shí-píkít-a páánda.
 SN1-IMP-brincar-VF lá fora.
 “Mãe, ontem o menino brincava lá fora.”

(66b) CJ *Liído ndyóóko á-shí-píkít-á*
 ontem N1.menino SN1-IMP-brincar-VF
 páánda, maáma.
 lá fora. mãe.
 “Ontem o menino brincava lá fora, mãe.”

(66c) CJ **Liído ndyóóko áshí-píkítá, máama, páánda.*

Buell (2005) e Harpert (2012) apontam a impossibilidade de interpolação de vocativos entre o verbo em tempo conjuntivo e um de seus argumentos ou adjuntos como um importante diagnóstico que mostraria que a condição de constituência sintática entre o verbo e algum XP pós-verbal na língua Zulu. Apesar da agramaticalidade da interpolação de vocativos entre verbo e adjunto em (66c) possa sugerir que ambos formem um constituinte sintático, o mesmo parâmetro é observado com a morfologia disjuntiva.

(67a) DJ *Maáma,* *liído ndyóóko*
 Mãe, ontem N1.menino
 á-shíndá-pikiít-a páánda.
 SN1-IMP-brincar-VF lá fora.
 “Mãe, ontem o menino brincava lá fora.”

(67b) DJ *Liído ndyóóko á-shíndá-pikiít-a*
 ontem N1.menino SN1-IMP-brincar-VF
 páánda, maáma.
 lá fora. mãe.
 “Ontem o menino brincava lá fora, mãe.”

(67c) DJ *Liído ndyóóko áshíndápikiíta, máama, páánda.

Desta forma, é seguro dizer que se a inserção do vocativo causa agramaticalidade no tempo conjuntivo em (66c) pela quebra de constituição sintática entre ambos, o mesmo pode se alegar no tempo disjuntivo em (67c). Ou seja, constituição sintática entre verbo e algum tipo XP complemento não é o que diferencia o uso de uma ou outra morfologia.

O exemplo em (68), a seguir, é de um período coordenado. Note que as orações do período dividem o mesmo objeto o que pode ser observado pela marcação de objeto no complexo verbal de ambas:

(68) DJ *máama* *á-shíndá-m-pembed-y-ááng-a* *na*
 N1.mãe SN1-IMP-ON1-tocar-CAUS-PLUR-VF e
 á-shíndá-mw-akang-íl-a *mwánáá-gwe*
 SN1-IMP-ON1-sorrir-AP-VF N1.criança-POS.N1
 “A mãe acariciava e sorria para seu filho.”

Note que o exemplo acima está em um tempo verbal disjuntivo. Os verbos das duas orações compartilham um objeto comum *mwánáágwe* (sua criança), o que pode ser visto pelos morfemas de objeto no complexo verbal. Observe que o objeto só se realiza na oração final. O verbo na primeira oração está anterior à conjunção coordenativa. Como o verbo apresenta morfologia disjuntiva na oração principal, tal dado não ofereceria problemas para a hipótese de que o verbo pode ser final em uma projeção sintática quando

assume forma disjuntiva. Contudo, a construção em (68) é perfeitamente gramatical na forma conjuntiva, conforme o exemplo a seguir:

(69) CJ *maáma* *á-shí-m-pémbé-y-áng-á* *na*
 N1.mãe SN1-IMP-ON1-tocar-CAUS-PLUR-VF e
á-shí-mw-ákáng-íl-á *mwáná-gwe*
 SN1-IMP-ON1-sorrir-AP-VF N1.criança-POS.N1
 “A mãe acariciava e sorria para seu filho.”

Se o verbo em tempos conjuntivos forma um constituinte sintático com o XP posterior, a não realização deste elemento na primeira oração coordenada mostra que esta relação de constituintes pode ocorrer entre o verbo e um objeto elidido. Neste dado também é possível ressaltar a falta de correlação entre fronteiras prosódicas e fases sintáticas, tal qual ocorre em certos contextos da língua Zulu. Uma vez que um verbo que não forma uma frase fonológica própria não poderia completar este domínio prosódico com um elemento sem conteúdo fonológico. Mas os dados que realmente colocam em questão a hipótese de que verbo e XP posterior estão em um mesmo constituinte sintático quando o verbo assume morfologia conjuntiva no Shimakonde são apresentados a seguir.

(70a) CJ *Maâma* *á-sh-ák-áng-á* *na*
 N1.mãe SN1-IMP-sorrir-PLUR-VF e
á-shí-m-pémbéd-y-áng-á *mwánáá-gwe*
 SN1-IMP-ON1-TOCAR-CAUS-PLUR-VF N1.criança-POS.N1
 “A mãe sorria e acariciava seu filho.”

(70b)	CJ	<i>Maâma</i>	<i>a-ak-ilé</i>	<i>na</i>
		N1.mãe	SN1-sorrir-PERF	e
		<i>a-ndi-m-pémbéd-y-aang-a</i>		<i>mwanagwe</i>
		SN1-PERF-ON1-TOCAR-CAUS-PLUR-VF		N1.criança-POS.N1

Note que nos exemplos em (70) a primeira oração coordenada é de um verbo intransitivo em tempo conjuntivo. Não há objeto aplicado, como pode ser observado pela ausência do morfema aplicativo e de marcação de objeto, de tal sorte que não é nem possível assumir que o verbo forme um constituinte sintático com um possível objeto elidido. Como os períodos das orações coordenadas não possuem qualquer dependência sintática um com o outro, os exemplos acima deixam fora de questão qualquer análise de constituição sintática entre verbo e XP posterior quando o verbo assume a morfologia conjuntiva. Tal situação coloca em xeque a hipótese de que o verbo e XP contíguo formem necessariamente um constituinte sintático em alguma projeção sintática. Diante de tais dados, é razoável assumir que tal como nos tempos disjuntivos, o verbo em tempos conjuntivos também pode ser final na projeção sintática que se encontra, sem a necessidade de qualquer XP complementar. Mais essencialmente, assumo que a necessidade de um verbo em tempo conjuntivo ser não final em um enunciado não se dá por razões sintáticas ou pragmáticas, mas sim por razões prosódicas como ficará mais bem exposto no próximo capítulo.

5.3. RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, aponto a metodologia de recolha de dados e discuto os resultados obtidos. Na parte de estrutura da informação, os resultados mostraram que não existe uma correlação direta do uso de determinada morfologia para codificação de foco estreito ou amplo seja informacional, seja exaustivo ou contrastivo. Também apresento contra evidências de que o verbo na morfologia conjuntiva forme um constituinte sintático com o XP posterior, principalmente pela possibilidade de posposições de sujeito que engatilham concordância em tempos conjuntivos e de um verbo intransitivo conjuntivo ser final em uma oração coordenada principal. No próximo capítulo, discuto sobre as diferenças prosódicas nos tempos conjuntivos e disjuntivos e como elas explicariam as diferenças sintáticas destes tempos, além de sua correlação indireta com foco.

CAPÍTULO 6 - PROPOSTA PROSÓDICA PARA A ALTERNÂNCIA CONJUNTIVO-DISJUNTIVA.

No Shimakonde, e outras línguas Bantu, o alongamento pós-lexical de penúltima sílaba serve como diagnóstico para detectarmos fronteiras de frases fonológicas (LEACH, 2010; KRAAL, 2005). Como a prosódia é comprovadamente um nível em que os tempos verbais conjuntivos e disjuntivos se diferem, faz se pertinente revisitarmos o conceito de frases fonológicas e analisar como essa diferença pode impactar outros fenômenos linguísticos. Em seu trabalho pioneiro, Nespor e Vogel (1986) descrevem vários domínios da hierarquia prosódica, desde o nível silábico até o nível de enunciado. Cada um destes domínios é composto de ao menos um elemento do domínio inferior. Tais domínios não necessariamente são equivalentes aos domínios sintáticos. Por uma série de processos, as autoras demonstram que muitos fenômenos fonológicos não possuem seu campo de ocorrência dentro das fronteiras

morfossintáticas conhecidas. Tais fenômenos são mais bem compreendidos se analisados dentro dos domínios hierárquicos próprios que as pesquisadoras chamaram de fonologia prosódica.

6.1. FONOLOGIA PROSÓDICA

A frase fonológica Φ é o quinto nível hierárquico dentro da fonologia prosódica, (logo após a sílaba, o pé, a palavra fonológica e o grupo clítico). Nespor & Vogel (1986) postulam que a frase fonológica nas línguas naturais se forma da seguinte maneira. (NESPOR & VOGEL, 1986, p. 169):

(1) Formação da frase fonológica Φ :

I. Domínio de Φ

O domínio de Φ consiste de um C (grupo clítico)⁷² que contém um núcleo lexical (X) com ao menos uma especificação positiva de acordo com o sistema categorial de traços (N, V, A) e de todos os Cs (grupos clíticos) no seu lado não recursivo até o C (grupo clítico) que contenha outro núcleo fora da projeção máxima de (X)

II. Construção de Φ

Junte em uma ramificação n-ária todos os Cs incluídos numa coda delimitada pela definição do domínio de Φ .

III. Proeminência relativa Φ

Em línguas cujas árvores sintáticas recursivas estão à direita, o nóculo mais à direita de Φ é rotulado de (forte); em línguas recursivas à esquerda, o nóculo mais à esquerda é rotulado

⁷² O grupo clítico é o domínio da hierarquia prosódica imediatamente superior ao domínio da palavra fonológica, e é composto por ao menos uma palavra fonológica. Ele foi proposto devido ao comportamento híbrido de clíticos. Eles não são nem afixos nem elementos independentes. Além disso, certas regras fonológicas se aplicam apenas em combinações específicas entre palavras e clíticos, o que motiva a constituição deste grupo na hierarquia prosódica. Conferir discussão em (NESPOR & VOGEL, 1986)

S (forte). Todos os demais nódulos irmãos são rotulados w (fracos).⁷³

A frase fonológica é o domínio de atuação do fenômeno fonológico conhecido como raddoppiamento sintático na língua italiana. Este fenômeno se trata do alongamento de uma consoante inicial de uma palavra em uma sequência se duas palavras contíguas se (e apenas se) essa consoante for seguida de sonorante não nasal e a última sílaba da palavra anterior conter acento tônico. Nos exemplos em (52), Os alongamentos consonantais decorrentes do raddoppiamento sintático estão assinalados com o símbolo ‘:’ após a consoante alongada e negritados (NESPOR & VOGER, 1986, p.170, adaptado).

(2a) [Avrá **t:rovato**] [il pescecane]
“Ele deve ter encontrado o tubarão.”

(2b) [la gabbia] [é **g:iá c:aduta**]
“A gaiola já caiu.”

(2c) [É **a:peena passato**] [com tre **c:ani**]
“Ele já passou com três cães.”

⁷³ Do original: Phonological Phrase Formation

I. ϕ domain

The domain of ϕ consists of a C which contains a lexical head (X) and all Cs on its nonrecursive side up to the C that contains another head outside of the maximal projection of X.

II. ϕ construction

Join into an n-ary branching ϕ all Cs included in a string delimited by the definition of the domain of ϕ .

III. ϕ relative prominence

In languages whose syntactic trees are right branching, the rightmost node of ϕ is labeled s; in languages whose syntactic trees are left branching, the leftmost node of ϕ is labeled s. All sisters' nodes of s are labeled w. (NESPOR & VOGEL, 1986, p. 169)

- (2d) *[era venuto] [com tre p:iccoli cobra]*
 “Ele veio com três pequenas cobras.”
- (2e) *[il tuo pappagallo] [é p:iú l:oque] [del mio]*
 “Seu papagaio é mais falante que o meu.”

Note que nos exemplos em (2) os elementos contíguos que sofreram raddoppiamento sintático estão dentro de uma mesma frase fonológica de acordo com a definição dada em (1).

Nos exemplos em (3) a seguir que estão em negrito o raddoppiamento sintático não ocorre, mesmo as consoantes estando em contextos semelhantes àqueles mostrados nos exemplos em (2) (NESPOR & VOGEL, 1986, p.170, adaptado).

- (3a) *[Devi comprare] [delle mappe] [di città] [**molto** vecchie].*
 “Você deve comprar alguns mapas da cidade muito velhos.”
- (3b) *[la gabbia] [era dipinta] [di già] [**completamente**]*
 “A gaiola já foi pintada completamente.”
- (3c) *[Ne aveva soltanto tre] [**di** bassotti]*
 “Ele tinha apenas três bassês.”
- (3d) *[L'entrata] [allo zoo] [costa di piú] [**per** i turisti] [che per i locali]*
 “A entrada para o zoológico era mais cara para turistas que para locais.”
- (3e) *[Guardó] [**piu** attentamentedel] [e vide] [che era un pitone]*
 “Ele olhou mais atentamente e viu que era um píton.”

Todos os elementos em contexto similar que não sofreram o raddoppiamento sintático se encontram em frases fonológicas distintas de acordo com a definição em (1).

Nos tempos verbais disjuntivos no Shimakonde, os alongamentos pós-lexicais de penúltima sílaba tanto no verbo quanto no complemento satisfazem a definição de frase fonológica, proposta em (1).

- (4) DJ [vá-ndí-taléék-a]ϕ [u-gwaáli]ϕ
 SN2-PERF-cozinhar-VF N14.shima
 “Eles tinham cozinhado shima.”

Como visto, nos tempos disjuntivos, os verbos encontram-se em frases fonológicas distintas da frase fonológica de seus complementos. No exemplo (4) o núcleo nominal *ugwaáli* está contido em uma única frase fonológica. Pela definição, a frase fonológica engloba todos os grupos clíticos de um núcleo em seu lado não recursivo até o grupo clítico de outro núcleo com ao menos uma especificação positiva no sistema de traços categoriais (isto é, +N, +V, ou +A) fora de sua projeção máxima. O verbo *vándítalééka* preenche tais requisitos, e está, portanto, contido em frase fonológica distinta do objeto.

Voltemo-nos agora para os tempos conjuntivos:

- (5) CJ [vá-talék-é ú-gwááli]ϕ
 SN2-cozinhar-PERF N14.shima
 “Eles tinham cozinhado shima.”

Em tempos conjuntivos, verbo e complemento se encontram em uma frase fonológica conjunta. Tal distinção pode ser notada pela ausência de alongamento pós-lexical de penúltima sílaba no verbo. Outra característica importante dos tempos conjuntivos é o espraiamento de tom alto do complexo

verbal para o complemento. Como vimos no capítulo sobre processos tonais, tal espriamento para o complemento verbal não ocorre a partir de complexos verbais disjuntivos, uma vez que o alongamento pós-lexical de penúltima sílaba do próprio complexo verbal disjuntivo é uma condição de bloqueio do processo para além do radical verbal. Note que tanto o complemento verbal *ugwaáli* quanto o núcleo verbal *vátáléká* possuem especificação positiva no sistema de traços categoriais (+N e +V, respectivamente). Conforme a definição da formação de frases fonológicas em (1), note que o grupo clítico que contém outro núcleo com especificação positiva no sistema de traços categorias do lado esquerdo do complemento verbal *ugwaáli* (lado não recursivo) fora da projeção máxima do mesmo, é justamente o núcleo verbal *vátáléka*. Desta forma, verbo e complemento deveriam formar frases fonológicas distintas.

No entanto, Nespor e Vogel (1986, p. 173) atentam para condições de “reestruturação” das frases fonológicas. Tal fenômeno não se manifesta em determinadas línguas, pode se manifestar opcionalmente em algumas línguas e obrigatoriamente em outras.

(6) Restruturação ϕ

Uma ϕ não ramificada que seja o primeiro complemento de um núcleo (X) em seu lado recursivo se junta a uma ϕ que contém (X).^{74 75}

⁷⁴ ϕ restructuring (optional)

Desta forma, no caso do exemplo (5), é viável assumir que houve reestruturação de frase fonológica em que o complemento do núcleo verbal se juntou à frase fonológica do núcleo verbal. Note que o espraçamento de tom se dá até o limite das frases fonológicas. Se o tempo verbal for disjuntivo, este limite estará dentro do próprio complexo verbal na penúltima sílaba. Por outro lado, se o tempo for conjuntivo, se as condições da ocorrência do fenômeno forem atendidas, o processo se desencadeia não além da penúltima sílaba do item lexical adjacente. Assumo então que, tal como o raddopimento sintático no italiano, este processo fonológico de espraçamento que ocorre internamente ao complexo verbal nas formas disjuntivas e entre o núcleo verbal e complemento nas formas conjuntivas, se dá no domínio da frase fonológica.

Voltemos então às diferenças entre conjuntivas e disjuntivas. Pela definição da frase fonológica, a forma conjuntiva é o elo não terminal da mesma. Desta maneira, a forma conjuntiva precisa de um complemento fonológico para formar uma frase fonológica. Os tempos verbais disjuntivos são capazes de formar uma frase fonológica própria. Até aqui, não há novidades. Porém, nesta análise envolvendo frases fonológicas, é interessante ressaltar que quando um verbo com a morfologia conjuntiva precisa ocorrer em uma frase

A nonbranching ϕ which is the first complement of X on its recursive side is joined into the ϕ that contains X. (NESPOR & VOGEL, 1986, p. 173, tradução nossa.)

⁷⁵ Algumas línguas não necessitam que o complemento não seja ramificado para que haja reestruturação de frases fonológicas. Como as línguas Bantu Chimwi:ni e Kimatuumbi.

fonológica própria, ele geralmente é reinterpretado como uma relativa de sujeito. Isso fica mais claramente observado no passado imperfectivo, pois a única diferença entre o tempo imperfectivo afirmativo e a relativa de sujeito imperfectivo é o alongamento da penúltima sílaba. Ou seja, todos os tons do complexo verbal são altos, com exceção da vogal final no tempo relativo, pois neste caso, o espriamento de tom alto vai apenas até a penúltima sílaba do complexo verbal. Considere os exemplos a seguir:

(7a) CJ	<i>[á-shí-tálék-á</i> SN1-IMP-cozinhar-VF “cozinhava shima.”	<i>úgwááli] φ</i> N14.shima
(7b) REL	<i>[á-shí-táléék-a] φ</i> SN1-IMP-cozinhar-VF “(Aquele) que cozinhava shima.”	<i>[ugwaáli] φ</i> N14.shima
(7c) NEG	<i>[a-shi-taléék-a] φ</i> NEG.SN1-IMP-cozinhar-VF “Não cozinhava shima.”	<i>[ugwaáli] φ</i> N14.shima

Como vimos anteriormente (consultar seção sobre morfologia verbal no capítulo 1), a negativa dos tempos simples é feita por intermédio do prefixo [a-] anterior à concordância de sujeito. Portanto, a negativa só seria homônima em relação à forma conjuntiva e à relativa de sujeito em situações como a constatada acima. Note que o sujeito é de classe 1. Nesta situação, o morfema de negação [a-] entra em processo de fusão vocálica com o prefixo de concordância de classe 1 [a-] formando uma só vogal e conservando o tom da

negativa (conferir seção sobre processos vocálicos no capítulo 1). Se o sujeito for de outra classe, tal ambiguidade não ocorreria, conforme dados a seguir:

- | | | |
|----------|---|---------------------------------|
| (8a) CJ | <i>[vá-shí-tálék-á</i>
SN2-IMP-cozinhar-VF
“cozinhavam shima” | <i>úgwááli] φ</i>
N14.shima |
| (8b) REL | <i>[vá-shí-taléék-a] φ</i>
SN2-IMP-cozinhar-VF
“(Aqueles) que cozinhavam shima” | <i>[ugwaáli] φ</i>
N14.shima |
| (8c) NEG | <i>[a-va-shi-taléék-a] φ</i>
NEG-SN2-IMP-cozinhar-VF
“Não cozinhavam shima.” | <i>[ugwaáli] φ</i>
N14.shima |

Note que a negativa em (8c) anterior a um prefixo de sujeito de classe 2, não é homônima em relação à conjuntiva e à relativa de sujeito neste ambiente, pois o prefixo de sujeito se inicia com uma consoante, impedindo o processo de fusão vocálica. Contudo, atestamos em campo a existência de negativas que não demandam a utilização do prefixo de negação [-a]. Conforme dado a seguir:

- | | | |
|---------|--|---------------------------------|
| (9) NEG | <i>[va-shi-taléék-a] φ</i>
NEG.SN2-IMP-cozinhar-VF
“Não cozinhavam shima.” | <i>[ugwaáli] φ</i>
N14.shima |
|---------|--|---------------------------------|

Note que esta forma negativa sem o prefixo de negação [a-] inicial é morfológicamente idêntica à conjuntiva e à relativa de sujeito. Ela varia da primeira pela configuração tonal e pelo fato de formar sua própria frase fonológica e varia da última apenas pela configuração tonal. Ou seja, o tempo passado imperfeito conjuntivo, passado imperfeito relativo de sujeito e passado

imperfeito negativo só se diferem tonalmente e pelo fato do primeiro não formar uma frase fonológica própria.

Em relação ao passado perfeito recente e remoto encontramos situações semelhantes conforme atestado em campo:

PASSADO PERFEITO RECENTE:

- | | | |
|-----------|---|--------------------------------------|
| (10a) CJ | <i>[va-talek-e]</i> ϕ
SN2-cozinhar-PERF
“Cozinharam shima.” | <i>úgwááli</i> ϕ
N14.shima |
| (10b) REL | <i>[va-táleek-e]</i> ϕ
SN2-cozinhar-PERF
“(Aqueles) que cozinhavam shima.” | <i>[ugwaáli]</i> ϕ
N14.shima |
| (10c) NEG | <i>[va-táleék-e]</i> ϕ
NEG.SN2-cozinhar-PERF
“Não cozinhavam shima.” | <i>[ugwaáli]</i> ϕ
N14.shima |

PASSADO PERFEITO REMOTO:

- | | | |
|------------|---|--------------------------------------|
| (11a) CJ | <i>[vá-tálék-é]</i> ϕ
SN2-cozinhar-PERF
“Tinham cozinhado shima.” | <i>úgwááli</i> ϕ
N14.shima |
| (11b) REL | <i>[va-taléék-é]</i> ϕ
SN2-cozinhar-PERF
“(Aqueles) que tinham cozinhado shima.” | <i>[ugwaáli]</i> ϕ
N14.shima |
| (11c) NEG] | <i>[va-taléék-e]</i> ϕ
NEG.SN2-cozinhar-PERF
“Não tinham cozinhado shima.” | <i>[ugwaáli]</i> ϕ
N14.shima |

É possível assumir que a existência de negativas de tempos simples morfologicamente idênticas aos tempos conjuntivos afirmativos se deve à importância da prosódia em fazer distinções de ordem lexical e gramatical na língua. Por conseguinte, a negativa sempre se realiza nestes tempos simples em

uma única frase fonológica, ao passo que a conjuntiva nunca se realiza em frase fonológica própria. Por este motivo, se faz necessária uma estratégia na língua para que uma forma afirmativa seja capaz de formar uma frase fonológica própria para figurar em finais de enunciados, como é o caso das disjuntivas.

Além disso, é possível que as relativas de sujeito também já tivessem sido distintas morfológicamente das formas afirmativas conjuntivas. Para o tempo relativo de sujeito do passado perfeito remoto, apuramos a existência de uma forma morfológicamente distinta, pelo acréscimo de uma partícula relativa.

- (12) REL *[Maáma]ϕ* *[é* *a-mw-akang-id-ílé]ϕ*
 N1.mãe REL SN1-ON1-sorrir-AP-PERF
 [mwánáágwe]ϕ
 N1.criança-POS.N1
 “A mãe que tinha sorrido para seu filho.”

Tal partícula não foi registrada em outros tempos verbais. É possível que esta partícula relativa seja um resquício passado de uma época em que a língua distinguia as conjuntivas das relativas não apenas prosodicamente, mas também morfológicamente. Desta feita, com o tempo, o uso da estratégia prosódica para tal distinção pode ter tornado o uso da partícula relativa redundante. Tal desenvolvimento pode ser o que tem motivado o surgimento de negativas que não demandam o uso do morfema de negação [a-]. Tais observações apenas reforçam a importância da prosódia em fazer distinções gramaticais na língua.

No capítulo anterior, vimos que o verbo na conjuntiva pode formar um constituinte sintático por si só, diferentemente da língua Zulu. O principal diagnóstico que mostra que o verbo não precisa de algum XP adjacente para formar um constituinte sintático se dá pela possibilidade de o verbo se realizar anterior a uma conjunção coordenativa. Considere o exemplo a seguir em tempo passado perfeito recente:

- (13) CJ *[Maáma]ϕ* *[a-m-pembed-y-eng-é*
 N1.mãe SN1-01-tocar-CAUS-PLUR-PERF
 na *a-mw-akang-id-ilé* *mwanaagwe]ϕ*
 e SN1-ON1-sorrir-AP-PERF N1.criança-POS.N1
 “A mãe acariciou e sorriu para seu filho.”

Como já sabemos o enunciado acima pode ser feito em tempo disjuntivo conforme exemplo a seguir:

- (14) DJ *[Maáma]ϕ* *[a-ndi-m-pémbéd-y-aáng-a]ϕ*
 N1.mãe SN1-PERF-01-tocar-CAUS-PLUR-VF
 [na *a-ndi-mw-ákáng-iíl-a* *mwanaagwe]ϕ*
 e SN1-PERF-ON1-sorrir-AP-PERF N1.criança-POS.N1
 “A mãe acariciou e sorriu para seu filho.”

No entanto, existe uma sutil diferença semântica entre os enunciados. O exemplo em (13) na forma conjuntiva denota que os eventos ocorreram simultaneamente. Já o enunciado no exemplo em (14) na forma disjuntiva pode denotar que os eventos ocorreram em momentos distintos.

Para que essa diferença seja mais bem elucidada tome como exemplo as frases a seguir:

(15a) DJ *[Lídúúva]ϕ* *[lií-mo]ϕ* *[João] ϕ* *[a-ndí-maát-a]ϕ*
 N5.dia N5.um N1.joão SN1-PERF-rebocar-VF
[na a-ndí-paák-a] ϕ *[i-laangi]ϕ* *[mashúiti]*
 e SN1-PERF-pintar-VF N9.tinta N6-parede
[lí-dúúva]ϕ *[lií-nji]ϕ*
 N5.dia N5.outro.
 “Um dia João rebocou e pintou as paredes outro dia.”

(15b) CJ ??*[Lídúúva]ϕ* *[lií-mo]ϕ* *[João] ϕ* *[a-mat-ilé*
 N5.dia N5.um N1.joão SN1-rebocar-PERF
na a-pak-ile *i-laangi]ϕ* *[ma-shúiti]ϕ*
 e SN1-pintar-PERF N9.tinta N6-parede
[lí-dúúva]ϕ *[lií-nji]ϕ*
 N5.dia N5.outro.
 “Um dia João rebocou e pintou as paredes outro dia.”

Note que as orações do período coordenado ocorrem em momentos distintos. O verbo da oração coordenada principal está seguido pela conjunção coordenativa e dividem o mesmo objeto, *mashiti*, “paredes”. A frase soa muito bem em forma disjuntiva. Todavia, apesar de não ser rejeitada pelos falantes, a equivalente conjuntiva soa bastante confusa e marginal para eles. Considere agora as frases a seguir:

(16a) DJ *[Nkóongwe]ϕ* *[a-ndi-púmuúl-a]ϕ* *[liído]ϕ*
 N1.mulher SN1-PERF-descansar-VF ontem
[na aámbí]ϕ *[á-nkú-téénd-a]ϕ* *[ma-deéngo]ϕ*
 e agora SN1-PROG-fazer-VF N6-trabalho
 “A mulher descansou ontem e agora está trabalhando.”

(16b) CJ *[Nkóongwe]ϕ* *[a-pumw-ile* *liído]ϕ*
 N1.mulher SN1-descansar- PERF ontem
[na aámbí]ϕ *[á-nkú-téénd-a]ϕ* *[ma-deéngo]ϕ*
 e agora SN1-PROG-fazer-VF N6-trabalho
 “A mulher descansou ontem e agora está trabalhando.”

Note que os as ações verbais se encontram em tempos distintos. Na oração coordenada principal o verbo é seguido por um advérbio de tempo. As duas frases funcionam bem neste contexto. Todavia, se eliminarmos o advérbio *liído* “ontem”, o grau de aceitabilidade da conjuntiva foi bastante controverso.

- (17a) DJ *[Nkóongwe]ϕ* *[a-ndi-púmuúl-a]ϕ* *[na*
 N1.mulher SN1-PERF-descansar-VF e
aámbí]ϕ *[á-nkú-téénd-a]ϕ* *madeéngo]ϕ*
 agora SN1-PROG-fazer-VF N6-trabalho
 “A mulher descansou e agora está trabalhando.”
- (17b) CJ ??*[Nkóongwe] ϕ* *[a-pumw-ile* *na*
 N1.mulher SN1-descansar- PERF e
aámbí]ϕ *[á-nkú-téénd-a]ϕ* *[madeéngo]ϕ*
 agora SN1-PROG-fazer-VF N6-trabalho
 “A mulher descansou e agora está trabalhando.”

Novamente, vimos que a conjuntiva soa bastante marginal para os falantes. A única diferença entre a conjuntiva em (16b) e a conjuntiva em (17b) foi o XP com o qual o verbo forma a frase fonológica. Em (16b) foi com o advérbio *liído*, em (17b) foi com advérbio *aámbi* após conjunção coordenativa.

6.2. INTERFACE ENTRE PROSÓDIA E SINTAXE

Os tempos verbais conjuntivos formam uma frase fonológica com algum XP contíguo. Vimos que o verbo por si só atende aos critérios para formação de uma única frase fonológica, conforme definição de Nespor e Vogel (1986), como ocorre na forma disjuntiva. Destarte, o verbo conjuntivo e XP adjacente

sofrem reestruturação de frase fonológica de modo que o verbo engloba o XP do seu lado recursivo. Assumo que esta é a única diferença entre as conjuntivas e disjuntivas. Como se sabe, os domínios de hierarquia prosódica não necessariamente se equivalem às fronteiras morfossintáticas conhecidas. Diferentemente do Zulu (Cheng & Downing, 2012), no Shimakonde não há correlação direta entre frases fonológicas e frases sintáticas⁷⁶. No entanto, proponho que prosódia e sintaxe interagem da maneira que será descrita a seguir.

Nos tempos verbais conjuntivos, a relação entre o verbo e o XP adjacente vai depender da natureza do último. Quando tivermos um DP, ou um Advérbio, um PP, ou mesmo uma conjunção subordinativa não haverá diferenças significativas entre esta e uma oração em tempo disjuntivo. O verbo formará um vínculo fonológico com este XP e será expresso no tempo verbal regulado por TP. Como em uma oração simples, toda a estrutura frásica está vinculada ao traço de tempo expresso em TP, na conjuntiva ou disjuntiva a interpretação será a mesma, o verbo formando ou não uma única frase fonológica com um XP adjacente. No entanto, se em uma oração coordenada dois verbos separados pela conjunção coordenada figurarem em morfologia conjuntiva de forma que os dois formem uma única frase fonológica com um

⁷⁶ Para exemplos de diferentes fraseamentos sintáticos e prosódicos, conferir Liphola (2001, p. 392).

XP após o verbo da segunda oração, tal configuração fará com que a frase que a conjunção coordenativa nucleia fique temporalmente atrelada ao tempo verbal especificado em TP da oração principal . Isso, na minha proposta, gera orações com algum grau de degradação quando há algum desacordo entre o tempo verbal da frase principal e a frase coordenada como vimos em (15b) e (17b).

6.3. CORRELAÇÃO ENTRE CONJUNTIVAS E FOCO

Como foi apurado pelos questionários, foco estreito pode se manifestar tanto pela morfologia conjuntiva quanto pela disjuntiva, o mesmo acontecendo com o foco amplo. No entanto, é relevante notar que existe maior ocorrência, e, portanto, uma preferência que o foco estreito em algum XP pós-verbal seja expresso pelos tempos verbais conjuntivos. Ainda que esta correlação não seja biunívoca, é possível assumir que exista alguma relação entre foco estreito e a manifestação da morfologia conjuntiva no verbo de forma indireta, como ocorre no Zulu. Assumo que tal preferência pode ser explicada dentro da prosódia como veremos a seguir.

Em primeiro lugar, a posição pós-verbal é uma posição preferencial para alocação de foco nas línguas (LAMBRECH, 1994). Em segundo lugar, foco é geralmente acompanhado por uma ênfase prosódica característica em muitas línguas de tal maneira que o constituinte focalizado costuma ser o pico de

proeminência prosódica entonacional do enunciado⁷⁷. Se tivermos uma oração com apenas um XP pós-verbal, e queremos expressar o foco neste XP, o mais natural é que enfatizemos prosodicamente este elemento. Como o verbo na forma conjuntiva é sempre o elo fraco em proeminência dentro da frase fonológica, a sua utilização colocaria um contraste ainda mais forte no XP posterior. Tomemos os exemplos a seguir:

- (18) CJ [Nkóongwe] ϕ [a-talek-e úgwááli] ϕ
 N1.mulher SN1-cozinhar-PERF N14.shima
 “A mulher cozinhou shima.”

Note que nesta interação temos duas frases fonológicas, uma no sujeito e outra em todo o VP. Recapitulando o que Nespor & Vogel (1986) argumenta a respeito da proeminência relativa, em línguas recursivas à direita, como é o caso do Shimakonde, a proeminência forte recai no elemento mais à direita da frase fonológica. Isso nos deixa com apenas duas opções acima para alocação de ênfase prosódica focal, a saber, os DPs *Nkóongwe* (mulher) e *ugwaáli* (shima). Como a posição pós-verbal é uma posição habitual de alocação de foco, a opção mais natural é que se utilize a forma conjuntiva, tal qual o exemplo acima, para denotar foco no XP pós-verbal, devido à proeminência prosódica relativa fraca no verbo nestes casos. Desta forma, *ugwaáli* se torna a opção default para foco, nestes exemplos. Isso explicaria porque Leach (2010,

⁷⁷ Conferir seção 4.2.

p. 189-195) descreve a forma conjuntiva como uma forma focal no objeto.

Voltemo-nos agora para a forma disjuntiva a seguir:

- (19) DJ *[Nkóongwe]* ϕ *[a-ndi-táleék-a]* ϕ *[úgwááli]* ϕ)
N1.mulher SN1-cozinhar-PERF N14.shima
“A mulher cozinhou shima.”

Neste contexto temos três frases fonológicas distintas. Como o verbo forma uma frase fonológica própria, ele possui proeminência relativa forte, assim como os demais XPs da sentença dentro de suas próprias frases fonológicas. Deste modo o núcleo verbal também se torna um candidato a receber a ênfase prosódica focal, diferentemente da forma conjuntiva.

O mesmo paradigma ocorre com sujeitos pospostos:

- (20a) CJ *[A-tem-ile* *Juuma]* ϕ
SN1-vencer-PERF N1.Juma
“Juma venceu.”
- (20b) DJ *[A-ndí-teém-a]* ϕ *[Juuma]* ϕ
SN1-PERF-vencer-VF N1.Juma
“Juma venceu.”

Note que em (20a) existe apenas uma opção para alocação de proeminência forte da frase fonológica, o DP *Juuma*. O núcleo verbal não pode receber proeminência forte e portanto não pode receber proeminência focal. A interpretação dessa sentença é de foco estreito em *Juuma*. Conforme foi apurado nos dados dos informantes. Já (20b) com o verbo na forma disjuntiva, duas opções para proeminência de foco ocorrem na sentença, o núcleo verbal e

o sujeito posposto. Desta forma, a leitura de foco amplo se torna possível, como se apurou nos dados.

Com a existência de mais de um XP pós-verbal, existe mais opções para alocar a ênfase prosódica focal, uma vez que há mais frases fonológicas, conforme exemplo a seguir:

- (21) CJ *[Nkóongwe]* ϕ *[a-talek-e* *úgwááli]* ϕ *[líido]* ϕ)
 N1.mulher SN1-cozinhar-PERF N14.shima ontem
 “A mulher cozinhou shima ontem.”

No exemplo acima, temos três XPs com proeminência prosódica relativa forte dentre suas frases fonológicas: *Nkóongwe* (mulher), *ugwaáli* (shima) e *líido* (ontem). Isso explicaria porque XPs focalizados podem ocorrer em outras posições além da direita imediata do verbo, como na periferia direita da sentença, conforme vimos pelos dados obtidos com os informantes. Além disso, vale ressaltar que dentro de uma única frase entonacional, o XP de proeminência forte é determinado sintática ou semanticamente, não necessariamente é o elemento mais à direita em línguas recursivas à direita (Nespor & Vogel, 1986). Isso explicaria porque o foco pode recair em qualquer XP, seja imediatamente pós-verbal ou na periferia direita da sentença dentro de uma única frase entonacional.

6.4. RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, proponho que diferença mais conclusiva entre formas conjuntivas disjuntivas na língua Shimakonde reside na prosódia. Como foi exposto no capítulo anterior, não é possível propor correlação direta nem com diferentes XPs em foco, como ocorre na língua Emakhuwa e nem é possível propor uma diferença entre constituintes sintáticos, tal como ocorre na língua Zulu. Neste capítulo, vimos que orações coordenadas em que o verbo da oração principal é final ante a conjunção coordenativa gera frases ligeiramente degradadas se o verbo da segunda oração estiver em um tempo verbal diferente da primeira. Proponho que isso ocorre porque se todo o período da segunda oração ficaria correlacionado ao TP da primeira se o verbo for conjuntivo seguido de conjunção coordenativa. Por fim, analiso a correlação entre foco pós-verbal e forma conjuntiva como uma questão de proeminência relativa de acordo com a proposta de Nespor & Vogel (1986).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho visou contribuir com os estudos descritivos da língua Shimakonde. Foi alvo de trabalho um fenômeno que vem ganhando bastante interesse por bantuístas e linguistas em geral, chamado de alternância conjuntivo/disjuntiva, em que tempos que em geral possuem a mesma semântica temporal, porém diferem-se morfossintaticamente. O trabalho foi desenvolvido por meio de revisão da literatura técnica, coleta e análise de dados junto a falantes nativos.

Na primeira parte desta tese, após breve introdução com considerações preliminares em que discorro sobre a diversidade linguística de Moçambique, comento pontos importantes sobre a etnia e língua Makonde e elenco os principais traços tipológicos da alternância, inicio a primeira parte desta tese com uma breve revisão de aspectos importantes da morfologia e fonologia da língua Shimakonde. Logo depois, abordo aspectos suprasegmentais dos

tempos disjuntivos e conjuntivos na língua, tais como os vários processos tonais da língua e as estratégias específicas de tempos disjuntivos e conjuntivos. Enquanto os primeiros apresentam várias estratégias de distribuição tonal pelo complexo verbal, os tempos conjuntivos possuem um tom alto flutuante que pode se realizar no item lexical adjacente, em todas as moras anteriores à primeira mora que originalmente possuir tom alto neste item. Além disso, todos os tempos conjuntivos apresentam tom alto em todo complexo verbal com exceção do tempo passado perfeito recente conjuntivo que não manifesta tom alto no complexo verbal. Ainda na primeira parte dessa tese, descrevi os tons de contorno regulares e os tempos verbais que os assinalam se encontram no apêndice 1. Para as ocorrências dos tons de contorno crescente-decrescente, um papel ativo do tom baixo na língua em certas situações, foi assumido consoante à proposta de Leach (2010).

Na segunda parte desta tese, me concentro nas propostas que alocam a alternância conjuntivo/disjuntiva entre duas possibilidades diferentes. No capítulo 3, disserto sobre as principais propostas de alocação da estrutura da informação entre variados níveis da sentença, deste CP até vP, e discorro sobre o estudo de caso da língua Emakhuwa (VAN DER WAL, 2006, 2009, 2011). Nesta língua, é proposto que a morfologia disjuntiva ocorre quando o núcleo de uma projeção focal abaixo de TP é preenchida e o especificador de uma

projeção focal abaixo de vP permanece vazio. Por outro lado, a morfologia conjuntiva se manifestaria quando este especificador da projeção focal abaixo de vP está preenchida e o núcleo da posição focal mais alta permanecesse vazio. Já no capítulo 4, disserto sobre propostas que relacionam os tempos alternantes com a formação ou não de constituintes entre verbo e XP posterior em determinado domínio sintático, concentrando em várias propostas para a língua Zulu.

Na última parte, descrevo brevemente a metodologia de recolha de dados e discuto os resultados. No capítulo 5, Por meio de vários prognósticos, demonstro que não há correlação direta entre formas conjuntivas e disjuntivas com foco e também não é possível assumir que a alternância ocorra devido a uma diferente configuração de constituintes sintáticos. Por fim, no capítulo 6, assumo a proposta de que a alternância reflete mais conclusivamente diferenças prosódicas, e que a relação entre formas conjuntivas e disjuntivas e foco é somente indireta refletindo proeminência relativa dentro de frases fonológicas e entonacionais de acordo com a proposta de Nespor & Vogel (1986).

Esta tese pretendeu dar uma pequena contribuição para os estudos descritivos da língua Shimakonde, com ênfase nas formas verbais conjuntivas e disjuntivas da língua, demonstrando sua relevância para os estudos de interface entre prosódia, sintaxe e estrutura da informação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, N. B. *The Zulu ditransitive verb phrase*. Chicago: University of Chicago dissertation. 2010.

ADGER, D. *Core syntax: A minimalist approach*. Oxford, UK: Oxford University Press. 2003.

ALEXIADOU, A. & ANAGNOSTOPOULOU, E. Parameterizing word order, V-movement, and EPP-checking. *Natural Language & Linguistic Theory* 16: p. 491–539. 1998.

AN, Duk-Ho. Clauses in noncanonical positions at the syntax-phonology interface. *Syntax* 10, p. 38-79. 2007.

BAHLOL, M. & HARBERT, W. Agreement asymmetries in Arabic. In MEAD, J. ed., *WCCFL* 11, p. 15–31. Stanford, Calif.: CSLI Publications. 1993.

BAKER, M. (1985). *The Mirror Principle and morphosyntactic explanation*. *Linguistic Inquiry* 16, 1985. p. 373-415.

BAKER, M. & COLLINS, C. *Linkers and the internal structure of vP*. *Natural Language and Linguistic Theory*, 24, 2006. p. 307-354.

BELLETTI, A. Aspects of the low IP area', in RIZZI, L. ed., *The Structure of CP and IP, The cartography of Syntactic Structures V. 2*, New York: Oxford, University Press, 2004. p. 16-51.

BOECKX, C. Quirky agreement. *Studia Linguistica* 54: p. 354–380. 2000.

BOECKX, C. *Islands and chains: Resumption as stranding*. Amsterdam: John Benjamin's. 2003.

BÖRJARS, K. & BURRIDGE, K. *Introducing English grammar*. London: Arnold. 2001.

BUELL, L. C. *Issues in Zulu Verbal Morphosyntax*. Ph.D. thesis, University of California, Los Angeles. 2005.

BUELL, L. C. The Zulu conjoint/disjoint verb alternation: focus or constituency? *ZAS Papers in Linguistics*, 43, p. 9-30. 2006.

BURZIO, L. *Italian syntax: A Government-Binding approach*. Dordrecht: Reidel. 1986.

CARNIE, A. *Constituent structure*, 2nd edition. Oxford, UK: Oxford University Press. 2010.

CARNIE, A. *Syntax: A generative introduction*. Malden, MA: Wiley-Blackwell. 2013.

CARSTENS, V. Rethinking complementizer agreement: Agree with a case checked goal. *Linguistic Inquiry* 34: p. 393–412. 2003.

CECCHETTO, C. *Remnant Movement in the Theory of Phases*. In RIZZI, L. ed. *The Structure of CP and IP*, L. Rizzi (ed.), Oxford University Press, Oxford. 2004. p. 166-189

CHENG, L. L. & DOWNING L. J. Against FocusP: Arguments from Zulu. In KUCEROVA, I. & Ad NEELEMAN (eds.), *Information structure. Contrasts and positions*, Cambridge: Cambridge University Press. p. 247–267. 2012.

CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris. 1981.

CHOMSKY, N.. *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: MIT Press. 1995.

CHOMSKY, N.. Derivation by phase. In: KENSTOWICZS, M. (ed.), Ken Hale: A life in language, p. 1–52. Cambridge, Mass.: MIT Press. 2001.

CHOMSKY, N. Approaching UG from below. In: SAUERLAND, U. & GÄRTNER, H. (eds). *Interfaces + recursion = language?: Chomsky's minimalism and the view from syntax-semantics*, Berlin: Mouton de Gruyter. p. 1–29. 2007.

CHOMSKY, N. On phases. In: FREIDIN, R., OTERO, C. and ZUBIZARRETA, M. (eds.), *Foundational issues in linguistic theory*, 133–166. Cambridge, Mass.: MIT Press. 2008.

- CINQUE, G. A null theory of phrase and compound stress. *Linguistic Inquiry* 24, 1993. p. 239-297.
- CREISSELS, D. Conjunctive and disjunctive verb forms in Setswana. *South African Journal of African Languages* 16 (4). p. 109–115. 1996.
- CREISSELS, D. The conjoint/disjoint distinction in the tonal morphology of Tswana. In: VAN DER WAL, J. & HYMAN, L. M. (eds.) *The conjoint/disjoint alternation in Bantu*. Trends in Linguistics series. Berlin: Mouton de Gruyter. 2017.
- CULICOVER, P. & ROCHEMONT M. Stress and focus in English. *Language* 59: p.123–165. 1983.
- DALSGAARD, J. *Tindzimi ta Mozambique – Language and language policy in Mozambique*. Århus: Århus University, 2005.
- DU PLESSIS, J. A. & VISSER M. *Xhosa syntax*. Pretoria: Via Afrika. 1992.
- EPSTEIN, S. D. & SEELY T. D. *SPEC-ifying the GF ‘subject’: Eliminating A-chains and the EPP within a derivational model*. Unpublished manuscript, University of Michigan and Eastern Michigan University. 1999.
- FUSS, E. *The rise of agreement. A formal approach to the syntax and grammaticalization of verbal inflection*. Ph.D. thesis, University of Frankfurt/Main. 2004.
- GIBSON, H.; KOUMBAROU, A.; MARTEN, L. & VAN DER WAL, J. Locating the Bantu conjoint/disjoint alternation in a typology of focus marking In: VAN DER WAL, J. & HYMAN, L. M. (eds.) *The conjoint/disjoint alternation in Bantu*. Trends in Linguistics series. Berlin: Mouton de Gruyter. 2017.
- GÜLDEMANN, T. Present progressive vis-à-vis predication focus in Bantu: A verbal category between semantics and pragmatics. *Studies in Language* 27 (2). p. 323–360. 2003.
- GUTHRIE, Malcolm. *The classification of the Bantu languages*. London: Oxford University Press. 1948.

HAEGEMAN, L. *Thinking syntactically: A guide to argumentation and analysis*. Malden, MA: Blackwell Publishing. 2005

HALLE, M. & MARANTZ, A. Distributed Morphology and the pieces of inflection. In HALE, K. & KEYSER, S. J. eds., *The view from Building*. Cambridge, Mass.: MIT Press. 1993. p. 111–176.

HALPERT, C. *Argument licensing and agreement in Zulu*. Cambridge, MA: MIT dissertation. 2012.

HARJULA, L. *The Ha Language of Tanzania: Grammar, text and vocabulary*. Cologne: RüdigerKöppeVerlag. 2004.

HASEGAWA, N. 1991. Affirmative polarity items and negation in Japanese. In GEORGOPOULOS, C. & ISHIHARA, R. eds., *Interdisciplinary approaches to language: Essays in honor of S.-Y. Kuroda*, Dordrecht: Kluwer. 1991 p. 271–285.

HASEGAWA, N. 1994. Economy of derivation and A⁻ -movement in Japanese. In NAKAMURA, M. ed., *Current topics in English and Japanese*, Tokyo: Hituzi Syobo. 1994. p. 1–25.

HOLMBERG, A., & NIKANNE, U. Expletives, subjects, and topics in Finnish. In SVENONIUS, P. ed., *Subjects, expletives, and the EPP*, Oxford: Oxford University Press. 2002. p. 71–106.

HORVATH, J. Structural focus, structural Case, and the notion of feature assignment. In É. Kiss, K. ed., *Discourse configurational languages*, Oxford: Oxford University Press. 1995. P. 28–64.

HYMAN L.M. Privative tone in Bantu. In: KAJI S. (ed.), *Proceedings of the symposium 'Cross-Linguistic Studies of Tonal Phenomena, Tonogenesis, Japanese Accentology, and Other Topics'*. Tokyo: Institute for the Study of Languages and Cultures of Asia and Africa. 2001. p. 237–257.

HYMAN, L. M. Tone: Is it different?. In. GOLDSMITH, J., RIGGLE, J. & YU, A. (eds.). *The handbook of phonological theory*, 2nd ed. Oxford: Blackwell. 2011. p. 197–239.

- HYMAN, L. M. & WATTERS, J. Auxiliary focus. *Studies in African Linguistics* 15. p. 233–273. 1984.
- ISHIHARA, S. Major phrase, focus intonation, multiple spell-outs (MaP, FI, MSO). *The Linguistic Review* 24, 137-167. 2007.
- KAHNEMUYIPOUR, A. *The Syntax of Sentential Stress*. Ph.D. dissertation, University of Toronto. 2004.
- KAHNEMUYIPOUR, A. Phases as domains of linguistic computation. *2nd Prosody-syntax interface workshop (PSI 2)*. ZAS, Berlin, 13-14 June 2008.
- KAYNE, R. S. *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge, MA: MIT Press. 1994.
- KENESEI, I. Focus as identification. In: MOLNÁR, V. & WINKLER, S. (Eds.), *The Architecture of Focus*. Mouton de Gruyter, Berlin, 2006. p. 137–168
- KIM, J. & SELLS P. *English syntax: An introduction*. Stanford: CSLI Publications. 2008.
- KISHIMOTO, H. *Binding of indeterminate pronouns and clause structure in Japanese*. *Linguistic Inquiry* 32: 2001. P. 597–633.
- É. KISS, K. Introduction. In É. KISS, K. (ed.) *Discourse configurational languages*, Oxford: Oxford University Press. 3–27. 1995.
- É. KISS, K., 1998. *Identificational focus vs. information focus*. *Language* 74 (2), 1998. PP. 245–273.
- KLIMA, E. Negation in English. In FODOR J. A. and KATZ, J. eds., *The structure of language*, Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall. 1964. P. 246–323.
- KOIZUMI, M. *Phrase structure in minimalist syntax*. Doctoral dissertation, MIT. 1995.
- KOIZUMI, M. Nominative object. In MIYAGAWA, S. &
- KRATZER, A. & SELKIRK, E. Phase theory and prosodic spellout: the case of verbs. *The Linguistic Review* 24, 93-135. 2007.

KROEGER, P. *Analyzing grammar: An introduction*. Cambridge University Press. 2005.

SAITO, M. eds., *The Oxford handbook of Japanese linguistics*, Oxford: Oxford University Press. 2008. p. 141–164.

KOOPMAN, H. Inside the “noun” in Maasai. In MAHAJAN, A. ed., *Syntax at sunset 3: Head movement and syntactic theory*, Los Angeles: UCLA, Department of Linguistics. 2003. P. 77–116.

KOOPMAN, H. & SPORTICHE, D. The position of subjects. *Lingua* 85: 1991.P. 211–258.

KORNFILT, J. Some syntactic and morphological properties of relative clauses in Turkish. In: ALEXIADOU, A. WILDER, C. & LAW, P. (eds.), *The syntax of relative clauses*, Amsterdam: John Benjamin's. p. 121–159. 2000.

KORNFILT, J. *Unmasking covert complementizer agreement*. Paper presented at the annual meeting of the Linguistic Society of America, Boston, 10 January. 2004.

KRAAL, P. J. *A Grammar of Makonde (Chinnima, Tanzania)*. Research School of Asian, African, and Amerindian Studies CNWS, Faculty of Arts, Leiden University [Dissertations Online](#). 433 p. 2005.

KURODA, S.-Y. *Generative grammatical studies in the Japanese language*. Doctoral dissertation, MIT. 1965.

LAMBRECHT, K. *Information Structure and Sentence Form*. Cambridge University Press, Cambridge. 1994.

LAMBRECHT, K. Dislocation. in. HASPELMATH, M. et al (Ed.) *Language typology and language universals*. Walter de Gruyter. Berlin. 2001. p. 1050 - 1078.

LASNIK, H. *Syntactic structures revisited: Contemporary lectures on classic transformational theory*. Cambridge, MA: MIT Press. 2000.

LEACH, M. B. *Things Hold Together Foundations for a systemic treatment of verbal and nominal tone in Plateau Shimakonde*. The Netherlands. LOT.421 p. 2010.

LIPHOLA, M. *Aspects of phonology and morphology of Shimakonde*. Ohio: Ohio state University. Dissertation. 2001.

LIPHOLA, M. Propondo o encontro entre a fala e a escrita: da necessidade de inclusão do tom na ortografia padronizada de Shimakonde. In LANGA, P. (ed.) *Folha de Linguística e Literatura*. Nº 16. Maputo: Faculdade de Letras e Ciências Sociais. Departamento de Linguística e Literatura. 2010. P. 6-15.

LIPHOLA, M. A Problemática do tom na escrita de línguas moçambicanas. In: NGUNGA, A.; FAQUIR, O. G. *Padronização da ortografia de línguas moçambicanas: relatório do 3º seminário*. Maputo, CEA/ UEM, 2011. p. 313-335

LOPES, A. J. *Política Linguística: Princípios e Problemas*. Maputo: Livraria Universitária, Universidade Eduardo Mondlane, 1997.

MAHAJAN, A. K. The A/A-bar distinction and Movement Theory, Doctoral dissertation, Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, Massachusetts. Distributed by MIT Working Papers in Linguistics. 1990

MANUS, S. *Phrasal tone & the conjoint/disjoint distinction in Símákonde*. Paper presented at ZAS Berlin. 2007.

MANUS, S. The conjoint/disjoint alternation in Símákonde. In: VAN DER WAL, J. & HYMAN, L. M. (eds.) *The conjoint/disjoint alternation in Bantu*. Trends in Linguistics series. Berlin: Mouton de Gruyter. 2017. p. 239-257.

MEEUSSEN, A. E. *Essai de grammaire Rundi*. Tervuren: Musée Royale de l'Afrique Central. 1959.

MEEUSSEN, A. Bantu grammatical reconstructions. *Africana Linguistica*, Tervuren, v. 61, n. 3, p. 79-121, 1967

MIYAGAWA, S. On the EPP. In.: MCGINNIS, M. & RICHARDS, N. (eds.). *Perspectives on phases*, MIT Working Papers in Linguistics 49. Cambridge, Mass.: MIT, MIT Working Papers in Linguistics. 2005. P.201–236.

MIYAGAWA, S. *Why Agree? Why Move? Unifying Agreement-based and Discourse Configurational Languages*. MIT Press, Linguistic Inquiry Monograph 54. 2010.

MPIUKA, D. LIPHOLA, M.. *Pequeno Dicionário Makonde-Português Português-Makonde*. Maputo: Associação Progresso, 2013.

MÜLLER, G. Two types of Remnant Movement. In ALEXIADOU, A. ET AL. eds. *Dimensions of Movement*. Amsterdam, John Benjamin's. 2001. p. 209-241

NDAYIRAGIJE, J. Checking economy. *Linguistic Inquiry* 30(3), p. 399-444. 1999.

NESPOR, M. & VOGEL, I. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris. 1986.

NGUNGA, A. *The Role of African Languages in the Development of the Continent*. Comunicação apresentada no Special WOCAL 6 – World Congress of African Linguistics. São Paulo, 11-15 agosto 2008.

NGUNGA, A. *Introdução à Linguística Bantu*. Maputo: Faculdade de Letras-UEM, 2014.

NGUNGA, A.; DUARTE, F. & CAMARGOS, Q. Differential object marking in Mozambican languages. In Doris L. PAYNE, D. L., PACHIAROTTI, S. & BOSIRE, M. (eds.), *Diversity in African languages*, Berlin: Language Science Press: 2016, p.333-354.

NGUNGA, A.; FAQUIR, O. G. *Padronização da ortografia de línguas moçambicanas: relatório do 3º seminário*. Maputo, CEA/ UEM, 2011.

NISHIGAUCHI, T. Quantification in the theory of grammar. Dordrecht: Kluwer. 1990.

ODDEN, D. Formal correlates of focusing in Kimatuumbi. *Studies in African Linguistics* 15 (3). p. 275–299. 1984.

ODDEN, D. *The phonology and morphology of Kimatuumbi*. Oxford: Clarendon Press. 1996.

- ODDEN, D. Rufiji-Ruvuma (N10, P10-20). In: NURSE, D., PHILIPPSON, G. (Ed.). *The Bantu languages*. London: Routledge, 2003. p. 529-545.
- OSBORNE, T. Tests for constituents: What they really reveal about the nature of syntactic structure. *Language Under Discussion* 5, 1. 2018. p.1-41
- PAULA, R. R. de. *Aspectos de Morfossintaxe Shimakonde*. Belo Horizonte. Faculdade de Letras da UFMG. Dissertação de Mestrado. 2015
- POOLE, G. *Syntactic theory*. New York: Palgrave. 2002
- REGO, S. V. *Descrição Sistémico-Funcional da Gramática Do Modo Oracional Das Orações Em Nyungwe*. Lisboa. Universidade de Lisboa. Doutorado. Tese. 2012.
- RIEDEL, K. *The syntax of object marking in Sambia: A comparative perspective*. Utrecht: LOT. 2009.
- RIZZI, L. The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, L. (ed.) *Elements of grammar: Handbook in generative syntax*, Dordrecht: Kluwer. p. 281–337.1997.
- ROSE, S., BEAUDOIN-LEITZ, C., & NURSE, D. *A Glossary of Terms for Bantu Verbal Categories, with special emphasis on tense-aspect*. Munich: Lincom Europa. 2002.
- ROSEIRO, A. H. R. *Símbolos e práticas culturais dos Makonde*. 2013. Tese (Doutorado)-Universidade de Coimbra, Coimbra, 2013.
- SAITO, M. Optional A-scrambling. In TAKUBO, Y. ET AL eds., *Japanese/Korean linguistics 16*, Stanford, Calif.: CSLI Publications. 2006. P. 44–63.
- SAMEK-LODOVICI, V. Prosody-syntax interaction in the expression of focus. *Natural Language and Linguistic Theory* 23, 687-755. 2005.
- SANO, M. LF movement in Japanese. *Descriptive and Applied Linguistics* 18: p. 245–259. 1985.

- SCHADEBERG, T. C. MUCANHEIA, F. U. *Ekoti: The Maka or Swahili Language of Angoche*. Rudiger Koppe Verlag, Cologne. 2000.
- SELKIRK, E. On derived domains in sentence phonology. *Phonology Yearbook* 3, 371-405. 1986.
- SELKIRK, E. Sentence prosody: intonation, stress and phrasing. In J.A. Goldsmith (ed.), *Handbook of Phonological Theory*, 550-569. Cambridge, Mass. Blackwell. 1995.
- SELKIRK, E. The interaction of constraints on prosodic phrasing. In *Prosody: Theory and Experiment*, ed. M. Horne, 231-261. Dordrecht: Kluwer. 2000.
- SOBIN, N. *Syntactic analysis: The basics*. Malden, MA: Wiley-Blackwell. 2011.
- SPORTICHE, D.; KOOPMAN H. & STABLER, E. *An introduction to syntactic analysis*. Malden, MA: Wiley-Blackwell. 2014.
- TADA, H. *Nominative objects in Japanese*. *Journal of Japanese Linguistics* 14: 1992. P. 91–108.
- TALLERMAN, M. *Understanding syntax*, 2nd edition. London: Arnold. 2005.
- THIERSCH, C. *Remnant Movement*. *The Companion to Syntax* 1-77. John Wiley & Sons. 2017
- THWALA, N. *Pied-piping and feature movement in the syntax of questions in Nguni languages*. Unpublished manuscript. 2005.
- TRUCKENBRODT, H.. *Phonological Phrases: their relation to syntax, focus and prominence*, MIT: PhD dissertation. 1995.
- TRUCKENBRODT, H. On the relation between syntactic phrases and phonological phrases. *Linguistic Inquiry* 30, 219-255. 1999.
- TRUCKENBRODT, H.. A short report on Intonation Phrase boundaries in German. *Linguistische Berichte* 203, 273-296. 2005.

- TRUCKENBRODT, H. The syntax-phonology interface. In Paul de Lacy (ed.), *The Cambridge Handbook of Phonology*, 435-456. Cambridge: Cambridge University Press. 2007.
- URIAGEREKA, J. *Aspects of the syntax of clitic placement in Western Romance*. *Linguistic Inquiry* 26: 1995. P. 79–123.
- VAN DER SPUY, A. Dislocated noun phrases in Nguni. *Lingua* 90, p. 335-355. 1993.
- VAN DER WAL, J. The disjoint verb form and an empty Immediate After Verb position in Makhuwa. In DOWNING, L. MARTEN, L. & ZERBIAN S. (eds), *ZASPiL* 43, 2006a. P. 233-256.
- VAN DER WAL, J. Predicative Tone Lowering in Makhuwa. In *Linguistics in the Netherlands* 23. Amsterdam: John Benjamin's. 2006b. pp. 224-236
- VAN DER WAL, J. *Word order and information structure in Makhuwa-Enahara*. Utrecht: LOT. 2009.
- VAN DER WAL, J. Focus excluding alternatives: Conjoint/disjoint marking in Makhuwa, *Lingua*, 121. p. 1734-1750. 2011.
- VAN DER WAL, J. Subordinate clauses and exclusive focus in Makhuwa. In: VAN GIJN, R. ET AL (eds.) *Information structure and reference tracking in complex sentences*. Amsterdam: John Benjamin's. p. 45–70. 2014.
- VAN DER WAL, J. What is the conjoint/disjoint alternation? In: VAN DER WAL, J. & HYMAN, L. M. (eds.) *The conjoint/disjoint alternation in Bantu*. Trends in Linguistics series. Berlin: Mouton de Gruyter. 2017.
- ZELLER, J. *Object marking in isiZulu*. *Southern African Linguistics and Applied Language Studies* 30 (2). p. 219–235. 2012.

APÊNDIX 1 – (LIPHOLA, 2001)
DISTRIBUIÇÃO TONAL DOS TEMPOS VERBAIS NO SHIMAKONDE

TOM DE CONTORNO BAIXO NIVELADO (μμ)

SEM INSERÇÃO DE TOM ALTO NO INÍCIO DO RADICAL

PERFECTIVO AFIRMATIVO – QUANDO:

- | | | |
|------|--|---------------------------------------|
| (1a) | <i>vapimiile</i>
“Quando eles tinham medido.” | <i>/va-pim-ile/</i>
S3P-medir-PERF |
|------|--|---------------------------------------|

CONDICIONAL NEGATIVO:

- | | | |
|------|--|---|
| (2a) | <i>vakapiime</i>
“Se eles não medirem.” | <i>/va-ka-pim-e/</i>
S3P-COND-medir-VF |
|------|--|---|

FUTURO NEGATIVO:

- | | | |
|------|--|---|
| (3a) | <i>avapiima</i>
“Eles não medirão.” | <i>/a-va-pim-a/</i>
NEG-S3P-medir-VF |
|------|--|---|

INSERÇÃO OBRIGATÓRIA DE TOM ALTO NO INÍCIO DO RADICAL

PRESENTE AFIRMATIVO – QUANDO

- | | | |
|------|--|---|
| (4a) | <i>pávápíima</i>
“Quando eles estão medindo.” | <i>/pá-va-pím-a/</i>
QD-S3P-medir-VF |
| (4b) | <i>pávágúgúvalaanga ~</i>
<i>pávágúgúválaanga</i>
“Quando eles estão ajoelhando para cada um.” | <i>/pá-va-gúguval-ang-a/</i>
QD-S3P-ajoelhar-PLUR-VF |

SUGESTIVO NEGATIVO

- | | | |
|------|--|--|
| (5a) | <i>vákánápíime ~</i>
<i>vákánápiime</i>
“Eles não deveriam medir.” | <i>/vá-ka-na-pím-e/ ~</i>
<i>/vá-ka-na-pim-e/</i>
S3P-COND-PRES-medir-VF |
| (5b) | <i>vákánáguguvalaange</i>
<i>vákánágúgúvalaange ~</i>
<i>vákánágúgúválaange</i>
“Eles não deveriam ajoelhar repetitivamente.” | <i>/vá-ka-na-guguval-il-e/</i>
<i>/vá-ka-na-gúguval-il-e/</i>
S3P-ajoelhar-AP-VF |

PASSADO PERFECTIVO RECENTE AFIRMATIVO – QUANDO

- (6a) *páváliile* /pá-va-l-íle/
 “Quando eles comeram.” QD-S3P-comer-PERF
- (6b) *pávágúgúvalanidiile ~* /pá-va-gúguval-an-id-ile/
pávágúgúválánídiile QD-S3P-medir-REC-AP-PERF
 “Quando eles ajoelharam para cada um.”

PARTICIPIAL AFIRMATIVO

- (7a) *vápíma* /vá-pím-a/
 “(Eles) medindo.” S3P-medir-VF
- (7b) *vágúgúvaliila ~ vágúgúváliila* /vá-gúguval-il-a/⁷⁸
 “(Eles) ajoelhando para.” S3P-ajoelhar-AP-VF

TOM DE CONTORNO ALTO NIVELADO (úú)

INSERÇÃO OPCIONAL DE TOM ALTO NO INÍCIO DO RADICAL

PRESENTE HABITUAL NEGATIVO:

- (15a) *avanapíma* /a-va-na-pím-a/
 “Eles não medem.” NEG-S3P-medir-VF
- (15b) *avanaguguváláánga ~* /a-va-na-guguval-áng-a/
avanagúgúváláánga /a-va-na-gúguval-áng-a/
 “Eles não ajoelham muito.” NEG-S3P-PRES-ajoelhar-PLUR-VF

PRESENTE PROGRESSIVO AFIRMATIVO:

- (16a) *vankupíma* /va-nku-pim-a/
 “Eles estão medindo.” 3SP-PROG-medir-VF
- (16b) *vankuguváláánga ~* /va-nku-guguval-áng-a/
vankugúgúváláánga /va-nku-gúguval-áng-a/
 “Eles estão ajoelhando muito.” 3SP-PROG-ajoelhar-PLUR-VF

⁷⁸ Liphola (2001, p.259) atesta que o prefixo de objeto em tom alto não bloqueia duplicação ou espraçamento nos tempos verbais participial ou gerúndio afirmativo e o passado recente perfeito afirmativo – quando, conforme exemplos *pávátúgúgúválídiile ~ pávátúgúgúvalídiile* e *vátúgúgúvaliila ~ vátúgúgúváliila*

PARTICIPIAL NEGATIVO

- (17a) *vakanapííma* /*va-ka-na-pím-a/*
 “(Eles) não medindo.” S3P-COND-PRES-medir-VF
- (17b) *vakanaguguvaláánga ~* /*va-ka-na-guguval-áng-a/*
vakanagúgúváláánga /*va-ka-na-gúguval-áng-a/*
 “(Eles) não ajoelhando muito.” S3P-COND-PRES-ajoelhar-PLUR-VF

IMPERFECTIVO PROGRESSIVO NEGATIVO

- (18a) *avasipííma* /*a-va-si-pím-a/*
 “Eles não estavam medindo.” NEG-S3P-IMP-medir-VF
- (18b) *avasiguguvaláánga ~* /*a-va-si-guguval-áng-a/*
avasigúgúváláánga /*a-va-si-gúguval-áng-a/*
 “Eles não estavam ajoelhando.” NEG-S3P-IMP-ajoelhar-PLUR-VF

PASSADO PROGRESSIVO RELATIVO NEGATIVO

- (19a) *vákásípííma* /*vá-ka-si-pím-a/*
 “Que eles não estavam medindo.” S3P-COND-IMP-medir-VF
- (19b) *vákásíguguvaláánga ~* /*vá-ka-si-guguval-áng-a/*
vákásígúgúváláánga /*vá-ka-si-gúguval-áng-a/*
 “Que eles não estavam ajoelhando.” S3P-COND-IMP-ajoelhar-PLUR-VF

PRESENTE HABITUAL RELATIVO NEGATIVO

- (20a) *vákánápííma* /*vá-ka-na-pím-a/*
 “Que eles não medem.” S3P-COND-PRES-medir-VF
- (20b) *vákánáguguvaláánga ~* /*vá-ka-na-guguval-áng-a/*
vákánágúgúváláánga /*vá-ka-na-gúguval-áng-a/*
 “Que eles não ajoelham muito.” S3P-COND-PRES-ajoelhar-PLUR-VF

PRESENTE HABITUAL NEGATIVO - QUANDO

- (21a) *pávákánápííma* /*pá-va-ka-na-pím-a/*
 “Quando eles não medem.” QD-S3P-COND-PRES-medir-VF
- (21b) *pávákánáguguvaláánga* /*pá-va-ka-na-guguval-áng-a/*
pávákánáguguvaláánga /*pá-va-ka-na-gúguval-áng-a/*
 “Quando eles não ajoelham.” QD-S3P-COND-PRES-ajoelhar-PLUR-VF

INSERÇÃO OBRIGATÓRIA DE TOM ALTO NO INÍCIO DO RADICAL

PASSADO PROGRESSIVO RELATIVO

- (9a) *vásípííma* /vá-si-pím-a/
“Que eles mediam.” S3P-IMP-medir-VF
- (9b) *vásígúgúváláánga* /vá-si-gúguval-áng-a/
“Que eles ajoelhavam muito.” S3P-IMP-ajoelhar-PLUR-VF

PRESENTE HABITUAL RELATIVO AFIRMATIVO

- (10a) *vánápííma* /vá-na-pím-a/
“Que eles medem.” S3P-PRES-medir-VF
- (10b) *vánágúgúváláánga* /vá-na-gúguval-áng-a/
“Que eles ajoelham muito.” S3P-PRES-ajoelhar-PLUR-VF

IMPERFECTIVO AFIRMATIVO - QUANDO

- (11a) *pávásípííma* /pá-va-si-pím-a/
“Quando eles mediam.” QD-S3P-IMP-medir-VF
- (11b) *pávásígúgúváláánga* /pá-va-si-gúguval-áng-a/
“Quando eles ajoelhavam muito.” QD-S3P-IMP-ajoelhando-PLUR-VF

PRESENTE HABITUAL AFIRMATIVO – QUANDO

- (12a) *pávánápííma* /pá-va-na-pím-a/
“Quando eles medem.” QD-S3P-PRES-medir-VF
- (12b) *pávánágúgúváláánga* /pá-va-na-gúguval-áng-a/
“Quando eles ajoelham muito.” QD-S3P-PRES-ajoelhando-PLUR-VF

INFINITIVO:⁷⁹

⁷⁹ Nos tempos verbais dessa seção, prefixo de objeto recebe tom alto por espraiamento entre os prefixos e não influencia a atribuição de tom no radical como no exemplo *vásítúgúgúválííla* “que eles ajoelhavam em nós”. A única exceção é o infinitivo conforme exemplo: *kútúguguválííla*: “ajoelhar em nós”(LIPHOLA, 2001, p. 329-330). O infinitivo se comporta exatamente como os demais tempos verbais da seção, em relação à atribuição de tom alto nivelado à penúltima sílaba e à inserção de tom alto no início da radical (conforme (38)). No entanto, observe que na ocorrência de um prefixo de objeto em tom alto, o tom de contorno muda de alto nivelado (ḿḿ) para crescente (ḿḿ). É possível que na ocorrência de um prefixo de objeto nos infinitivos a atribuição de tom alto à penúltima sílaba se dê excepcionalmente após o alongamento pós-lexical. Confira a seção sobre tempos verbais com tom crescente (ḿḿ).

- (13a) *kúpííma* /kú-pím-a/
 “Medir” N15-medir-VF
- (13b) *kúgúgúváláánga* /kú-gúguval-áng-a/
 “Ajoelhar repetidamente.” N15-ajoelhar-PLUR-VF

TOM DE CONTORNO CRESCENTE (μύ)

PASSADO RECENTE NEGATIVO

- (23a) *avípeéle* /a-vá-p-íle/
 “Eles não deram.” NEG-S3P-dar-VF
- (23b) *avagúgúvalidiíle ~* /a-vá-guguval-il-íle/
avagúgúválídiíle NEG-S3P-ajoelhar-AP-PERF
 “Eles não ajoelharam para.”

PASSADO RECENTE AFIRMATIVO

- (24a) *vandípiíma* /va-ndí-pím-a/
 “Eles mediram.” S3P-PERF-medir-PERF
- (24b) *vandígúgúvalaánga ~* /va-ndí-guguval-áng-a/
vandígúgúválaánga S3P-PERF-ajoelhar-PLUR-VF
 “Eles ajoelharam repetitivamente.”
- (24c) *vandiîpaa* /va-ndí-p-a/
 “Eles deram.” S3P-PERF-dar-VF

FUTURO AFIRMATIVO

- (25a) *vandápiíma* /va-ndá-pím-a/
 “Eles medirão.” S3P-FUT-medir-VF
- (25b) *vandagúgúvalaánga ~* /va-ndá-guguval-áng-a/
vandagúgúválaánga S3P-FUT-ajoelhar-PLUR-VF
 “Eles ajoelharão repetitivamente.”
- (25c) *vandaâpaa* /va-ndá-p-a/
 “Eles deram.” S3P-FUT-dar-VF

SUBJUNTIVO AFIRMATIVO:

- (26a) *vapiíme* /*va-pím-e/*
 “Deixe os medir.” S3P-medir-VF
- (26b) *vaguguvalangiíle* /*va-guguval-ang-íl-e/*
 “Deixe os ajoelhar.” S3P-ajoelhar-PLUR-AP-VF
- (26c) *viipé* /*va-p-é/*
 “Deixe os dar.” 3SP-dar-VF

IMPERATIVO AFIRMATIVO

- (27a) *piíma* /*pím-a/*
 “Meça.” medir-VF
- (27b) *guguvalaánga* /*guguval-áng-a/*
 “Ajoelhe repetitivamente.” ajoelhar-PLUR-VF
- (27c) *paa* /*p-a/*
 “Dê.” dar-VF

PASSADO PERFECTIVO RECENTE NEGATIVO – QUANDO

- (28a) *pávíkápeéle* /*pá-va-ka-p-íle/*
 “Quando eles não deram.” QD-S3P-COND-dar-PERF
- (28b) *pávákáguguvaleênge* /*pá-va-ka-guguval-áng-e/*
 “Quando eles não ajoelharam m..” QD-S3P-COND-ajoelhar-PLUR-PERF

TOM DE CONTORNO CRESCENTE-DECRESCENTE ($\mu\hat{\mu}$)

SEM INSERÇÃO DE TOM ALTO NO INÍCIO DO RADICAL

PASSADO REMOTO NEGATIVO:

- (30a) *avapeéle* /*a-va-p-íle/*
 “Eles não tinham dado.” NEG-S3P-dar-VF
- (30b) *avaguguvaleênge* /*a-va-guguval-áng-e/*
 “Eles não tinham ajoelhado m..” NEG-S3P-ajoelhar-PLUR-PERF

PASSADO PERFEITO REMOTO AFIRMATIVO – QUANDO

- (31a) *pavapeêle* /pa-va-p-île/
“Quando eles tinham dado.” QD-S3P-dar-PERF
- (31b) *pavagugualeênge* /pa-va-guguval-âng-e/
“Quando eles tinham ajoelhado.” QD-S3P-ajoelhar-PLUR-PERF

CONDICIONAL AFIRMATIVO

- (32a) *vakapiîma* /va-ka-pím-a/
“Se eles medirem.” S3P-COND-medir-VF
- (32b) *vakaguguvalaânga* /va-ka-guguval-âng-a/
“Se eles ajoelharem muito.” S3P-COND-ajoelhar-PLUR-VF
- (32c) *vakaâpa* /va-ká-p-a/
“Se eles derem.” S3P-COND-dar-VF

PRESENTE PROGRESSIVO RELATIVO AFIRMATIVO

- (33a) *vapiîma* /va-pím-a/
“Que eles estavam medindo.” S3P-medir-VF
- (33b) *vaguguvalaânga* /va-guguval-âng-a/
“Que eles estavam ajoelhando m..” S3P-ajoelhar-PLUR-VF
- (33c) *vaâpa* /vá-p-a/
“Que eles estavam dando.” S3P-dar-VF

INSERÇÃO OPCIONAL DE TOM ALTO NO INÍCIO DO RADICAL

PASSADO REMOTO AFIRMATIVO

- (37a) *vándípiîma* /vá-ndi-pím-a/
“Eles tinham medido.” S3P-PERF-medir-VF
- (37b) *vándíguguvalaânga* /vá-ndi-guguval-âng-a/
vándígúgúvalaânga ~ /vá-ndi-gúguval-âng-a/
vándígúgúválaânga S3P-PERF-ajoelhar-PLUR-VF
“Eles tinham ajoelhado muito.”
- (37c) *víndípa* /vá-ndi-p-a/
vándiipa S3P-PERF-medir-VF
“Eles tinham dado.”

PRESENTE HABITUAL AFIRMATIVO

- (38a) *vándápiîma* /vá-nda-pím-a/
 “Eles têm medido.” S3P-PRES-medir-VF
- (38b) *vándáguguvalaânga* /vá-nda-guguval-âng-a/
vándágúgúvalaânga ~ /vá-nda-gúguval-âng-a/
vándágúgúválaânga S3P-PRES-ajoelhar-PLUR-VF
 “Eles têm ajoelhado muito.”
- (38c) *víndáapa ~ víndaapa* /vá-nda-p-a/
 “Eles têm dado.” 3SP-PRES-dar-VF

IMPERFEITO PROGRESSIVO AFIRMATIVO

- (39a) *vásíndápiîma* /vá-sinda-pím-a/
 “Eles estavam medindo.” S3P-IMP-medir-VF
- (39b) *vásíndáguguvalaânga* /vá-sinda-guguval-âng-a/
vásíndágúgúvalaânga ~ /vá-sinda-gúguval-âng-a/
vásíndágúgúválaânga S3P-IMP-ajoelhar-PLUR-VF
 “Eles estavam ajoelhando muito.”
- (39c) *vísíndáapa* /vá-sinda-p-a/
vísíndaapa S3P-IMP-medir-VF
 “Eles estavam dando.”

SUGESTIVO AFIRMATIVO

- (40a) *vákándípiîma* /vá-ka-ndi-pím-a/
 “Eles tinham medido.” S3P-COND-PERF-medir-VF
- (40b) *vákándíguguvalaânga* /vá-ka-ndi-guguval-âng-a/
vákándígúgúvalaânga ~ /vá-ka-ndi-gúguval-âng-a/
vákándígúgúválaânga S3P-COND-PERF-ajoelhar-AP-VF
 “Eles tinham ajoelhado muito.”
- (40c) *vákándípa* /vá-ka-ndi-p-a/
vákándípa S3P-COND-PERF-dar-VF
 “Eles tinham dado.”

APÊNDIX 2 – NATURALIDADE, GÊNERO E IDADE DOS INFORMANTES.

Para facilitar a visualização das respostas dos questionários a seguir, elas foram disponibilizadas em tabelas nos próximos apêndices e cada informante foi designado um número de acordo com a tabela abaixo.

	NATURALIDADE	GÊNERO	IDADE
1	MWEDA – CABO DELGADO	MASCULINO	66
2	MWIDUMBE – CABO DELGADO	MASCULINO	55
3	MWIDUMBE – CABO DELGADO	MASCULINO	37
4	MWIDUMBE – CABO DELGADO	MASCULINO	---
5	MWEDA – CABO DELGADO	MASCULINO	35
6	MATAMBALALE – CABO DELGADO	MASCULINO	26
7	MWEDA – CABO DELGADO	MASCULINO	35
8	MWEDA – CABO DELGADO	MASCULINO	37
9	MACOMIA – CABO DELGADO	FEMININO	25
10	MWEDA – CABO DELGADO	FEMININO	41

APÊNDIX 3 - QUESTIONÁRIO 1- ESCOPO FOCAL

As frases a seguir estão em Shimakonde. Assinale com um (x) entre as alternativas qual pergunta é mais adequada para a resposta dada no enunciado a seguir.

(Nas frases seguintes, os tons baixos não estão marcados e os tons altos estão representados com o acento agudo ´)

PASSADO IMPERFEITO:⁸⁰

1. CJ: Nkóongwe áshímwándíkílá íbálúugwa nshákuulu.

- (a) Nkóongwe áshímwándíkílá nyááni ibalúugwa?
- (b) Nkóongwe áshímwándíkílá nyáámááni nshákuulu?
- (c) Nyááni áshímwándíkílá íbálúugwa nshákuulu?
- (d) Nkóongwe áshíténdá nyáámááni?
- (e) A frase responderia adequadamente qualquer uma das perguntas acima.
- (f) Nenhuma das anteriores. Escreva a pergunta correta:

2. CJ: Nkóongwe áshímwándíkílá nshákuulu ibalúugwa.

- (a) Nkóongwe áshímwándíkílá nyááni ibalúugwa?
- (b) Nkóongwe áshímwándíkílá nyáámááni nshákuulu?
- (c) Nyááni áshímwándíkílá íbálúugwa nshákuulu?
- (d) Nkóongwe áshíténdá nyáámááni?
- (e) A frase responderia adequadamente qualquer uma das perguntas acima.
- (f) Nenhuma das anteriores. Escreva a pergunta correta:

3. DJ: Nkóongwe áshíndámwandikííla ibalúugwa nshákuulu.

- (a) Nkóongwe áshímwándíkílá nyááni ibalúugwa?
- (b) Nkóongwe áshímwándíkílá nyáámááni nshákuulu?
- (c) Nyááni áshímwándíkílá íbálúugwa nshákuulu?
- (d) Nkóongwe áshíténdá nyáámááni?
- (e) A frase responderia adequadamente qualquer uma das perguntas acima.
- (f) Nenhuma das anteriores. Escreva a pergunta correta:

4. DJ: Nkóongwe áshíndámwandikííla nshákuulu ibalúugwa.

- (a) Nkóongwe áshímwándíkílá nyááni ibalúugwa?
- (b) Nkóongwe áshímwándíkílá nyáámááni nshákuulu?
- (c) Nyááni áshímwándíkílá íbálúugwa nshákuulu?

⁸⁰ Frase intencionada: “A mulher escrevia uma carta para o ancião.”

- (d) Nkóongwe áshíténdá nyáámááni?
- (e) A frase responderia adequadamente qualquer uma das perguntas acima.
- (f) Nenhuma das anteriores. Escreva a pergunta correta:

FUTURO DO PRESENTE⁸¹:

5. CJ: Mwáana álótá kúshúmá línáádi pashakoôni.

- (a) Mwáana álótá kúshúmá nyáámááni pashakoôni?
- (b) Mwáana álótá kúshúmá paáshi línáádi?
- (c) Nyááni álótá kúshúmá línáádi pashakoôni?
- (d) Mwáana álótá kúténdá nyáámááni?
- (e) A frase responderia adequadamente qualquer uma das perguntas acima.
- (f) Nenhuma das anteriores. Escreva a pergunta correta:

6. CJ: Mwáana álótá kúshúmá páshákóoni linaádi.

- (a) Mwáana álótá kúshúmá nyáámááni pashakoôni?
- (b) Mwáana álótá kúshúmá paáshi línáádi?
- (c) Nyááni álótá kúshúmá línáádi pashakoôni?
- (d) Mwáana álótá kúténdá nyáámááni?
- (e) A frase responderia adequadamente qualquer uma das perguntas acima.
- (f) Nenhuma das anteriores. Escreva a pergunta correta:

7. DJ: Mwáana andáshuúma linaádi pashakoôni.

- (a) Mwáana álótá kúshúmá nyáámááni pashakoôni?
- (b) Mwáana álótá kúshúmá paáshi línáádi?
- (c) Nyááni álótá kúshúmá línáádi pashakoôni?
- (d) Mwáana álótá kúténdá nyáámááni?
- (e) A frase responderia adequadamente qualquer uma das perguntas acima.
- (f) Nenhuma das anteriores. Escreva a pergunta correta:

8. DJ: Mwáana andáshuúma pashakoôni linaádi.

- (a) Mwáana álótá kúshúmá nyáámááni pashakoôni?
- (b) Mwáana álótá kúshúmá paáshi línáádi?
- (c) Nyááni álótá kúshúmá línáádi pashakoôni?
- (d) Mwáana álótá kúténdá nyáámááni?
- (e) A frase responderia adequadamente qualquer uma das perguntas acima.
- (f) Nenhuma das anteriores. Escreva a pergunta correta:

⁸¹ Frase intencionada: “A Criança comprará cocos no mercado.”

PASSADO PERFEITO REMOTO⁸²

9. CJ: Vakoôngwe vátáléké úgwááli mwasheedo.

- (a) Vakoôngwe vátáléké nyáámááni mwasheedo?
- (b) Vakoôngwe vátáléké duvaâni ugwaáli?
- (c) Vanyááni vátáléké úgwááli mwasheedo?
- (d) Vakoôngwe váténdílé nyáámááni mwasheedo?
- (e) A frase responderia adequadamente qualquer uma das perguntas acima.
- (f) Nenhuma das anteriores. Escreva a pergunta correta:

10. CJ: Vakoôngwe vátáléké mwasheedo ugwaáli.

- (a) Vakoôngwe vátáléké nyáámááni mwasheedo?
- (b) Vakoôngwe vátáléké duvaâni ugwaáli?
- (c) Vanyááni vátáléké úgwááli mwasheedo?
- (d) Vakoôngwe váténdílé nyáámááni mwasheedo?
- (e) A frase responderia adequadamente qualquer uma das perguntas acima.
- (f) Nenhuma das anteriores. Escreva a pergunta correta:

11. DJ: Vakoôngwe vándítáleéka ugwaáli mwasheedo.

- (a) Vakoôngwe vátáléké nyáámááni mwasheedo?
- (b) Vakoôngwe vátáléké duvaâni úgwááli?
- (c) Vanyááni vátáléké úgwááli mwasheedo?
- (d) Vakoôngwe váténdílé nyáámááni mwasheedo?
- (e) A frase responderia adequadamente qualquer uma das perguntas acima.
- (f) Nenhuma das anteriores. Escreva a pergunta correta:

12. DJ: Vakoôngwe vándítáleéka mwasheedo ugwaáli.

- (a) Vakoôngwe vátáléké nyáámááni mwasheedo?
- (b) Vakoôngwe vátáléké duvaâni ugwaáli?
- (c) Vanyááni vátáléké úgwááli mwasheedo?
- (d) Vakoôngwe váténdílé nyáámááni mwasheedo?
- (e) A frase responderia adequadamente qualquer uma das perguntas acima.
- (f) Nenhuma das anteriores. Escreva a pergunta correta:

⁸² Frase intencionada: “As mulheres tinham cozinhado shima ano passado.”

13. CJ: Vakoôngwe vataleke úgwááli lído.

- (a) Vakoôngwe vataleke nyáámááni lído?
- (b) Vakoôngwe vataleke duvaâni ugwaáli?
- (c) Vanyááni vataleke úgwááli lído?
- (d) Vakoôngwe vatendile nyáámááni lído?
- (e) A frase responderia adequadamente qualquer uma das perguntas acima.
- (f) Nenhuma das anteriores. Escreva a pergunta correta:

14. CJ: Vakoôngwe vataleke lído ugwaáli.

- (a) Vakoôngwe vataleke nyáámááni lído?
- (b) Vakoôngwe vataleke duvaâni ugwaáli?
- (c) Vanyááni vataleke úgwááli lído?
- (d) Vakoôngwe vatendile nyáámááni lído?
- (e) A frase responderia adequadamente qualquer uma das perguntas acima.
- (f) Nenhuma das anteriores. Escreva a pergunta correta:

15. DJ: Vakoôngwe vanditáleéka ugwaáli lído.

- (a) Vakoôngwe vataleke nyáámááni lído?
- (b) Vakoôngwe vataleke duvaâni ugwaáli?
- (c) Vanyááni vataleke úgwááli lído?
- (d) Vakoôngwe vatendile nyáámááni lído?
- (e) A frase responderia adequadamente qualquer uma das perguntas acima.
- (f) Nenhuma das anteriores. Escreva a pergunta correta:

16. DJ: Vakoôngwe vanditáleéka lído ugwaáli.

- (a) Vakoôngwe vataleke nyáámááni lído?
- (b) Vakoôngwe vataleke duvaâni ugwaáli?
- (c) Vanyááni vataleke úgwááli lído?
- (d) Vakoôngwe vatendile nyáámááni lído?
- (e) A frase responderia adequadamente qualquer uma das perguntas acima.
- (f) Nenhuma das anteriores. Escreva a pergunta correta:

⁸³ Frase intencionada: “As mulheres cozinham shima ontem.”

17. CJ: Ndyóóko ápálápátá díamááka lyáámbe.

- (a) Ndyóóko ápálápátá nyáámááni lyáámbe?
- (b) Ndyóóko ápálápátá duvaâni díamááka?
- (c) Nyááni ápálápátá díamááka lyáámbe?
- (d) Ndyóóko áténdá nyáámááni?
- (e) A frase responderia adequadamente qualquer uma das perguntas acima.
- (f) Nenhuma das anteriores. Escreva a pergunta correta:

18. CJ: Ndyóóko ápálápátá lyáámbe díamááka.

- (a) Ndyóóko ápálápátá nyáámááni lyáámbe?
- (b) Ndyóóko ápálápátá duvaâni díamááka?
- (c) Nyááni ápálápátá díamááka lyáámbe?
- (d) Ndyóóko áténdá nyáámááni?
- (e) A frase responderia adequadamente qualquer uma das perguntas acima.
- (f) Nenhuma das anteriores. Escreva a pergunta correta:

19. DJ: Ndyóóko ándápalapááta díamááka lyáámbe.

- (a) Ndyóóko ápálápátá nyáámááni lyáámbe?
- (b) Ndyóóko ápálápátá duvaâni díamááka?
- (c) Nyááni ápálápátá díamááka lyáámbe?
- (d) Ndyóóko áténdá nyáámááni?
- (e) A frase responderia adequadamente qualquer uma das perguntas acima.
- (f) Nenhuma das anteriores. Escreva a pergunta correta:

20. DJ: Ndyóóko ándápalapááta lyáámbe díamááka.

- (a) Ndyóóko ápálápátá nyáámááni lyáámbe?
- (b) Ndyóóko ápálápátá duvaâni díamááka?
- (c) Nyááni ápálápátá díamááka lyáámbe?
- (d) Ndyóóko áténdá nyáámááni?
- (e) A frase responderia adequadamente qualquer uma das perguntas acima.
- (f) Nenhuma das anteriores. Escreva a pergunta correta:

No quadro a seguir, encontram-se as respostas dadas pelos informantes. Na horizontal cada informante foi especificado por um número de 1 a 10. Já na vertical estão os números correspondentes aos itens do questionário.

⁸⁴ Frase intencionada: “O menino acaricia os gatos pela manhã.”

QUADRO DE RESPOSTAS

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1	A,B,D	A,C	E	E	E	E	E	A,B		A,D
2	A,B,D	B,C	E	E	E	E	E	_____		A,B,D
3	D	B,C	_____	E	E	E	E	E		A,B,D
4	C	C,D	_____	E	E	E	E	E		A,B,D
5	A,B,D	C,D	E * ⁸⁵	E	E	E	E	E		A,B,D
6	_____	C,D	E	E	E	E	E	E		A,B,D
7	A,B	C,D	E	E	E	E	E	E		A,B,D
8	B, F	C,D	E	E	E	E	E	E		A,B,D*
9	A,D	B,C	E*	E	E	E	E	*		E
10	A,B,D	B,C	E	E	E	E	E	*		E
11	A, D	B,C	E	E	E	E	E	*		E
12	B,D	B,C	E	E	E	E	E	E		E
13	A,B,D	C	E	E	E	E	E	E		E
14	B	C	E	E	E	E	E	E		E
15	A, D	C	E	E	E	E	E	E		E
16	B, D	C	E	E	E	E	E	E		E
17	A,C,D	B,C,D	E	E	E	E	E	E		C,D
18	B,D		E	E	E	E	E	E		F*
19	F		E	E	E	E	E	*		E
20	B		E	E	E	E	E	E		F*

⁸⁵ O asterisco indica que o informante fez alguma ressalva em relação à resposta, ou sugeriu alguma alteração na elaboração dela.

APÊNDIX 4 – QUESTIONÁRIO 2 - ESCOPO FOCAL

Produza/escreva (do português para o Shimakonde) as formas equivalentes das perguntas que se seguem e, em seguida, escreva as respostas em Shimakonde.

1. PASSADO PERFEITO RECENTE

a) Para quem a mulher cozinhou o porco? (O ancião.)

Pergunta:

1	<i>Nkóongwe antalakadile nyááni nguluúve?</i> ⁸⁶
2	<i>Antalakadile nyááni nguluúve?</i>
8	<i>Nkóongwe antalakadile nyani yama ya nguluve?</i>
9	<i>Nkóongwe antalakadile ngúlúúve nyááni?</i>

Resposta:

1	<i>Nkóongwe antalakadile nángóolo nguluúve.</i>
2	<i>Nkóongwe aníntálakééla nguluúve nangoôlo.</i>
8	<i>Nkóongwe antalakadile inyaáma ya nguluve nshakulu.</i>
9	<i>Nkóongwe antalakadile ngúlúúve nákiúlo.</i> <i>Nkóongwe andintálakeéla nákiúlo nguluúve. (induzida)</i>

b) O quê a mulher cozinhou para o ancião? (O Porco.)

Pergunta:

1	<i>Nkóongwe antalakadile nyáámááni nangoôlo?</i>
2	<i>Nyáámááni shataleke nkóongwe?</i>
8	<i>Nyamani nkongwe shantalakadile nshakulu?</i>
9	<i>Nkóongwe antalakedile nyáámááni?</i> <i>Nkóongwe andintálakeéla nyáámááni? (induzida)</i>

Resposta:

1	<i>Nkóongwe antalakadile ngúlúúve nangoôlo.</i>
2	<i>Nkóongwe anditáleéka nguluúve kwa nangoôlo.</i>
8	<i>Nkongwe antalakadile nshakulu yama ya nguluve.</i>
9	<i>Nkóongwe antalakedile ngúlúúve.</i> <i>Andintálakeéla nguluúve. (induzida)</i> <i>Antalakedile nánkóolo nguluúve. (induzida)</i>

⁸⁶ Neste questionário, por questão de tempo e disponibilidade, apenas as respostas dos informantes 1, 2 e 9 foram gravadas em áudio. Deste modo, apenas destes foi possível conferir tons e alongamentos. Dos demais informantes, temos as respostas por escrito. Elas foram mantidas como foram grafadas por eles.

c) **Quem cozinhou o porco? (A mulher.)**

Pergunta:

1	<i>Nyááni antaleke ngúlúúve?</i>
2	<i>Nyááni antaleke ngúlúúve?</i>
8	<i>Nyani antaleke inyama ya nguluve?</i>

Resposta:

1	<i>Nkóongwe ni antáleeke nguluúve.</i>
2	<i>Nkóongwe ni antáleeke nguluúve.</i>
8	<i>Ataleke inyama ya nguluve nkongwe.</i>

d) **Quando a mulher cozinhou o porco? (Ontem.)**

Pergunta:

1	<i>Nkóongwe antaleke duvaâni nguluúve?</i>
2	<i>Antaleke duvaâni nguluúve nkóongwe?</i>
8	<i>Duvani pataleke nkongwe inyama ya nguluve?</i>

Resposta:

1	<i>Nkóongwe antaleke líido nguluúve.</i>
2	<i>Nkóongwe antaleke ngúlúúve líido.</i>
8	<i>Nkongwe ataleke inyama ya nguluve mwiko wa lido. Lido ni pataleke nkongwe inyama ya nguluve.</i>

e) **A mulher cozinhou frango para o ancião? (Não. O porco.)**

Pergunta:

1	<i>Nkóongwe antalakadile muuku nangoôlo?</i>
2	<i>Nkóongwe antaleke muuku ya nangoôlo?</i>
8	<i>Nkongwe antalakadile inyama ya inguku nshakulu?</i>
9	<i>Nkóongwe anditálekeéla muúku nákiúlo?</i>

Resposta:

1	<i>Meéne. Nkóongwe antalakadile ngúlúúve nangoôlo.</i>
2	<i>Meéne. Nkóongwe ataleke ngúlúúve ya nangoôlo.</i>
8	<i>Mene. Nkongwe atalakadile nshakulu inyama ya nguluve.</i>
9	<i>Mene. Náae ataleke ngúlúúve.</i>

f) **A mulher cozinhou o porco hoje? (Não. Ontem.)**

Pergunta:

1	<i>Nkóongwe antaleke ngúlúúve néelo?</i>
2	<i>Nkóongwe antaleke ngúlúúve néelo?</i>
8	<i>Nkongwe anditaleka inyama ya nguluve néelo?</i>

Resposta:

1	<i>Meéne. Nkóongwe antaleke nguluúve lído.</i>
2	<i>Meéne. Nkóongwe antaleke nguluúve lído.</i>
8	<i>Mene. Nkongwe ataleke inyama ya nguluve lido. Mu mwiko wa lido ni pataleke inyama ya nguluve.</i>

g) A mulher cozinhou porco para o menino? (Não. O ancião)**Pergunta:**

1	<i>Nkóongwe antalakadile ngúluúve ndyóóko?</i>
2	<i>Nkóongwe anditáleéka nguluúve ya ndyóóko?</i>
8	<i>Nkongwe andintalakela ndyóóko inyama ya nguluve?</i>

Resposta:

1	<i>Meéne. Nkóongwe antalakadile ngúluúve nangoôlo.</i>
2	<i>Meéne. Nkóongwe antalakadile ngúluúve nangoôlo.</i>
8	<i>Mene. Nkongwe antalakadile nshakulu yama ya nguluve.</i>

h) A mulher fritou o porco? (Não. Cozinhou.)**Pergunta:**

1	<i>Nkóongwe aninkálaánga nguluúve?</i>
2	<i>Nkóongwe andinkálangiíla nguluúve?</i>
8	<i>Nkongwe andikalanga inyama ya nguluve?</i>
9	<i>Nkóongwe andinkálaánga nguluúve?</i>

Resposta:

1	<i>Meéne. Nkóongwe anintáleéka nguluúve.</i>
2	<i>Meéne. Nkóongwe andintáleéka.</i>
8	<i>Mene. Nkongwe antalakadile inyama ya nguluve.</i>
9	<i>Meéne. Naáe andintáleéka. Meéne. Naáe ataleke ngúluúve. (induzida)</i>

i) A mulher cozinhou o porco para o ancião? (Sim. Porco.)**Pergunta:**

1	<i>Nkóongwe antalakadile ngúluúve nangoôlo?</i>
2	<i>Nkóongwe andintáleéka nguluúve ya nangoôlo?</i>
8	<i>Nkongwe antalakadile inyama ya nguluve nshakulu?</i>

Resposta:

1	<i>Eélo. Nkóongwe antalakadile ngúluúve nangoôlo.</i>
2	<i>Eélo. Nkóongwe andintalakela nangoôlo nguluúve.</i>
8	<i>Elo. Nkongwe anintalakela inyama ya nguluve nshakulu.</i>
9	<i>Naáe andintaleéka nguluúve.</i>

	<i>Naáe antalakedile ngúlúúve.</i>
--	------------------------------------

j) A mulher cozinhou o porco ontem? (Sim. Ontem.)

Pergunta:

1	<i>Nkóongwe antaleke ngúlúúve líido?</i>
2	<i>Ataleka ngúlúúve nkóongwe líido?</i>
8	<i>Nkongwe anditaleka inyama ya nguluve lido?</i>

Resposta:

1	<i>Eélo. Nkóongwe antaleke ngúlúúve líido.</i>
2	<i>Eélo. Anditáleéka líido nguluúve.</i>
8	<i>Elo. Nkongwe anditaleka inyama ya nguluve lido.</i>

k) A mulher cozinhou porco para o ancião? (Sim. Anciã.)

Pergunta:

1	<i>Nkóongwe antalakadile ngúlúúve nangoôlo?</i>
2	<i>Nkóongwe andintálákeéla nangoôlo nguluúve?</i>
8	<i>Nkongwe andintalakela inyama ya nguluve nshakulu?</i>

Resposta:

1	<i>Nkóongwe antalakadile ngúlúúve nangoôlo.</i>
2	<i>Nkóongwe andintálákeéla nguluúve nangoôlo.</i>
8	<i>Elo. Nkongwe andintalakela inyama ya nguluve nshakulu.</i>

l) A mulher cozinhou o porco? (Sim. Cozinhou.)

Pergunta:

1	<i>Nkóongwe antaleke ngúlúúve?</i>
2	<i>Nkóongwe anditáleéka nguluúve?</i>
8	<i>Nkongwe anditaleka ynyama ya nguluve?</i>

Resposta:

1	<i>Eélo. Nkóongwe antaleke ngúlúúve.</i>
2	<i>Eélo. Anditáleéka nguluúve.</i>
8	<i>Elo. Nkongwe anditaleka inyama ya nguluve.</i>

m) O que a mulher fez? (Cozinhou o porco para o anciã.)

Pergunta:

1	<i>Nkóongwe atendile nyáámááni?</i>
2	<i>Nkóongwe atendile nyáámááni?</i>
8	<i>Nyamani shatandile nkongwe?</i>
9	<i>Nkóongwe atendile nyáámááni?</i>

Resposta:

1	<i>Nkóongwe antalakadile ngúlúúve nangoôlo.</i>
----------	---

2	<i>Nkóongwe anditáleéka nguluúve ya nangoôlo.</i>
8	<i>Nkongwe anintaleka nshakulu inyama ya nguluve.</i>
9	<i>Nkóongwe antalekedile nánkúulo nguluúve. Nkóongwe andintálakeéla nánkúulo nguluúve.</i>

n) O que aconteceu? (A mulher cozinhou porco para o ancião.)

Pergunta:

1	<i>Shitandeki nyáámááni?</i>
2	<i>Shitandeki nyáámááni?</i>
8	<i>Shitandeki nyamani?</i>
9	<i>Itandeki nyáámááni?</i>

Resposta:

1	<i>Nkóongwe antalakadile nguluúve nangoôlo.</i>
2	<i>Nkóongwe andintáleéka nguluúve ya nangoôlo.</i>
8	<i>Nkongwe anditaleka inyama ya nguluve nshakulu.</i>
9	<i>Nkóongwe andintálakéela nánkúulo nguluúve. Nkóongwe antalakedile nánkúulo nguluúve.</i>

2. FUTURO DO PRESENTE

a) Para quem a mulher dará o porco? (O ancião.)

Pergunta:

1	<i>Nkóongwe álótá kúmwíngá nyááni nguluúve?</i>
2	<i>Nkóongwe ámuúpa nyááni nguluúve?</i>
4	<i>Nyani nkongwe alota kumupa nguluve?</i>

Resposta:

1	<i>Nkóongwe álótá kúmwíngá nángóolo nguluúve.</i>
2	<i>Nkóongwe anámuúpa nguluúve nangoôlo.</i>
4	<i>Anamupa nshakulu.</i>

b) O quê a mulher dará para o ancião? (O porco.)

Pergunta:

1	<i>Nyáámááni shálótá kúmwíngá nángóolo nkóongwe?</i>
2	<i>Shiinu shááni shálótá kúmuúpa nkóongwe nangoôlo?</i>
4	<i>Nyamani shalota kumupa nshakulu nkongwe?</i>

Resposta:

1	<i>Nkóongwe álótá kúmwíngá nguluúve nangoôlo.</i>
2	<i>Nkóongwe anámuúpa nangoôlo nguluúve.</i>
4	<i>Alota kumupa yama ya nguluve.</i>

c) **Quem dará o porco? (A mulher.)**

Pergunta:

1	<i>Nyááni álótá kúmwíngá ngúlúúve nangoôlo?</i>
2	<i>Nyááni álótá kúmwíngá ngúlúúve?</i>
4	<i>Nyani alota kumupa yama ya nguluve?</i>

Resposta:

1	<i>Nkóongwe ni álótá kúmwíngá nguluúve.</i>
2	<i>Nkóongwe ni álótá kúmúúpa nguluúve.</i>
4	<i>Yama alota kumupa nkongwe.</i>

d) **Quando a mulher dará o porco? (Amanhã.)**

Pergunta:

1	<i>Ni duvaâni pálótá kúmwíngá nguluúve nkóongwe?</i>
2	<i>Duvaâni álótá kúmyá ngúlúúve nkóongwe anámuúpa nangoôlo?</i>
4	<i>Ni duvani nkongwe anamupa yama ya nguluve?</i>

Resposta:

1	<i>Nkóongwe álótá kúmwíngá ngúlúúve lúnduúnu.</i>
2	<i>Lúnduúnu nkóongwe anámuúpa nguluúve nangoôlo.</i>
4	<i>Alota kumupa lunduno.</i>

e) **A mulher dará frango para o ancião? (Não. Porco.)**

Pergunta:

1	<i>Nkóongwe anámwiíngá muuku nangoôlo?</i>
2	<i>Nkóongwe anámuúpa muuku nangoôlo?</i>
4	<i>Nkongwe anamupa yama ya muku nshakulu?</i>

Resposta:

1	<i>Meéne. Nkóongwe álótá kúmwíngá ngúlúúve nangoôlo.</i>
2	<i>Meéne. Álótá kúmúpa ngúlúúve.</i>
4	<i>Mene, alota kumupa yama ya nguluve.</i>

f) **A mulher dará o porco hoje? (Não. Amanhã.)**

Pergunta:

1	<i>Nkóongwe álótá kúmwíngá ngúlúúve néelo?</i>
2	<i>Nkóongwe anámuúpa nguluúve néelo?</i>
4	<i>Nkongwe anamupa yama ya nguluve néelo?</i>

Resposta:

1	<i>Meéne. Nkóongwe álótá kúmwíngá ngúlúúve lúnduúnu.</i>
2	<i>Meéne. Nkóongwe álótá kúmúpa ngúlúúve lúnduúnu.</i>

4	<i>Mene, alota kumupa lundunu.</i>
---	------------------------------------

g) A mulher dará porco para o menino? (Não. Ancião.)

Pergunta:

1	<i>Nkóongwe álótá kúmwíngá ngúlúúve ndyóóko? Nkóongwe anámwiínga ndyóóko nguluúve?</i>
2	<i>Nkóongwe anámuúpa nguluúve ndyóóko?</i>
4	<i>Nkongwe anamupa yama ya nguluve ndyóóko?</i>

Resposta:

1	<i>Meéne. Nkóongwe álótá kúmwíngá ngúlúúve nangoôlo.</i>
2	<i>Meéne. Nkóongwe álótá kúmúpá ngúlúúve nangoôlo.</i>
4	<i>Mene, alota kumupa nshákulu.</i>

h) A mulher venderá o porco? (Não. Dará.)

Pergunta:

1	<i>Nkóongwe ananshúmiidya nguluúve?</i>
2	<i>Nkóongwe andashúmiidya nguluúve?</i>
4	<i>Nkongwe andashumidya yama ya nguluve?</i>

Resposta:

1	<i>Meéne. Álótá kúmwíngá ngúlúúve.</i>
2	<i>Meéne. Anashúmiidya nguluúve, anámuúpa.</i>
4	<i>Mene, amupa.</i>

i) A mulher dará o porco para o ancião? (Sim. Porco.)

Pergunta:

1	<i>Nkóongwe anámwiínga nguluúve nangoôlo?</i>
2	<i>Nkóongwe anámuúpa nguluúve nangoôlo?</i>
4	<i>Nkongwe anamupa yama ya nguluve nshakulu?</i>

Resposta:

1	<i>Eélo. Nkóongwe anámwiínga nguluúve nangoôlo.</i>
2	<i>Eélo. Anámuúpa nguluúve nangoôlo.</i>
4	<i>Elo. Anamupa yama ya nguluve.</i>

j) A mulher dará o porco amanhã? (Sim. Amanhã.)

Pergunta:

1	<i>Nkóongwe anámwiínga nguluúve lúnduúnu?</i>
2	<i>Nkóongwe anámuúpa nguluúve lúnduúnu?</i>
4	<i>Nkongwe anamupa yama ya nguluve lunduno?</i>

Resposta:

1	<i>Eélo. Nkóongwe anámwiínga nguluúve lúnduúnu.</i>
2	<i>Eélo. Nkóongwe anámuúpa nguluúve lúnduúnu.</i>
4	<i>Elo. Nkongwe anamupa lunduno.</i>

k) A mulher dará porco para o ancião? (Sim. Anciã.)

Pergunta:

1	<i>Nkóongwe anámwiínga nguluúve nangoôlo?</i>
2	<i>Nkóongwe álótá kúmúpá ngúlúúve nangoôlo?</i>
4	<i>Nkongwe anamupa nshakulu nguluve lunduno?</i>

Resposta:

1	<i>Eélo. Nkóongwe anámwiínga nguluúve nangoôlo.</i>
2	<i>Eélo. Nkóongwe álótá kúmúpá ngúlúúve.</i>
4	<i>Elo. Nshakulu.</i>

l) A mulher dará o porco? (Sim. Dará.)

Pergunta:

1	<i>Nkóongwe anámwiínga nguluúve?</i>
2	<i>Nkóongwe anámuúpa nguluúve?</i>
4	<i>Nkongwe anamupa yama ya nguluve?</i>

Resposta:

1	<i>Eélo. Nkóongwe anámwiínga nguluúve.</i>
2	<i>Eélo. Anámuúpa.</i>
4	<i>Elo. Anamupa.</i>

m) O que a mulher fará? (Dará o porco para o ancião.)

Pergunta:

1	<i>Nkóongwe álótá kúténdá nyáámááni?</i>
2	<i>Álótá kúténdá nyáámááni nkóongwe?</i>
4	<i>Shinu shani shalota kutenda nkongwe?</i>

Resposta:

1	<i>Nkóongwe anámwiínga nguluúve nangoôlo.</i>
2	<i>Nkóongwe anámuúpa nguluúve nangoôlo.</i>
4	<i>Anamupa yama ya nguluve nshakulu.</i>

n) O que vai acontecer? (A mulher dará o porco para o ancião.)

Pergunta:

1	<i>Shílótá kútándéká nyáámááni?</i>
2	<i>Shílótá kútándéká nyáámááni?</i>
4	<i>Shinu shani shilota kutandeka?</i>

Resposta:

1	<i>Nkóongwe anámwiínga nguluúve nangoôlo.</i>
2	<i>Nkóongwe álótá kúmúpá nguluúve nangoôlo.</i>
4	<i>Anamupa yama ya nguluve nshakulu.</i>

3. PASSADO PERFEITO REMOTO**a) Para quem a mulher tinha matado o porco? (O ancião.)****Pergunta:**

1	<i>Nkóongwe áshíndídílé nyááni nguluúve?</i>
7	<i>Nkongwe anshididile nyani nguluve?</i>

Resposta:

1	<i>Nkóongwe áshíndídílé nángóolo nguluúve.</i>
7	<i>Nkongwe anshididile nshakulu.</i>

b) O quê a mulher tinha matado para o ancião? (O porco.)**Pergunta:**

1	<i>Nkóongwe áshíndídílé nkóku shááni nangoôlo?</i>
7	<i>Shinu shani shatadile nkongwe nshakulu?</i>

Resposta:

1	<i>Nkóongwe áshíndídílé ngúlúúve nangoôlo.</i>
7	<i>Nkongwe anshidile nguluve.</i>

c) Quem tinha matado o porco? (A mulher.)**Pergunta:**

1	<i>Nyááni áshíndídílé ngúlúúve?</i>
7	<i>Nyani anshidile nguluve?</i>

Resposta:

1	<i>Nkóongwe ni anshidílé nguluúve.</i>
7	<i>Nkongwe.</i>

d) Quando a mulher tinha matado o porco? (Ano passado.)**Pergunta:**

1	<i>Nkóongwe áshíndílé duvaâni nguluúve?</i>
7	<i>Nkongwe anshidile duvani nguluve?</i>

Resposta:

1	<i>Nkóongwe áshíndílé ngúlúúve mwashedo.</i>
7	<i>Nkongwe anshidile nguluve um mwaka wa mwashedo.</i>

e) **A mulher tinha matado frango para o ancião? (Não. O porco.)**

Pergunta:

1	<i>Nkóongwe áshíndídílé nángóolo muuku? Nkóongwe áshíndídílé muuku nangoôlo?</i>
7	<i>Nkongwe anishida nguku nshakulu?</i>

Resposta:

1	<i>Meéne. Áshíndídílé ngúlúúve.</i>
7	<i>Mene. Nkongwe anshidile nguluve.</i>

f) **A mulher tinha matado porco mês passado? (Não. Ano passado.)**

Pergunta:

1	<i>Nkóongwe áshíndílé ngúlúúve mwedi upitiile?</i>
7	<i>Nkongwe anishida nguluve mwedi upitiile?</i>

Resposta:

1	<i>Meéne. Nkóongwe ámyáílé ngúlúúve mwasheedo.</i>
7	<i>Mene, nkongwe anshidile nguluve um mwaka umpitiile.</i>

g) **A mulher tinha matado porco para o menino? (Não. O ancião.)**

Pergunta:

1	<i>Nkóongwe áshíndídílé ndyóóko nguluúve?</i>
7	<i>Nkongwe anishidila nguluve ndyóóko?</i>

Resposta:

1	<i>Mene. Nkóongwe áshíndídílé nángóolo nguluúve.</i>
7	<i>Mene, nkongwe anshididile nshakulu.</i>

h) **A mulher vendeu o porco? (Não. Matou.)**

Pergunta:

1	<i>Nkóongwe áníshúmiidya nguluúve?</i>
7	<i>Nkongwe anishumidya nguluve?</i>

Resposta:

1	<i>Meéne. Áníshíínda.</i>
7	<i>Mene, anidishida.</i>

i) **A mulher tinha matado o porco para o ancião? (Sim. Porco.)**

Pergunta:

1	<i>Nkóongwe áníshíndííla nguluúve nangoôlo?</i>
7	<i>Nkongwe anishidila nshakulu nguluve?</i>

Resposta:

1	<i>Eélo. Ánínshíndííla ngulúúve nangoôlo.</i>
7	<i>Elo. Andishida nguluve.</i>

j) A mulher tinha matado o porco ano passado? (Sim. Ano passado.)**Pergunta:**

1	<i>Nkóongwe ánínshíndíílé ngúlúúve mwasheedo?</i>
7	<i>Nkongwe andishida nguluve mu mwana wa mwashedo?</i>

Resposta:

1	<i>Eélo. Ánínshíndíílé ngúlúúve mwasheedo.</i>
7	<i>Elo. Nkongwe anshidile nguluve mwaka wa mwashedo.</i>

k) A mulher tinha matado o porco para o ancião? (Sim. Anciã.)**Pergunta:**

1	<i>Nkóongwe ánsíndíílé ngúlúúve nangoôlo?</i>
7	<i>Nkongwe anishidile nguluve nshakulu?</i>

Resposta:

1	<i>Eélo. Nkóongwe ánsíndíílé ngúlúúve nangoôlo.</i>
7	<i>Elo. Nkongwe anishidila nshakulu.</i>

l) A mulher tinha matado o porco? (Sim. Tinha matado.)**Pergunta:**

1	<i>Nkóongwe ánsíndíílé ngúlúúve?</i>
7	<i>Nkongwe andishinda nguluve?</i>

Resposta:

1	<i>Eélo. Ánínshíínda.</i>
7	<i>Elo. Andishida.</i>

m) O que a mulher fez? (Tinha matado o porco para o ancião.)**Pergunta:**

1	<i>Nkóongwe áténdílé nyáámááni?</i>
7	<i>Nyamani shatadile nkongwe?</i>

Resposta:

1	<i>Ánínshíndííla nangoôlo ngulúúve.</i>
7	<i>Nkongwe anshididile nguluve nshakulu.</i>

n) O que aconteceu? (A mulher tinha matado porco para o ancião.)**Pergunta:**

1	<i>Shítándéké nyáámááni?</i>
---	------------------------------

7	<i>Nyamani shitandeké?</i>
---	----------------------------

Resposta:

1	<i>Nkóongwe áníshídííla nangoôlo nguluúve.</i>
---	--

7	<i>Nkongwe anshididile nguluve nshakulu.</i>
---	--

4. PRESENTE HABITUAL

a) Para quem a mulher alimenta o porco? (O Ancião.)

Pergunta:

1	<i>Nkóongwe áníshá ngúlúúve mwé nyááni?</i>
---	---

3	<i>Kwashi na nyani nkongwe akuvalisha vanguluuve?</i>
---	---

Resposta:

1	<i>Nkóongwe áníshá ngúlúúve wa nangoôlo.</i>
---	--

3	<i>Nkongwe akuvalisha bai vanguluve va nshakulu.</i>
---	--

b) O quê a mulher alimenta para o ancião? (O Porco.)

Pergunta:

1	<i>Nkóongwe áníshá nyáámááni?</i>
---	-----------------------------------

Ni nyáámááni shálíísha nkóongwe kwa nangoôlo?

3	<i>Nyani nkongwe akuvalisha va nshakulu?</i>
---	--

Resposta:

1	<i>Nkóongwe áníshá ngúlúúve.</i>
---	----------------------------------

3	<i>Nkongwe avalisha bai vanguluve va nshakulu.</i>
---	--

c) Quem alimenta o porco? (A mulher.)

Pergunta:

1	<i>Nyááni áníshá ngúlúúve?</i>
---	--------------------------------

3	<i>Nyani avalisha vanguluve?</i>
---	----------------------------------

Resposta:

1	<i>Nkóongwe ni áníísha nguluúve.</i>
---	--------------------------------------

3	<i>Vangulu vakuvalisha mushitundo.</i>
---	--

d) Onde a mulher alimenta o porco? (No curral.)

Pergunta:

1	<i>Kwaáshi kwáníshá nkóongwe nguluúve?</i>
---	--

3	<i>Kwashi nkongwe akuvalisha vanguluve?</i>
---	---

Resposta:

1	<i>Nkóongwe áníshá ngúlúúve mushtuúndu.</i>
---	---

3	<i>Nkongwe avalisha bai vanguluve mushitundu.</i>
---	---

e) **A mulher alimenta o frango para o ancião? (Não. Porco.)**

Pergunta:

1	<i>Ánínhá muuku wa nangoôlo?</i>
3	<i>Nkongwe akuvalisha vang'oko ba nshakulu?</i>

Resposta:

1	<i>Meéne. Nkóongwe ánínhá ngúlúúve.</i>
3	<i>Nkongwe avalisha bai vang'oko va nshakulu.</i>

f) **A mulher alimenta o porco no quintal? (Não. No curral.)**

Pergunta:

1	<i>Nkóongwe ánínhá ngúlúúve mulugwáani?</i>
3	<i>Nkongwe akuvalisha vanguluve mulungwani?</i>

Resposta:

1	<i>Nkóongwe ánínhá ngúlúúve mushituúndo.</i>
3	<i>Nkongwe avalisha vanguluve bai mushitundo.</i>

g) **A mulher alimenta o porco para o menino? (Não. O Ancião.)**

Pergunta:

1	<i>Nkóongwe ánínhá ngúlúúve kwa ndyóoko?</i>
3	<i>Nkongwe akuvalisha vanguluve bai nemba?</i>

Resposta:

1	<i>Nkóongwe ánínhá ngúlúúve kwa ndyóoko.</i>
3	<i>Nkongwe akulisha bai dinguluve nshakulu.</i>

h) **A mulher dá banho no porco? (Não. Alimenta.)**

Pergunta:

1	<i>Nkóongwe ámwíngá méédi nguluúve?</i>
3	<i>Nkongwe akuvainga medi vanguluve?</i>

Resposta:

1	<i>Meéne. Nkóongwe ánánísha.</i>
3	<i>Nkongwe avaingá medi bai vanguluve.</i>

i) **A mulher alimenta o porco para o ancião? (Sim. Porco.)**

Pergunta:

1	<i>Nkóongwe ánínhá ngúlúúve kwa nangoôlo?</i>
3	<i>Nkongwe akuvanga kulya vanguluve nshakulu?</i>

Resposta:

1	<i>Eélo. Nkóongwe ánínhá ngúlúúve kwa nangoôlo.</i>
---	---

3	<i>Nkongwe akuvalisha vanguluve va nshakulu.</i>
---	--

j) A mulher alimenta o porco no curral? (Sim. No curral.)

Pergunta:

1	<i>Nkóongwe áníshá ngúlúúve mushituúndu?</i>
3	<i>Nkongwe akuvalisha vanguluve mushitundo?</i>

Resposta:

1	<i>Eélo. Nkóongwe áníshá ngúlúúve mushituúndu.</i>
3	<i>Nkongwe akuvalisha vanguluve bai shitundo.</i>

k) A mulher alimenta o porco para o ancião? (Sim. Anciã.)

Pergunta:

1	<i>Nkóongwe áníshá ngúlúúve kwa nangoôlo?</i>
3	<i>Nkongwe akuvanga kulya vanguluve va nshakulu?</i>

Resposta:

1	<i>Eélo. Nkóongwe áníshá ngúlúúve kwa nangoôlo.</i>
3	<i>Nkongwe akuvalisha bai vanguluve shintundo bai nshakulu.</i>

l) A mulher alimenta o porco? (Sim. Alimenta.)

Pergunta:

1	<i>Nkóongwe áníshá ngúlúúve?</i>
3	<i>Nkongwe akuvalisha vanguluve?</i>

Resposta:

1	<i>Eélo. Áníshá ngúlúúve. Ánánísha.</i>
3	<i>Elo. Akulisha dinguluve nkongwe.</i>

m) O que a mulher faz? (Alimenta o porco para o ancião.)

Pergunta:

1	<i>Nkóongwe áténdá nyáámááni?</i>
3	<i>Nyamany nkongwe shitenda?</i>

Resposta:

1	<i>Nkóongwe áníshá ngúlúúve kwa nangoôlo.</i>
3	<i>Nkongwe akutenda nyamani? kuvalisha vanguluve shitundu.</i>

n) O que acontece? (A mulher alimenta o porco para o ancião.)

Pergunta:

1	<i>Shítándéká nyáámááni?</i>
3	<i>Nyawa shiumidile?</i>

Resposta:

1	<i>Nkóongwe áníshá ngúlúúve kwa nangoôlo.</i>
3	<i>Nkongwe akuvalisha vanguluve va nshakulu. Shiumlidile ni nkongwe avalisha vanguluve va nshakulu.</i>

5. PASSADO IMPERFEITO**a) Com quem o cabrito dormia? (Com os porcos.)****Pergunta:**

1	<i>Mbúúdi áshílálá namu nyááni?</i>
5	<i>Alele namu nyani mbudi?</i>

Resposta:

1	<i>Mbúúdi áshílálá ná dínghúlúúve.</i>
5	<i>Mbudi alele na vanguluve/dinguluve.</i>

b) Onde o cabrito dormia? (No curral.)**Pergunta:**

1	<i>Mbúúdi áshílálá kwaáshi?</i>
5	<i>Pashi pashilala mbudi?</i>

Resposta:

1	<i>Mbúúdi áshílálá múshítúundu.</i>
5	<i>Mbudi ashilala mushitundu.</i>

c) Quem dormia com os porcos? (O cabrito.)**Pergunta:**

1	<i>Nyááni áshílálá ná dínghúlúúve?</i>
5	<i>Nyani ashilala mushitundu?</i>

Resposta:

1	<i>Mbúúdi ni áshílálá na dinguluúve.</i>
5	<i>Vanguluve vashilala namu mbudi.</i>

d) Quando o cabrito dormia com os porcos? (Ontem.)**Pergunta:**

1	<i>Duvaâni páshílálá mbúúdi na dinguluúve?</i>
5	<i>Duvani mbudi palele na vanguluve?</i>

Resposta:

1	<i>Lído ni páshílálá mbúúdi na dinguluúve.</i>
5	<i>Mbudi alele na vanguluve lido.</i>

e) **O cabrito dormia com as galinhas? (Não. Os porcos.)**

Pergunta:

1	<i>Mbúúdi áshílálá na dimuuku?</i>
5	<i>Mbudi ashilala na van'guku?</i>

Resposta:

1	<i>Meéne. Mbúúdi áshílálá ná dǐngúlúúve.</i>
5	<i>Mene. Mbudi ashilala na vanguluve.</i>

f) **O cabrito dormia com os porcos hoje? (Não. Ontem.)**

Pergunta:

1	<i>Mbúúdi áshíndáláála na dǐngulúúve neélo?</i>
5	<i>Mbudi ashilala na vanguluve néelo?</i>

Resposta:

1	<i>Mbúúdi áshíndáláála na dǐngulúúve lído.</i>
5	<i>Mene. Mbudi ashilala na vanguluve lido.</i>

g) **O cachorro dormia com os porcos ontem? (Não. O cabrito.)**

Pergunta:

1	<i>Ng'ávaánga áshíndáláála na vangulúúve lído?</i>
5	<i>Ng'ávaánga lido ashilala na vanguluve?</i>

Resposta:

1	<i>Meéne. Mbúúdi.</i>
5	<i>Mene. Mbudi ashilala na vanguluve lido.</i>

h) **O cabrito brincava com os porcos ontem? (Não. Dormia.)**

Pergunta:

1	<i>Mbúúdi áshíndápíkíta na dǐngulúúve lído?</i>
5	<i>Mbudi lido ashipikita na vanguluve?</i>

Resposta:

1	<i>Meéne. Áshíndáláála.</i>
5	<i>Mene. Mbudi lido ashinalala na vanguluve.</i>

i) **O cabrito dormia com os porcos? (Sim. Porcos.)**

Pergunta:

1	<i>Mbúúdi áshíndáláála na dǐngulúúve?</i>
5	<i>Mbudi ashinalala na vanguluve?</i>

Resposta:

1	<i>Eélo. Áshíndáláála na dǐngulúúve.</i>
5	<i>Elo. Mbudi ashinalala na vanguluve.</i>

j) **O cabrito dormia com os porcos ontem? (Sim. Ontem.)**

Pergunta:

1	<i>Mbúúdi áshíndáláála na dinguluúve lído?</i>
5	<i>Mbudi ashilala na vanguluve lido?</i>

Resposta:

1	<i>Eélo. Lído.</i>
5	<i>Elo. Mbudi lido ashilala na vanguluve. Elo. Lido mbudi ashinalala na vanguluve.</i>

k) **O cabrito dormia com os porcos ontem? (Sim. Cabrito.)**

Pergunta:

1	<i>Mbúúdi áshíndáláála na dinguluúve lído?</i>
5	<i>Mbudi ashinalala na vanguluve lido?</i>

Resposta:

1	<i>Eélo. Áshíndáláála na dinguluúve.</i>
5	<i>Elo. Mbudi lido ashinalala na vanguluve.</i>

l) **O cabrito dormia com os porcos ontem? (Sim. Dormia.)**

Pergunta:

1	<i>Mbúúdi áshíndáláála na dinguluúve lído?</i>
5	<i>Mbudi lido ashinalala na vanguluve?</i>

Resposta:

1	<i>Eélo. Áshíndáláála.</i>
5	<i>Elo. Ashinalala / Elo. Mbudi ashinalala.</i>

m) **O que o cabrito fazia? (Dormia com os porcos.)**

Pergunta:

1	<i>Mbúúdi áshíténdá nyáámááni?</i>
5	<i>Mbudi ashitenda nyamani?</i>

Resposta:

1	<i>Áshílálá ná dínghúúúve.</i>
5	<i>Ashinalala na vanguluve.</i>

n) **O que acontecia ontem? (O cabrito dormia com os porcos.)**

Pergunta:

1	<i>Shítándéká nyáámááni lído?</i>
5	<i>Shishitandeka nyani lido?</i>

Resposta:

1	<i>Mbúúdi áshílálá ná dǐngúlúúve.</i>
5	<i>Mbudi ashinalala na vanguluve.</i>

APÊNDIX 5 – QUESTIONÁRIO 3 - FOCO IDENTIFICACIONAL.

Produza/escreva (do português para o Shimakonde) as formas equivalentes das sentenças que seguem:

1. PASSADO IMPERFEITO.

a) O menino alimentava somente os porcos para o ancião.

1	<i>Nkóongwe*⁸⁷ áshíválíshá vǎngúlúúve va nangoôlo baái.</i>
2	<i>Neémba áshíválíshá vǎngúlúúve va nangoôlo.</i>
3	<i>Neémba áshíndáváúúpa kúúlya vanguluúve va nakuluúgwe.</i>
4	<i>Ndyóóko áshíválíshá vǎngúlúúve va nangoôlo.</i>
5	<i>Ndyóóko áshíválíshá vǎngúlúúve tu úmwéenshukuulu.</i>
6	<i>Ndyóóko áshíválíshá vǎnjí vǎngúlúúve na va nangoôlo.</i>
7	<i>Ndyóóko áshínámééna tu inyaáma dǐnguluúve úmwéenshákuulu.</i>
8	<i>Ndyóóko áshíndáválísha baái vanguluúve va nshákuulu.</i>
9	<i>Neémba áshínaadya dǐnguluúve baái dya mu nankuúlu. Neémba áshídyá dǐngúlúúve baái dya mu nankuúlu.</i>

b) O menino alimentava até mesmo os porcos para o ancião.

1	<i>Nkóongwe* áshíndáválísha yáadao vanguluúve va nangoôlo.</i>
2	<i>Neémba áshíndáválísha vakoôko nampáaka vanguluúve.</i>
3	<i>Neémba áshíndáváúúpa kúúlya vanguluúve na va inyaáma váanji va nakuluúgwe.</i>
4	<i>Ndyóóko áshíválíshá vǎngúlúúve mpáaka/yáadao váanji va nangoôlo.</i>
5	<i>Ndyóóko áshíndáválísha mpáaka vanguluúve móomo vámwéenshákuulu.</i>
6	<i>Ndyóóko áshíválíshá vǎngúlúúve mwiiwu vava nangoôlo.</i>
7	<i>Ndyóóko ashináama baái inyaáma ya nguluúve úmwéenshákuulu.</i>
8	<i>Ndyóóko ashivalísha baái vanguluúve vámwéenshákuulu.</i>

⁸⁷ Na primeira versão deste questionário, a frase era “A mulher alimentava somente os porcos para o ancião.” Posteriormente, para soar mais natural, a frase foi alterada para a que consta no cabeçalho. Esta é a razão para os primeiros informantes terem utilizado nkóongwe (mulher) em sua resposta.

9	<i>Neémba áshínaalya mpáaka dinguluuve dya mu nankuûlu. Neémba áshílyá mpáaka dinguluuve dya mu nankuûlu.</i>
----------	---

c) O menino alimentava os porcos somente para o ancião.

1	<i>Nkóongwe* áshíválíshá vângúlúúve va nangoôlo tu baái.</i>
2	<i>Neémba áshíválíshá baái vanguluúve va nangoôlo.</i>
3	<i>Neémba áshíndáváúúpa kúúlya vanguluúve na vayamba váanji va nakuluúgwe.</i>
4	<i>Ndyóoko áshíválíshá vângúlúúve baái nangoôlo.</i>
5	<i>Ndyóoko áshíválíshá vângúlúúve tu vâmwéenshákuulu.</i>
6	<i>Ndyóoko áshíválíshá vângúlúúve va nangoôlo.</i>
7	<i>Ndyóoko áshínáama inyaáama nguluúve tu baái úmwéenshákuulu.</i>
8	<i>Ndyóoko áshíndáválísha baái vanguluúve vâmwéenshákuulu.</i>
9	<i>Neémba áshínaadya dinguluúve dya mu nankuûlu baái.</i>

d) O menino alimentava os porcos até mesmo para o ancião.

1	<i>Nkóongwe* áshíválíshá vângúlúúve va vaánu na yáádao dinguluúve dya nangoôlo.</i>
2	<i>Neémba áshíndáválísha vakoôko uítí nampáaka vanguluúve va nangoôlo.</i>
3	<i>Neémba áshíndáváúúpa yáádao vanguluúve va nakuluúgwe.</i>
4	<i>Ndyóoko áshíválíshá vângúlúúve yáádao na va nangoôlo.</i>
5	<i>Ndyóoko áshíndáválísha vanguluúve va vaánu na móomo vâmwéenshákuulu.</i>
6	<i>Ndyóoko áshílíshá vângúlúúve mwíiwu va va nangôlo.</i>
7	<i>Ndyóoko áshínáama ngúlúúve mpáaka aámbi úmwéenshákuulu.</i>
8	<i>Ndyóoko áshíndáválísha vanguluúve kwálílamuluûlo lya muúnu yoeyóoe pálikóola.</i>

e) O menino somente alimentava os porcos para o ancião.

2	<i>Neémba áju áshíválíshá baái vanguluúve va nangoôlo.</i>
3	<i>Neémba yáádao áshíndáváúúpa kúúlya vanvanyaáama va nakulumuunu.</i>
4	<i>Ndyóoko áshíválíshá baái vanguluúve va nangoôlo.</i>
5	<i>Ndyóoko áválíshá vângúlúúve tu baái vâmwéenshákuulu.</i>
6	<i>Ndyóoko náae aupavi shakúúlya vanguluúve va nangoôlo.</i>
7	<i>Ndyóoko baái áshínáámá ngúlúúve nshákuulu.</i>
8	<i>Ndyóoko keénga áju avanée madeéngo lakúválísha vanguluúve baái.</i>

9	<i>Neémba áshínaalya dinguluúve baái dya mu nankuúlu. Neémba áshílyá dínghúluúve baái dya mu nankuúlu.</i>
----------	--

f) O menino até mesmo alimentava os porcos para o ancião.

2	<i>Neémba áju áshíndánkáléela madeéngo nangoôlo na áshíndávalísha vakoôko vaáke vanguluúve vaáke.</i>
3	<i>Neémba yáadao áshíndáváúúpa yáadao kúúlya vanguluúve va nakulumuunu.</i>
4	<i>Ndyóoko áshíválíshá vánhúluúve yáadao na va nshákuulu.</i>
5	<i>Ndyóoko áshíndávalísha móomo vanguluúve vámwéenshákuulu.</i>
6	<i>Ndyóoko anáteénda viinu viile.</i>
7	<i>Ndyóoko áshínáama inyaáama ya nguluúve úmwéenshákuulu mpáaka neélo.</i>
8	<i>Ndyóoko keénga áju áshíndávalísha vanguluúve na yáadao áshínápwáshéela madeéngo laánji.</i>

g) Somente o menino alimentava os porcos para o ancião.

1	<i>Áshíválíshá vánhúluúve va nangoôlo ave nkóongwe* baái.</i>
2	<i>Neémba áju áshíválíshá gwéeka yaáke vanguluúve va nangoôlo.</i>
3	<i>Neémba ni áshíváúúpa kúúlya vanguluúve vanakuluúgwe.</i>
4	<i>Ndyóoko áshíválíshá vánhúluúve na va nshákuulu.</i>
5	<i>Ávalíshá vánhúluúve va mwée nshákuulu ni ndyóoko.</i>
6	<i>Ndyóoko áshúpá viila shakúúlya vanguluúve va nangoôlo.</i>
7	<i>Baái ndyóoko áshínáama gwéeka inyaáama nguluúve úmwéenshákuulu.</i>
8	<i>Ndyóoko keénga áju ni áshíválísha vanguluúve gwéeka yaáke.</i>

h) Até mesmo o menino alimentava os porcos para o ancião.

1	<i>Aátá móomo nkóongwe* áshíndávalísha vanguluúve va nangoôlo. Na móomo nkóongwe* áshíndávalísha vanguluúve va nangoôlo.</i>
2	<i>Kiila muúnu áshíndávalísha vanguluúve kúpúúnda nameêne neémba áshíválíshá vánhúluúve va nangoôlo.</i>
3	<i>Na móomo neémba áshíndáváúúpa kúúlya vanguluúve va nakulumuunu.</i>
4	<i>Yáadao ndyóoko áshíndávalísha vanguluúve na va nshákuulu.</i>
5	<i>Ndyóoko móomo áshíndávalísha vanguluúve úmwéenshákuulu.</i>
6	<i>Ndyóoko áshúpá viila shakúúlya vanguluúve va nangoôlo.</i>
7	<i>Mpáaka aámbi ndyóoko áshínáamá inyaáama nguluúve úmwéenshákuulu tu baái.</i>

8	<i>Vaánu voée ni váshíválísha vanguluúve keénga na ndyóóko ááju.</i>
---	--

2. PASSADO PERFEITO RECENTE

a) O ancião descansou somente ontem.

1	<i>Nangoôlo apumule lído baái.</i>
2	<i>Nangoôlo jó ándákóóla nameêne madeéngo kaánjí lído ni pápúmwiile.</i>
3	<i>Nakulumuunu andipúmuúla baái lído.</i>
4	<i>Nshákuulu andipúmuúla baái lído.</i>
5	<i>Nshákuulu lído ni pápúmwiile.</i>
6	<i>Nshákuulu apumule viila lído.</i>
7	<i>Nshukúulu andipúmuliíla tu baái lído.</i>
8	<i>Nang'oôlo andipúmuúla kwamadeéngo keénga mwiiko waliído.</i>

b) O ancião descansou até mesmo ontem.

1	<i>Nangoôlo andipúmuúla yáadao lído.</i>
2	<i>Nang'oôlo jó bádáae lakúkóóla madeéngo máduúva loóye andipúmuúla mpááka lído.</i>
3	<i>Nakulumuunu andipúmuúla yáadao lído.</i>
4	<i>Nshákuulo andipúmuúla mpááka lído.</i>
5	<i>Aátá lído móomo nshákuulu andipúmuúla.</i>
6	<i>Nshákuulu máduúva maviíli lapumudíle lído móomo.</i>
7	<i>Nankuúlu apumulidile gwéeka lído tu baái mpááka néelo.</i>
8	<i>Nangoôlo keénga áju andipúmuúla kwa máduúva la kúnyúuma na lído yáadao.</i>

c) O ancião somente descansou ontem.

2	<i>Nagoôlo jó apumwile lído baái.</i>
3	<i>Nakulumuunu yáadao apumwile lído.</i>
4	<i>Nshákuulu andipúmuúla lído.</i>
5	<i>Nshákuulu lído andipúmuúla.</i>
6	<i>Nshákuulu atandile nyáámááni kaviile náae apumudile lído.</i>
7	<i>Nankuúlu apumulidile gwéeka lído tu baái.</i>
8	<i>Nangoôlo keénga áju apumwile mwiiko waliído baái.</i>

d) O ancião até mesmo descansou ontem.

2	<i>Nangoôlo jó andipúmuúla lído yáadao.</i>
---	---

3	<i>Nakulumuunu namóomo andipúmuúla líido.</i>
4	<i>Nshákuulu andipúmuúla líido.</i>
5	<i>Nshákuulu mpááka líido móomo andipúmuúla.</i>
6	<i>Nangoôlo andíteénda viinu viyoóe líido, andipúmuúla.</i>
7	<i>Nshákuulu táangu líido ankupúmúlíla.</i>
8	<i>Nang'oôlo keénga áju andíkoóla madeéngo loóye nameêne kaánji andivánáao wakati yáádáo wakupumuúla kwalídúúva lyaliído.</i>

e) Somente o ancião descansou ontem.

1	<i>Gweéka yaáke nangoôlo ni apúmwiile líido.</i>
2	<i>Bádáae kúkóola madeéngo vaánu voóe kaánjí nangoôlo jó andipúmuúla líido.</i>
3	<i>Namóomo nakulumuunu andipúmuúla líido.</i>
4	<i>Baái nshákuulu andipúmuúla líido.</i>
5	<i>Nshákuulu tu ni apúmwiile líido.</i>
6	<i>Nangoôlo ni apúmwiile líido vaánu váanji vandíkoóla madeéngo.</i>
7	<i>Nshákuulu líido ni apúmúliiile (...)</i>
8	<i>(...) Nangoôlo gweéka yaáke ni apúmwiile.</i>

f) Até mesmo o ancião descansou ontem.

1	<i>Mpááka na nangoôlo andipúmuúla líido.</i>
2	<i>Bádáae ya madeéngo uúti vaánu vandipúmuúla mpááka nangoôlo yáádao andipúmuúla.</i>
3	<i>Namóomo nakulumuunu andipúmuúla líido.</i>
4	<i>Yáádao nshákuulu andipúmuúla líido.</i>
5	<i>Aátá nshákuulu móomo líido andipúmuúla.</i>
6	<i>vaánu voóe vandipúmuúla na nangoôlo yáádao.</i>
7	<i>Mpááka aámbi nshukúulu andipúmuliíla. Táangu líido nshukúulu andipúmuliíla.</i>
8	<i>Nampááka nshákuulu yáádao andipúmuúla líido.</i>

3. FUTURO DO PRESENTE

a) A mulher oferecerá somente o porco para o ancião.

1	<i>Nkóongwe álótá kúmúpá nángóolo vángúluúve.</i>
2	<i>Nkóongwe jó andashúmiidya dinguluúve baái kwa nangoôlo aáju.</i>
3	<i>Nkóongwe anámuúpa namóomo ku nguluúve kwa va nakulumuunu.</i>
4	<i>Nkóongwe anámuúpa nguluúve nangoôlo.</i>
5	<i>Nkóongwe anámuúpa nguluúve tu baái nshákuulu.</i>

6	<i>Nkóongwe ámuúpa viila inyaáma nguluúve nangoôlo.</i>
8	<i>Nkóongwe ananshúmiidya baái nshákuulu keénga áju nguluúve.</i>

b) A mulher oferecerá até mesmo o porco para o ancião.

1	<i>Nampááka dinguluúve nkóongwe anámuúpa nangoôlo.</i>
2	<i>Nkóongwe ankushúmiidya viinu voóe kwa nangoôlo nampááka dinguluúve.</i>
3	<i>Nkóongwe anámuúpa yáadao nguluúve kwa nakulumuunu.</i>
4	<i>Nkóongwe anámuúpa nguluúve nshákuulu.</i>
5	<i>Nkóongwe anámuúpa aátá dinguluúve móomo nshákuulu.</i>
6	<i>Nkóongwe anámwiínga inyaáma dyoóe na nguluúve móomo.</i>
8	<i>Nkóongwe ananshúmiidya viinu vyoóe vanguluúve yáadao.</i>

c) A mulher oferecerá o porco somente para o ancião.

1	<i>Nkóongwe álótá kúmuúpa dínghúúve nangoôlo tu baái.</i>
2	<i>Nkóongwe jó ananshúmiidya dinguluúve baái kwa nangoôlo áju.</i>
3	<i>Nkóongwe anámuúpa yáadao nguluúve kwa nakulumuunu.</i>
4	<i>Nkóongwe anámuúpa baái nguluúve nangoôlo.</i>
5	<i>Nkóongwe álótá kúmuúpa nshákuulu tu baái dinguluúve.</i>
6	<i>Nkóongwe ámwíngá viila nangoôlo inyaáma náae gweéka yaáke.</i>
8	<i>Nkóongwe ananshúmiidya shiinu nguluúve kwa kúúva nshákuulu áju (...).</i>

d) A mulher oferecerá o porco até mesmo para o ancião.

1	<i>Nkóongwe álótá kwíává dínghúúve nampááka kúmuúpa nangoôlo.</i>
2	<i>Nkóongwe jó ankushúmiidya dínghúúve kwa vaánu voóe nampááka kwa nangoôlo áju (...).</i>
3	<i>Nkóongwe anámuúpa nguluúve na móomo kwa nakulumuunu.</i>
4	<i>Nkóongwe anámuúpa gweedya nguluúve baái nshákuulu.</i>
5	<i>Nkóongwe anámuúpa dinguluúve aátá nshákuulu móomo.</i>
6	<i>Nkóongwe anaváúpa vaánu voóe inyaáma nguluúve na nangoôlo yáadao anápaáta.</i>
8	<i>Nkóongwe ananshúmiidya dinguluúve dyaáke kwa vaánu uútí aátá kwa nshákuulu yáadao.</i>

e) A mulher somente oferecerá o porco para o ancião.

2	<i>Nkóongwe áju andashúmiidya baái dinguluúve kwa nangoôlo.</i>
3	<i>Nkongwe yáadao anámuúpa nguluúve kwa nakulumunu.</i>
4	<i>Nkóongwe anámuúpa gweedya nguluúve nangoôlo.</i>

5	<i>Dinguluúve tu baái ndi álótá nkóongwe kúmúupa nshákuulu.</i>
6	<i>Nkóongwe auka viila anámwiínga inyaáma nguluúve nshákuulu.</i>
8	<i>Nkóongwe anáuúmya lipwaáshaléelo kwa nshákuulu nguluúve.</i>

f) A mulher até mesmo oferecerá o porco para o ancião.

2	<i>Nkóongwe aáju andashúmiidya uúti viinu mpááka dinguluúve kwa nangoôlo.</i>
3	<i>Nkongwe namóomo anámuúpa nguluúve nakulumunu.</i>
4	<i>Nkóongwe álótá kumúpa baái nguluúve nshákuulu.</i>
5	<i>Nkóongwe aátá dinguluúve móomo anámuúpa nshákuulu.</i>
6	<i>Nkóongwe auka viila anámwiínga inyaáma nshákuulu nguluúve.</i>
8	<i>Nkóongwe anaúumya lipwaáshaléelo kwa nshákuulu na yáadao anámuúpa nguluúve.</i>

g) Somente a mulher oferecerá o porco para o ancião.

1	<i>Nkóongwe tu ni álótá kúmúupa dinguluúve nangoôlo.</i>
2	<i>Aáju uúti jó nkóongwe ni álótá kúshúmiidya dinguluúve nangoôlo.</i>
3	<i>yó nkóongwe andáuúka anámuúpa nguluúve nakulumunu.</i>
4	<i>Baái nkóongwe anámuúpa nguluúve nangoôlo.</i>
5	<i>Nkóongwe tu baái ni álótá kúmúupa nshákuulu dinguluúve.</i>
6	<i>Nkóongwe álótá kúmwíngá viila nshákuulu inyaáma yó ashumiidya.</i>
8	<i>Nkóongwe aáju baái álótá kúmúpa ngúlúúve nshákuulu keénga áju.</i>

h) Até mesmo a mulher oferecerá o porco para o ancião.

1	<i>Nampááka nkóongwe anámuúpa nangoôlo dinguluúve.</i>
2	<i>Uúti vaánu vananshúmiidya dínghúúve kwa nangoôlo aáju mpááka nkóongwe náae andashúmiidya dínghúúve kwa nangoôlo.</i>
3	<i>Namóomo nkóongwe andáuúka anámuúpa nguluúve nakulumunu.</i>
4	<i>Yáadao nkóongwe anámuúpa nguluúve nshákuulu.</i>
5	<i>Aátá nkóongwe móomo anámuúpa dinguluúve nshákuulu.</i>
6	<i>Nkóongwe andámwiínga yáadao nshákuulu inyaáma nguluúve.</i>
8	<i>Vaánu voóe vanashúmiidya nshákuulu keénga áju dinguluúve dyaáo na nkóongwe aáju yáadao ananshúmiidya dinguluúve yaáke.</i>

4. PRESENTE HABITUAL

a) O menino cria somente os porcos para o ancião.

1	<i>Nkóongwe* álángá dínghúúve dya nangoôlo tu. Nkóongwe* ánánghwíla nangoôlo tu dinguluúve.</i>
---	---

2	<i>Neémba álángá dǐngúlúúve dya nangoôlo baái.</i>
3	<i>Neémba ankuválaánga baái vanguluúve va nshákuulu.</i>
4	<i>Ndyóóko áváshúngá baái vanguluúve va nangoôlo.</i>
5	<i>Ndyóóko álángá dǐngúlúúve tu baái ndimwéenshákuulu.</i>
6	<i>Ndyóóko álángá viila dinguluúve dya va nangoôlo.</i>

b) O menino cria até mesmo os porcos para o ancião.

1	<i>Nkóongwe* ankuláánga yáadao dinguluúve dya nangoôlo.</i>
2	<i>Neémba áju ankuláánga vakoôko voóe mpáaka dinguluúve yáadao.</i>
3	<i>Neémba ankuválaánga baái vanguluúve va nshákuulu.</i>
4	<i>Ndyóóko ánáváshúúnga baái vanguluúve va nangoôlo.</i>
5	<i>Ndyóóko ankuláánga dinguluúve móomo ndimwéenshákuulu.</i>
6	<i>Ndyóóko álángá dǐngúlúúve dya va nangoôlo.</i>

c) O menino cria os porcos somente para o ancião.

1	<i>Nkóongwe* álángá dǐngúlúúve dya nangoôlo tu baái.</i>
2	<i>Neémba áju álángá dǐngúlúúve baái dya nangoôlo.</i>
3	<i>Neémba ankuváshuúnga na kúválaánga vanguluúve va nakulumuunu baái.</i>
4	<i>Ndyóóko áváshúngá baái vanguluúve va nshákuulu.</i>
5	<i>Ndyóóko álángá dǐngúlúúve tu ndimwéenshákuulu.</i>
6	<i>Ndyóóko álángá viila dinguluúve dya va nangoôlo.</i>

d) O menino cria os porcos até mesmo para o ancião.

1	<i>Nkóongwe* ankuláánga yáadao dinguluúve dya nangoôlo.</i>
2	<i>Neémba áju ankuválaánga vakoôko kwa vaánu váanji kaánjí ankuláánga yáadao dinguluúve dya nangoôlo.</i>
3	<i>Neémba ankuválaánga vanguluúve na móomo vanguluúve va nshákuulu.</i>
4	<i>Ndyóóko áváshúngá vángúlúúve yáadao na va nshákuulu.</i>
5	<i>Ndyóóko ankuláánga móomo dinguluúve ndimwéenshákuulu.</i>
6	<i>Ndyóóko álángá dǐngúlúúve dya va nangoôlo.</i>

e) O menino somente cria os porcos para o ancião.

2	<i>Neémba áju álángá baái dinguluúve dya nangoôlo.</i>
3	<i>Neémba baái ankuválaánga vanguluúve va nshákuulu.</i>
4	<i>Ndyóóko áváshúngá vángúlúúve va nangoôlo.</i>
5	<i>Ndyóóko álángá dǐngúlúúve tu baái ndimwéenshákuulu.</i>

f) O menino até mesmo cria os porcos para o ancião.

2	<i>Neémba áju (...) nampááka ankuválaánga vanguluúve va nangoôlo.</i>
3	<i>Neémba na móomo baái ankuválaánga vanguluúve va nshákuulu.</i>
4	<i>Ndyóoko yáadao áshúngá ngúlúúve na nshákuulu.</i>
5	<i>Ndyóoko ankuláánga mpááka dinguluúve móomo ndimwéenshákuulu.</i>
6	<i>Ndyóoko ánátéenda viinu ville ánáláánga yáadao dinguluúve dya va nangoôlo.</i>

g) Somente o menino cria os porcos para o ancião.

1	<i>Nkóongwe* tu álángá dǐngúlúúve dya nangoôlo.</i>
2	<i>Neémba áju ankuláánga dǐngúlúúve gweéka yaáke dya nangoôlo.</i>
3	<i>Baái ndyoyo neémba áváláánga vǎngúlúúve va nakuulu vaáke.</i>
4	<i>Baái ndyóoko áváshúngá vǎngúlúúve na nshákuulu.</i>
5	<i>Ndyóoko tu baái ni áláánga dinguluúve ndimwéenshákuulu.</i>
6	<i>Ndyóoko álángá viila dinguluúve dya va nangoôlo.</i>

h) Até mesmo o menino cria os porcos para o ancião.

1	<i>Na móomo nkóongwe ankuláánga dinguluúve dya nangoôlo.</i>
2	<i>Vaánu voóe vankuláánga dinguluúve nampááka ndyóoko ankuláánga dǐngúlúúve dya nangoôlo.</i>
3	<i>Baái nijoójó neémba áváláánga vǎngúlúúve va nakulumuunu.</i>
4	<i>Yáadao ndyóoko áváshúngá vǎngúlúúve va nangoôlo.</i>
5	<i>Aátá ndyóoko móomo ankuláánga dinguluúve ndimwéenshákuulu.</i>
6	<i>Vaánu namu ndyóoko vǎnáláánga dinguluúve dya va nangoôlo.</i>

5. PASSADO PERFEITO REMOTO

a) O rapaz tinha vendido somente os porcos para o ancião.

1	<i>Nkóongwe* ándíshúmiidya dinguluúve kwa nangoôlo.</i>
2	<i>Nkóongwe* jó ánínshúmiidya dǐngúlúúve baái dya nangoôlo.</i>
3	<i>Mwaneémba aju ándyúlúúla kúshúúwa kúváshúmiidya vanguluúve/ vanakulumuunu.</i>
4	<i>Neémba ándíshumiidya baái nguluúve vanshákuulu.</i>
5	<i>Neémba ándíshumiidya dinguluúve ndimwéenshákuulu.</i>
6	<i>Ndyóoko áváshúmíshídyé viila inyaáma nguluúve va nangoôlo.</i>
8	<i>Ndyóoko kénga áju ánínshumishiidya nshákuulu vanguluúve.</i>

b) O rapaz tinha vendido até mesmo os porcos para o ancião.

1	<i>Nkóongwe* ándíshúmiidya dinguluúve kwa nangoôlo yáadao.</i>
2	<i>Nkóongwe* jó ándíshúmiidya viinu viínji nampáaka dinguluúve dya nangoôlo.</i>
3	<i>Neémba ándíváána navakúshúmiidya baái vanguluúve va nakulumuunu vaáke.</i>
4	<i>Neémba ándíváshumiidya baái vanguluúve vanshákuulu.</i>
5	<i>Neémba ándíshúmiidya dinguluúve móomo ndimwéenshákuulu.</i>
6	<i>Ndyóoko ándíshúmiidya yaáma.</i>
8	<i>Ndyóoko keénga áju baái gweéka ándíváshúmiidya vanguluúve.</i>

c) O rapaz tinha vendido os porcos somente para o ancião.

1	<i>Nkóongwe* ánsúmídídíé dínghúúve kwa nangoôlo tu baái.</i>
2	<i>Nkóongwe* jó ándíshúmiidya viinu viínji nampáaka dinguluúve dya nangoôlo.</i>
3	<i>Neémba baái ándíváshumiidya vánhúúve baái nakulumuunu.</i>
4	<i>Neémba ándíváshumiidya vánhúúve baái para nshákuulu.</i>
5	<i>Neémba ánsúmíshídídíé dínghúúve ndimwéenshákuulu.</i>
6	<i>Ndyóoko áshúmíshídíé viila inyaáma va nangoôlo ni vashumílé viila.</i>
8	<i>Ndyóoko keénga áju ándíváshúmiidya vanguluúve baái kwa nshákuulu.</i>

d) O rapaz tinha vendido os porcos até mesmo para o ancião.

2	<i>Nkóongwe* ándíshumidyáanga viinu kwo vaánu uútí nampáaka kwa nangoôlo.</i>
3	<i>Neémba ándíváshumidiidya vanguluúve kwavaála vanangoôlo.</i>
4	<i>Neémba áshumídye baái vanguluúve na nshákuulu.</i>
5	<i>Neémba ánsínshilushiidya nshákuulu dinguluúve móomo.</i>
6	<i>Ndyóoko ánsíshumiidya dinguluúve na va nangoôlo yáadao (...).</i>
8	<i>Ndyóoko keénga áju ándíváshúmiidya vanguluúve vaánu váanji vanguluúve na nshákuulu yáadao.</i>

e) O rapaz somente tinha vendido os porcos para o ancião.

2	<i>Nkóongwe jó ándíshúmiidya baái dinguluúve kwa nangoôlo.</i>
3	<i>Neémba líduúva aáyo ándíváshumiidya vanguluúve vanakulumuunu vaáke.</i>
4	<i>Neémba ándíváshumiidya vanguluúve baái na nshákuulu.</i>
5	<i>Neémba ánsínshúmíshiidya nshákuulu tu baái dinguluúve.</i>
6	<i>Ndyóoko áshúmíshídíé viila dinguluúve va nangoôlo (...).</i>

8	<i>Ndyóoko keénga áju áshíváshúmiidyá vângúlúúve baái kwa nangoôlo.</i>
----------	---

f) O rapaz até mesmo tinha vendido os porcos para o ancião.

2	<i>Nkóongwe ándíshúmiidya vínu vínji nampáaka dín-gúlúúve kwa nangoôlo.</i>
3	<i>Neémba na móomo ándyúlúúla kuwashumiidya vanguluúve va wa nankuúlu.</i>
4	<i>Neémba yáádao ándíváshumiidya nguluúve na va nshákuulu.</i>
5	<i>Neémba ándíshumishiidya móomo dín-guluúve nangoôlo.</i>
6	<i>Ndyóoko ándíshúmiidya nguluúve na va nangoôlo vándíshúúma.</i>
8	<i>Ndyóoko keénga áju ándyóómbáánga mwaána nangoôlo keénga áju na kwa bádáae yaáke áníshúmiidya vanguluúve yáádao.</i>

g) Somente o rapaz tinha vendido os porcos para o ancião.

1	<i>Nkóongwe tu ni ashumidídyé dín-guluúve kwa nangoôlo.</i>
2	<i>Jó nkóongwe gweéka yaáke ni ya ashumidídyé dín-gúlúúve kwa nangoôlo.</i>
3	<i>Na móomo o baái a neémba ándyúlúúla kuwashumiidya vanguluúve va nshákuulu.</i>
4	<i>Baái neémba ávashumiidya vanguluúve na va nshákuulu vaáke.</i>
5	<i>Neémba tu baái ni anshumishidídyé nshákuulu dín-guluúve.</i>
6	<i>Nangoôlo vashúúmá dín-gúlúúve va ndyóoko.</i>
8	<i>Nangoôlo keénga áju ándíváshúúma baái vanguluúve va ndyóoko.</i>

h) Até mesmo o rapaz tinha vendido os porcos para o ancião.

1	<i>Nampáaka nkóongwe ándíshúmiidya dín-guluúve kwa nangoôlo.</i>
2	<i>Váanu voóe ándíshumidyáánga dín-guluúve kwa nangoôlo mpáaka nkóongwe na náae ándíshumiidya dín-guluúve kwa nangoôlo.</i>
3	<i>Mpáaka móomo neémba ándíváshumiidya vanguluúve na vavanangoôlo.</i>
4	<i>Yáádao neémba ándíváshumiidya vanguluúve na va nshákuulu.</i>
5	<i>Aátá móomo neémba áníshúmíshiidya nshákuulu dín-guluúve.</i>
6	<i>Vanangoôlo vándíshúúma inyaáma yashishumiidya ndyóoko.</i>
8	<i>Nangoôlo keénga áju ándíshúúma dín-guluúve dya váanu váanji nampáaka ándíshúúma dín-guluúve va ndyóoko.</i>